

ALFAGUARA

Douglas Stuart

Um lugar para Mungo

Tradução de Nuno Quintas



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Douglas Stuart

Um lugar para Mungo

Tradução de Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

ALEAGUARA





Edição em formato digital: setembro de 2023

UM LUGAR PARA MUNGO

Título original: *Young Mungo*

© 2022, Douglas Stuart

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

A tradução deste livro foi possível graças ao apoio
do fundo de tradução de Publishing Scotland.



Alfaguara é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

Revisão: Helder Guégués

Capa: adaptação de Wonder Studio / Ágata Ventura

Imagem da capa © Kyle Thompson / Agence VU

ISBN: 978-989-787-396-6

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

Um lugar para Mungo

Créditos

Maio seguinte

Janeiro passado

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Douglas Stuart

Notas

*Ao Alexander
e a todos os bons filhos de Glasgow*

Maio seguinte

Junto à esquina, Mungo parou e tirou do ombro a mão do homem. O gesto tão assertivo apanhou todos de surpresa. Mungo virou costas e, semicerrando os olhos ao andar do prédio do bairro social, os olhos começaram-lhe a tremer do tique nervoso. A mãe, que o mirava através do padrão espigado das cortinas de rede, tentava-se convencer de que aquele tremor eram os olhos a piscarem-lhe de satisfação, um meigo código morse a telegrafar que ia ficar tudo bem. B. E. M. O seu mais novo era assim. Sorria quando não queria. Fazia tudo só para os outros se sentirem bem.

A Mo-Maw fechou a cortina e debruçou-se à janela, feita mulher à procura de companhia. Levantou a caneca de chá numa das mãos e bateu no vidro com as unhas pintadas de rosa-pérola. Tinha escolhido aquela cor para os dedos parecerem mais jovens: parecendo as mãos mais novas, também o rosto, e todo o seu eu, pareceria. Viu Mungo de cima a mudar novamente de direção, os pés dele a rodarem para casa. Ela sacudiu as unhas pintadas, enxotando-o. «Desaparece!»

O rapaz ia ligeiramente curvado, com a mochila a formar-lhe uma bossa nas costas. Na dúvida do que levar, tinha-a enchido, sem grande convicção, de coisas inúteis: uma camisola da ilha de Fair um tamanho acima do seu, saquetas de chá, o caderno de desenho todo manuseado, um jogo do ludo e umas bisnagas de pomada medicinal já a meio. Mas vacilava à esquina, como se a mochila o pudesse fazer cair de costas na sarjeta. A Mo-Maw sabia que a mochila não estava pesada. Sabia serem os ossos dele a tornarem-se peso morto.

Aquilo era tudo para o bem dele e, ainda assim, ele tinha o descaramento de a encarar dali de baixo com um olhar desconsolado. Fazia demasiado calor para aquelas parvoíces dele. Ele dava-lhe cabo dos nervos. «Desaparece!», soletrou ela outra vez com a boca, e deu um gole no chá frio.

Os dois homens mandriavam à esquina. Partilhavam um suspiro, um relance e um risinho antes de pousarem as mochilas e acenderem um cigarro. A Mo-Maw percebia-os cheinhos de vontade de se irem embora — estas vielas não apreciavam caras desconhecidas — e ser preciso paciência para não instigar logo o filho. Os homens eram suficientemente espertos para não obrigarem Mungo, não ali tão perto de casa nem quando ainda poderia escapulir-se. Os olhos deles, quase fechados, viravam-se sempre para Mungo, à espera atenta de ver o que o garoto iria fazer, enquanto as mãos lhes esquadriavam os bolsos das calças e descolavam as bolas das virilhas. O dia iria ficar pesado e abafado. O homem mais novo tocava-se. A Mo-Maw passava a língua por dentro da boca.

Mungo alçou a mão para acenar à janela, mas a Mo-Maw olhou-o com má cara. Ele deve ter sentido a expressão dela endurecer, ou talvez achasse ser uma criancice acenar, pois desistiu do gesto e agarrou no ar, parecendo um homem a afogar-se.

Nos calções largueirões e no corta-vento grande de mais, era como um miúdo abandonado com roupa oferecida pelos outros. Mas, afastando do rosto uma mecha de caracóis, a Mo-Maw viu o maxilar dele cerrar-se, lembrando-lhe o rapaz determinado em que ele se transformava. Ela voltou a bater no vidro. «Tu não me faças essa cara feia.»

O mais novo dos dois homens avançou e pôs o braço nos ombros de Mungo. Mungo estremeceu do peso. A Mo-Maw viu-o a esfregar os braços de lado, lembrando-lhe as nódoas negras que se lhe despontavam nas

costelas. Bateu no vidro: «Vá, desaparece-me lá!» Nisto, o filho baixou o olhar e deixou-se levar. Os homens riam e davam-lhe palmadinhas nas costas. «Lindo menino. Valente.»

A Mo-Maw não era crente, mas levou as unhas rosa aos céus e agitou-as em aleluia. Despejou o chá na planta-das-aranhas seca e, enchendo a caneca de vinho fortificado, subiu o volume da música e atirou com os sapatos para um canto.

Os três viajantes apanharam uma camioneta municipal até à Rua Sauchiehall. Fazia uma rara brasa em Glasgow, o que os obrigou a abrir caminho pela correnteza de bandos de arruaceiros em tronco nu, já queimados do sol. Nos bancos da rua alinhavam-se avozinhas de braços encorpados, todas armadas de chapéus e bons casacos de lã, a suarem em bica do buço. Pirralhos de cara peganhenta saltitavam pela rua, as mulheres enfiavam a cabeça nos peitos carnudos e dormitavam ao calor. Lembravam Mungo dos pombos do bairro, grandes e ociosos, de olhos semicerrados e cabeças engolidas pela plumagem do pescoço.

A cidade fervilhava do som dos artistas de rua a competirem com o arsenal metálico dos ensaios de uma banda da ordem protestante de Orange. Os flautins dos orangistas faziam, qual canto dos pássaros, um meigo trinado, por comparação com o baque grave do tambor lambegue. A toada era tão tocante, que um cavalheiro mais velho e de aparência esmerada se perdia em devaneios e chorava grandes lágrimas de orvalho. Mungo esforçava-se por não guardar a visão deste homem a chorar de maneira tão notória. Não percebia se chorava de dor, se de orgulho. Da manga do casaco do senhor espreitava a bracelete cintilante de um relógio dos caros, que

Mungo decidiu, sem outra explicação, ser demasiado aparatoso e indiscreto para um católico.

Os dois homens arrastavam-se ao sol, vergados pelas braçadas de sacos de plástico finos, pela sacola de equipamento de pesca e por uma mochila de campismo. Mungo ouvi-os queixarem-se de sede. Só os conhecia havia uma hora, mas já o tinham dito diversas vezes. Pareciam andar sempre com sede.

— Tou a aguardar por um copo como deve de ser — disse o mais velho. Já estava vermelho que nem um tomate e com calor a mais no fato de sarja grossa. O outro ignorou-o. Andava de pernas arqueadas, como se as calças de ganga apertadas lhe assassem a pele das coxas.

Levaram o rapaz à estação das camionetas e, num chocalhar de moedas, embarcaram na carreira para a zona norte de Glasgow, rumo às verdes colinas de Dumbarton.

Aberto o caminho ao banco de plástico corrido das traseiras da camioneta, os dois homens suavam e ofegavam. Mungo sentou-se no meio deles e fez-se o mais pequeno que pôde. Quando um deles olhou pela janela, Mungo estudou-lhe o perfil. Se se virassem, iria fingir-se interessado na janela do outro lado para evitar o olhar deles.

Mungo cingiu o queixo e, a ver passar a cidade parda, tentou parar a comichão que se lhe espalhava pela cara. Sabia que começara outra vez naquilo: o nariz enrugado, os olhos a piscarem, o rosto como que prestes a espirrar sem nunca espirrar. Sentiu que o homem mais velho olhava para ele.

— Não me alembro da última vez que saí da cidade. — Era uma voz rouca, como se tivesse engolido torradas secas. De vez em quando aspirava, vacilante, a meio de uma frase, cada palavra parecia poder ser a última que

conseguiria dizer. Mungo tentava sorrir para o homem, que tinha, porém, algo de indagador que tornava difícil olhá-lo nos olhos.

O estranho de fato virou-se para a janela do seu lado, e Mungo aproveitou então para o examinar por completo. Era um homem de traços angulares e já nos cinquenta ou no começo dos sessenta, mas os anos tinham-lhe sido de certeza duros. Mungo já vira a laia dele. Os rufiões protestantes dos bairros sociais, jovens que não estudam nem trabalham, andavam muitas vezes atrás destes homens pela piada: juntavam os bêbados ruidosos à porta do clube dos trabalhadores, atormentavam-nos até ao tasco do peixe frito e debandavam quando dos bolsos rasgados lhes caía a última moeda. O desleixo com a comida e o excesso de bebida tinham-no definhado e amarelado. Tinha pele a mais em gordura a menos, e o rosto pálido enrugava-se-lhe que nem maçã bem madura.

O casaco puído do homem não casava com o par de calças do fato, de joelhos mais descaídos que pele tesa. Trazia debaixo do casaco uma *T-shirt* estampada com o anúncio de um canalizador do South Side, e a gola rasgada separava-se-lhe do corpo. Mungo perguntou-se se aquela seria a única roupa que o homem tinha: cheirava a bafio, parecia andar com ela ao sol e à chuva.

Sentiu uma estranha compaixão por ele. O homem tremia ligeiramente. Os anos passados a evitar a luz do dia em bares escuros haviam-lhe dado as reações nervosas de um galgo *whippet* obrigado a ir para a neve, nos olhinhos dardejantes e nos membros longos e espasmódicos de um cão maltratado. Parecia à beira de desatar a fugir.

Quando o último arranha-céus desapareceu de vista, o homem de fato fez uns sonzinhos que ocuparam o ar vazio, num convite aos outros para se juntarem à conversa. Mungo encostou o queixo ao peito e ficou calado. O mais novo coçava o entrepernas. Mungo mirava-o pelo canto do olho.

Este parecia já ter os seus vinte anos. Usava calças de ganga escura com o cinto apertado por baixo do logótipo, para não cobrir aquele orgulhoso *Armani*. Era bem-parecido — ou andara em tempos lá perto —, mas havia nele alguma coisa estragada, como um bom pedaço de carne que se deixou cá fora. Apesar do calor, envergava um grosso blusão de aviador. Quando o tirou, Mungo notou-lhe os braços cingidos de massa magra, que denunciavam ou um trabalho pesado, ou anos de combate, ou ambos.

Tinha o cabelo cortado rente e a franja penteada com gel formando uma linha à frente, em pontinhas serrilhadas, como que cortadas por uma tesoura dentada. Mungo notou-lhe os nós dos dedos. Tinha a pele melada como os Escoceses raramente têm: talvez fosse da ralé italiana ou espanhola por via dos irlandeses hispânicos, de tez mais escura.

Todo o rasto dessas fábulas românticas se foi ao dizer no sotaque raso e glotal de Glasgow:

— Bah. Não tinhas de te preocupar aqui co St Christopher. — Falava sem olhar para nenhum deles. — Ele era capaz de emburrar um burro.

Mungo pensava porque estaria numa camioneta com St Christopher enquanto o outro homem remexia outra vez no nariz. O mindinho do sujeito escarafunchava a narina, e Mungo reparou-lhe nos anéis com a libra esterlina gravada que ele tinha em todos os dedos e nos antebraços cobertos de tatuagens entrelaçadas. Era um homem cheio de palavras: dos nomes das marcas no peito aos sapatos, às calças, à pele. Com uma agulha de costura, escrevera na pele nomes de mulheres e de gangues: «Sandra», «Jackie», «RFC», «The Mad Squad». Aqui e ali, a tinta azul da esferográfica borrara e vertia-se-lhe sob a pele como aguarela, tingindo-o de um tom lilás bonito. Mungo lia-lhe atentamente os braços e gravava o máximo na memória.

St Christopher meteu a mão num dos sacos de compras e, num piscar de olhinhos matreiro, tirou meia dúzia de latas de cerveja. Sem descolar a vista

da nuca do motorista, soltou duas latas do plástico que as estrangulava e ofereceu-as ao miúdo e ao tipo tatuado. Mungo abanou a cabeça, mas o mais novo recebeu a lata com um gemido agradecido. Abriu-a e prendeu os beiços na espuma que fugia. Acabou com ela em três goles valentes.

St Christopher só podia ter lido a mente do rapaz, pois disse:

— A mim chamam-me St Christopher porque, todas as quintas e domingos, vou aos Alcoólicos Anónimos da Rua Hope. Sou o Christopher dos domingos e quintas, pra não me confundirem co de Castlemilk ou co Cenourinha. — Deu um sorvo, Mungo viu-lhe a garganta debater-se para engolir tudo. — S-T Christopher, tás a ver^[1]?

Mungo já ouvira algo do género. A Mo-Maw também era conhecida por «Maureen das segundas e quintas». Era por esta Maureen que os outros alcoólicos perguntavam quando Mungo atendia o telefone do corredor. Quem ligava queria ter a certeza de não ser enganado e de ter dado com a casa da «Maureen de Millerston» ou da «Maureenzinha de Castlemilk». Distinções pequenas, mas importantes para honrar o código do anonimato.

— Às vezes dão-me uns tremores do camandro e tamém tenho de ir à das quartas. Mas não consigo. — St Christopher fez um esgar de tristeza. — Tás-me a entender?

Mungo esforçava-se muito por entender o que as outras pessoas queriam realmente dizer. A Mo-Maw e Jodie, a irmã dele, andavam sempre a chateá-lo por causa disso. Ao que parece, podia haver alguma distância entre o que alguém diz e o que devemos perceber. Jodie dizia que ele acreditava em tudo. A Mo-Maw afirmava que gostava de o ter criado para ser mais perspicaz, não se deixar levar por toda a gente. Tem piada ser uma decepção, porque somos francos e partimos do princípio de que os outros também podem ser. As maroscas das pessoas partiam-lhe a cabeça.

St Christopher sorvia a lata, e Mungo sugeriu:

— Se calhar mais vale ir também às quartas. E se for mesmo preciso?

— Ah, mas eu gosto da minha alcunha. — Meteu a mão por dentro da camisa e sacou um pequeno medalhão de estanho de um santo. Fitou-o do alto do nariz bexigoso. — «S-T Christopher». Foi a coisa mais simpática que já disseram da gente.

— Não bastava dar o apelido?

— Não era lá muito anónimo, pois não? — interrompeu o homem tatuado. — Se desatas a abrir a boca e a contar dos teus demónios a toda a gente, podem-te encontrar aí nas ruas.

Mungo bem sabia como as pessoas tinham demónios. O da Mo-Maw aparecia sempre que ela brigava por bebida. Era uma cobra lisa, feita enguia, de mandíbula e olhos atentos de fuinha, o pelo eriçado de uma ratazana sarnenta. Coisa escorregadiça numa corrente de metal que a sacudia e a arrastava àquilo de que ela se devia manter longe. Era uma cobra gulosa e esperta. Poderia ficar dormente, à espera de os filhos irem para a escola após um beijo de despedida à mãe, para se virar contra a Mo-Maw, esganando-a como se fosse um rato tiritante. Outras vezes, enrolava-se dentro dela e pesava-lhe no peito. O demónio andava sempre à tona, até nos dias bons.

Nos dias em que se rendia à bebida, o demónio ficava um tempo serenado. Mas às vezes a Mo-Maw conseguia-se entregar tanto à bebida que se transformava em toda uma outra mulher, em toda uma outra criatura. O primeiro sinal era a pele ficar-lhe flácida, como se o verdadeiro rosto lhe deslizesse destapando a estranha à espreita. Mungo, o irmão e a irmã chamavam a esta versão flácida a «Espantalha», um ser desumano e desajeitado. Ela, por mais que os filhos a enchessem de amor ou a tentassem apoiar e recompor, levava-lhes todo o carinho e atenção e sentia-se tão vazia como sempre.

Quando a Espantalha falava, o maxilar ficava-lhe pendurado e a língua enrolava-se-lhe na boca de maneira porca e lasciva, como se quisesse muito lambe alguma coisa. A Espantalha achava sempre que andava a perder festas, que acontecia algo mais animado na casa do lado ou escondido algures no bairro. Quando se sentia assim, virava-se para os filhos e enxotava-os feitos avezinhas sem graça. A Espantalha encontrava sempre mais luz, mais risota, mais tudo nas mulheres sem filhos.

A Espantalha tornava-se a melhor amiga das mulheres que acabava de conhecer, confessava-lhes os segredos mais íntimos enquanto durasse meia garrafa de uísque, e sentia-se magoada quando estas novas amigas não tinham a mesma espessura emocional. Quando discutiam, ela arrastava-as, ou arrastavam-na a ela, pela alcatifa e escadas abaixo. De manhã, Mungo dava no chão do corredor com tufo de cabelo cheiroso, palha de um espantalho desmanchado, agitados pela corrente de ar que silvava debaixo da porta de entrada. Ele ou Jodie aspiravam esses tufo e nada diziam.

Foi Jodie a dividir a mãe em duas. À fria luz da manhã, o truque ajudava Mungo a perdoar a Mo-Maw quando a bebida a tornava rancorosa e detestável.

«Não era a Mo-Maw», tranquilizava-o Jodie, agarrando-o no armário da roupa junto à caldeira, «era só a medonha da Espantalha, que agora está a dormir.»

Mungo sabia como eram os demónios. Conforme a camioneta rumava a norte, deixava-se ficar sentado em silêncio, a pensar nos seus próprios demónios.

— Quem me dera que este condutor desse à porra do pedal — disse o tatuado. Meteu a mão no saco entre as pernas, com uma alça de lona cravada de iscos de cores berrantes. Vasculhou a tripa que seria isco na pescaria e tirou uma bolsa de tabaco. Enrolou um cigarro grosso, passando

a língua pela mortalha. Deu uma passa funda e soprou o fumo para dentro da lata vazia. Pôs a mão na boca como se tivesse apanhado uma aranha, mas já o fedor a tabaco ia viajando pela camioneta. Uns passageiros viraram-se e fulminaram os lugares de trás. Mungo inclinou-se por cima dele, num sorriso manso, e desenganchou o ferrolho da janela estreita.

— Tu fumas? — perguntou-lhe o homem, por entre baforadas vorazes. Os olhos eram de um verde intenso, aqui e ali com lampejos dourados.

— Não.

— Boa. — Deu outra passa das grandes. — Faz-te mal.

St Christopher estendeu a mão trémula, e o tatuado largou o cigarro hesitante. St Christopher inalou e encheu-se até não poder mais. Os beijos secos colavam-se-lhe à mortalha húmida. O tatuado bateu com o ombro no de Mungo.

— Os meus sócios chamam-me Gallowgate por causa donde venho. — Ajustou os anéis com as libras e, com a cabeça, fez sinal ao motorista, que estava alheado. — És um puto nervoso, não és? Calma. É só ele abrir a boquinha que lhe enfio uma naifada.

St Christopher chupou a ponta do cigarro até lhe queimar os dedos.

— Gostas de ir à pesca?

— Não sei. — Mungo ficou contente por ver o cigarro morrer. — Nunca fui.

— Onde a gente vamos, apanha-se lúcio, enguia, truta — disse Gallowgate. — Podes passar o fim de semana a pescar que não vem ninguém te pedir licença. A uns cinquenta quilómetros à volta, não há vivalma.

St Christopher assentiu.

— Pois não. É o mais perto que chegas do céu em três carreiras.

— Quatro — corrigiu-o Gallowgate —, quatro carreiras.

A lonjura apertou na alma de Mungo.

— O peixe pode-se comer?

— Depende do tamanho dele — disse Gallowgate. — Na época em que acasalam, apanha-se tanto que é preciso uma arca das frigoríficas pra guardares tudo. A tua mãe tem uma das grandes?

Mungo abanou a cabeça. Pensou na arca congeladora minúscula e cheia de gelo da Mo-Maw. Perguntou-se se uma truta deixaria a mãe contente, mas duvidou disso. Nada do que ele fazia a parecia deixar satisfeita. Ele ultimamente deixava-a de coração apertado, sabia disso porque ela lho contara. Ele tentara não se rir quando ela lho disse, mas só conseguia imaginar o coração dela a percorrer-lhe, agitado, o salão do peito e a sacudir um lencinho branco. Na altura, Jodie revirara os olhos e dissera: «Ouve lá, Maureen. Tu tens mesmo coração?»

Mungo beliscou a bochecha, passava a camioneta por Dumbarton e vislumbravam-se as margens ocres do lago Lomond. Recordou-se das coisas duras que a Mo-Maw dissera. Ele sabia porque estava aqui: a culpa era dele.

— Que idade tens tu? — perguntou-lhe Gallowgate.

— Quinze. — Mungo tentou-se endireitar à altura inteira, mas as costelas ainda lhe doíam e a suspensão desta camioneta antiga era péssima. Ele tinha uma altura média para a idade, fora dos últimos a dar o pulo. Hamish, o irmão mais velho, gostava de lhe agarrar no queixo e lhe inclinar a cara à luz. Observava o fino buço que crescia em Mungo como se fosse um jardineiro a ver de uma muda raquítica. Hamish soprava-lhe no buço só para o irritar. Mungo não era particularmente alto, mas ainda era mais alto que o irmão. Hamish detestava isso.

St Christopher estendeu a mão e envolveu nos dedos esguios o pulso do rapaz.

— Inda és um cachopinho, não és? Dava-te uns doze, treze aninhos no máximo dos máximos.

— Tá quase homem feito. — Gallowgate lançou um dos braços tatuados por cima dos ombros do garoto. Trocou um olhar matreiro com o amigo. — Já te desceram os tomates, Mungo?

Mungo não respondeu. Os tomates, completamente inúteis e enrugados, limitavam-se a existir. Se descessem, desciam até onde?

— Aí em baixo, tás a ver? — Gallowgate deu-lhe um soco ao de leve na virilha.

— Não sei. — Mungo dobrou-se para se proteger.

Os homens riam-se sozinhos e Mungo tentava-se juntar a eles, mas o seu riso era consciente, atrasara-se por meio compasso. St Christopher desatou numa tosse seca, Gallowgate virou-se com desdém para a janela e disse:

— Vamos olhar por ti, Mungo. Não te preocupes. Passamos um bom bocado, e depois podes levar peixinho fresco à mãezinha.

Mungo massajava as bolas doridas. Pensava novamente no coração apoquentado da Mo-Maw.

— Isso. A tua mãe é uma mulher como deve ser. A modos que já não há muitas assim. — Gallowgate começou a morder a pele seca do indicador e a cuspi-la. De repente, parou o que fazia. — Posso ver? — Antes que Mungo pudesse dizer que não, prendeu a mão na parte de baixo do corta-vento do rapaz. Começou a alçá-la e a despi-lo. — Deixa a gente espreitar só um bocadinho.

Mungo ergueu os braços e permitiu que o homem lhe levantasse o corta-vento de *nylon*, até lhe cobrir a cara e tudo banhar numa amena luz azul. Mungo não via, mas ouvia-os a eles e à sua respiração irregular. Inspirar triste, pausa, suspiro. Gallowgate tinha a ponta do dedo pegadiça no sítio onde a mordiscara. Premiu-a na nódoa negra, e cada vez mais negra, no

peito de Mungo, e este sentiu-a viajar-lhe no esterno e pela curva da costela inferior, como se o homem traçasse um mapa. Gallowgate espetou-lhe o dedo nas costelas e, como que para lhe testar a macieza, enterrou-lho no hematoma. Mungo retraiu-se e contorceu-se para fugir. Puxou a roupa para baixo, na certeza de que o rosto lhe fervia. Gallowgate abanou a cabeça.

— Isso tá com mau ar. A tua mãe contou-nos da bulha em que te metestes cos cabrões dos fenianos. São católicos, pá. Têm todos caras de anjinho.

Mungo tentava não pensar nisso.

— Não te preocupes. — Gallowgate rompeu num sorriso. — Vamos-te tirar do bairro. Vais ter um fim de semana à rapaz. Ainda havemos de fazer de ti um homem, hem?

Mudaram uma e outra vez de camioneta e ficaram quase três horas à espera da seguinte. Encontravam-se agora muito depois do lago Lomond, e Mungo começava a achar que os tipos não sabiam bem onde estavam. A ele, tudo lhe parecia igual.

Os dois borrachões ficaram no tojo atrás da paragem metálica a acabar a última cerveja. De vez em quando, Gallowgate lançava uma das latas vazias por cima da sebe e para a estrada rural perguntando ao miúdo se vinha lá alguma camioneta. Mungo apanhava o lixo e respondia que não, «nenhuma».

Mungo tremia ao sol e deixava o tique facial à solta, livre dos olhares boquiabertos dos estranhos. Quando ficava sozinho, tentava gastar aquele impulso, sem nunca conseguir.

No campo fazia mais frio. O lento Sol do Norte parecia pregado no céu, mas a ventania que fazia nos vales estreitos roubava-lhe o calor. O nariz

começou-lhe a pingar. Quando a manhã chegasse, talvez também estivesse queimado do sol.

Mungo agachou-se. Tinha uma crosta no joelho direito, a pele toda franzida e comichosa. Confirmou que ninguém olhava para si. Levou a boca à crosta, amoleceu-a com a língua e chupou-a até encher a boca de um sabor metálico. Não acreditavam que ele não voltasse a fazer aquilo, pelo que cobriu as pernas nuas com o corta-vento e, cingindo os joelhos, escondeu-os do sol frio. No bairro fazia um calor tão raro que não lhe ocorrera trazer mais do que aqueles calções finos do futebol. A Mo-Maw não lhe dera tempo de preparar a mochila e não o impedira de sair porta fora assim mal vestido.

Tirou da mochila a camisola da ilha de Fair e meteu-a debaixo do corta-vento. A lã áspera de Shetland fez-lhe cócegas no rosto. Mungo confirmou que os dois borrachões ainda continuavam pelo tojo. Tapou o nariz na camisola e passou a língua na malha. Ainda cheirava a ar fresco, à serradura e ao amoníaco do pombal mijado. Lembrava-o de casa. Com o polegar, enfiou o tecido na boca aberta e fechou os olhos. E enfiou-o mais fundo até se engasgar.

Quando chegou a camioneta regional, os homens já estavam bem bebidos. Mungo ajudou-os a embarcar com as mochilas e canas de pesca, e esperou calmamente que St Christopher pagasse os bilhetes. O bêbado baloiçou e tirou um punhado de moedas. Mulheres de cara gretada bufavam de impaciência, com as compras a descongelarem-se-lhes aos pés, e Mungo sentia o pescoço a ferver-lhe enquanto raspava os trocos da palma aberta de St Christopher e os jogava, moeda a moeda, na bandeja. O rapaz, que sentia os espasmos nos olhos, ficou aliviado quando o motorista lá disse:

— Pronto, pronto, já chega. É de mais, jovem. — Mungo sentira-se

embaraçado por não ser rápido a fazer somas. Não ia muito às aulas desde que a Mo-Maw ficara novamente doente da bebida.

O motorista soltou o travão de mão. Mungo não conseguia cruzar o olhar com o das mulheres do campo, mas riu-se ao ouvir St Christopher arrastar-se atrás de si e desejar àqueles semblantes carrancudos «uma feliz e notável tarde». Gallowgate já estava ferrado no sono em cima do material de pesca e dos sacos de plástico. Mungo sentou-se no banco em frente, a bicar com os dedos o vedante preto da janela.

A camioneta obesa trepidava pela estrada serpeante. Parava de tempos a tempos, largando mulherinhas brancas à porta das suas casinhas brancas. O motor a *diesel* arranhava numa canção de embalar, Mungo sentia os olhos pesarem-lhe do dia. Ia-se apossando da estrada uma mata de pinheiros e teixos, cuja folhagem lhe salpicava o rosto de sol. Encostou a cabeça ao vidro e deixou-se cair num sono inconstante.

Eis Hamish. O irmão deitado na cama estreita oposta à sua. Pela maneira como a luz do dia se lhe refletia nas lentes grossas, Mungo soube ser noitinha. Hamish metia colheradas de cereais na boca, corriam-lhe trilhos de leite achocolatado pelo peito liso. Mungo quedava-se a ver o irmão, em silêncio. Sempre apreciou momentos destes, quando alguém não percebe que é observado. Hamish sorria de si para si. A face esquerda abria-se num sorriso grande e porco a folhear uma revista. Mungo via as caras pintadas e sofridas das mulheres nuas e de pernas estendidas a sorrirem de volta a Hamish. No entanto, quando Mungo voltou a olhar para o irmão, era Hamish quem agora olhava para ele. E já não sorria.

«Diz-me lá, Mungo. A culpa é toda minha?»

Gallowgate sacudiu o rapaz, fazendo-o sair do sonho. O lábio de cima prendera-se à película pegajosa que se lhe formara nos dentes, e Mungo por momentos não sabia se o homem lhe sorria, se lhe rosnava.

Quando saíram aos tropeções da camioneta, St Christopher torceu o tornozelo e caiu na berma ervosa. Encontravam-se numa secção da estrada em que uma densa abóbada de amieiros tornava o ar verde, húmido e frouxo. St Christopher contorcia-se no chão, apertando o casaco do fato sobre o peito de pombo.

— Porra, como é que não nos acordaste?! — Corria-lhe dos cantos da boca uma espuma irritada. — Tamos a quilómetros da porra do destino.

— Não sei para onde vamos. Parece-me tudo igual.

Gallowgate avançou como se fosse bater no rapaz, e Mungo por instinto encolheu-se, barricando os braços à frente de si.

— Foda-se. — Um hálito azedo a cerveja e sono. — Calminha contigo. Inda não chegámos aí. — Gallowgate alçou uns sacos da terra e pô-los ao ombro. Começou a andar no sentido donde a camioneta tinha vindo, vagueando a meio da estrada, como que desafiando algum condutor a atropelá-lo. — Fica quilómetros pra trás, temos de dar corda aos sapatos.

Não passavam carros em nenhum sentido, mas Mungo e St Christopher debatiam-se na berma segura, pois as sacolas prendiam-se às silvas. O rapaz fechou o corta-vento até à garganta e passou-o por cima da boca. Baixou a cabeça afundando-a na gola apertada, tornando-se um par de olhos trémulos e abatidos.

Caminhavam havia uns quarenta minutos quando St Christopher desatou a gemer: os sacos de material cortavam-lhe os dedos, e os sapatos formais começavam a macerar-lhe os calcanhares secos. Gallowgate fez um trejeito ao par, como se fosse um pai incapaz de fazer os filhos comportarem-se. Puxou o braço do rapaz, forçou-o a estender o polegar e ali o deixou, a enfrentar o trânsito que não havia. Gallowgate deslizou pelo aterro, com o mais velho no encalço, a queixar-se o caminho todo. Deixaram-se ficar atrás do muro de pedra, e Mungo a pedir boleia à beira da estrada deserta.

Não passava ninguém em nenhum sentido. À frente, a estrada inundava-se de ovelhas.

Mungo não sabia as horas, mas sob a cúpula de amieiros fazia frio. Tinha as pernas nuas com nódoas negras, e divertiu-se a despir o corta-vento e a enfiar as pernas nas mangas. Quando ficou com o peito mais frio que as pernas, voltou a tirar o corta-vento e a pô-lo ao peito. Passou-se uma hora, e duas. Nem um carro. Ouvia o silvo de mais latas a abrirem-se atrás do muro de pedra. De vez em quando, St Christopher levantava-se para o motivar.

— Tás a fazer um bom trabalho, sócio. Um belo dum trabalho, mesmo do bom.

A mulher máscula ficou manifestamente alterada quando se cruzou com o miúdo no meio da estrada. A surpresa transformou-se em medo, e depois em desilusão, quando os dois bebedolas saíram a custo do matagal. Mungo ficou defronte do *Lada* castanho dela a bloquear-lhe a fuga, no sorriso mais amistoso que conseguiu. A visão dele era desconcertante, irradiava alívio no brilho esbatido dos faróis dianteiros.

A mulher não deixou ninguém sentar-se no banco da frente. Mas, no de trás, apertado entre os dois estranhos, Mungo ficou contente com o fervor exuberante dos corpos deles. Incandesciam do álcool, o odor acre a terra do hálito deles lembrava-lhe as fogueiras de inverno. O frio tirara a Mungo qualquer ideia de independência, e com prazer deixou aqueles corpos engolirem o dele. Gallowgate ia proferindo o maior número de cortesias de circunstância que conseguia: Mungo percebia-lhe a dificuldade em abrir as vogais para mudar o sotaque. Gallowgate pediu à mulher que os levasse ao declive na estrada em que a cerca estava partida e descia um trilho de lama

até à margem do lago. Mungo sabia ser difícil encontrar o caminho mesmo à luz do dia, quanto mais no lusco-fusco violeta.

A mulher guiava devagar, com medo dos homens atrás, e pavor de deixar passar a cerca partida e ficar empancada com eles mais do que precisava. Mungo via-lhe os olhos saltarem para o retrovisor e, sempre que trocavam olhares, esboçava o melhor sorriso, ao jeito das fotografias da escola.

— Nunca vi ovelhas — disse Mungo.

A mulher sorriu, mesmo que por educação. Fizesse ele o que fizesse, parecia deixá-la mais constrangida. Ela tinha a pele curtida, como se trabalhasse ao vento e à chuva. Usava óculos com armação de tartaruga e uma camisola de lã de Aran tricotada à mão; por cima da modesta indumentária, compusera um cuidadoso colar de pérolas. Mungo percebeu que ela metia o colar debaixo da camisola.

— Não somos família — avançou ele, calmo. — São amigos da minha mãe, vão-me levar o fim de semana a pescar.

— Que maravilha — retrucou ela, sem maravilha nenhuma.

— Pois. — Sentia-se forçado a contar-lhe mais, a deixar que alguém, mesmo que fosse esta presunçosa, saber quem ele era, quem o acompanhava e onde o levavam. — Eles andam nos Alcoólicos Anónimos. Acho que a minha mãe pensou que nos fazia bem a todos ir arejar.

A senhora da camisola de malha tirou os olhos demasiado tempo da estrada e, tocando na berma, o carro guinou. Um polegar, talvez um isqueiro, fazia um alerta na perna nua de Mungo. Gallowgate queria obviamente que ele não falasse mais. Mungo ouvia o bufar de St Christopher, que, agitado, estalava a boca feito mulher que não queria acreditar no preço do leite.

Arrastaram-se vários quilómetros, desesperadamente à procura do ponto de que Gallowgate tinha memória distante. No entanto, quando lá chegaram

à cerca partida, era exatamente como ele a tinha descrito. A senhora, antes de os deixar sair, prendeu a bolsa entre os joelhos. Precipitou-se em primeira enquanto eles juntavam a tripa e os sacos de cerveja.

— Puta co nariz empinado. Eu achava que ela ia andar a mexer no brinco até arrancar a orelha — disse Gallowgate, num risinho abafado.

St Christopher tremia junto à cerca. Agitado, ainda estalava a boca.

— Olha lá, Mungo. Não podes desbrincar assim o segredo duma pessoa. Mungo teve de desviar os olhos dos farolins que se afastavam.

— Desculpe. Eu não sabia. — Mungo tinha levado a Mo-Maw a reuniões que chegassem dos Alcoólicos Anónimos da Hope para conhecer muito bem a regra do anonimato.

— O que é que isso te interessa? — retorquiu Gallowgate. — O pequeno só dizia bodega.

St Christopher chocalhava feito esqueleto de feira popular. Pôs-se a resmonear entre dentes:

— Tou só a dizer que não podes dar assim cabo da reputação duma pessoa.

Gallowgate passou os olhos pelo tipo tiritante. Tinha o fato dos bons enlameado por se ter estendido junto ao tojo, e as meias brancas de desporto, das que se compram às dez por uma nota de cinco, com pó da estrada, além de manchas vermelhas nos calcanhares, onde os sapatos lhe tinham ferido os pés. Gallowgate abanava a cabeça.

— Eu não diria que és vaidoso. — Tirou do bolso do casaco uma bolacha recheada e passou-a ao miúdo. Gallowgate piscou-lhe o olho. Era um pedido de desculpas em nome do bêbado mais velho. Um pedido a mostrar que Gallowgate achava que ele estava bem, que tinham aturado St Christopher juntos.

Fazia-se tarde. Na descida ao lago, Mungo considerava como os homens

davam amigos estranhos — mas também que a bebida tudo nivela, sempre aproximou pessoas improváveis. Tinha visto isso até em casa, gente diferente a congregar-se, solidária, à volta da comida trazida de fora. Pensava em todas as tias e tios que lhe entravam em casa e se tinham estragado com a mãe. Gente a quem ela nem sequer teria torcido o nariz na rua mas que era como família, quando levantavam o fundo de desemprego e o convertia em meias garrafas âmbar.

Não havia trilho para o lago e a terra escondia-se num manto de erva-canuda. No azul do crepúsculo, Gallowgate ia circundando as bétulas e deslizando até a um lago que ainda não viam. St Christopher ficou para trás. Mungo ouvia-o resmungar sozinho e, de vez em quando, parava para sorrir ao homem amuado, mas St Christopher limitava-se a parar e a tocar na casca fofa como se aquilo o fascinasse.

Mungo mal tinha saído da cidade. Nunca fora a nenhum sítio onde o verde não tivesse um fim. Uma vez vagueara pelos campos selvagens à volta de Garthamlock, mas os veículos queimados e os sofás rebentados tinham dado cabo deles e não se podia correr pela erva alta, com medo de nos cortar os tornozelos. No chão não havia sons, aves ou animais. Reconfortava-o participar de algo tão intocado.

Deram com o crânio e os ossos descorados de uma ovelha velha. Gallowgate percorreu os chifres anelados com os dedos e disse serem de um carneiro não castrado, «dos machos». Mungo esquadrinhou o bolso do corta-vento até encontrar a máquina descartável que Jodie lhe tinha dado. O rolo já ia a meio, gastara-o em fotografias parvas dela a ensaiar cortar uma franja em casa. O único som na vegetação era o chiar do rolo a avançar. O *flash* fixou o baloiçar das folhas. Até St Christopher parou com a lamúria.

Atravessaram uma clareira sombria em fila indiana. Gallowgate agachou-se: demorou-se a mostrar a Mungo a aparência das urtigas e, ao darem com

um mar de plantas, pôs o rapaz das pernas nuas às costas e investiu pelo matagal feito mula de carga. Relinchava e sacudia-se, fazendo Mungo rir-se a bandeiras despregadas. Quanto mais se ria, com maior firmeza galopava Gallowgate, até os gritinhos do rapaz ressoarem na espessa cúpula e Gallowgate arfar profundamente.

No início, enrolar as pernas nuas ao peito de Gallowgate pareceu-lhe estranho, mas Mungo sentia-se seguro às costas do homem. Quando Gallowgate o desceu, esfregou os antebraços de Mungo para o aquecer, e este perguntou-se se não tinha entendido o homem bem. Mungo olhou o caminho percorrido, mas já não via nem ouvia St Christopher atrás deles. Gallowgate não parecia aflito, tossiu para cima da erva-canuda e prosseguiu a marcha em frente.

O Sol mergulhava atrás dos montes quando chegaram à margem. Depois dos confins da floresta, o lago abria-se de supetão, numa vastidão quase desmedida para Mungo a conseguir abarcar. Desceu à margem em passo pouco firme.

O dia aproximava-se da sua cor derradeira e, conforme os mais suaves tons violeta e alperce se esvaíam no horizonte, Mungo ficava triste por não ter chegado mais cedo. Levou a cabeça atrás e percorreu um círculo. O céu tinha um azul cada vez mais escuro e os mais subtis laivos amarelos. Não sabia que o céu podia ter tantos matizes — ou nunca prestara atenção a isso. Alguém em Glasgow olharia para cima?

Deixou escapar um suspiro reverente. Toda a beleza do céu se refletia no lago, como se a mãe Natureza se vangloriasse. Gallowgate rasgou um sorriso de orgulho.

— Espera só até veres o céu de noite. É que tu nunca viste um negrume assim.

Gallowgate cedeu os ombros a Mungo para ele se sentar e espreitar a

margem oposta, antes de o crepúsculo tudo dissipar. Àquela altura, Mungo achava que o lago devia ter uns três quilómetros de largura por cento e cinquenta de comprimento.

O lado contrário estava cercado de outeiros sólidos e declives fendidos, como se a base rochosa os tivesse rachado à medula. As cores eram todas distintas e mescladas. A Mungo, as encostas pareciam cobertas de um imenso tapete coçado. No musgo, de um tom verde e castanho desenxabido, havia frações gastas que destapavam o granito cinza, como se fosse este granito a camada subjacente da terra. Havia urze e tojo, aqui e ali pequenas bolsas de neve alva, teimosamente agarradas às fissuras mais fundas.

O lago ia diminuindo até desaparecer pela esquerda. À direita fazia uma curva mandriona e desaparecia por trás de um muro de pinheiros. Mungo achou ser dez vezes maior que o bairro social dele, talvez até que Glasgow.

Vira o mar duas vezes. No mar a água andava sempre a agitar-se e a sacudir-se. Mas aqui a água era frouxa, a superfície vítrea feita um charco. Nada se mexia, tirando o zunir dos mosquitos em enxames baixos, fazendo ondular os peixes esfomeados. O lago parecia mais frio e fundo do que seria capaz de perceber. Triste, como se esquecido. Quedo, como se guardasse segredos.

Gallowgate pousou o rapaz no chão. Esfregou as costas frias de Mungo e apressou-se pelas rochas quebradas que orlavam a costa. Enfiado num declive coberto de musgo, encontrava-se um monte de rochedos falqueados, faziam lembrar vagamente uma choupana. Tinha paredes paralelas, Mungo ainda distinguia o vão desfeito da porta e uma empena na outra ponta. Fora da choupana, encontrava-se o círculo de pedras de uma fogueira e um semicírculo de rochas de maior dimensão onde se podiam sentar. Vibravam na escuridão grossos mosquitos.

— Habitua-te a eles — disse Gallowgate, e passou ao rapaz uma grande

folha de labaça. — Esfrega as pernas com isto, que ficas bem.

Mungo passou a folha nas pernas até ficarem verdes e macias da clorofila. Não pareceu desencorajar os mosquitos.

St Christopher saiu manco do arvoredo. Deixou-se cair na margem e afundou os pés na água gelada. Nos ossos angulares e na sarja cinza, era mais uma rocha na orla lacustre.

Gallowgate organizou o acampamento em redor do círculo da fogueira. Despiu o blusão da moda, os joelhos das calças italianas não lhe tardaram a ficar molhados enquanto desfazia a pilha de sacos de plástico. Desenrolou da mochila duas tendas, aparentemente finas. Levantou a maior dentro da choupana abandonada. A mais pequena, montou-a do outro lado do acampamento, num leito de seixos secos, quase tão longe da outra quanto possível. Mungo ajudou a enfiar na terra as estacas curvas com a ajuda de uma pedra dura.

— As tendas não deviam ficar mais perto uma da outra?

Gallowgate mirou o rapaz e abanou a cabeça. Parecia pretender um sorriso amistoso, mas não era caloroso, e Mungo julgou passar-lhes pela boca fina uma centelha de ameaça. Talvez fosse como Hamish e não gostasse que lhe questionassem a autoridade.

— Ná. É melhor ficar longe da fogueira — disse Gallowgate. Voltou a apertar a corda para prender a tenda e dedilhou-a para testar a tensão. — Tu não queres ver as estrelas?

Janeiro passado

A mãe de certeza que tinha morrido. Mais de três semanas se tinham passado desde que os filhos a tinham visto, e Mungo só conseguia imaginar o mais macabro dos cenários. A Mo-Maw Hamilton fora violada e esventrada com uma faca das de carne, comprada por um qualquer camionista de longo curso com vales de desconto das estações de serviço. Fora amarrada, as pontas dos dedos arrancadas, antes de o seu corpo nu deslizar pelas águas frias e salobras do rio Clyde. Mungo saltava entre divisões atrás da irmã, a invocar o pior.

— Só sei que está morta.

— Talvez — mitigou Jodie. — *Ou* talvez só ande noutra borga.

— E se estiver morta?

Jodie suspirou.

— Olha lá à nossa volta. Não temos assim tanta sorte.

Os miúdos haviam voltado da escola a uma casa vazia e um frigorífico ainda mais vazio. Jodie via o irmão diante da janela a andar de um lado para o outro, imaginando tudo o que de horrendo poderia ter acontecido à mãe e enumerando as razões por que deviam ir à polícia. Tinham os uniformes da escola vestidos, camisolas de malha azul-marinho a condizer por cima das gravatas às riscas bordô e douradas, tirando a de Mungo, que a enrolara na cabeça como se fosse uma ligadura para lhe aliviar a comichão da cara.

— Ela já bazou doutras vezes — disse Jodie. — Não te esqueças com quem estás a lidar.

Jodie avançou ao ponto onde o irmão tinha andado a sulcar a alcatifa.

Envolveu-o nos braços, tentou-lhe sossegar o esvoaçar do peito. Ele só tinha menos um ano que ela, mas dera um salto: chegara tarde, mas era quase uma cabeça mais alto que ela. Jodie encostou-lhe a bochecha à nuca escaldante.

— Ela pode entrar por aquela porta a qualquer altura.

Mungo levou os olhos castanhos à porta, com o tique sob o olho esquerdo a emitir um telegrama. Jodie envolveu-lhe o queixo com a mão e desviou-lhe a cara. Ele era feito cão: podia ficar a olhar horas a fio para uma coisa se não o distraíssem.

Ela premiu-lhe os dedos contra o rosto. Os médicos tinham-na aconselhado a nunca chamar a atenção para o tique, a garantir apenas que ele recebia magnésio que chegasse, que o tique ia desaparecer com a idade — mas não, e duvidava que alguma vez desaparecesse. Agora ocorria com maior frequência. O nariz dele começava a enrugar-se, piscava os olhos como se lhe ligassem e desligassem um interruptor no cérebro. Se se sentia particularmente cansado ou ansioso, manifestava-se como puxões ou espasmos na bochecha esquerda. Ele tinha-lhe indicado o ponto onde pressionar para lhe procurar acalmar a eletricidade. Mas era só placebo. Jodie acabara por perceber que ele gostava só que lhe tocassem.

Ele tinha andado outra vez a arranhar a bochecha, a pele estava esfolada e assanhada. Jodie estalou a língua.

— Tens de deixar de arranhar essa franha. Vais deixar marca. Haaah-ha.

— É mais forte que eu.

Ele tinha uma nova ferida no lábio de cima. Ganhara o hábito de a esgaravatar quando a inflamação da bochecha ficava muito viva.

— Ai, pelo amor de Deus. Hás de acabar todo picado e bexigoso como o homem do talho.

O caçula era um bonitão raro. Não tinha aquela habitual masculinidade

tosca ou rude, nem o estilo demasiado aperaltado e transpirado dos futebolistas amadores a que aspiravam os rapazes do ano em que ela andava. Pelas bochechas altas e sobancelhas distintas de Mungo teria Jodie, de bochechas carnudas e nariz achatado, matado alguém. Nele havia uma timidez no olhar. Os olhos cor de avelã podiam banhar-nos no seu glorioso ardor, ou podia baixá-los e fazer-nos querer que nos olhasse de novo. Se tivéssemos jeitinho, poderia haver naquele seu sorriso prudente um verdadeiro prêmio: recebê-lo atraía-nos logo a ele. A trunfa rebelde dava às mulheres vontade de o mimarem.

Em criança, tinha sido sempre o noivo obediente em quem Jodie erguia casamentos de faz de conta. Ela implicava com ele, ao passo que ele, sempre dado, fazia como ela lhe dizia. Deixava-se ficar quietinho enquanto ela e Angie Harms cirandavam à volta dele, enfeitado de véus encardidos feitos das cortinas de rede da mãe. Ele passava muitas tardes de joelhos, a morder os elásticos do cabelo que elas, imitando um cinto de ligas, lhe tinham enrolado à volta das coxas gorduchinhas de criança.

Tinha uma essência afável que deixava as raparigas à vontade: queriam fazer dele seu animal de estimação. Mas essa mesma doçura perturbava os rapazes.

Mungo fora sempre o mais galante dos Hamiltons. O irmão e a irmã tinham o cabelo castanho e a tez de um verde-claro do tom da azeitona, tão diferente da da mãe, baça e macilenta. Quando queria irritar a Mo-Maw, Hamish dizia que a cor comum aos três ao menos provava que tinham o mesmo pai e dele tinham recebido mais que o apelido. Jodie era obrigada a admitir ser Mungo quem melhor exhibia a cor. Se as sardas e a lividez de Jodie e de Hamish pareciam um nada surrentas, em Mungo pareciam tão cremosas que só dava vontade de lhas tirar à colher.

Jodie tinha visto uma única vez a Catedral de Glasgow por dentro:

deixaram-na ir nessa visita de estudo para poder por lá andar e ser tudo de graça. Enquanto as outras raparigas tiravam os blocos de desenho para friccionarem com os lápis por cima dos cinzéis, Jodie encontrara um vitral do santo padroeiro, São Kentigerno, ou como o conheciam as gentes de Glasgow, São Mungo. Ali representava-se São Mungo como rapaz melancólico, a segurar cuidadosamente um salmão roliço, numa expressão desalentada por estar morto. Jodie vira a luz da tarde fender o santo e galgar o chão poeirento da catedral, e pensou no irmão. Era um vitral sereno, como que solitário. Suspirara defronte dele. Nem parecia da Mo-Maw acertar tanto numa coisa.

Quando eram mais novos e a Mo-Maw os levava às compras pela Rua Duke, as mulheres estacavam só para, do nada, se porem a admirar Mungo.

«Vejam só, que lindo é o seu menino.»

Hamish punha-se à frente de Mungo e dizia:

«Obrigado, minha senhora, a senhora também não é feia.»

A mais desajeitada das mulheres daria um estalo com a língua e diria:

«*Não és tu, filho. Estamos a falar dele! Que príncipezinho.*»

Mungo odiava sempre aquilo. Não gostava que ficassem a olhar para ele. Chegando a casa, sabia que Hamish lhe ia bater, enfiá-lo entre a armação da cama e o rodapé e pôr-se em cima dele até se cansar.

Jodie largou o rosto do irmão.

— Quando sentires que tens de mexer, senta-te em cima das mãos.

— Eh pá. Já basta o que gozam comigo. Consegues-me imaginar sentado em cima das mãos quando fico com a cara toda retraída? É que nem penses.

— Mungo inclinou-se e levantou a irmã. Usava-a feita mochila e levava-a, com ela a rir-se, pela *kitchenette* apertada. Soltou-a em frente ao fogão elétrico.

— Dá-me de comer, mulher.

Jodie esticou dois dedos e espetou-lhos nas costelas.

— Essa merda não te fica bem. Por isso, nem tentes. Haaah-ha.

Jodie Hamilton tinha o seu tique nervoso, apesar de não o admitir. Podia passar por presunção, talvez nervos de menina, mas, no fim de certas frases, salpicava o ar de um riso precipitado e resfolegante. «Haaah-ha.» Era inesperado. Estranho. Jorrava numa pieira e morria num pio. Tentava-lhe rasgar a ponta como se o riso tivesse cauda e fosse capaz de a apanhar nos dentes. Quando Mungo começou o seu pestanejar, granjeou compreensão. Quando Jodie começou a rir, diziam-lhe que se contivesse.

Mungo sabia que ela era incapaz de o evitar: acontecia nas piores alturas, e percebia como embaraçava a irmã. Mas a Mo-Maw dizia que ela o fazia para conseguir atenção. «Haaah-ha.» Conseguia sobressaltar senhoras em pacatas estações de correios. Afastar bandos de mitras. Mungo achava genial, bem melhor que a cara remexida e arranhada dele, que fazia sempre as pessoas chegarem perto para ver melhor. Mas o tique de Jodie era pura magia. Repelia os outros.

Mungo adorava vê-la a dar más notícias.

Certa manhã, ela dera com o *Shingles*, o gato tigrado e sarnento da Sra. Campbell, morto no barracão dos caixotes do lixo, todo esticado e cheio de vermes. Enrolara-o na camisola da escola e fora bater à porta da senhora. Corriam lágrimas pela cara das duas ao baixarem os olhos para o pobre animal sem vida. A Sra. Campbell fazia festas na zona pelada entre as orelhas, da cor dos cogumelos, enquanto Jodie deixava pingar na camisola grandes pedaços de ranho choroso.

«Sinto mesmo muito, Sra. Campbell», disse, comovida. «Lá dentro, mesmo às escuras, conseguia ver que ele não estava bem. Deve ter chegado ao veneno dos ratos. Tinha uma poça malcheirosa de vômito ao lado do

focinho. Haaah-ha-ha.» Jodie, mesmo nos piores momentos, era incapaz de conter o riso.

Hamish nunca conseguiu um tique. Quando a Mo-Maw esfregava as costas de Mungo para lhe acalmar a ansiedade, Mungo via o irmão fazer cara feia e perguntava-se se Hamish se sentia um pouco posto de parte. Raramente a Mo-Maw tinha uma atenção especial para com ele. Talvez devesse conseguir um tique mesmo incomum, dos que nos faz andar um milhão de vezes às voltas ao botão do fogão. Mungo imaginava Hamish a ligar e a desligar o interruptor da luz enquanto tentavam jantar. Se tivesse um tique, seria de certeza dos mais incómodos. Ou talvez fosse o que Mungo tinha visto na televisão. O do miúdo na fronteira da Escócia com a Inglaterra a berrar as palavras mais porcas quando menos se esperava. «Foda-se cona caralho colhões» quando estava na igreja, «Enfia-mo nessa cona» no gabinete do médico. Parecia um tique violento e ousado, perfeito para Hamish.

Jodie desfez a gravata da escola enrolada na testa de Mungo. Estudou-lhe o clima incerto que lhe passava pelo rosto.

— O que anda aí nesse teu cérebro de hámster?

— Achas mesmo que a qualquer altura a Mo-Maw pode voltar?

— Não sei, Mungo. Pedi ao veterinário, mas ele não me deixou pôr-lhe coleira.

— Podias ser mais simpática com el...

— Também não ma deixou esterilizar. — Tirou duas grossas fatias de pão branco da caixa do pão, besuntou-as de margarina e polvilhou-as de açúcar branco. Fechou a sandes e deu-a a Mungo. — Talvez possas ir ter com o Hamish e perguntar-lhe se sabe dela. Seja como for, ela tem de meter o cu encardido em casa depressa. Senão, a câmara vai-nos dar de comer à rua.

— Vai?

— Bem, tecnicamente tu vais para um lar de miúdos ao abandono, eu é que vou para a rua. Mas dá para perceberes a coisa. — Jodie encheu duas canecas de água da torneira. — Continuas a achar que é a melhor mãezinha de todo o sempre?

Passaram a tarde a acabar os trabalhos de casa. Jodie despachou os seus e ajudou Mungo nos dele. Mungo desenhava o diagrama de uma abelha e errara a identificar o tórax e o abdómen. Jodie, frustrada, tirou-lhe o caderno e fê-lo ela a ver o telejornal. Tinha tido a mesma disciplina só doze meses antes. Fez um desenho perfeito e mal olhou a página.

«Mungo Hamilton», declarava muitas vezes o professor de Estudos Modernos, «não podes ser mais como a tua irmã?» O napoleãozinho tinha uma mole de caracóis cinza que desemaranhava de todos os lados na esperança de ficar com mais autoridade. Falava no dialeto áspero de Glasgow. Mungo sabia que ele fingia o dialeto para parecer mais autêntico aos pirralhos do East End, e para os subjugar soando aos pais deles. Muitos dos professores homens faziam-no porque o seu inglês correto tresandava a privilégio e provocava sempre gozo quando levantavam a voz e tentavam dirigir a sala de aula. O homem tamborilava o punho na testa de Mungo como se inspecionasse o casco de um barco que não era estanque. «Não podes ser mais como a Jodie?» O professor Gillespie pausava — apreciava um silêncio desconfortavelmente demorado — até dispensar Mungo da sua carteira num aceno da mão atarracada.

— Talvez acabes a lixar tudo como o Hamish, ainda é melhor que nada.

Deixando de bom grado Jodie fazer-lhe o trabalho de casa, Mungo estava sentado junto ao rádio a gravar o *top 40* numa cassete. Quando se cansou, encontrou um balão na gaveta da cozinha, soprou-o, e ele e Jodie andaram a chutá-lo um ao outro sem tocar na alcatifa. Uma vez ou duas, Jodie esticou a perna a mais, e a saia-lápis que lhe ficava apertada apanhou-lhe a outra

perna e mandou-a ao chão. Ali se deixou ficar a rir, enquanto ele se lhe sentava no peito e fingia babar-se de cuspo na cara dela. Não brigaram, e acabaram por desviar os olhos à televisão. Mungo ficou um bocado sentado em cima dela, o que Jodie deixou até o sentir muito pesado ou ela ter de se levantar para mijar. Ia chegar atrasada ao Café Garibaldi: Mungo sabia que ela tinha de correr pela Rua Armadale toda só para Enzo não passar vinte minutos aos berros em italiano. Mas ei-la aos chutos a este balão parvo e a rasgar a costura da melhor saia que tinha só para ele não se sentir sozinho sem ela. Era bondosa a este ponto.

— O que é que vais fazer esta noite? — perguntou ela.

— Talvez vá dar uma volta.

— Precisas de tentar fazer amig... — Ao ver-lhe os olhos contraírem-se, deixou a frase fugir.

Ele pôs-se em cima do balão para o tentar rebentar.

— Olha, esta noite, no fim do turno, não venho para casa. Não te preocupes, que te encontro amanhã ao almoço e podemos almoçar juntos. Prometo.

— Onde é que vais depois do turno?

— Não é da tua conta. — Ele andava atrás dela enquanto ela enchia a mochila de objetos estranhos: modeladores de cabelo, pensos para calos, um vestido de veludo que ela passara a ferro e pendurara atrás da porta da casa de banho. — Vou ficar com uma colega de História.

— Mas quem?

Ela tocou-lhe na ponta do nariz. O pânico crescia nele, tão óbvio para ela como se fosse uma panela a ferver.

— Mas eu não sou a Mo-Maw. Amanhã estou de volta. Prometo.

— OK. — Ele esforçou-se por não remexer na cara, mas não conseguiu.

Quando Jodie saiu, Mungo ficou à janela e preocupou-se um pouco mais com a Mo-Maw. Para ocupar o silêncio, tirou o caderno. A mão a deslizar pela página abstraía-o. Jodie foi a primeira a perceber. Um dia, a inquietação dele tinha-a deixado irritada, e ela dera-lhe um dos seus antigos blocos e uma esferográfica azul meio roída. Quando ele não se conseguia concentrar ou ficava com comichão, ela abria-o numa página em branco e ele desenhava grandes padrões desordenados. Nunca fazia figuras, começava num canto a tinta azul e deixava-a ir onde fosse até encher a página de intrincados padrões rodopiantes e entrelaçados, coisas como penas de pavão, escamas de peixe ou ramos de hera, todos enrolados uns nos outros até não sobrar branco. Formavam-se-lhe esplêndidos padrões no espírito. Podiam parecer ornados como a Tapeçaria de Bayeux ou singelos como a renda do Ayrshire.

Mas hoje a página em branco não lhe ocupava a atenção. O espírito dele não era capaz de deixar a mãe em paz.

Era a vez de a Mo-Maw lavar a escada do prédio, o que queria dizer ser responsabilidade de Jodie. Nas duas últimas semanas, Mungo tinha visto a irmã pairar pela escada do prédio e esgueirar-se escada acima antes de algum vizinho abrir a porta e a envergonhar por causa da sujidade. Era injusto, pensava Mungo: Jodie andava em fanicos e tudo por ter uma racha entre as pernas.

Sem melhor que fazer, Mungo foi encher o balde de lata e deitou na água pedaços do amaciador de cabelo de Jodie. Começou pelo patamar de cima, à porta do Sr. Donnelly, e foi descendo e lavando cada degrau de pedra. A escada não tardou a ficar com um aroma tropical com alegres fragores a pastilha elástica de morango e coco, mas a esfregona ficou macia e várias vezes se viu obrigado a lavar repetidamente o mesmo patamar para acalmar a espuma.

A família Hamilton vivia no terceiro andar de um prédio de arenito de quatro pisos. A escadaria não era bonita, mas era bem cuidada, e toda a gente se dava ao trabalho de ter à porta um capacho limpo. Havia dois apartamentos por lanço, e a meio de cada patamar um vitral, um padrão simples em diamante que deixava entrar a luz da vegetação atrás e derramava uma suave tonalidade verde e anil na escadaria.

Ao esvaziar na sarjeta o balde de água perfumada, mirou os gangues de rapazes protestantes a vaguearem pela rua. De blusões abertos apesar do frio húmido, penduravam os ombros magros num ar de audaz displicência. Usavam todos, sem exceção, o cabelo com risca ao meio e por cima dos olhos, em cortinas cheiinhas de gel.

— Mungo! — chamaram-no eles. Franziam as caras, contorcendo-as feitas panos da loiça.

Annie Campbell estava no patamar de casa quando Mungo voltou a subir as escadas. Esfregava ela o chão de pedra com o pé, fazendo com o chinelo de mocassim do marido um som viscoso.

— Oh! Mungo, meu rico filho, co que é que lavaste a escada?

— Só com champô, Sra. Campbell. — Sempre gostara da Sra. Campbell. Em crianças, ela fazia-lhes bolos. Nos dias cinzentões e pesados, quando os ouvia a brincar na escada, dava a cada um uma fatia e contava-lhes das saudades que tinha dos próprios filhos, todos crescidos e rumados ao Sul, à procura de emprego. Mungo sabia que o Sr. Campbell trabalhava na Yarrow Shipbuilders, apesar de não se lembrar de ele alguma vez ter saído de casa para trabalhar, não desde que Thatcher tinha acabado com o financiamento dos estaleiros. O Sr. Campbell apodrecia agora na poltrona em frente a uma televisão cálida, e os filhos dos Hamiltons cosiam-se à parede sempre que se cruzavam com ele nas escadas.

A Sra. Campbell varreu-lhe o cabelo da cara.

— Meu menino, sinceramente, têm vocês tanta bondade, bom senso é que nenhum. — Vasculhou o bolso da bata e deu-lhe um punhado de rebuçados de limão. Estavam todos pegados, fundidos num só.

— Não vejo a tua mãezinha há uns bons tempos. Tá tudo bem co ela?

Mungo tirou o cotão da fusão de guloseimas. Não olhava para ela.

A Sra. Campbell sugou, pensativa, a dentadura postiça. Pegou nas mãos gretadas e pô-las nas costelas estreitas dele.

— Fazias-me um favorzinho? Habituei-me tanto a fazer jantares dos grandes. Desde que os meus filhos se foram embora, nunca acerto nas quantidades. Não te importavas de entrar um bocadinho e comer um prato de picado de carne? Parte-se-me a alma deitá-lo fora. — Fez uma careta que expressava como lhe partia mesmo a alma desperdiçar comida.

Mungo pensou no Sr. Campbell. Não era que não gostasse do senhor. Era que o tamanho metia medo ao miúdo que desse por si sob a sombra dele. Anos antes, sempre que ele ia à janela ralhar com um dos filhos, as outras crianças paravam a brincadeira e inclinavam a cabeça, num momento de mudo pesar pelo pobre do Campbell condenado. Algo no Sr. Campbell deixava Mungo nervoso por nunca ter crescido com um homem em casa.

Apesar da fome que tinha, abanou a cabeça.

— Não, obrigado, Sra. Campbell.

A mulher estalou a língua. Agarrou-lhe na mão e arrastou-o pela porta. Parecia débil como a névoa do mar, mas era feita do duro granito de Aberdeen.

— Eu já desisti de te pedir co jeitinho. Deixa-me mesmo ofendida se voltas a negar um prato dos meus.

A Sra. Campbell levou o rapaz à sala. Era exatamente do mesmo feitio que a dele, só um piso abaixo. Ela gostava de fumar e de manter as janelas

fechadas. Ele ouvira-a dizer: porque ia ela estragar aquilo por que pagara uma fortuna?

Quando entraram, o Sr. Campbell não tirou os olhos da televisão. Passavam os melhores momentos da corrida de galgos do Ayr. Mungo viu os cães esguios romperem pela chuva miudinha atrás do coelho mecânico.

A Sra. Campbell empurrou Mungo para a poltrona dela. Abriu uma mesinha e prendeu-o, saindo para aquecer uma dose. A parede por cima da lareira estava pejada de fotografias dos miúdos. Apresentavam como que a sequência de um filme, documentando claramente cada época. Rapazes bem-dispostos e radiantes em rasgados sorrisos uma vez por ano, sobre o azul marmoreado do cenário de fundo do fotógrafo da escola. Eram no mínimo dez anos mais velhos que Mungo e ele não se lembrava muito bem deles, mas percebia, olhando-lhes para a boca, que não escapava nenhum instante às fotografias: dentes de leite, dentes caídos, os primeiros dentes de adulto, falhas nos dentes e dentes de metal. Via o tímido sorriso dos aparelhos prateados e depois os sorrisos abertos, direitos e seguros dos jovens prósperos. Mungo tocou conscientemente na boca. A Mo-Maw não acreditava muito em dentistas.

— A tua mãe desapareceu outra vez? — O Sr. Campbell não olhava para o rapaz.

— Sim.

— As mulheres hoje não sabem em que se meter. Há escolha a mais. De certeza que aparece quando a bebedeira lhe passar.

— Acha que sim?

— Pois. — Franziu o sobrolho aos resultados das corridas. — O teu irmão já encontrou trabalho?

— Ná.

O Sr. Campbell considerou um pouco a resposta.

— Pois. Glasgow foi à vida. Não há nem carvão, nem aço, nem ferrovia, nem a porra dos estaleiros. — O maxilar do homem fez um ângulo engraçado, mas ele não largou a corrida. — Diz-lhe que o Sr. Campbell mandou dizer que ele devia entrar na marinha. Devia pedir que o colocassem na base de Faslane e ir enfiar um daqueles submarinos nucleares na cona da Thatcher.

Mungo deu um risinho nervoso.

— Não será antes no buraco do John Major?

O Sr. Campbell fez um esgar.

— Há submarinos pra eles todos.

Margaret Thatcher já não era primeira-ministra havia uns anos, até Mungo sabia disso. Ainda assim, todas as conversas sobre o desemprego e o futuro ainda centravam a fúria nela. O professor Gillespie tinha dito à turma de Estudos Modernos que Margaret Thatcher decidira encerrar toda a indústria pesada da cidade. O Governo inglês andava frustrado com o poder cada vez maior dos sindicatos, cansado de subsidiar a Escócia para competir com mão de obra estrangeira, mais barata. Afirmara ser desastroso deixar várias gerações da mesma família sem trabalho: ficavam a ganhar ferrugem homens criados para moldar aço, comunidades inteiras que tinham crescido à volta dos estaleiros não teriam empregos remunerados. O professor desenhava círculos concêntricos, como ondulações num charco, e procurava que a turma enumerasse os amplos efeitos que as políticas de Thatcher haviam tido na cidade. Depois do fecho das minas de carvão, quem penou a seguir foram o talhante, o merceeiro e o vendedor de carros usados. O professor Gillespie dissera ser mau de mais os conservadores terem matado a cidade, mas que a destruição ser encabeçada por uma inglesa era um insulto inqualificável. O que a teria feito querer castrar o

homem de Glasgow? Façam uma redação de mil palavras para entregar de segunda a uma semana.

Quando Mungo perguntou a Jodie o que queria dizer «castrar», ela respondera que o professor Gillespie bebia de mais. Que, se estivesse um homem no poder, esse homem nunca teria tomado as duras decisões que Thatcher tivera de enfrentar. Ela tinha então perguntado a Mungo se ele queria ir trabalhar para as minas de carvão.

«Ná.»

«Então não deites a porra das culpas às mulheres.» Jodie lascava o verniz estalado da unha do polegar. «Seja como for, não liguês a esse filho da mãe. Isso da Thatcher não está em nenhum programa da escola. O stor Gillespie é um marxista fraquinho. Tás a ver os tipos que fazem modelos de caminhos de ferro no quarto vago que têm em casa? Então, tu és um dos soldadinhos verdes dele. A ideia dele é agitar o proletariado do East End, e enquanto isso vai de carrinha ao Marks and Spencer de Bishopbriggs torrar o ordenado em baguetes e vinho do bom.»

Mungo devia olhá-la de esguelha porque Jodie dera um suspiro.

«Uma semana destas, vi-o a descascar um quivi na sala dos professores. Ele que meta no cu essa palermice de ser a voz dos operários.»

Mungo apostava que Jodie nunca diria aquilo na cara do professor Gillespie.

O Sr. Campbell prosseguia:

— É como os cabrões dos Ingleses, né? Primeiro, deixam entrar barcos cheios de irlandeses à fome e ficam eles cos trabalhos bons. Depois, acabam cos negócios todos e deixam-nos a nós no desemprego, afogados nos porcos dos fenianos. — Fitava Mungo, de olhos claros e azuis como o céu de junho. — Os Ingleses foram uns espertalhões, atão não foram. Assim se mantém o leão escocês de joelhos.

A Sra. Campbell regressou com um prato a esalvar, cheio de batata cozida a nadar em picado de carne castanho, num molho espesso de cebolas, longas e curvadas que nem unhas de bruxa. Dois pãezinhos a meio do prato. Sorria enquanto Mungo ia comendo. Ele mastigava o mais depressa que conseguia, ansioso por se afastar do Sr. Campbell. Só quando acabou é que ela tirou a mesa e o soltou. A mulher esfregou-lhe uma nódoa de molho da camisola.

— Essa Maureen Hamilton deve-se ter rido à grande quando te deu nome de santo, né? É preciso cá um descaramento. Olha-me bem pra ti. — Mungo deu um beijo na face da Sra. Campbell, sentindo os lábios gordurosos naquela pele de pergaminho dela.

O homem apontava para o teto, mas sem fitar o garoto.

— Quando a tua velha aparecer aqui toda destemida, se quiseres, prego-lhe a porra dos pés à alcatifa. Ela não demora a pôr-se boa.

— Nessa altura falo consigo — disse Mungo e, com um acenar rápido da cabeça, saiu pela porta.

Mais tarde, Mungo estava deitado na alcatifa da sala a passar as mãos pela barriga satisfeita. Anoitecia cedo, e por todo o bairro a iluminação laranja da rua ganhava vida. Deixou-se ali ficar no escuro da tardinha, a murmurar de si para consigo.

Ouviu a Sra. Campbell subir e descer a escada com o seu balde marulhante. Os joelhos iam-lhe estalando no caminho. A cabeça da esfregona batia na pedra dura enquanto lavava cada degrau do champô usado por Mungo. Ele sentia-se mal por lhe dar mais trabalho, mas a voz dela ressoava a cantar Tammy Wynette sozinha, e ele decidiu que ela parecia razoavelmente satisfeita.

Ao chegar ao patamar dos Hamiltons, agachou-se à porta deles. A mola enferrujada gemeu de protesto quando ela abriu a ranhura do correio. A

corrente de ar transportou-lhe a voz, que ele ouviu com clareza suficiente, como se ali estivesse com ele na sala.

— Mungo Hamilton, és mesmo um malandrim inútil.

A ranhura fechou-se num estalido. Mungo sentou-se. Pausa breve, e abriu-se com um arranhar:

— Mas eu gosto de ti. — Fechou-se, e abriu-se outra vez. — Minha bestazinha.

O Café Garibaldi estava havia vinte anos na mesma esquina. Nos sessenta anos antes, ficava mais à frente na rua, no rés do chão de um prédio que a câmara deitara abaixo durante a erradicação das barracas, quando puseram as famílias a viver nas novas torres de apartamentos.

Jodie perdeu o fôlego na corrida que deu até chegar à porta. Enzo Garibaldi alçou a cabeça ao tinir do sininho. Fez cara feia ao relógio floreado entre as fotografias da família: seis gerações de homens italianos austeros envoltos em divertidos aventais às riscas. Jodie sabia que o relógio andava depressa, mas de pouco valia chatear-se por isso. Enfiou a mochila debaixo do balcão e apanhou o cabelo.

Trabalhava no Garibaldi a maior parte dos serões depois das aulas: a tirar bolas de gelado duro em conchas de ostra e em bolachas recheadas de *marshmallow*, antes de lhes deitar por cima um molho de framboesa todo xaroposo. O gelado do Garibaldi tinha um sabor: baunilha e só baunilha. Jodie só provara uma vez baunilha a sério e sabia que o do Garibaldi de baunilha não era. Era só açúcar e natas, mas fazia as donas de casa revirarem os olhos e as crianças portarem-se bem com a mera promessa de um conezinho. O motivo para continuar em atividade havia quase um século era um: fazia os dentes berrarem de prazer.

Era uma noite húmida e comum, e ela passou as horas a separar caixotes de gengibre para Enzo o poder vender separadamente a preço mais alto. Acabado o turno, Jodie trancou-se na casa de banho. Enfiou-se no vestido de veludo e escondeu-o debaixo do sobretudo, antes de pedir a Enzo que lhe adiantasse o salário da semana seguinte.

Enzo gostava de Jodie: ela tinha a tonalidade de uma italiana e lembrava-o das filhas adultas, todas crescidas e já com família. Pelo menos uma vez por semana perguntava a Jodie se ela ainda pensava em ir para a universidade, se ainda tinha a vida «nos eixos». Era um eufemismo estranho, quando ele queria realmente saber se ela andava a deixar algum homem fazer-se a ela. Mas Jodie ficava grata por alguém se dar ao trabalho de lho perguntar, mesmo que tivesse de recordar Enzo de que ela não vinha de uma família de gente licenciada.

Enquanto ela dobrava o avental, Enzo sorriu-lhe de orgulho e adiantou-lhe dinheiro diretamente da caixa. Deixou-a então encher-se de duas ostras douradas, polvilhadas de cereais em pó e afogadas em molho de framboesa.

Ela cruzou a Rua Duke, com uma morrinha, feita de mosquitos, a tremeluzir no brilho das luzes da rua. Subiu a colina até à secundária e ali ficou à esquina, com o cuidado de manter longe do vestido de veludo o gelado, que pingava.

O homem tinha estacionado com os faróis desligados, pacientemente à espera dela. Quando a viu à chuva, deu à chave e foi-se encostar à berma. Jodie entrou no carro e deu-lhe um beijo. Incomodava-o ela trazer gelado a pingar para dentro do seu novo automóvel. Desceu a janela, tirou-lhe as ostras e atirou-as à rua. Ele pôs então cada um dos dedos dela dentro da boca, chupando-lhe o creme.

Antes dele, Jodie nunca saíra de Glasgow, e raras vezes do East End. Sabia que o West End, com os seus pináculos góticos, a universidade

secular e as esplanadas com menus vegetarianos, não era para gente como ela, e nunca tinha ido ao South Side porque Hamish lhe metera medo com as mentiras do que os paquistaneses fariam a uma branquela novita como ela.

Enquanto o homem a levava pela Ponte de Kingston, a cidade iluminava-se sob ela, e ela sentiu-se viva. Planaram com tamanha rapidez acima das luzes que, nestas alturas, ela acreditava poder pertencer a qualquer parte, e não meramente a um bairro social, a tomar conta do caçula. Jodie enroscou-se no banco de pele e permitiu-se fantasiar com uma vida académica, talvez não numa universidade, mas numa boa escola comercial, numa técnica, como a Escola de Impressão e de Construção, ou ainda na Cardonald, com os seus canalizadores e cabeleireiras.

O homem pegou-lhe na mão e beijou-lhe o dorso. Ela, conforme as luzes se dissipavam, depositava nele a confiança que tinha. Sabia que ele queria o mesmo futuro luminoso para ela. Ele dissera-lhe muitas vezes como ela era inteligente e, quando se formasse, iriam ficar juntos, mesmo à luz do dia, bem longe de Glasgow e do olhar da mulher dele.

Mungo enfiou o corta-vento. Era um blusão de esqui azul-real que tinha de forçar pela cabeça porque o fecho só ia até meio e marrava num grande bolso dianteiro, como o dos cangurus. Adorava aquele blusão. Podia levar o que quisesse no bolso, que abria em cima numa aba de velcro e obrigava a contorções para meter a mão lá dentro. Muitas vezes encontrava coisas, metia-as no bolso e esquecia-se delas semanas a fio, até lhe roçarem outra vez nos dedos. Quando Hamish o virava ao contrário pelos tornozelos, o mundo inteiro dele despejava-se como uma confissão.

Passou algum tempo a deambular pelas ruas familiares acima e abaixo na

expectativa de entrever a Mo-Maw, e a enganar-se dizendo que não era disso que estava à espera. As ruas eram estreitas e os prédios altos, o que fazia cada via parecer afundar-se, profunda que nem uma garganta de arenito. O céu aqui era curto. Era difícil ver o que vinha do horizonte no nosso sentido até estar bem em cima de nós. Ele tinha passado a vida inteira nestas ruas e, em certos dias, elas conseguiam-nos fazer sentir ratos num labirinto. Sabia que não havia sítio por onde andar sem gente a olhar para nós de cima, a mirar o tempo sempre igual, a passar o tempo devagar. Era duro sentirmo-nos sós.

O pior dos mirones era o Sr. Ogilvy. O Ogilvy Olheiro conduzia a charanga orangista da zona, e ou ele ou os filhos dele, que eram gémeos, punham-se à janela a praticar tambor e pífaro e a deixar os vidros finos das janelas a chocalharem na massa de vidraceiro. Hoje, os gémeos Ogilvys trajavam os seus azuis regimentais e os vistosos gorros escoceses. De luvas brancas, tão esmerados quanto bibelôs de porcelana, pareciam crianças mascaradas de românticos e odiosos soldados unionistas. A toada acentuada das flautas chegava aos prédios, e além deles, reverberando nos muros de pedra, o «tum», «tum», «tum» de um lambegue. O Olheiro martelava o pesado tambor de carvalho, o arenito ribombava quando os estridentes flautins tocavam a melodia de «The Sash My Father Wore»^[2]. Os dois homens haviam parado, encostados à cerca enferrujada para ouvir, com os olhos vidrados do uísque. Mungo passou a correr pelos Ogilvys. «Tum», «tum», «tum» faziam as passadas deles. Sabia que o Olheiro lhe seguia os passos todos. Que o julgava uma grande desilusão para a causa protestante.

Mungo, de ar carrancudo, chegou ao grande pedaço de relva rugosa que separava os prédios antigos dos apartamentos húmidos construídos pela câmara nos anos 60. Os urbanistas municipais tinham disposto os prédios novos longe da verdura. Puseram-nos de frente para a autoestrada por

julgarem ser o que as pessoas queriam ver: o progresso, não os putos magrelas a brincarem à chuva miudinha. Mungo andou um bocado a vadiar e por instantes foi bom não ser visto. A relva estava gasta e barrenta, bandos de rapazes mais velhos jogavam futebol, corriam para trás e para a frente atrás de uma bola meio vazia. Tinham organizado miúdas todas trémulas em conjuntos de três ou quatro e usavam-nas como traves de grandes balizas. A bola fazia de vez em quando ricochete na cara de uma das miúdas, que fingia chorar até o rapaz solicitado lhe ir ao encontro e prender os lábios gretados nos dela.

Do outro lado do baldio, miúdos mais novos tinham recolhido madeira descartada, portas velhas e pedaços de mobília partida. Tinham arrastado tudo até ali e montado abrigos com aquele refugo. Oito ou nove das casas improvisadas formavam um bairro de lata, e Mungo mirava os rapazinhos a fazerem melhorias e consertos aos seus castelos. Enquanto lhes via a diligência, lembrou-se do vídeo que o professor substituto passara nas aulas para mostrar o funcionamento de uma colmeia por dentro. Ele sabia que alguns dos rapazes tinham como pais homens duros, e irmãos na cadeia. Ouvira falar de miúdos ainda de onze anos que conseguiam fazer espadas e carregar sobre os bandos de católicos que vinham ao bairro deles: partiam cabeças, rasgavam caras, apunhalavam fenianos do dobro da altura deles e tudo pelo gozo. Ao vê-los colaborar na construção dos abrigos, era fácil esquecer a violência gozosa de que eram capazes.

Mungo, sempre de cabeça baixa, passou pelos prédios novos. O reboco grosseiro era tão poroso, que até nos dias secos parecia coar e devolver ao mundo a água das chuvas. Do lado oposto, atrás de muros de quatro metros e meio, havia um estaleiro onde os construtores guardavam os materiais e equipamentos. Os empreiteiros tinham protegido o topo do muro de arame farpado, mas isso não detinha os miúdos da zona.

Mungo mirava um grupo de jovens a prepararem o ataque ao muro. Tinham amarrado dois escadotes das mãos, dos que se usam para colar papel nas paredes, e alguém roubara o edredão da cama da mana. Queriam entrar porque, dentro do estaleiro, havia máquinas pesadas que iriam escalar, rebentar e destruir. Às vezes, um operário esquecia-se das ferramentas na cabina de uma das escavadoras e os rapazes agarravam no saco cheio de martelos e chaves e faziam grandes planos de as usar como armas no bairro.

Melhor foi a vez em que alguém deixou as chaves na ignição de uma escavadora. Os miúdos protestantes montaram-na e, depois de a enfiarem nas outras máquinas, meteram-na pelo portão a cadeado e andaram pelas ruas. Alçaram uma caterva de garotos a uma janela do segundo andar para espreitar uma rapariga rechonchudinha, quando a mãe lá acabou por chamar a polícia.

Mungo viu os jovens apoiarem os escadotes articulados no muro. O cabecilha escolheu o mais baixinho do bando para subir ao topo e testar a solidez. Um ruivo enrolou-se num cobertor de ursinhos e escalou o escadote tremido. Quando se encontrava a uma altura que chegava para se matar, os outros à vez deram pontapés na base do escadote. Deve ter sido grande gozo, pois andavam numa algazarra e apostavam dinheiro em como ele ia partir a cabeça. Juntaram-se e empurraram o escadote do muro. Por momentos, o escadote aguentou-se sozinho, e o ruivo balançou na promessa de uma fratura na espinha, deixando fugir um uivo patético. O cabecilha irrompeu no meio deles e, com uma das mãos, voltou a empurrar o escadote contra o muro.

— Acabem lá co essa merda — ameaçou Hamish.

O ruivo, feito couve murcha, perdeu a cor e o viço. Com a manta dos ursinhos baixou o arame farpado e deixou-se ali um bocado a controlar o

vigilante antes de escalar o muro e cair no telhado ondulado do outro lado. Mungo atravessou o baldio e pôs-se ao lado do irmão enquanto os outros trepavam o escadote de assalto.

Hamish fez meia saudação. Observava bem de perto as suas tropas. Mungo sabia que, mais tarde, lhes faria comentários duros: dirigia um pequeno exército bem organizado e ambicioso. Era importante expor as insuficiências dos homens à frente dos outros, pois mantinha-os divididos. E fazia-os darem tudo por tudo.

Para Mungo, o irmão era só Hamish — ou o Hamey, se se sentisse particularmente corajoso. Para as tropas, contudo, era o Ha-Ha, ou o Grandalhão, apesar de ter uma altura decepcionante. O Ha-Ha mirou o último dos soldados antes de se dirigir a Mungo.

— Que é que se passa, ó pedaço de merda?

— Nada. — Mungo encolheu os ombros. — Viste a Mo-Maw?

O Ha-Ha abanou a cabeça. Olhava Mungo pelas lentes grossas dadas pelo Estado, os olhinhos pequeninos atrás do vidro amarelecido. Em criança, a armação tartaruga de graça causava-lhe embaraço, mas Mungo sabia que o irmão dominara a vergonha, saboreando agora a oportunidade de alguém lhe chamar o cabrão do caixa de óculos para o surpreender com a prontidão da sua violência. Hamish adorava armadilhas: apreciava particularmente o instante suspenso em que alguém corria para um precipício ignorando estar prestes a morrer estatelado. Acabou por conseguir apreciar como os óculos desarmavam as pessoas estranhas. Outros homens eram parvos por deixar o pequeno caixinha de óculos de reformado aproximar-se deles e ainda acharem poder levar a melhor, mesmo até ao momento em que lhes partia os dentes na borda do passeio.

Hamish não era alto, mas andava sempre a postos e nunca, jamais receava ser o primeiro a bater. Trazia o blusão e as calças de ganga do

mesmo tom de azul. Abotoara o blusão até à garganta e virara o colarinho para cima. Calçava umas sapatilhas *Samba* de três listras que pareciam novinhas em folha. Nele nada era dado à gordura, todo ele eram tendões e músculos. Tinha tudo fechado e apertado como se pronto a sair disparado. O Ha-Ha nunca corria.

— Tudo a postos. — O Ha-Ha apontava para o escadote periclitante.

Mungo deu um passo atrás.

— Como?

Sabia ter corrente na cara.

— Não me apetece.

O Ha-Ha envolveu-lhe a nuca com uma das mãos. Ia dizer mais, mas atirou o irmão ao escadote e, quando Mungo deu por isso, estava a trepá-lo.

O estaleiro não era grande. Os veículos industriais encontravam-se todos apertados, peças de um jogo de tabuleiro guardadas na caixa. Estava tudo muito arranjado e organizado: betoneiras, espalhadoras, cilindros, e a meio, qual bando de brontossauros, as escavadoras de braço longo.

O segredo do êxito no estaleiro era não o assaltar muitas vezes. Se o roubassem muito, o encarregado durante um tempo metia um guarda-noturno para proteger o equipamento. Era sempre um trabalhador temporário, pois os rapazes protestantes não pensariam duas vezes em o apunhalar, logo, era difícil o encarregado manter alguém a tempo inteiro. No entanto, se assaltassem só uma vez ou duas vezes por ano, aquilo ficava uma relação parasítica estranha. Os miúdos partiam e roubavam o que queriam, o encarregado pedia à seguradora que cobrisse os danos e o saldo na contabilidade ainda era positivo. Hamish sabia que o astuto encarregado usava os assaltos para substituir os modelos mais antigos, ou as ferramentas meio partidas, e saía mais caro reparar que substituir. Hamish tinha-o visto uma vez, no Botequim Loudon, e o sujeito fizera-lhe um ligeiro aceno

respeitoso com a cabeça. Duas vezes por ano, não mais. Era mais barato que contratar um guarda-noturno.

Os miúdos protestantes encontravam-se de pé no telhado ondulado do edifício principal; a respiração deles toldava o ar como se fossem uma fiada de póneis. Mungo via-lhe os olhos a varrerem o estaleiro. Nenhum dos cavalos se mexeu até o Ha-Ha escalar o muro. Apresentava-se entre eles feito general, um imperador de ganga pré-lavada.

Hallo, Hallo, we are the Billy Boys.

Hallo, Hallo, ye'll know us by our noise.

We're up to our knees in Fenian blood, surrender or ye'll die.

For we are the Brighton Billy Boys^[3].

O Ha-Ha sabia o que fazia. A canção orangista enchia-os de orgulho. Qualquer receio que estes meios homens tivessem sumia-se ao ouvi-la.

Desceram um a um do algeroz e aterraram na gravilha feitos lanças de chuva. Mungo virou-se para o irmão, mas Hamish desaparecera, e o Ha-Ha estava sem espírito para falar com ele. Observava os soldados na primeira passagem, a verem o que poderiam soltar sem fazer barulho, antes de arrancar o arraial de destruição. O Ha-Ha empurrou então o irmão, e Mungo prendeu as mãos ao algeroz de folha-de-flandres para se deixar cair os quatro metros até ao chão.

Os salteadores arrancavam agora coisas das cabinas, rasgavam os manuais dos veículos e arremessavam parafusos, feitos estilhaços, sem cuidado nenhum. De tudo o que faziam, aquilo era o que Mungo mais odiava. O roubo conseguia entender — os artigos tinham utilidade —, mas aquilo era só destruição gratuita. O ruivo encontrou um capacete de um laranja vivo: muito maior que a cabeça dele, fazia-o parecer um puto com uma doença terminal. Mungo viu-o a bater com a cabeça na janela de um

cilindro. Repetiu várias vezes até partir o vidro e, com o cotovelo, forçou o que sobrou.

O Ha-Ha nunca desceu. De vez em quando, o pelotão atirava-lhe objetos, chaves esquecidas ou um nível enferrujado. Atrás dos óculos espessos, via tudo feito águia. No poleiro apontou, e os miúdos precipitaram-se em busca da sombra da sua presa.

Um dos membros do pelotão pilhava uma caixa de ferramentas com moderação a mais. Estava sentado na pá alçada de uma escavadora, tão confortável quanto um sofá novo. Era um adolescente alto, de cabelo acastanhado e comprido dos lados e leve franja nos olhos. Mungo sabia que ele falava esporadicamente o inglês correto e que se deixava cair no gaélico quando cansado. Tinha uma mãe orgulhosa e um pai trabalhador, que ainda vivia em casa. Os outros gozavam com ele por isso. A voz do Ha-Ha ribombou acima da gravilha:

— Olhò príncipe Carlos! Podes-me trazer um chazinho? Panilas dum cabrão.

Os saqueadores interromperam o que faziam, com medo de ele ter apelidado um deles de anormal, aberração entre homens decentes. O Ha-Ha apontou diretamente para o jovem e abanou a cabeça de vergonha.

— Parem lá de perder tempo, até parece que andam a escolher cenouras pra enfiarem no cu. — O rapaz do cabelo acastanhado espalhou a caixa de ferramentas, numa tentativa de reclamar a sua masculinidade. Os outros davam risinhos e andavam ali a pilhar numa sensação de alívio. Não havia maior vergonha que ser panilas: um incapaz, mole como as mulheres.

Mungo escondeu-se na cabina escura de uma retroescavadora, a salvo do olhar do Ha-Ha. Viu o rapaz do cabelo acastanhado ficar todo corado e derrubar a caixa de ferramentas por todo o lado num pontapé maldoso. Os outros limpavam todas as armas e ferramentas que conseguiram e, quando

acabaram, encetaram a sua destruição. Um rapaz de faces rosáceas balançou o poste de uma cerca contra a janela da escavadora. O vidro de segurança fez um ruído seco e compensador.

Quando se cansaram, passaram à terceira etapa e, de novo crianças, foram brincar. Os garotos treparam ao telhado da grua mais pequena e fizeram um grande circuito, saltando de uma para a outra sem tocar no chão. Fizeram a corrida de obstáculos ao jeito e iam subindo cada vez mais alto. Encontraram novas maneiras de o tornar mais perigoso. À vez, treparam ao pescoço disposto em ângulo dos brontossauros, arrastaram-se até à pá e, num salto, planaram até ao tejadilho de uma retroescavadora. Se falhassem, caíam seis metros a pique. Mas voaram pelo céu noturno feitos anjos destemidos, os fatos de treino a baterem atrás como asas que não voavam.

A maquinaria estava molhada da chuva. Mungo viu uns miúdos escorregarem no pescoço angular do brontossauro. Um ou dois erraram o salto e deslizaram pela retroescavadora molhada, agarrando-se mesmo no derradeiro instante à borracha que vedava uma janela. Fazia sempre os outros sustarem a respiração e ficarem um momento em silêncio. Enquanto o rapaz sortudo se erguia, davam berros em nome da sua própria imortalidade.

O Ha-Ha encontrava-se de pé no telhado a fumar a ponta de um cigarro. De imperador, passara a pai entediado que detestava a custódia partilhada. Era como se visse os putos dele a queimarem um dia de gulodices antes de os devolver às mães. Foi por olhar para o irmão que Mungo viu o céu mudar. O Ha-Ha também viu essa cadência ritmada de azul e branco. Os carros da polícia tinham-se aproximado sem ligarem as sirenes. Estavam ao portão. O Ha-Ha deixara os putos brincarem tempo a mais.

Mungo atirou-se da cabina metálica e encetou a sua rápida subida da roda

dianteira à traseira, e da plataforma do motor ao tejadilho. Saltava pelo estaleiro enquanto a bófia rebentava pelo portão trancado. Em redor, o pelotão saltava do longo braço da escavadora e acorria ao algeroz e ao aconchego do telhado. Guinchavam feitos miúdos de seis anos na feira popular, numa dança que os distanciava do alcance do papão. Só chegados à segurança do telhado e à audaz proteção do Ha-Ha é que se endireitaram e se transformaram outra vez em homens. Arquearam as costas e encheram a bófia de escarros.

Chegaram seis agentes em dois *Rovers* e numa carrinha de detenção maltratada. Apanharam um dos miúdos mais vagarosos, que saltou sem querer para os braços de um agente. Este segurou-o por um instante como se fossem namorados apanhados em flagrante.

O ruivo rodou no braço da escavadora, deslizou no traseiro tapado com *nylon* e não tardava a escapular-se da polícia. Mungo estava prestes a chegar ao algeroz quando viu o rapaz cair. O metal devia estar mais molhado do que julgava, pois escorregou do braço alto na mesma deselegância de um pacote de farinha a cair de uma prateleira.

Não se abriu como o pacote de farinha nem gritou, mas, pela maneira como o braço se abateu debaixo dele e pelo ângulo estranho da mão, Mungo percebeu que tinha partido o pulso, e talvez até o antebraço.

Mungo ouvia Hamish chamá-lo enquanto jorravam pedras e estilhaços sobre a bófia. Se Mungo se levantasse agora, conseguiria trepar rapidamente ao telhado antes de ser apanhado.

— Deixem-no em paz! — rugiu Hamish. Seria insensato não fugir, a bófia deve ter dado com os miúdos todos, e, mesmo que não tivessem visto Mungo, certamente haviam visto o pacote de farinha a despenhar-se. Não tardava a virem à procura do rapaz rebentado.

Mungo ouviu o bater de pés no telhado e o retirar da fanfarronada e das

provações, sabia que os outros estavam outra vez no muro, a correrem para a segurança do bairro. A abandoná-lo.

O ruivo não tinha capacete, o respirar dele era fundo. Mungo agarrou-o pelos sovacos e arrastou-o para debaixo da retroescavadora. Longe das luzes de segurança estava escuro, e viram as lanternas da polícia riscarem o chão. O miúdo choramingava. Mungo tapou-lhe a boca com a mão. Em qualquer outra altura, o rapaz teria dado uma coça a Mungo por lhe tocar assim. Agora, de cabeça metida do lado de Mungo, viam as lanternas da polícia a passarem entre os veículos. Mungo então reconheceu-o: era o Bobby Barr, o irmão mais velho de um colega de turma, pai improvável de gémeos e afamado arromba-virgens. Mungo tinha sangue a ensopar-lhe a manga e, pelo cheiro, sabia que se tinha mijado.

Tirando o suave ranger da gravilha, fazia-se silêncio. A bófia andava à espreita e desligara a estática crepitante dos rádios. O Bobby soluçava sozinho, acanhado. A cara de Mungo fazia um curto-circuito nas trevas. «Não nos deixes.» Mungo sentia as palavras reverberarem-lhe pela palma da mão, as lágrimas do rapaz acumularem-se-lhe nos barrancos dos dedos.

Uma lanterna riscou a terra debaixo da retroescavadora. Mãos duras nos tornozelos do Bobby Barr. Um polícia arrancou-o num gesto limpo, e o rapaz rolou pelos seixos, qual mecânico no tabuleiro de uma garagem. O braço bom do Bobby estava inutilizado e o outro embalava-o feito bebé, pelo que ele era incapaz de resistir. Zás. Foi-se, rápido que nem um truque de magia.

— Tá ali outro cabrão — berrou um agente.

Mungo afastou-se da luz e precipitou-se no sentido oposto. Ouvia-os abeirarem-se dele, dois de cada lado, a correrem dos lados da máquina. Conseguiu-se equilibrar, não tinha a mesma agilidade dos outros miúdos, que saltavam de máquina em máquina feitos gatos escanzelados, mas

Mungo chegou à cabina antes de a bófia dobrar a esquina. Sabia que nunca iria alcançar a segurança do algeroz: iriam agarrá-lo pelas pernas dependuradas. Por isso, deu meia-volta acorrendo ao portão aberto, mas cortaram-lhe a saída. Encurralado.

— Meu malandreco. Quando te apanhar, chego-te a roupa ao pelo! — A cara do agente abriu-se num sorriso todo ufano. Ia na direção de Mungo enquanto os restantes lhe impediam a fuga. — Chego-te a roupa ao pelo. Chego-te a roupa ao pelo. — Entoava a mesma expressão uma e outra vez.

Hamish ter-lhe-ia dito que o polícia só queria tirá-lo do sério. Queria-o rebaixar e intimidar, para que Mungo descesse do telhado e não resistisse. Mas Hamish não estava ali.

— Tu há des gostar — disse o agente. — Se desceres já, primeiro cuspo-te em cima pra não te doer tanto. — Riam-se entre eles. Ele ouvia a bófia protestar e, ao mesmo tempo, congratular o agente por ser tão depravado. — Tu tens irmãzinhas?

Mungo apressou-se a escalar.

Ouviu-se um baque no escuro. Não sabia bem o que o provocara. Mas o que atingiu o agente interrompeu-lhe as provocações, sacando-lhe a boina da cabeça e atirando-o para o lado de uma betoneira. Tinha sangue na cara, negro como melaço ao sol-posto. Havia bocados dele pulverizados no aço amarelo da maquinaria.

O Ha-Ha estava novamente no topo do escadote e atirava metades de tijolos aos polícias. Mungo sabia que os protestantes tinham um lote escondido para as rixas dos gangues, e passavam o escadote, ao jeito de uma falange, ao seu imperador. O Ha-Ha tinha bom braço para dar pancada.

— Atão? Corre, meu ganda estúpido!

Mungo percebeu a oportunidade que lhe davam. Voou pelo telhado e, ao passar o portão aberto, uma saraivada de tijolos fez os agentes debandarem

para debaixo da maquinaria. Correu, derrapou, parou e disparou outra vez na direção da carrinha. Abriu as portas de trás. Não ficou à espera dos miúdos capturados, mas ouviu o reconfortante chapinhar das solas das sapatilhas enquanto corriam, de pulmões a rebentar, pelas ruas encharcadas.

St Christopher, de ombros encolhidos à beira do lago, balbuciava sozinho e enxotava os mosquitos que ferravam. Mungo não sabia dizer se ele amuava, se recuperava só da bebedeira. O homem estava acorrido de costas para eles, como se prestes a afogar a cara ou a chamar o gregório. O vento desarranjava-lhe o cabelo fino, partindo-lhe a madeixa de suor e brilhantina e separando o dourado dos dois centímetros de raízes absolutamente brancas. A vaidade dele impressionava o rapaz. O velho tinha pintado o cabelo como a Mo-Maw, recorrendo a uma tinta de supermercado. Devia-o ter feito na retrete de casa, com um saco preto do lixo pelos ombros a resguardar dos salpicos.

Mungo percebia que St Christopher já tinha tirado dos sacos o resto das bebidas e as aninhara entre duas rochas do lago regelado. Homem de fato e saco cheio de álcool. Não precisava de mais para se instalar.

Mungo foi apanhar galhos, e Gallowgate mostrou-lhe como fazer uma fogueira fraca e hesitante usando madeira húmida e galhos verdes. Juntaram-se os dois no sentido do vento e deixaram as vagas de fumo afugentar os mosquitos. Mungo acrescentou ramos musguntos até a fogueira fazer uma dança luminosa. A cada ramo que punha, olhava e via se o homem estava bem. Gallowgate abriu três lasanhas havia muito descongeladas e enterrou os recipientes de alumínio nas brasas. Mungo levou as mãos à barriga vazia.

St Christopher mantinha-se distante. Longe da luz do lume, a escuridão ficava como que matreira. Como se o céu quisesse ser o lago calmo:

aproximava-se da água em matizes, até céu e lago serem um só e a noite cerrada engolir St Christopher.

— Que nome curioso é o teu. *Mun-go* — disse Gallowgate. Chupava a ponta torta de um cigarro. Tinha esmagado à mão os cigarros enrolados no bolso de trás das calças apertadas, das dobras da mortalha escapava-se tabaco âmbar.

— Sim, talvez. — Mungo viu-o tapar os orifícios com os dedos habilidosos de um flautista. — O meu pai era nacionalista. Queria que os filhos tivessem nomes escoceses tradicionais.

— Pois, mas *Mun-go*. *Foda-se*, é abuso de crianças.

— São Mungo. O santo padroeiro de Glasgow. Ateou uma fogueira do nada ou... uma coisa assim, não sei bem. — Na cabeça dele, os mitos de Glasgow significavam vergonha. Tinha perdido a conta às vezes em que, arrastado para a frente da turma para ler a história da cidade em voz alta, corara ao ouvir a sua própria voz, sem reter uma palavra na memória.

Da primeira vez que lhe chamaram «mungoloide», chegou a casa lavado em lágrimas. Jodie escondera-se com ele no armário da roupa. O feliz estalido e zunido da caldeira a gás tinha-o acalmado enquanto ela lhe secava as lágrimas no casaco de inverno da *Mo-Maw*. Jodie contara-lhe as lendas de São Mungo: o pássaro que nunca voava, a árvore que nunca crescia, o sino que nunca tocava, o peixe que nunca nadava. A do pássaro era a sua predileta: São Mungo tinha ressuscitado o pisquinho depois de umas crianças cruéis o terem matado. Jodie dizia ser este o poder dele: quando o pai morrera, ele tinha ressuscitado a *Mo-Maw* quando ela própria dela já tinha desistido. Ele gostava de Jodie. E perdoava-lhe quando ela lhe mentia.

Gallowgate ergueu a lata numa saudação. Tinha os olhos remelosos da bebida.

— Que maravilha. Achava que por aqui era tudo escória, mas afinal sou um gajo abençoado. Ai, dois santos a protegerem-se no belo do fim de semana grande. Um leva-me pela água em segurança. O outro acende-me as fogueiras enquanto cá estamos. — Tamborilou o coração com o punho. — Se ao menos arranjasse outro que me emprestasse dinheiro. Aí é que eu ficava feliz da vida.

St Christopher veio do escuro a tremer. Estacou à beirinha da luz feito convidado acanhado numa festa em casa. Gallowgate arrotou e fez sinal ao homem para que encontrasse uma rocha onde se sentar. Era embaraçoso ver St Christopher fingir que não tinha amuado, vê-lo a esforçar-se por entrar na conversa, por lhe saltar para cima como um cavalo a galope. Tinha os pés pálidos e escanzelados, e a água tão fria fazia-os luzir que nem porcelana azul.

Enquanto St Christopher se aquecia ao lume, cheirava a leite azedo, a que subjazia comida de peixe. Gallowgate franziu o nariz, virando-o um nadinha ao vento e encostando-se à parede da choupana. Mungo viu-o levantar a camisa e passar a mão pela barriga tensa e dilatada: palavras pintadas até ali, tinha o corpo assinado como o verso da capa dos cadernos da escola. Ficaram sentados à fogueira a beber até os olhos lhes lacrimejarem do fumo. A cada cerveja aberta, o tom ficava mais negro e a conversa descambava. Para Mungo, era como descer a escada de um prédio: a cada patamar ficava mais escuro e as luzes menos brilhante.

— ... Atão, eu agarrei-me a ela e ela tava toda tesa — explicava Gallowgate ao lume. — Disse-me que o marido sabia o que ela fazia e não se importava co isso. Atão pensei cá pra comigo: se esta cabrona não quer saber, posso deixar marcas à vontade, né?

Mungo levou novamente os joelhos ao peito. Não gostava da maneira como o homem passava a língua pelos dentes.

— Que é que fizestes tu atão? — cuspiu St Christopher, sem nada de santo, ávido pelos pormenores sórdidos.

— Atão, agarrei-me a ela. — Gallowgate encostou-se ao rapaz. — E ela tinha uma camisinha azul, assim cuns gatos todos fofinhos à frente. Nem me dei ao trabalho da despir, ela a modos que não era nenhum cordeirinho, tás a ver?, às vezes é melhor um gajo nem arriscar. Lá o meti. E deitei mãos à obra. — Os olhos dele eram opalas à luz. Estendeu a mão em concha. — Tipo. Pus-me a esfregar-me todo nela. Na boquinha do corpo.

A pergunta escapou de Mungo:

— Na boca do corpo?

Os homens pestanejaram e rebentaram a rir.

— No pipi, na pachacha dela, puto. Quando meteres a mão numa, vê lá se parece ou não parece uma boquinha.

St Christopher fez uma careta com os beiços.

Gallowgate riu-se, a ponta do cigarro a pender-lhe do canto da boca. Mungo voltara a fazê-lo: era incapaz de perceber a diferença entre o que alguém diz e o que realmente quer dizer. Sentia os olhos desatarem no seu piscar nervoso. Tentou-se rir durante os espasmos, na ânsia de ficar por dentro, e não por fora, daquilo tudo.

St Christopher não tinha tempo para o miúdo.

— E ò depois?

— Ò depois, deito-a no sofá e aqui vai disto, *mesmo à séria*, tás a ver? Tou todo enterradinho nela até aos tomates e diz-me ela assim: «Ai, vamos prò quarto lá de cima.» — Escarrou para o lume, o cuspo crepitou um nada e sumiu-se. — E lá vou eu a levá-la escada acima como se ela fosse um casaco velho numa cruzeta.

Mungo pensou nos ganchos de cabide que tinham feito nas aulas de

tecnologias. Cavilhas de metal curvadas em G, aquecidas e mergulhadas num revestimento em pó e enroscadas em madeira barata. Mordeu o beijo.

St Christopher deu uma palmada na perna.

— És mesmo um sacana dum porco.

— Chegámos lá acima e só me posso ter enganado, era o quarto duma catraia. Mas ela tá-me a esgatanhar todo, e tamos cum tesão do caralho.

— É uma galdéria, é o que ela é — disse o santo. Mungo perguntou-se se ele conhecia a mulher.

— Tava eu em cima dela a comê-la na cama de solteiro. — Gallowgate levantou-se e começou a dar estocadas com as ancas à luz da fogueira. O rosto pálido, inchado do álcool, pairava qual Lua no céu. — E ò depois olho prà alcatifa dela e não me acredito no que tou a ver.

— Atão? *O que é que foi?*

Gallowgate aproximou-se da fogueira. Arqueou as costas, Mungo distinguia-lhe os contornos de um inchaço nas calças onde a carne se apertava na anca. Baixou o olhar. Gallowgate deu uma passa, contendo a tensão e saboreando a impaciência dos seus santos.

— Atão não é que, no ano antes disso, eu lhe tinha montado a merda daquela alcatifa às flores no quarto da filha?

— Ai sim? E *atão?*

— Um bom montador de alcatifas nunca esquece obra sua. Atão não é que eu tamém lhe tinha comido a filha naquela alcatifa? — Gallowgate jogou a cabeça para trás, todo ufano, e expirava que nem uma chaminé vaidosa.

Demorou um minuto, mas St Christopher uivou feito cão acabado de ser mordido.

— Ah, meu ganda sacana. — Aqueles seus dentes partidos pareciam perigosamente afiados. Deu uma palmada no joelho.

— Pois. Pra ratas não tenho boa memória, mas nunca me esqueço duma carpete bem posta.

Mungo não entendeu a piada. Olhou de um para o outro, mas sabia agora que era melhor não perguntar.

— A miúda devia ter andar plos quinze aninhos. Galifona como a mãe.

— Gallowgate tirou do saco uma garrafa de uísque. Bebeu-a em longos tragos como se fosse *ginger ale*. — Eu aprendi bem cedo que é das casas grandes dos ricos que tens de andar à coca. Uma gaja que dá cabo da cabeça ao marido a querer vidros duplos só pode tar carente de alguma coisa. — Agarrou na frente das calças, acariciou o entrepernas e apertou-o, como se o tentasse esganar.

St Christopher deixou de uivar.

— Não sabia que montavas alcatifas.

— Alcatifas. Cozinhas. Catraias. O que for preciso, eu monto. — Riu-se de si para si.

St Christopher anuiu, num respeito silencioso.

— Deve ser espetacular ser assim novinho, poder correr os riscos todos e mais alguns.

— Pois. Sempre fui bom de mãos. — Gallowgate bateu com os nós dos dedos na cabeça. — O problema é ser uma lástima no resto.

— Ainda tens a vida toda pla frente. — St Christopher tentava chegar ao uísque como um bebé a pedir o biberão, os dedos débeis a agarrarem o ar. Gallowgate passou-lho, e St Christopher, quando parou de beber, arfou, limpou a boca e disse: — Tu nunca devias ter ido sequer parar a Barlinnie. Um miúdo como tu na choldra?

Mungo vira a Prisão de Barlinnie. Tinha ouvido a Mo-Maw recorrer a ela para ameaçar Hamish quando ele afrontava a lei com os motores roubados e

os sacos de pastilhas contaminadas. Percebera como a prisão incutia um medo tácito no irmão.

A cara de Mungo deve ter formulado uma pergunta, pois Gallowgate mirou-o antes de virar os olhos para o santo.

— Porque é que raio fostes dizer isso ao puto? — Gallowgate sacudiu o cigarro ao homem. — Vais assustar o chavalo. — Mas alguma coisa no sorriso dele dizia a Mungo que ele não estava zangado com St Christopher. Nem se importava de meter medo a Mungo.

— Dizer-lhe o quê? — St Christopher ergueu-se de um salto nos pés descalços. Fez uma dança desajeitada à procura do cigarro aceso nas pregas do fato sujo.

— Que tivemos na *prisão*. — Gallowgate esboçou um sorriso escarninho a Mungo. — Ele há de ficar a pensar que anda cum par de borrachões.

Mungo remexia na crosta do joelho e fingiu-se imerso nela.

— Porque é que vocês foram presos?

— Por invasão de propriedade — disparou logo Gallowgate. Algo nele o fazia parecer mentir, mas Mungo não tinha a certeza. — Foi um acidente. Caí pla claraboia mesmo no meio dum armazém. Quando dei coa saída, tinha os braços cheios de camisolas da bola.

O santo fez um ruído como se o quisesse contradizer, mas Gallowgate deu um chuto nos seixos e fez voar uma saraivada deles na direção do homem. Mungo deu um salto com a ligeireza do ato.

— Isso. Invasão de propriedade, foi isso mesmo — concordou o santo, relutante. Algo na maneira de ele falar fez Gallowgate relinchar.

— E tu? — inquiriu Mungo. A crosta saiu-lhe da pele. — Porque é que estiveste preso?

O santo fitou Gallowgate e novamente o miúdo. Não respondeu. Gallowgate falou por ele:

— Por vadiagem.

St Christopher pareceu ofendido, mas nada disse.

— Meteram-te na prisão por *isso*? — perguntou Mungo.

— Bem, por isso e por ser feio. — Gallowgate riu-se enquanto tirava as lasanhas chamuscadas das cinzas. — Quem tá com fomeca?

Tiveram de esperar um bom bocado que as travessas arrefecessem o suficiente para lhes poderem pegar. A conversa esmoreceu quando os homens tentavam comer as partes queimadas de carne e queijo, duro como borracha. St Christopher pôs o jantar de lado, como se não tivesse interesse nele. Agarrou outra vez no uísque e encheu o bandulho. Mungo achou a comida com sabor fumado deliciosa. Enquanto a massa lhe alargava a barriga, fitou o lume e pensou na cadeia, na pobre mulher e na boca do corpo. Engolida a última trinca, sentiu-se pesado, cansado de todo aquele ar puro. Devia estar cheio de espasmos na cara, pois Gallowgate fixava-o diretamente.

— Na escola devem-se meter contigo por causa disso, hã?

— Às vezes — disse Mungo. Levou a mão à bochecha e, conforme a carne se lhe contraía, começou-lhe a remexer com o indicador. Ao esfregar, sentiu a pele levantar-se.

— Pára lá de esfregar a cara — disse Gallowgate. — Não te serve de nada — Aproximou-se. — Tira a mão, deixa ver. — Gallowgate envolveu-lhe o queixo na palma áspera e inclinou-lhe a cara à fogueira. — Incrível.

— Não gozes comigo. — Mungo tentou-se afastar da mão rude.

— A sério. É como se a tua cara tivesse vontade própria. Tá-nos a mostrar o que tu sentes aí dentro sem precisares de fazer nada. — Gallowgate rodou a bochecha de Mungo para o lume. A pequena área onde o miúdo esfregava a pele estava seca e irritada, ao longo do osso saliente da bochecha. Correu-lhe suavemente o dedo pelo osso. — Isto ajuda?

— Não. — Mungo baixou-se e soltou-se de Gallowgate.

Este retraiu-se como se estivesse aziado.

— Imagina só. Dá-te Deus uma cara bonita, pra dar cabo dela assim. Ganda cabrão.

— É cruel! — entoou St Christopher.

— Pobrezinho do Mungo. Tão tenso que ele tá. — Gallowgate inclinou a cara para a Lua distante. Escapou-lhe então um súbito e medonho uivo que deu a Mungo vontade de fugir. Gallowgate baixou o rosto sorridente ao rapaz, os incisivos afiados repuxavam-lhe o beijo. — Vá, uiva lá comigo.

Mungo abanou a cabeça. Gallowgate pôs-se de pé e estendeu a mão ao garoto, puxando-o para a noite.

— Uiva. Vais-te sentir melhor.

Mungo levou a cabeça atrás. Não se tinha dado conta, mas afinal o céu não estava completamente negro. Havia estrelas em todos os cantos visíveis. Mesmo quando pensava ter encontrado uma parte vazia, os olhos ajustavam-se e o céu enchia-se de estrelas foscas, e depois, do que parecia ser a nata que as estrelas deixavam. Nunca vira o céu noturno desta maneira. Nunca o vira tão limpo, sem o ténue filtro laranja das luzes do bairro.

Deu um uivo. Um som timorato e no fim apressado, o queixo caiu-lhe ao peito.

— Assim, não. *Assim*. — Gallowgate inspirou, engoliu a noite. E uivou feito um monstro. Rasgou o sossego, fez Mungo ansiar pelo regresso do silêncio. Perscrutou o lago escuro, no receio de algo responder.

Gallowgate desistiu.

— Prontos, se não uivas, atão salta por cima da fogueira. — Deu uma corridinha e pulou por cima das brasas. — Anda lá!

St Christopher andava a divertir-se com as parvoíces deles, mas nisto

sentou-se.

— Mas antes despe-me esse blusão, puto, ou ficas com ele vestido pra sempre.

Mungo livrou-se do corta-vento azul e sentiu o frio que vinha do lago. Avançou nas trevas, correu e deu um pulo por cima das chamas. Passou sem dificuldade por cima do lume mortiço, aliviado por não passar vergonha. Algo parecido com felicidade fundiu-lhe o frio dentro dele. Ia atrás de Gallowgate, aos pulos e em círculos com ele, os dois aos berros feitos um par de chanfrados. As estrelas, a fogueira, o lago fundo, de repente tudo lhe pareceu bem, e por instantes esqueceu completamente Glasgow. Esqueceu a razão por que o tinham mandado ir com aqueles homens.

Passaram algum tempo a saltar por cima da fogueira, até Gallowgate começar a esbarrar em Mungo e a colidirem os dois no ar, no moche dos metaleiros. Mungo parou de pular, fingiu ter uma pontada. Gallowgate esparramou-se no cascalho. Abriu uma cerveja e quis passá-la ao rapaz.

— De manhã, fervo-te uma pouca de água, mas agora bebe isto. Ajuda-te a dormir.

Mungo deu-se conta de não ter bebido nada o dia inteiro, nem água do lago, nem chá com leite. Cheirou a lata, com o seu odor familiar a levedura. Sabia que os homens o viam a considerar aquilo, mas sentia-se reticente em relação à bebida. Tinha visto a tristeza medonha que continha, logo por baixo da contente espuma. Devagar, levou a lata aos lábios: o primeiro gole aliviou-lhe a garganta seca, mas o sabor espesso a aveia fez-lhe subir o vômito. Os homens assentiram. Mungo descobriu que, se desse um trago e a deixasse na boca antes de escorrer pela garganta, a cerveja era menos enjoativa, não sabia tanto a mofo. Se a sugasse e fizesse passar pelos pequenos orifícios entre os dentes, a densidade e a intensidade diluíam-se, e passava a parecer água velha e ácida da loiça.

Os homens iam passando o uísque entre si enquanto Mungo desfolhava ramos verdes para o lume. Passado um tempo, virou os rins regelados para a fogueira: nada existia para lá desta poça de luz fraca. Sentia os olhos pesados quando St Christopher voltou a falar.

— Já tens pentelhos?

A cerveja fazia-o mais descarado.

— É só disso que vocês sabem falar? Pachachas, bola e pentelhos?

— É galhofa de homens. — Gallowgate deu um risinho. — Que idade tens tu mesmo?

— Já te disse. Quase dezasseis.

— Atão já tens muitos pentelhos?

— Talvez — disse Mungo, escarminho. — Não é da vossa conta, ou é?

— Não é vergonha nenhuma tornares-te homem, seu macho peludo. Calha-nos a todos. — Gallowgate estendeu a mão para o garoto lhe dar mais cinco. — Anda, dá cá, meu grandalhão.

Mungo, cansado, estendeu a mão. Num gesto ágil, Gallowgate agarrou-lhe no punho e, torcendo-o, virou o miúdo para o seu colo e estrangulou-lhe a garganta com o antebraço. Foi uma violência súbita, a lata de cerveja rolou pela escuridão. Mungo esqueceu as estrelas e a fogueira. Gallowgate esticou os dedos grossos e enfiou-os por entre as costelas de Mungo. Encontrou a dor antiga.

— Quando te perguntam uma coisa, não sejas respondão.

— Eu não fiz por mal.

O homem soltou-o com a mesma rapidez com que o prendera. Mungo esforçou-se para se pôr de pé. Ficou um bom bocado longe deles, com os olhos vermelhos do fumo. Não se atrevia a esfregar os olhos.

— Não comeces cos tiques, puto — rosnou Gallowgate, troçando da cara insubmissa de Mungo. — Eu tava só no gozo.

St Christopher sorvia a lata sentado, a sorrir que nem um palerma.

Mungo não queria passar por criancinha, por isso testou um riso descontraído e fingiu perceber a piada.

— Essa é boa, Gallowgate. — Ainda sentia a impressão dos dedos de Gallowgate, ali na pele, a carregarem-lhe no costado dorido. Mungo deslizou no escuro, fingiu ir mijar ao lago. Conforme os olhos se ajustavam à escuridão, a água reverberava a mesma cor do céu, mas reluzia ligeiramente ao luar, com o céu mate por cima. O vento que vinha do lago cheirava a chuva. Mungo ficou muito tempo ali na margem à espera. Via os homens iluminados como num diorama: bebiam, fumavam, olhavam o nada. Formava frases na cabeça, pensava como voltar a entrar no grupo, quando Gallowgate deu um berro à escuridão e anunciou a hora de dormir. St Christopher, num gesto da cabeça, concordou.

Mungo emergiu da escuridão e foi à tenda vermelha, junto à água, com um único saco-cama. Gallowgate estalou a língua e disse qualquer coisa sobre os veados selvagens, a apontar para a tenda dupla da choupana. O garoto estava demasiado cansado para amuar. A cerveja azeda borbulhava-lhe na barriga, e arrastou-se enquanto Gallowgate pisava a fogueirinha com o calcanhar da sapatilha. Este voltou a apontar para a tenda na choupana. Observava, com toda a autoridade de um pai, o miúdo a rastejar para dentro da tenda.

Mungo ali ficou, de calções e corta-vento azul, a coçar as picadas de mosquito das pernas. A terra era fria como o chão da cozinha, e o coração apertou-se-lhe ao pensar novamente que não tinha roupa mais quente nem para hoje nem para amanhã. Esfregou os joelhos frios e enfiou-se num dos sacos-cama, fechando os punhos e apertando os mãos entre as pernas para se aquecer. Era escusado. A terra debaixo dele era voraz: mal o corpo lhe aquecia, as pedras sugavam-lhe o calor com a mesma rapidez.

Primeiro lamentou a outra tenda, mais pequena e só com um saco-cama, mas agora, no breu, estava contente por não ficar sozinho. Havia algo de aterrador no que se poderia esconder no lago, para lá da fogueira, e fazia uma noite surpreendentemente fria. Mungo encolheu-se todo para se aquecer. Os olhos pesavam-lhe à espera que um dos homens se viesse deitar. Ouvia-os andarem até à beira do lago e a falarem baixinho entre eles, enquanto mijavam ruidosamente para a água. O brado do uísque não os parecia isolar do frio. Pela força com que inspiravam, percebia-os tão gelados como ele.

Gallowgate abriu a tenda. Parecia um esforço grande integrar a sua constituição bêbada no espaço pequeno. Baixou o fecho e ficaram juntos, assim selados dentro da tenda. Gallowgate caiu no saco-cama húmido, expelindo o ar num chiar. O espaço apertado encheu-se do cheiro dele a uísque, tabaco, peúgas encardidas e sovacos quentes. Ficava cada vez mais húmido, parecia uma boca fechada.

— Tás bem, parceiro? — perguntou ele na calada. Os dedos vasculhavam o ar em busca de Mungo, premiam a escuridão como um datilógrafo zeloso. Procurava o miúdo até que os dedos encontraram a cara de Mungo, no sítio onde lhe crescia a penugem ao longo do maxilar. Por algum motivo, os dedos continuavam-se a mexer. O anelar de Gallowgate roçou no lábio de baixo de Mungo, os anéis frios de encontro à bochecha do rapaz.

Mungo afastou-se.

— Estou bem. Estou cansado.

— Ah, tás aqui.

Mungo percebeu que Gallowgate esfregava as palmas das mãos.

— Parece a porra do Báltico, né? — No escuro, esticou um braço grosso e fincou Mungo debaixo dele, puxando-o ao peito para se aquecer. — Se nos aninharmos, fica mais quente. Nunca andei nos escuteiros, mas já vi

filmes que chegue pra saber que é melhor ficarmos juntos, senão, de manhã tamos mortos. É o verão da Escócia, hem?

O homem apertou-o mais ao peito. Mungo desviou-se, mas Gallowgate ajustou-se-lhe às costas. Gallowgate, não sendo grande, era todo tendões e músculos. Mesmo debaixo de duas camadas de tecido, Mungo sentia o estômago alargar-se e inchar-lhe o fundo das costas, até não haver nada entre os dois.

— O St Christopher não vai esfriar? — disse Mungo. — Não a queres partilhar com o teu amigo?

— Ná. Deixa-o tar em paz e sossegadinho. Isto é uma verdadeira dádiva pra aquele sacana.

— Como assim?

— Ultimamente o Chrissy não tem tido sorte. Passa as noites no Great Eastern. Conheces o *hostel*? É preciso estofo.

Mungo vira o refúgio para sem-abrigo da Rua Duke, perto da que dá para a Wellpark. Era uma antiga fábrica de algodão, de imponente fachada vitoriana a parecer uma cadeia; abrigava agora trezentos homens por noite em minúsculos cubículos para dormir. Passavam as manhãs a convencê-los a não mendigarem nos degraus de pedra, mas eles por lá se arrastavam feitos fantasmas. Era dos poucos edifícios que até Hamish tentava evitar, atravessando a estrada quando por lá passava.

— Não te preocupes co Chrissy — disse Gallowgate. — Já passou tantas noites na miséria que agora deve achar que tá no Paraíso.

O braço de Gallowgate ia pesando no peito de Mungo. O respirar do homem ficava lento e quente, Mungo sentia-lhe as pestanas na nuca.

— Vamos ficar juntinhos, tu e eu. Como os clãs serranos.

Mungo teve uma vontade repentina de falar. Abriu a boca, e as palavras irromperam-lhe. Nem pensou, foi como se dele brotasse uma fuga e se

derramasse uma história sem fim só para encher a escuridão. Veio num sussurro, sem peso de pausas nem de pontuação.

— Quando eu tinha seis anos o meu irmão ensinou-me a andar de bicicleta o meu pai já se tinha ido embora e o Hamish ia-me ensinar andava sempre a dizer que ia mas no Natal quando me deram uma bicicleta ele não me ensinou e quando lá veio o verão disse-me que eu o tinha feito sentir-se mal e por isso levou-me à rua.

Mungo ouviu o fecho lateral do saco-cama de Gallowgate abrir-se. Seguiu-se o lento e metálico abrir do saco-cama de Mungo. Sentiu as calças de Gallowgate inesperadamente frias contra as suas pernas nuas. O braço do homem desceu à cintura do rapaz. Os dedos dele abriam-se como uma estrela sobre a barriga de Mungo.

— O Hamish nem me deixou experimentar as rodinhas de apoio tirou-as logo e disse-me para eu nunca as usar meteu-se na bicicleta e foi a pedalar para longe de mim fez-me correr tudo atrás dele até lá acima no monte grande meteu-me na bicicleta e segurou-me no selim e antes de me largar disse que me ia às fuças se eu caísse. — Mungo continuava a falar ao escuro. — A bicicleta estava bamba mas andei tempos sem fim em cima dela e foi ficando mais rápida e rápida até eu não conseguir pedalar e ter de levantar os pés porque os pedais me batiam nas pernas. Por um bocadinho senti-me feliz. — Inspirou. Sentia os lábios do homem um nadinha abertos, um nadinha no nó das costas. — Quando cheguei ao fundo não sabia que fazer porque o Hamish não me tinha ensinado a parar ou a virar então continuei e fui direito ao carro vermelho magoei a cara o braço e o joelho e a bicicleta fez saltar o tampão duma das rodas e eu fiquei no chão a sangrar do nariz e a chorar quando o Hamish veio a correr agarrou em mim e nos fomos esconder atrás dos arbustos.

Gallowgate deixou sair um arrepiante bafo de ar fétido. E começou a

roncar. Mungo sentiu aquele braço morrer-lhe à volta. Parou de falar. O saco-cama partilhado estava agora bem mais quente. Sentiu-se parvo por se ter preocupado.

O peitoril estava marcado com fieiras de dentes, perfeitas meias-luas de ansiedade. Mungo passou a tarde inteira ajoelhado em frente à janela e mirava a rua à procura dela, os dentes cavando a madeira macia com o sabor metálico do chumbo. O pequeno apartamento tinha as marcas do que roía por distração: os cantos das toalhas mastigados e molhados, a bainha da camisa do uniforme escolar enrolada numa bola que metia na boca até se engasgar, o cabo da espátula de madeira com o padrão repisado no sítio onde a cerrara nos molares.

Depois da trapalhada com a polícia, Mungo passava muito tempo à janela. Durante dias evitou Hamish o melhor que pôde, movendo-se em raios bem amplos para lhe ficar longe da linha de visão. Não serviu de nada.

Um dia Mungo chegou a casa vindo da escola, Hamish estava sozinho, sentado na *kitchenette*. Por cima da cabeça dele, estavam suspensas no estendal camadas de roupa limpa. Jodie tinha andado ocupada a tratar da casa, a desfazer as camas, a deixar a roupa branca em lixívia. Hamish estava sentado por baixo da roupa, a fumar. Dava cabo de tudo.

— Oi. — A descontração com que lhe saiu surpreendeu o próprio Mungo. Sentia desilusão por ver o irmão, e também uma espécie de alívio doentio. A mochila deslizou-lhe do ombro.

— Tens andado a evitar a gente — disse Hamish numa gargalhada cúmplice, os dedos manchados de tinta fresca. Gostava de oferecer a si próprio tatuagens com uma agulha de costura das velhas e uma esferográfica rebentada. Na curva do nó de uma das mãos lia-se «Adri», na

outra, «Anna»: Adrianna, o nome em azul da filha rosinha. — Tem graça. Eu é que devia ficar embaraçado por me cruzar contigo.

As tatuagens de Hamish davam uma sensação de imprevisto e desarticulação. Eram formas primitivas, desenhos nunca pensados ou dispostos num plano grande e coeso. De manhã, quando Hamish se vestia, Mungo tentava-as decifrar. As cabeças de boi, os punhais e as serpentes enroladas pareciam aleatórias, e distribuía-se-lhe na pele branca da nuca às canelas. Furavam-no um milhão de picadelas, pequenas irrupções de tinta azul, e os símbolos pareciam dispersar-se nele feitos constelações no céu noturno.

— Viste a Mo-Maw? — Mungo abriu os armários da cozinha na esperança de não estarem vazios, mas sabendo que estariam.

— Não. Deve ter dado à sola. Deve dinheiro a alguém? — Atirou o cigarro, num piparote, à pilha de pratos do lava-loiça. — Deixa-lhe um pires de leite e um pacotinho de bolachas. Ela volta quando precisar de alguma coisa.

Mungo pirou-se da *kitchenette*. Não ia haver nada que comer até Jodie acabar o turno. Se não voltasse esta noite, nada haveria até amanhã de manhã.

— Não me agradeceste por te ter salvo naquela noite. — Hamish encetava a sua ameaça. Seguiu o irmão para a sala. Mungo jogou-se no sofá e quis que ele se despachasse logo. — O que é te passou pela cabeça? Nós não távamos num filme de guerra. Porque é que não deixaste o cenourinha?

— Ele estava ferido.

— *E depois?* Enfie um tijolo na cara do bófia por ti. Podia ter ido parar à choldra por andares a fazer de bom samaritano.

— Ele quase morria. Borrou-se todo. Não o podia deixar lá. — Mungo mantinha os olhos presos à televisão desligada: era melhor ver Hamish pelo

reflexo, sem se cruzar com o olhar provocador dele. — Pareceu-me só errado.

Hamish levantou Mungo. Envolveu-lhe a nuca na mão tatuada e encostou a testa do irmão à sua. Devia ter visto algures aquela maneira de os pais reconfortarem os filhos, ou de os dominarem. Deve-lhe ter parecido meigo, mas dentro de si algo havia muito se retorcer. Mungo retesou os músculos da barriga e aguardou pelo golpe.

— A bófia tem batido às portas todas a perguntar pla gente. Querem saber quem é que anda a roubar os empreiteiros. Não vai tardar até alguma cabrona se chibar toda, e tudo por não conseguires ser homenzinho.

Quando o golpe chegou, não foi na barriga, como Mungo previra. Hamish chegou-se e torceu-lhe o nariz. Era uma manobra baixa que vinha da infância, e Mungo, sempre propenso a isso, começou a sangrar do nariz. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas reluzentes, mas não chorou. Tinha aprendido a não dar essa alegria ao irmão. Hamish gostava de lágrimas: se lhe oferecêssemos algumas, ia à caça de mais. Mungo puxou a bainha da camisola para cima e enrolou-a ao nariz. O tecido fazia mais de coador que de tampão.

— Pára lá co chorinho. Não tá partido. — Hamish, com o nó do dedo, subiu os óculos na cana do nariz. Sorriu, e Mungo soube então que queria que voltassem a ser amigos. Hamish era assim, volátil. Era isso que o tornava tão perigoso.

— Olha, no outro dia tava-te a ver. Não fiquei impressionado.

Mungo conseguia imaginá-lo de olhar ameaçador no telhado, sem perder pitada pelas lentes corretivas.

— Eu não devia lá estar.

— A questão é essa. *Devias* lá estar. És o meu caçula e dá-me vergonha ver-te andar assim.

— «Assim» como?

— Como se fosses bom de mais pra isso. Andas por aí feito panasquinha.

— Hamish fez uma pausa para ver se o golpe tinha acertado no alvo.

Mungo ficou contente por ter metade da cara tapada pela camisola. Sentia a corrente arrancar-lhe no olho direito. Beliscou o nariz, que sangrava.

— O que é que achas que o pai diria? Se o Ha-Ha grande por cá andasse, tinhas levado uma tareia pla parvoeira. Não roubaste nada, não lixaste nada, nem da bófia fugiste sozinho. — Hamish tirou um pedaço do tabaco dos lábios. — Andas muito ocupado a fazer festinhas ao Bobbyzinho.

— Não é verdade.

— Sinto que te estou a falhar, Mungo. Que não te ando a mostrar o que é ser homem. — Isso parecia desiludi-lo genuinamente. Nos ombros marcados havia uma mansa e rotunda derrota que nunca iria levar consigo para a rua. — Sinto que não te ando a criar bem.

Mungo sabia ser um grande peso para o irmão, mas era tolo achar que Hamish o poderia ter criado. Tinham idades demasiado próximas. Se deixarmos cair uma pedra numa poça, é como se esperássemos que a onda da frente gerasse a que vem logo atrás. Mungo não era muito inteligente, mas até ele sabia isso ser impossível. Uma onda só podia deixar seguir a onda atrás, ignorando por completo aonde ela própria ia.

A Mo-Maw não gostava que os filhos lhe chamassem mamã, nem mãe, nem nunca apenas Maw. Dizia ser demasiado nova para essas merdas. Tinha quinze anos acabados de fazer quando teve Hamish, e só dezanove quando Mungo nasceu. Nasceram tão perto uns dos outros que podiam ter vindo todos de braço dado. Mungo fora o único que não rebentara a cantar. Os outros dois tinham saído numa sanha, punhos cerrados e caras azuis,

mas ela dizia que Mungo se limitara a mirá-la, tristonho, como se já esperasse ser uma grande desilusão.

A Mo-Maw podia passar por mana mais velha de Jodie — e todos os dias lembrava os filhos disso. Mungo recordava-se da altura em que os quatro partilharam um único refrigerante na fila para o filme do *Livro da Selva*. Mungo tinha deixado os nervos da Mo-Maw em franja por lhe pedir um cachorro-quente do quiosque ao canto.

«Eu gosto de mostarda», protestara ele. Só tinha cinco anos.

«Olha o jantar, Mungo», ameaçara-o a Mo-Maw, mas o mais novo não comia muito. Ela não o tinha visto comer nada de substancial em três dias inteirinhos. Era um miúdo que se distraía, mais dado a preocupações, divagações e traquinices que a ficar sentado à mesa da cozinha.

Mungo afastara-se da venda cheia de vapor. Fora pairando até aos cartazes iluminados, e ela sabia que ele perdia a oportunidade de meter alguma coisa sólida no estômago. A Mo-Maw fechara a matraca, pagara o cachorro-quente caro e besuntara-o de mostarda amarela cintilante. Mungo dera uma dentada antes de a cara se lhe rebentar num castanho-avermelhado bem forte. Ele, teimoso de nascença, não cuspira e tentara mastigar. Jodie dissera que o comeria em vez dele, mas a Mo-Maw ficou numa fúria viva e enfiara o cachorro todo no lixo.

Ela ainda estava com a crista levantada quando a rapariga da bilheteira lhes perguntara o que queriam.

«Quatro bilhetes de criança», respondera a Mo-Maw, a tentar passar por miúda.

Hamish deslumbrara-se com o brilho das luzes. Mungo via-lhe os olhos virados para ocidente e para o céu, mas a boca inclinada para a Mo-Maw.

«Mamã.» Hamish sabia bem que não lhe podia chamar aquilo e dizia-o

na clareza de um sino. «Mamã, achas que podemos comprar pipocas quando entrarmos?»

A rapariga da bilheteira fungara e forçara um sorriso. Tinha um ar de contentamento na cara, que dizia bem da vontade que tinha de contar esta história às assistentes de sala durante a pausa. A Mo-Maw agarrara no antebraço de Hamish antes de ele conseguir desviar os olhos dos cartazes luminosos. Rodou-o, e o rosto dele tinha tanto de fascínio quanto de terror. Mesmo naquela época, a Mo-Maw era só uns centímetros mais alta que o mais velho, mas ia matá-lo como se matam as galinhas nos aviários. Fê-lo andar em bicos dos pés e batera-lhe na barriga das pernas. «Uma, duas, três», contara Jodie. O rosto da Mo-Maw ficara vermelho ao levantar a mão com o balanço todo de um golfista profissional. Mungo avançara então e pusera-se à frente do irmão. A mão da Mo-Maw desceu demasiado depressa e apanhou-o em cheio na barriga. A salsicha saltou-lhe de dentro. Se se tivesse dado ao trabalho de engolir, o cachorro-quente teria vindo no grande monte de vômito sórdido.

— Por isso, tenho andado aqui a pensar. — Hamish já estava com a mão na maçaneta da porta. — Preciso de passar mais tempo contigo. Tenho de tratar de ti.

— Estou bem como estou. — Mungo ainda falava pela camisola ensanguentada. Aspirou um coágulo do nariz.

Hamish chegou-se desconfortavelmente perto e pisou-lhe os dedos dos pés. Preparou o punho num arco largo e levou-o à cara de Mungo. O rapaz encolheu-se quando Hamish parou a um nada de lhe tocar no nariz dorido.

— Primeira lição — cuspiu ele. — Nunca mais me fales assim na puta da vida.

Mungo tinha sentimentos contraditórios quanto à pausa intercalar de fevereiro. As aulas aliviavam-no de passar o dia inteiro preocupado com a Mo-Maw, e ele ansiava pelos almoços de graça na cantina. Com a escola fechada uma semana, sentia-se mergulhar na apatia. Jodie não tinha tempo de o distrair: ficava com mais turnos no café italiano, pois o salário mal chegava para dar de comer aos dois sem os subsídios da Mo-Maw.

Boa parte dos dias, Jodie deixava Mungo sentar-se com ela ao almoço e partilhavam uma piza frita numa das cabinas do fundo do café. Enzo agarrava numa piza congelada, partia-a no joelho e dobrava-a ao meio. Mergulhava-a num polme, a mesma substância viscosa que sufocava o peixe e as salsichas todas, e dava-lhe uma fritura rápida. Acabava numa gloriosa massa pesada e fervilhante de queijo derretido. Mungo tinha de a rebentar para deixar o magma arrefecer antes de lhe poder tocar. Quando terminavam, sentiam-se os dois cansados e cheios de gordura, mas com uma sensação de enfartamento que os reconfortava.

Mungo baloiçava as pernas debaixo da mesa e testava a conjugação dos verbos em francês de Jodie. Ele era mauzinho a francês: cada frase sua parecia dita por um gago desvairado, e a ideia de que algo tão simples como uma colher tinha um sexo gramatical inquietava-o, dava-lhe vontade de partir alguma coisa. Era um jogo sem que ninguém lhe dissesse as regras. Quando pressionava Jodie para lhas dizer, ela encolhia os ombros. Ele, quando lhe fazia uma pergunta, errava na pronúncia, pelo que Jodie corrigia a pergunta e dava uma resposta perfeita. Era boa a esse ponto. Ele deitou a cabeça na mesa e disse a Jodie que ela acabaria por ir para a faculdade e viver numa casa toda bonita do West End. Ela dava-lhe com o avental e voltava ao trabalho.

Depois disso, Mungo tinha pela frente o dia inteiro escancarado. Às vezes mordida o peitoril, outras ia chatear a Sra. Campbell. Batia-lhe à porta

e perguntava-lhe se tinha algo que fazer. Era uma mulher ocupada, quando se sentia útil, ficava nas suas sete quintas, e por isso respondia quase sempre que não. Às vezes, porém, no tapete da porta de casa, passava-lhe os dedos pelo cabelo espesso. Ele gostava daquelas unhas curtas a varrerem-lhe o couro cabeludo. Precisou de umas quantas visitas para se dar conta de ser essa a razão de lá ir.

Jodie chegou uma ou duas vezes a casa com notícias de um avistamento da Mo-Maw. Uma das clientes do café tinha-a visto em Haghill ou a entrar na camioneta para Barras de braços atulhados de compras. As mulheres não haviam falado com ela, só a tinham visto, mas diziam que parecia bem, animada, toda fresca. Jodie mentia e dizia que sim, «sim», a Mo-Maw estava ótima — andava toda eufórica por ter sido avó da pequena Adrianna, filha do Ha-Ha.

No conforto do lar, Jodie passava-se com estas observações. Borrifava de desodorizante o calçado do trabalho e chamava nomes feios à mãe, que faziam Mungo ficar branco. Ela era severa com a Mo-Maw como só as raparigas sabem ser. Dizia que era como ter um cão perdido que não podíamos admitir que tinha fugido, uma cadela estouvada que esperávamos que voltasse a casa com o cio. Estas aparições começaram por consolar um pouco Mungo. Davam-lhe a esperança momentânea de ela não ter sido morta, de não andar a boiar nas águas turvas do rio Clyde. Mas, se estava viva, porque não voltava para casa? Tempo depois, começou a odiar receber notícias dela feliz, histórias dela a assobiar pela Trongate.

Nas férias, guardou distância de Hamish. Evitava o apartamento do bairro onde ele morava com a namorada, a bebé e a sogra, que não o era. Contornava o baldio onde os miúdos jogavam à bola e organizavam disputas territoriais com os católicos do bairro de Royston.

Desde o episódio com o tijolo que a polícia andava sempre a subir e a

descer de carro as ruas do bairro. Batiam à porta de quem lhes dissesse quem eram os rapazes que tinham pilhado o estaleiro. Quase toda a gente sabia ter sido o Ha-Ha, mas ninguém se arriscava a dar com a língua nos dentes. O agente ainda estava internado no hospital. Tinha o maxilar lacerado e quatro parafusos: ficou com a boca bloqueada, que não conseguia abrir para comer sólidos.

Atrás dos prédios havia um lugar esquecido e tranquilo, um amontoado de árvores entre a berma da autoestrada e a última correnteza de arenito cheio de fuligem. A câmara tinha vedado os terrenos que pretendia tratar, e do outro lado o departamento de infraestruturas rodoviárias murara a autoestrada cheia de trânsito. Entre as duas vedações ficava um pedaço de relva devoluto, purgatório de uns doze metros de comprimento. Nas férias, Mungo sentava-se na relva a catar as flores em desalinho, sentindo culpa pelo agente ferido. Às vezes passavam por ali velhos com cães sem trela, mas Mungo ficava quase sempre sozinho. Tirava o caderno e desenhava as grelhas e as fachadas cruzadas dos prédios. Sem levantar a caneta, enchia uma página dupla com um muro de tijolos e janelas de venezianas bem estreitas. Mas a caneta errante não lhe serenava o espírito. Fechava o caderno e os olhos, pousava o queixo nas mãos entrelaçadas e sentia a brisa dos condutores no trânsito, a acelerarem para Edimburgo.

Havia um pombal na ponta oposta do relvado descurado. Um abrigo de dois metros por dois e quatro de altura. O torreão retangular parecia montado à pressa com chapa ondulada e velha, tendo na frente um par de pesadas portas de melamina, provenientes de mesas de cafés desmontadas. Toda a estrutura tinha um ângulo periclitante, mas era suficientemente robusta: cada junção solidamente pregada ou soldada, o telhado impermeabilizado com tela asfáltica. O telhado tinha fixa uma claraboia deslizante, e por cima um cesto de arame suspenso que funcionava como

uma espécie de armadilha. A torre, ainda que de sucata, transmitia orgulho doméstico. Quem a construía fizera-o com enorme cuidado: pintara-a de um azeitona desmaiado, tom singelo que a disfarçava naquele baldio. De um dos lados, tinha uma porta funcional com três pesadas barras de ferro na horizontal, cada uma com ferrolho.

Mungo andava ali a desenhar na relva havia dois dias, e neste terceiro, a porta do pombal por fim abriu-se.

Um rapaz arrastava os pertences à luz tímida do Sol, como se os quisesse arejar. Fez o seu número à vontade, Mungo a fitá-lo por cima do caderno. O rapaz devia ter umas costas fortes para carregar as gaiolas enormes de dentro do pombal com aquela facilidade toda. Arrastou os pés e cambaleava, com os braços compridos a baterem-lhe dos lados. Ao longe, entre os braços desengonçados e as mãos hábeis, havia nele conflito. Podia ser um rapaz ou um homem, dependendo do lado para que se virava ou da maneira como a luz lhe batia.

Vestia um fato de treino cinza de felpo grosso. Na cabeça uma boina de malha, das dos pescadores, de um azul bem escuro. As orelhas sobressaíam-lhe como duas folhas de hortaliça e usava a boina acima delas, o que a deixava solta, como se não a conseguisse passar por cima das orelhas. O tufo de cabelo, loiro ruço, fazia-o parecer alguém que passa a vida ao ar livre, e as bochechas eram bem rosadas, dos dias ao vento e à chuva. Fazia lembrar a Mungo um agricultor: parecia resoluto, solitário. Ia na sua vida parecendo bem satisfeito por ali estar.

O rapaz não tinha visto Mungo, ou vira-o e não quisera saber. O rosto dele estava voltado para o céu, a mirar os pombos planarem acima dos prédios. Algo nas nuvens lhe atraiu o olhar, e desapareceu dentro da torre. Ouviram-se pesadas passadas numa escada, a claraboia abriu-se e ele espreitou do telhado, qual capitão de um submarino de madeira. Segurava

algo nas mãos grandes. Mungo viu-o afagá-lo, sussurrar-lhe baixinho e levá-lo aos lábios para um beijo. Lançou-o ao céu, e lá foi a esvoaçar, até aos telhados de ardósia do bairro social, um pombo de tom claro.

— Cruu cruu, cruu cruu, cruu cruu — O rapaz imitava o arrulhar da ave.

A avezinha rodopiou acima do arenito. Seguia as outras, que por instantes desapareceram num mergulho. Quando Mungo voltou a olhar para o pombal, ainda o rapaz estava pendurado na claraboia, mas fitava agora com má cara Mungo. Voltou para dentro. Saiu pela porta baixa e pôs-se a andar em passos largos na direção de Mungo.

— Quanto tempo vais tu ficar aí especado? — perguntou-lhe ele, abrupto. Mungo via-lhe a firmeza na cara: os músculos desciam-lhe das grandes faces ao maxilar e, à espera de resposta, moviam-se e pulsavam de vida.

— Faz-te diferença? — Era de coragem, talvez um bocado estúpido. O nariz ainda lhe doía do golpe de Hamish, e este rapaz era mais alto que ele uns bons centímetros.

O que antes no rapaz parecera do Norte, e vigoroso, contraía-se agora de incerteza, voltava a parecer ter a idade que tinha. A boca compunha um arco largo, com dentes brancos e grandes, mas espaçados entre si.

— É que se a minha pomba te vê aí sentado — e apontou para a pomba ausente —, podes espantá-la e ela não volta.

— Como é que uma ave tem medo de mim?

O rapaz, preocupado, fitou o céu. Parecia dividido. Seria mesquinho pedir a um estranho que se fosse embora, não parecia dele.

— Olha, podes não te mexer? Põe o caderno de lado, podes assustá-la a virar as páginas.

Mungo anuiu e fechou o caderno. O rapaz sorriu de alívio. Tinha um ar engraçado: falhas entre os dentes, orelhas salientes e nariz achatado. Mas,

quando sorria, era desarmante. Havia nele algo de descomplicado. O sorriso nunca lhe saía dos lábios quando os olhos regressavam ao céu, e Mungo deu por si a fixá-lo. Era como se este rapaz não pudesse ter passado um dia que fosse nas mesmas ruas que Mungo conhecia, como se nunca precisasse daquela postura insensível, da bazófia da proteção, da promessa sórdida de ser o primeiro a ir às fuças. Nele nada havia de reservado ou temeroso. Mungo não conseguiu evitar sorrir-lhe também.

— Sou o Mungo.

— Sei muito bem quem tu és — disse o rapaz. — O teu Ha-Ha costumava-me dar na boca pelo gozo. — O rapaz ainda olhava para o céu, mas estendeu a mão a Mungo e levantou-o. Puxou-o com tanta força que Mungo, por instantes, levitou. Sentiu o cheiro a ar fresco no rapaz quando ele lhe deu uma palmada nas costas. — Eu sou o James Jamieson. Vivo na rua atrás da tua. Consigo ver a tua Jodie a dançar pelo quarto.

Mungo fechou um olho e coçou a nuca.

— Desculpa. Ela teve três semanas de danças escocesas quando tinha oito anos. É mais forte que ela.

— Eu não me importo — disse James. — Não é lá muito airoso. Mas era sempre bem simpática connosco quando eu me cruzava com ela na rua.

Toda a gente odiava Hamish, mas toda a agente adorava Jodie. Dizia muito da bondade dela que quem não aguentava nem Hamish nem a Mo-Maw ainda tivesse Jodie em tão grande conta. Mungo desconhecia onde ele próprio ficava no meio daquilo tudo. Às vezes sentia que os estranhos o viam como outra nódoa na vida desta rapariga tão incondicionalmente boa.

James levou Mungo ao seu pombal. A uns cinco metros da torre, deitaram-se de barriga para baixo. James agarrou num rolo de corda branca da roupa, que Mungo viu colear pela relva no sentido da torre. Estavam à espera de alguma coisa. James piava baixinho, a imitar o gorjeio cheio e

gutural de um pombo. «Cruu cruu, cruu cruu, cruu cruu.» A cada arrulho, levava a cabeça atrás como se fosse espirrar. Os olhos varriam-lhe a linha do horizonte a tentar entrever a ave ruça. Mungo abriu umas vezes a boca para dizer alguma coisa, mas James levava o dedo aos lábios, e Mungo deixava-se afundar na relva húmida.

A pomba ruça acabou por regressar num círculo acima dos telhados. Todo o corpo de James corou de alívio. «Cruu cruu, cruu cruu, cruu cruu.» Estava agora de joelhos e inclinava-se a cada arrulho.

A pomba aterrou no telhado do pombal, e eles ainda se mantiveram à espera. Outra ave, pouco maior e de aparência mais comum, girou em torno da pomba ruça. Aterrou no telhado de tela e começou a mirar a pomba de James. Travaram os duros bicos num beijo combativo.

— Ah, estão a fazer a corte. Boa! — Mungo sentia ao seu lado James vibrar. A ave de James estendeu-se ligeiramente, e o intruso montou-a. O rapaz mexeu-se, deu um sacão à corda. O cesto de arame fechou-se sobre os amantes. Os pombos bateram fortemente as asas e acalmaram-se. — Meu bonitão!

James correu ao pombal. Tinha capturado o pombo de alguém usando a sua bela pomba como chamariz. Mungo foi atrás dele. Dentro do pombal, uma escada de madeira levava à plataforma instável que constituía o andar de cima, e um segundo escadote à claraboia. Na parede dispunham-se dezenas de gaiolas de madeira descartada, cobertas de rede de galinheiro. Cada gaiola era preenchida de um pombo aparentemente inquieto. O fedor era avassalador.

James Jamieson devolveu a ruça sedutora à gaiola. Descia cautelosamente a escada com o pombo novo na mão.

— Ando há uns dois anos a tentar apanhar esta pestinha. Vê-me só. É um papo-de-vento. — Virava a ave cinza, examinando-lhe o bico e o rabo. A

ave limitava-se a piscar os olhos. — É o campeão do Flannigan Baixinho. Vai ficar mesmo de rastos. Quem me dera ver a cara dele.

— Não o vais devolver?

James deitou a língua toda de fora.

— Então não vou? O objetivo é mesmo esse, é o que ando há anos a tentar: ter o melhor pombal do East End.

Deixou que Mungo afagasse as penas fofas e macias do pombo. A ave parecia-lhe incrivelmente comum, mas chilreava toda contente e não parecia minimamente incomodada por um estranho a agarrar.

— Preciso de tempo para o mimar. De o ligar bem a mim, percebes? Para ter a certeza de não ir ao pombal dos outros atrás doutro rabo de saias.

— Ficar sem uma ave não te preocupa?

— Eh pá, perco aves a toda a hora. É a vida. Quando as deixas sair sozinhas, vão o mais longe que permitires, é um risco que corres. Se quiseses, elas voltam. Se não voltarem, é porque as perdeste.

— Soa àquelas canções *country*.

James encolheu os ombros.

— Parece-me a modos que honesto.

— O quê? Ser atraído para dar uma?

James olhou para Mungo de uma maneira que o fez sentir-se ameninado.

— Como é que eu posso ficar zangado se uma ave das minhas me deixar? Eu é que sou culpado por não lhe ter feito um pombal bom que chegasse. Não deviam sentir-se assim tão felizes para quererem cá ficar. — Dois pombos bicavam-se através da rede das gaiolas. James meteu uma das mãos entre os dois e afastou-os. — Se te sentisses infeliz, davas de frosques, ou não davas? — perguntou ele a Mungo.

— Mungo! Mungo! — Alguém lá fora chamava por ele. Era a vantagem de se chamar Mungo: quando chamavam por aquele nome, é porque

andavam mesmo à procura dele. Jodie soava entusiasmada e ao mesmo tempo chateada. Mungo pôs a cabeça de fora. Ela surpreendeu-se de o ver surgir do pombal.

— Que andas tu aí a fazer?

Mungo limitou-se a encolher os ombros e a apanhar a mochila.

— Porque é que tu não estás no café?

— O Enzo deixou-me sair mais cedo.

James e Jodie mal reconheceram a presença um do outro. James ainda agarrava no seu pombo campeão e nada lhe parecia poder dar cabo do dia.

— Tenho notícias. A Sra. Campbell contou-me uma coisa. Tens de vir comigo.

Mungo passou uma alça por cada ombro. Enquanto se afastava do pombal, James agarrou-lhe no corta-vento.

— Espera. Amanhã voltas?

— Talvez — disse, enganoso, Mungo.

James voltou-lhe a estender a ave, que pestanejava.

— Pronto, vai-te lá. Deves dar sorte, tu.

Aguardaram que as luzes da rua se acendessem, que as boas famílias corressem as cortinas e se refastelassem à frente da televisão. Jodie e Mungo saíram então do prédio e foram pela estrada principal. Caminharam no sentido oeste, contrário ao das carreiras noturnas bem luminosas que traziam os casais da noite de baile. Caras meio cortadas olhavam aqueles dois de cima a percorrerem a estrada movimentada. Era tarde. Mungo pegou na mão da irmã e ia do lado de fora da berma, reservando para si a gravilha e o salpicar das poças provocados pelas camionetas.

Caía uma morrinha, o ar ainda doía das geadas do inverno. Quando

chegaram à imensa estrutura do hospital da Real Enfermaria, já os enfermeiros do turno da noite se amontoavam fora, a fumar debaixo do toldo das urgências. Quando Jodie era mais nova, a Real Enfermaria metia-lhe pavor. Para ela, era um edifício com a forma da diretora de uma escola vitoriana: severa e cruel, uma advertência para nos portarmos o melhor que podíamos. Erguia-se que nem fortaleza, pairando, imponente, acima da cidade. As torres maciças, com torreões e balaustradas a toda a extensão do telhado, davam ao edifício uma sensação de confinamento, como se fosse não um hospital, mas uma prisão. Era mais antigo que qualquer um dos dois poderia imaginar, e a fachada ocidental acumulara décadas de chuva e gases do escape dos carros até verter um negrume puro. Não era lugar aonde quiséssemos ir parar. A superfície picada do arenito fazia sombras e dava à cidade uma escuridão que preenchia os sonhos de Jodie. Ela levou muito tempo a acreditar que era àquele lugar tão agourento que as pessoas iam para ficar melhor.

Mungo envolveu o ombro de Jodie com o braço. Ela não andava a comer bem, nenhum deles andava, mas Jodie deixava-o sempre com boa parte da pizza frita e Mungo não se lembrava da última vez que a tinha visto comer um prato inteiro de comida.

Esperaram para passar os semáforos que regulavam a densa artéria da High Street. Existia uma ilha separadora, em forma de triângulo, logo do outro lado do hospital. O baldio era demarcado por um bar sem janelas e pelos destroços pouco discretos de um prédio meio demolido, que fazia a ilha parecer uma zona de guerra bombardeada. No meio do entulho encontrava-se uma rulote branca, que derramava um rasgão de luz na noite húmida. Corriam carros de todos os três lados.

O *snack-bar* atraía uma fila de camionistas à espera do jantar e de varredores de rua à espera do pequeno-almoço. Debaixo do toldo de

contraplacado amontoavam-se homens de manga curta. Fumavam, todos a tiritar, e faziam uma dança de um pé para o outro, com a chuva a pingar-lhes pelo colarinho da camisa.

Ei-la, no halo da luz amarela, a mexer nacos de carne numa chapa fervilhante. Jodie quis virar costas e ir-se logo embora, mas Mungo agarrou-a e ali ficaram, pacientes, à espera que a fila avançasse. A mulher parecia contente. Falava com os clientes habituais numa familiaridade fácil que demonstrava já se conhecerem. De vez em quando parava de cozinhar, agarrava na cabeça de um dos clientes e perguntava-lhe como andava a mulher doente ou se os miúdos se portavam bem. Escutava com atenção quando um homem do lixo debatia o conflito sindical que tinha com a companhia. Mungo viu-a fazer perguntas perspicazes que traduziam o profundo cuidado dela. Jodie virou-se para ele e disse-lhe discretamente:

— Faças o que fizeres, só te peço que não me deixes rir.

Chegados à frente da fila, saíram do escuro para a luz fluorescente enjoativa.

— Oi — disse ela, como se se tivessem encontrado por acaso na paragem do autocarro. — Que é que andam vocês os dois a fazer aqui tão longe?

Mungo nesse instante perdoou-a. Foi invadido de um profundo alívio. Virou-se para Jodie, mas ela tinha o maxilar cerrado e os olhos eram só navalhas.

— É só o que vais dizer? Oi? *A merda dum oi?*

Jodie tentou soltar o braço, que Mungo agarrava e não largava. Ele não tirava os olhos da Mo-Maw, fitando-a todo devoto. «Vá lá, Jodie», pensava ele. «Deixa-me olhar só mais um bocadinho para ela.»

— Escuta lá, ó minha menina. — A Mo-Maw apontava para a filha, de espátula gordurosa estendida feita dedo de Deus. — Foi exatamente por causa dessa tua postura que deixei de ter vontade de vos ir ver.

— De nos ir ver? De nos ir ver! — Jodie raramente se zangava. Eles, em mais novos, diziam muitas vezes no gozo que Hamish ficara com a raiva de cada um deles. Mas Jodie agora passava o tempo todo zangada. Mungo despertou da reverência. Viu a cabeça de Jodie recuar e o cabelo húmido voar-lhe, indomado. — Tu não *vais ver* a porra dos teus filhos, ó minha grande serigaita. Regressas todas as noites para a porra da tua casa, garantes que os teus filhos comeram e tomaram banho e vais metê-los na cama, vês se fizeram a merda dos trabalhos de casa e se comeram que chegasse ao almoço e, com sorte, tens dez minutos de sossego antes de começares tudo outra vez. — Apontava um dedo afiado à mãe: espátula e dedo quase se tocavam. Começava a contorcer o rosto do riso nervoso. — Haaah-ha.

Mungo viu a Mo-Maw murchar. Vários taxistas estavam boquiabertos, os bocados enormes de salsicha meio mastigada pousados nas línguas gordas. Esta ingrata aos gritos abalou-os. Quando ela se riu, ficaram sem perceber a piada. Corriam rios de lágrimas pela cara de Jodie.

— O que não se faz, o que não se faz *mesmo*, é deixares os teus filhos sozinhos enquanto andas desaparecida. Não dás à sola para dares uma pinocada, e eles em casa a achar que morreste.

— Só queríamos que soubesses que temos saudades tuas. — Mungo sentiu uma vontade súbita de dizer aquilo. Afligia-o o receio cada vez maior de a Mo-Maw prender a rulote a um carro e os largar outra vez, ali rodeados de uma dezena de estranhos. Jodie fuzilou-o com o olhar como se ele fosse um traidor.

A Mo-Maw inclinou-se ao balcão. Depôs nos lábios de Mungo um beijo molhado.

— Amor. Passei duas vezes por casa pra trazer laca e roupa limpa. Desculpa lá. Deixei um recadinho a vocês.

Mungo ficou de queixo caído, virou-se e lançou um olhar furioso à irmã.

— Porquê? Ia-te doer menos saber que a mãe não esperava nem meia hora que chegassem da escola, queres ver?

A Mo-Maw fechou os dois botões de cima da blusa. Falou por cima das cabeças dos filhos.

— E esta, hem, Johnny? Desisti eu desta silhueta por estes ingratos. Agora percebes porque é que bebo. — Mirou Mungo de cima. — Saíam daqui e esperem ali por mim, já vou ter com vocês quando tiver um minutinho.

— Mas...

— Tou a trabalhar. Sentem-se lá ali.

A Mo-Maw não podia sair logo do *snack-bar* e conversar, mas deu chá e dois pães farinhentos com toucinho fumado e morcela a cada um. Mungo viu a irmã vacilar antes de agarrar no dela. A mesa de piquenique escorregava da chuva, mas a carrinha demovia o vento mais agreste. Mungo secou um sítio para Jodie se sentar. Seguravam o chá com cuidado procurando o calor que perpassava na esferovite. Da manga do casaco de Jodie espreitava um pedaço da camisola rosa. Quando ela não estava a olhar, Mungo puxou a camisola e prendeu os dedos nas malhas soltas. O trânsito noturno acelerava. Mungo tentava não cruzar o olhar com as mães que miravam de dentro dos seus quentes *Saabs*.

— Jodie? — A voz dele era de incerteza. — Tenta-te lembrar das coisas boas. Nem tudo nela é mau. — Jodie fitou-o. Mungo prosseguiu e, avançando, enumerava com os dedos as qualidades da mãe. — Ela tem graça, nem sempre quer ter, mas tem. Não guarda rancor nem fica a pensar nas coisas más. Raramente nos chateia. Ela é, ela... — Estacou. — Qual é aquela palavra que começa por *r*, quando te derrubam mas te levantas outra vez?

Jodie nem hesitou:

— Rançosa, raramente-sóbria, realmente-egoísta?

Quando se resolveu a afluência do turno da noite ao pequeno-almoço, a Mo-Maw saltou da rulote. Ela não era nada parecida com a sua prole. O tom moreno dos filhos devia ser dos irlandeses hispânicos, que corria no sangue do pai deles. Mungo nunca vira fotografias do pai. Uma vez, houve a promessa de um rolo de fotografias por revelar algures numa das gavetas da cozinha, mas a Mo-Maw parecia nunca dar com ele. A mãe era mais baixa que Jodie — a mãe, descalça, só tinha metro e meio —, mas fazia um monte de caracóis acastanhados no cocuruto para dar a ilusão de ser alta. Tinha ossos pequenos e traços delicados, olhos verdes e vivos. Era mais branca que os filhos e de aparência frágil, mas a fragilidade estava só à superfície.

A mãe vestia uma bata gordurosa e, por baixo, calças de ganga acima do tornozelo e sapatilhas brancas novinhas em folha, daquelas todas vistosas com o símbolo da *Nike* de lado. A Mo-Maw percebeu que eles reparavam no luxo.

— Pois me doem as costas de ficar o dia todo de pé à grelha. — Trazia um copo de esferovite, que reluzia do laranja liquefeito do refrigerante. Sentia-se um cheiro adstringente a álcool, um forte odor curativo que, apesar da chuva, se notava. Jodie já remexia uma lasca da mesa.

— Então, há quanto tempo é que trabalhas aqui? — Mungo achou ser um sítio seguro por onde começar.

— Duas semanas, mais coisa menos coisa. — A Mo-Maw estava sentada junto a Mungo, acendia um cigarro húmido teimoso. — O Jocky conhece a Ella, uma gorda de Liverpool. A Grand'Ella tem uma frota inteira destas carrinhas e precisa de quem faça aqui o turno da noite.

— Quem é o Jocky? — perguntou Mungo.

A Mo-Maw puxava o cabelo da nuca: a antiga permanente parecia

estafada e frouxa. Mungo pensou como, em poucas semanas, o cabelo podia crescer muito.

— O Jocky é o meu homem novo — fungou. — É dono da casa de penhores da Trongate. Vocês esperem só até o conhecerem. É de cair prò lado, pensem num Nicolas Cage assim prò baixinho e anafadinho. É bom garfo. — Afastou o cabelo de Mungo dos olhos. Gostava de o mirar, era bonito e, por enquanto, a parte intacta dela e do Ha-Ha pai. Não tinha a aspereza de Hamish nem o cansaço de Jodie. — Queres uma *Commodore 64*? Se quiseses, o Jocky consegue-me uma.

Mungo abanou a cabeça. Não queria um computador.

A Mo-Maw pousou as mãos na mesa. Reparou em Jodie a olhar-lhe para as unhas. Debaixo das luzes da rua pareciam sem nada, mas, quando ela as sacudia, Mungo viu-lhes o fulgor pérola.

— Gostas? — perguntou ela a Jodie. — Achei que o teu tom rosa forte me dava um ar assim um bocadinho prò acabado. As miúdas de hoje andam todas com estes tons de pele. Levei um bocado a habituar-me, mas acho que ficam mais simples e jovens, não ficam?

Jodie fitou tão intensamente a mãe, que a Mo-Maw se virou para Mungo e lhe perguntou se tinha alguma coisa na cara.

— Vives com ele? Com esse tal Jocky? — perguntou Jodie. — Deves viver, mas porquê?

— Porque não? Valha-me Deus. Eu só tenho trinta e quatro anos, ó Jo-Jo. — Mungo sabia que a irmã odiava o diminutivo, dizia que a fazia parecer um macaco dançante. — Daqui a uns meses, fazes dezassete. Tinha eu a tua idade e andava a treinar o Hamish pra largar as fraldas. Que mal é que tem, hã? O Jocky trata-me bem, leva-me ao restaurante chinês, paga-me as entradas e tudo.

— Hóstias de camarão também? — perguntou Mungo.

— Sim. E banana frita, se eu quiser. — A Mo-Maw voltou a olhar para Jodie. — Tenho de tentar dar um bocadinho de felicidade à vida enquanto posso.

Jodie fez sinal a Mungo, do outro lado da mesa. Ela tinha a cara molhada da chuva, o que lhe dava a palidez da cera, e o semblante assustadoramente calmo.

— Ele ainda só tem quinze anos. Ainda não acabaste de criar os teus filhos, sua galdéria egoísta. — E repetia-se. A batalha campal entre Jodie e a Mo-Maw por causa de Mungo. Ele sentia-se sempre no meio. A qualquer altura podiam-se pôr de joelhos e cada uma a tentar atraí-lo feito cão com um bocado de toucinho.

— Olha, caludinha. Sabemos as duas que gostas muito de fazer de conta que és tu a dona de casa. — As bochechas cavavam-se-lhe quando chupava o cigarro. Mungo procurou os pés de Jodie debaixo da mesa e enrolou as pernas nos tornozelos dela, prendendo a irmã.

Disse a Mo-Maw:

— Olha, agora tenho algum dinheiro. Não é muito, mas é qualquer coisinha. — Eles ouviam o chiar das sapatilhas novas. — Passo por casa e pago as contas todas. Podemos ir todos às compras à Duke. Podem comprar as bolachas de chocolate que vocês quiserem. — A Mo-Maw tomou a mão de Jodie na sua. Mungo achou que Jodie podia apunhalar a mãe. — Vão ter de ficar sozinhos mais um bocadinho. Só até eu saber onde é que isto co Jocky vai dar.

Era tão cedo que se fazia tarde. Formava-se uma nova fila de táxis pretos, parados na berma. Saltavam do trânsito, e Mungo via os taxistas de barriguinha a suspirarem de alívio quando saíam para a chuva.

— Podemos-te ir fazer uma visita? Ver onde moras? — Mungo sentiu a bochecha desatar no seu motim.

A Mo-Maw pousou o queixo no ombro dele. Esforçou-se por lhe dar um beijo na face trémula.

— Ná, filhinho. Agora não.

— Porquê? — Para Jodie, a resposta dela não chegava.

A Mo-Maw inclinou-se e agarrou nas mãos de Jodie de uma maneira que a assustou.

— Falando de mulher pra mulher: tu podes inda não saber como é que os homens são, mas eu não posso complicar as coisas co ele. Inda é cedo pra armar confusão, prò chatear.

— Para o chatear?

— Um dia vais perceber. Preciso que as coisas continuem assim relaxadas mais um tempinho, é só isso. — Levantou-se para servir os homens e voltou a abrir os dois botões de cima da camisa. — Tenho de encontrar a altura certa pra dizer ao Jocky que tenho filhos.

Mungo foi convocado. Todo dobrado à frente da televisão, desenhava uma espiral estreita que não sabia como acabar. Jodie mirava-o em longas dissertações sobre se ele devia ir. Desligou a televisão e lembrou-o que seria pior se ele não fizesse exatamente o que Hamish pedia.

Hamish passava a maior parte do tempo nos prédios mofentos do bairro construídos nos anos 60. A Sra. McConnachie vivia no último piso e, desde que Hamish engravidara a Sammy-Jo, a filha mais nova dos McConnachies, ela sentia-se na obrigação de o deixar andar por lá. Mungo conseguia perceber que o irmão, quando lá ficava, fazia o esforço de ter a melhor atitude possível. Agia com embaraço, de semblante tenso, numa relutante paciência. Isso só servia para ele comprimir toda a crueldade na parte do dia em que não se encontrava preso debaixo do teto dos McConnachies. Mas Hamish sabia bem que podia arriscar ainda mais a sorte: a Sammy-Jo só tinha quinze anos, a Sra. McConnachie podia metê-lo na prisão por abuso de menores. O médico dela chegara mesmo a contactar os serviços sociais, e os serviços sociais contactaram a polícia. A Sammy-Jo a todos mentiu: disse não saber quem era o pai, e na certidão de nascimento um funcionário público escreveu, na sua letra mais bonita, «incógnito». Hamish copiara a palavra e tatuara-a atrás da orelha direita.

Mungo estava à ombreira da sala de estar da Sra. McConnachie. Ainda não o tinham convidado a entrar. Seis rapazes do estaleiro estavam enfiados no sofá. De coxas apertadas uns contra os outros, entornavam-se pelos braços do sofazinho. Nos fatos de treino de *nylon*, pareciam muitos sacos de

plástico enfiados uns nos outros: uma trapalhada ruidosa e inflamável de cores e marcas patrocinadoras. A aparelhagem dava a vibração frenética da música tecno: alguém tinha uma cópia pirata de um *set* do Carl Cox na discoteca Rezerection. Parecia que o DJ emitia uma sirene de alerta por cima de um *breakbeat* gago. Era um som tão agressivo — mexia-se tão depressa — que Mungo se sentia tenso.

O ruivo era o único a olhar para Mungo. Fez um aceno discreto e virou os olhos azuis límpidos para os programas televisivos das manhãs. Era só, era aquele todo o agradecimento que Mungo iria receber por o ter salvado. O braço dele parecia lacerado: florescia-lhe dedos azul-escuros da ponta do gesso rosa insalubre. Já estava coberto de pilas desenhadas à mão, cada veia latejante meticulosamente desenhada a marcador grosso e assinada com orgulho. Os olhos do rapaz eram de um azul remoto, e tinha os lábios finos irritados à volta por cheirar um saco de cola fresca. O braço devia-lhe doer mesmo muito.

Um dos irmãos MacPhersons estava sentado no sofá. Dizia-se que eram ao todo quatro irmãos, mas que só estavam dois MacPhersons em simultâneo nas ruas do bairro. Iam tantas vezes entrando e saindo do centro de detenção de Polmont para jovens delinquentes, que parecia que a Sra. MacPherson os ia levar e trazer de uma casa de penhores, dependendo do que a dada altura aguentava. Mal MacPherson se sentava no braço partido do sofá, rufava silenciosamente as baquetas brancas nas pernas: a esquerda fixava a batida, a direita somava-lhe a vibração. Parou e levou com grande cerimónia as baquetas ao alto, formando uma linha rígida, com as pontas ligadas dentro do nariz do rapaz. Manteve-se o tempo de um compasso — Mungo quase era capaz de ouvir a pausa na toada da marcha — e repetiu a batida surda. Era um rapaz dedicado. Andava sempre a treinar para as competições de bandas orangistas que tinham lugar no Auld Resolute, um

clube de homens trabalhadores, uma sala barricada e sem janelas que ficava, ousadamente, no extremo católico do bairro de Calton.

Na televisão muda, uma inglesa mergulhava uma jarra em líquido e mostrava ao público a técnica do craquelado. Cada um dos rapazes olhava, boquiaberto, para o ecrã. Na mesinha em frente, encontrava-se um maço de fraldas dobradas por entre um monte de autorrádios roubados, garrafas de *MD 20/20* meio bebidas e um machado bem grande.

O machado era caseiro. Alguém agarrara no cabo de um martelo de bola e o enroscara a um pedaço de metal afiado. Mungo sabia que um dos tios dos rapazes ainda trabalhava na construção naval e, quando podia, lhes trazia restos de aço. O machado parecia uma arma medieval capaz de rachar o braço a um homem. O rapaz polira-o com carinho e envolvera o cabo em faixas azuis, brancas e vermelhas de fita isoladora. Afiara a lâmina até brilhar, guinchava só de se olhar para ela. Mungo não conseguia deixar de a mirar.

A Sammy-Jo McConnachie estava sentada no braço da poltrona. Nadava dentro de uma das camisolas de Hamish. Tinha a bebé rosinha enfiada debaixo da camisola e tentava amamentá-la. Mungo viu-lhe o peito de perfil. O inchaço parecia doloroso: veias inflamadas marcavam-lhe a parte de baixo de cada mama, como se duas enormes groselhas tivessem sido cosidas ao tórax de uma criança. A rapariga tinha um ar cansado e parecia à beira de chorar. A bebé alvoroçava-se e fazia sons de cólicas. Os seus cinco miseráveis cabelos estavam apanhados num alegre lacinho.

A mulher interrompeu a técnica que aplicava à jarra e mostrou-a às câmaras, para que se vissem os intrincados remoinhos. Os rapazes entreolharam-se de assombro: na testa brilhavam-lhes pérolas brancas da acne.

— É mesmo bonito — disse o ruivo. Todos anuíram.

A Sammy-Jo pôs-se a cirandar pela sala, no esforço de limpar a mesa antes de a mãe chegar do trabalho. Mungo lembrava-se dela, da escola. Andara no ano a seguir ao dele, era delgada e arrapazada sem que a sua aparência tivesse ainda enrijecido numa sofreguidão masculina. Cheirava sempre a champô de maçã e achavam-na a miúda mais gira do bairro inteiro. Mungo vira os rapazes dos anos antes e depois do dele a tentarem aproximar-se dela, mas, claro está, tinha sido Hamish a dar-lhe a volta. Hamish era um desafio para as miúdas: conseguia ser tão amargo e hostil que, quando com jeitinho lhe arrancavam uma pequena cortesia, ficavam todas ufanas do seu próprio encanto. Hamish dissera à Sammy-Jo que perto dela se sentia um homenzarrão, que ela, e só ela, o fazia querer dar um jeito à vida. Desde então que Mungo a via a andar de maneira diferente, feita redentora de copa B. Como podia ela resistir a Hamish?

— Ha-Ha! — guinchou ela. O diminutivo de Hamish soava sempre estranho a Mungo, como um mau ator a arrancar uma gargalhada falsa a ferros. — Ha-Ha! Diz-lhes pra tirarem os pés da mesa boa da minha mãe.

Mungo conseguia perceber que Hamish não pretendia sair de casa. Não queria levar o batalhão de rapazes a vaguear pelas ruas cheias de morrinha. Era cedo de mais para fazer balbúrdia.

Ela tentava arrumar o monte de autorrádios, mas os fios tinham sido cortados de maneira grosseira e desenrolavam-se sempre numa pilha desorganizada. A bebé arfava debaixo da camisola grossa. A Sammy-Jo fora esperta, lembrava-se Mungo, era daquelas miúdas tão fluentes em hieróglifos matemáticos que era como se fosse sua língua materna. Começou a abanar os biberões de fórmula para perceber o que ainda tinha mais.

— Tens dinheiro?

— Ia-te perguntar o mesmo. — Ele tinha os olhos colados à televisão.

A Sammy-Jo parecia à beira do choro. Um dos rapazes largara a televisão e olhava-lhe abertamente para o lado do peito inchado.

— Ha-Ha!

Hamish tirou os olhos da televisão, furo por perder o craquelado.

— Que foi? A tua mãezinha não te deu nada prà menina?

— Isso é pra lhe fazer os furos nas orelhas.

— Ouve, só preciso duns trocos prò bilhete da camioneta. Tenho de ir ao centro de emprego da Rua Jamaica. — Ele fez sinal para a mesa. — Até podia levar os autorrádios ao mercado do Paddy e vendê-los antes da janta. Assim ficávamos co meu subsídio do desemprego e o que conseguir por isto.

— Ná.

— Ficavas com guita pra lhe furares quatro vezes as orelhas.

Não era agradável observar Hamish a ter de debater e negociar. Mungo habituara-se a vê-lo conseguir o que queria, e vira-o ameaçar a Mo-Maw e Jodie quando resistiam. Mungo perguntava-se quanto tempo levaria ele a bater na Sammy-Jo.

Uma cantora desatou a berrar «You make me feel so real» por cima da batida tecno. Mungo ficara à espera na ombreira. Era óbvio para ele que ainda não o tinham autorizado a falar.

— Posso-te dar dinheiro, Hamish — disse ele. — Se quiseres.

Os rapazes viraram-se todos, a olhar para ele. Nunca ninguém chamava «Hamish» ao grandalhão.

— Pronto. Eu depois devolvo-to. — Hamish franziu o sobrolho à Sammy-Jo. Nunca dizia «por favor» nem «obrigado».

Mungo revistou o bolso do corta-vento. Jodie dera-lhe dinheiro para comprar material escolar, e ele não o gastara todo. Hamish empurrou-o para

o corredor e foram para a *kitchenette* estreita, onde Hamish lhe deu uns carolos.

— Tu nunca mais me chames isso à frente deles. O meu nome é Ha-Ha. São só quatro letrinhas, foda-se, nem tu és tão burro pra te enganares.

A *kitchenette* era mais pequena até que a da Mo-Maw. Mungo sabia que Hamish tentara deixar os nomes dele e da Sammy-Jo no rol de casas para habitação social, de maneira a conseguirem uma para eles. A funcionária da câmara ficara horrorizada: uma rapariga de quinze anos não devia viver com um homem de dezoito.

Mungo deitou-lhe as moedas na mão.

— Sabes que tenho coisas que podias vender. Se isso ajudar a menina.

— O quê, por exemplo?

— Um carro com controlo remoto e um daqueles jogos dos *Space Invaders*.

— Népia. Já vendi isso tudo. — Hamish depressa mudou de assunto. — Olha, tenho uma coisa pra ti. — Levou a mão ao bolso de trás das calças. Atirou uma coisa pequena ao irmão e, num estalido, disparou uma lâmina de sete centímetros. Mungo recuou e caiu no caixote do lixo. Segurou-se à bancada de melamina, a contemplar a laminazinha. Hamish dava-lhe estocadas na barriga e sorria num prazer insano. — Depois da puta da zaragata no estaleiro, precisas duma naifa pra te protegeres.

A navalha, pequena e prateada com cabo de ónix falso, não era grande. Parecia poder talhar sofregamente uma maçã ou cortar um bocado da corda velha da roupa. Hamish, como se lesse a mente de Mungo, espetou-a num pacote de açúcar branco. Uma, duas, três vezes. O açúcar jorrou do pacote e cintilava na bancada.

Mungo meteu as mãos nos bolsos. Fechou os cotovelos contra o corpo.

— Porra, nem pensar. Não quero isso.

— Não te estou a pedir. — Hamish esticou a navalha na direção do irmão.

— E se sou parado pela bófia? E se me apanham com uma naifa?

Hamish rosnou.

— Foda-se, Mungo, olha-me lá bem pra ti. A bófia ia-te parar *pra quê*? És tão ligeirinho que até me espanta teres ossos que te mantenham em pé.

— Não quero uma naifa.

Hamish fechou a navalha. Abriu o fecho de velcro do corta-vento de Mungo e deixou-a cair no bolso.

— Ouve lá, cara de cu, quanto mais ando com os Billies, mais os fenianos hão de querer fazer mal a um dos Hamiltons. Mesmo que não a queiras pra ti, fica co ela pela Jodie. Tu nunca sabes quando é que precisas de enfiar uma naifada num cabrão. — Selou cuidadosamente o velcro. A conversa acabou. Hamish passava o dedo pelo açúcar branco e lambia-o, ouvia-se-lhe um som seco entre os dentes. — Outra coisinha, preciso que me ajudes na sexta.

— Eu? — Fez um gesto para ir para a sala, onde ouvia o guinchar e os programas infantis que passavam repetidos na televisão. — Porque é que um dos Billies não te pode ajudar?

Hamish vasculhava os armários da cozinha. Andava à procura de alguma coisa açucarada para comer, e de alguma coisa elétrica que pudesse pôr no prego. — É boa ocasião d'a gente passarmos um bocado juntos, tu e eu. Fica sabendo que te hei de mostrar a seres um homem à séria. A mim é que não me fazes passar vergonha.

— Mas na sexta ia ajudar a Sra. Campbell.

— Foda-se. — Hamish abanava a cabeça. — Na sexta-feira! — Tinha um carácter vincado, categórico. Franziu o lábio de cima em desagrado. — E se eu tiver de te ir buscar, vais-te arrepender.

Jodie sentia dificuldade em concentrar-se com o grasnar das gaivotas. Tinha espalhado os trabalhos de casa pela mesa dobrável e sabia só ter trinta minutos até o homem dela chegar com o peixe frito, altura em que teria de esconder tudo o que a lembrasse de ser uma criança. Meros trinta minutos antes de a mesa se abrir e ficar uma cama dura e desconfortável sobre a qual ele poria um lençol elástico.

Afinal, quem é que queria saber dos «erros fatídicos cometidos pelos Italianos na administração das suas colónias de África»? Metade da turma nem conseguia situar Edimburgo num mapa.

Ouviram-se pneus no cascalho, ela varreu os trabalhos de casa para dentro da mochila. Como de costume, sentaram-se os dois juntos, ombro com ombro, no degrau de cima da caravana, a contemplar o mar da Irlanda. West Kilbride fora o mais longe que Jodie alguma vez estivera de casa. Ficava só a quarenta e cinco minutos de Glasgow, mas parecia outro mundo. O parque de caravanas ficava num terreno agrícola, com vista para o horizonte de ardósia. Os de Glasgow, orgulhosos das suas casas, alugavam as caravanas para a temporada. Tapavam as janelas com cortinas de rede e enchiam pneus velhos de carros com terra para vasos e miosótis. Vinham com auspiciosas espreguiçadeiras e carros carregados de álcool, contentes por deixarem o cinzentismo por umas horas aqui e ali de sol.

Fazia frio ali, e muito mais vento que na cidade, mas Jodie apreciava o cheiro viçoso e inteiro de tudo ali. Cada inspirar era cristalino, esfoliado pelo sal marinho. Comeram o peixe frito fora da caravana, em silêncio, e enquanto ela olhava o mar, ele examinava-lhe o perfil, abalado com a impressão de sorte por esta rapariga gira e perseverante ser sua. Quando ficaram com os lábios todos gordurosos, Jodie pegou nas sobras do polme esturricado e atirou-as bem alto às aves, que se precipitaram sobre elas. Ele

manteve um bocado as mãos dela, frias, nas dele, levou-a para dentro e converteu a mesa em cama.

Quando acabaram, ele adormeceu. Virou-lhe as costas alvas, e ela deixou-se ficar, a ver-lhe os pelos negros encaracolados nas omoplatas a dançarem na aragem. A excitação do imprevisto já se perdera, ficava demasiado rotineiro. Ele apanhava-a de carro. Vinham os dois à caravana. Ele ia buscar comida sozinho, depois suava quatro minutos em cima dela e aterrava de sono. Jodie já sabia que ele não tardaria a acordar e a vestir-se depressa. Ele ia fazer-lhe cócegas nos pés nus e dizer-lhe que a amava. Mas já andaria de olho no relógio, a pensar nos filhos e no frango assado que tinha de ir buscar para o jantar.

No início prometera deixar a mulher. Mas, quanto mais Jodie o deixava suar nela, menos ele o parecia prometer. Que isso a deixasse aliviada, surpreendeu-a.

Jodie ali ficou, a contar atentamente as manchas nas costas dele. Dividiu-as por categorias, separando as castanhas da idade dos pólipos vermelho-vivo. Já não queria ir mais ali, mas sentia-se levada a isso. Ele comprara-lhe catorze refeições de peixe frito, e ela, sendo uma miúda esperta, estava ciente do custo exato destas refeições todas. Atrás dele, disse ela baixinho:

— Se um homem compra a uma rapariga catorze doses de peixe, cada uma a duas libras e vinte e cinco, quanto tempo demora a rapariga a desistir? Demonstra o raciocínio. — Era uma pergunta com rasteira, pois ela não sabia quanto devia a rapariga em gasolina.

Afinal, ela era mais esperta que isso. Ele fora o primeiro a falar-lhe do potencial dela.

«Jodie Hamilton, se te aplicares, podes ir bem longe. Como é que tens andado escondida à sombra do Hamish? Isto é como encontrar um diamante

numa poia.» Ele sorria-lhe por cima das cabeças dos outros miúdos do décimo ano.

Os rapazes da mesma idade não pareciam reparar nela. A maior parte conhecia o mítico irmão e nem se atrevia. Os outros não gostavam da maneira como ela questionava as respostas que eles davam nas aulas. Para estes, era mais fácil agarrarem-se a uma das boazonas e passarem-lhes os dedos pelas costas dos fatos de banho que lidar com a mandona da Jodiezinha, da célebre escória dos Hamiltons.

Ela deitou-se de costas e contemplou o teto falso. Perguntava-se se andava à procura de um pai. Não, era mais que isso: queria folgar de fingir ser a mãe de Mungo. Andava sempre exausta. Era uma transação — sabia bem disso —, mas, nas três horas breves em que este homem cuidava dela, ela podia pôr de lado os fardos todos que não eram seus. Três horas de paz em troca de quatro minutos suados e ordinários.

Ele não queria saber se ela gozava ou não. No começo perguntava-lhe se ela estava bem, apreensivo que ela pudesse sentir desconforto por estar apertada, mas agora ficava todo contente quando isso acontecia. Punha-se em cima dela e olhava-a nos olhos com lascívia, e uma espécie de medo. Parecia receoso de que ela fechasse os joelhos e lhe pedisse para sair de cima dela. «Deixa-me acabar, por favor», pareciam dizer os olhos pardos dele, e ela sabia ser das melhores coisas que já lhe tinham acontecido a ele pela maneira como repetia «obrigado, obrigado, obrigado» enquanto entrava e saía dela. Ela começara por gostar daquilo. Agora ele não perguntava se lhe doía, mesmo enquanto não parava de agradecer. Ele fazia o que queria e dava-lhe um único beijo, na testa. Aquela marca gordurosa parecia um pouco o sinal de certo no rodapé de um teste.

O homem estava novamente acordado. Sentou-se. O professor Gillespie fazia-lhe cócegas nos calcanhares. Não tinha dente nenhum na boca, em

cima, do lado esquerdo, e ela só queria que ele não lhe sorrisse assim por cima da curva do ombro.

Quando o professor Gillespie a andava a enrolar, levou-a à feira popular do Ayr. Com uma nota novinha de cinquenta libras, pagou-lhe todas as diversões: montanhas-russas periclitantes aos berros, o pesado e oscilante navio dos piratas e aquele de que ela mais gostava: os estridentes e rodopiantes carrosséis com carrinhos às voltas. As luzes, o algodão-doce cheio de açúcar e o cheiro doce das pipocas com manteiga de amendoim contribuía para uma noite vertiginosa longe de casa. Jodie imaginava-o agora a pagar as diversões e todo nervoso, especado nas sombras, feito pai divorciado, enquanto ela tinha os seus setenta e cinco segundos de diversão.

Noutra altura, levava-a a West Kilbride. Essa noite húmida de setembro marcou a primeira vez que ela mantivera os joelhos unidos de vergonha e despeito. Ficara de mau humor no *Sierra* embaciado dele. O professor Gillespie não se tinha dado conta de falar de mais da própria filha, que andava na secundária de Hutchesons e tinha lugar garantido na Universidade de Edimburgo. Ela ficou com ciúmes de o ver todo gabarola, orgulhoso de Gillian. Picou-se por pensar que ninguém sentia o mesmo por ela.

«Achas que a Gillian faz uma coisa assim com o stor de Estudos Modernos?», perguntara-lhe ela, enquanto a mão dele se ocupava de um fio solto no fundo da saia do uniforme dela.

O olhar de nojo na cara dele fê-la afundar-se mais no assento de pele. Gillian Gillespie nunca teria descido tão baixo. Jodie mordera o lábio e mesmo assim rira-se.

«Haaah-ha.»

«Quanto mais depressa largares esse riso palerma, melhor», murmurara ele entre dentes.

Vislumbra-se o estuário. O Sol baixo refletia-se no mar, cintilando como escamas prateadas. Jodie decidira então que o deixaria fazer o que ele quisesse, já não queria saber. Baixara a janela e pousara a cabeça na ombreira da porta. A brisa do mar esfriava-lhe o ardor das faces.

Mungo apertava a pomba parda contra a tábua. Segurava-a com firmeza, tal como James lhe mostrara, e a papo-de-vento sacudia-se sem se debater. James misturou a embalagem de tinta para o cabelo que comprara na farmácia e alisou-a por cima da ave. A caixa tinha de lado uma *pin-up* americana toda dentuça, e os rapazes faziam corresponder a cor do cabelo dela às asas de um pombo.

— Não lhe toques nos olhos, não consigo fazer voar uma ave cega — avisou James.

Em longas e leves carícias, esfregou aquela porcaria toda por cima da ave. Cobriu-lhe as asas até Mungo poder tirar as mãos, pois a ave estava colada à tábua de contraplacado recuperada. Tinha o ar de um animal coberto de alcatrão e penas. Ficaram à espera que a tinta agarrasse.

— É ciência, não é? — James fez um sorriso rasgado e sacudiu as melenas douradas. — Toda a gente gosta mais das loiras.

O pombal tinha o cheiro acre da lixívia. Mungo sentia os olhos arderem-lhe do odor corrosivo, mas a cara não lhe tremia. Gostava de aqui estar. James esticou-se umas quantas vezes e tentou tocar com o pincel fino da tinta ao de leve na têmpora de Mungo. Ele tinha de fazer uma dança para se afastar, sempre com o cuidado de nunca largar a ave platinada.

Na última semana viera todos os dias ao pombal. James tinha sido generoso com ele, estava contente por ter alguém, além dos pombos, com quem falar. Deixara que Mungo lhe segurasse nos pombos e os alimentasse

com a sua dieta de ração e água. No segundo dia, sentaram-se na relva húmida, e James partilhara com ele a sandes de presunto. No terceiro, James fizera uma sandes das dele, carregada de manteiga e com côdea. Comparado com Hamish, James era franco e descomplicado. Quando James lhe dava alguma coisa, Mungo não tinha de se retrair. Sentado na relva fria a comer uma sandes de presunto, deu-se conta, surpreendido, de que ficaria triste por ter de voltar às aulas na segunda-feira.

A pomba não se transformou na louraça morena de Los Angeles prometida pela embalagem. Ficou de uma cor branca caldosa, como os *collants* das velhas, mas James mesmo assim pareceu contente. Tratou de lavar cuidadosamente a pomba e de lhe enxaguar os restos dos químicos fortes das asas. Quando a pôs novamente entre os outros pombos, estes agitaram-se e miraram-na com gula.

— Acho que já gostam dela — disse Mungo —, mas calculo que ela ainda goste mais de si mesma.

James ocupava-se a juntar pares de machos e fêmeas, permitindo-lhes encetarem uma ronda de corte atrofiada antes de os separar no fim de semana e os soltar acima da cidade, uma bola enganada de penas de lasciva desordem. Se fossem bonitos e se sentissem suficientemente excitados, poderiam atrair a ave de outra pessoa ao pombal de James e darem a trancada rápida de que ele agora os tentava privar.

Atrás da rede, um pombo a atirar para o azul ia-se pavoneando para trás e para a frente. Inchado e pomposo, empenhava-se em atrair uma pomba que se cruzasse com o seu olhar atento.

— Parece todo cheio de si, não parece? Que grande galã.

— Como é que se chama? — perguntou Mungo.

— Não sei, pensei em chamar-lhe Archie, mas acho que não lhe fica bem.

Mungo espiou-o pela malha hexagonal.

— Vá, chama-lhe lá Mungo.

James riu-se, e desatou numa tosse irritada e ruidosa. Mungo reparava que isso lhe acontecia muito. Uma tosse de velho aquosa e catarrosa, que lhe vinha bem fundo dos pulmões. James agarrou num pombo mais pequeno, bege-acinzentado. A ave parecia nervosa, era suficientemente pequena para ser uma fêmea.

— Ná. Se alguma pode ter o nome de Mungo, é este tolinho aqui.

— Não parece capaz de atrair nem um frango recheado.

— É o que eu te digo. — James alçou o pombo castanho e afagou-lhe o pescoço eriçado. — Mas tem tento na língua, aqui o *Munguinho* consegue-te ouvir e é um danadinho sensível.

Mungo atentou no pombo e afagou-lhe o pescoço com o mindinho, o que fez a ave encolher-se. Tinha de admitir que o nome casava com a ave.

— Nunca conheci outro Mungo. Vou tomar conta dele e fazê-lo mais rijo que ali o Dolph Lundgren.

James rodeara o pombal de cacos de vidro para que as ratazanas não lhe comessem as aves indefesas. Ouvia-se o estalar das garrafas partidas a dançar de excitação.

— É isso mesmo! Não é Archie, é Dolph. — Virou-se para a ave azulada.
— Assim te batizo Dolph Mulherengo.

— Dolph Pomberengo.

— Ná, com um nome desses ninguém acredita em mim. Tem de soar mais poético. Tem de ser um nome que encha de medo o coração dos outros pombos, «o Paladino dos Céus» ou uma treta dessas.

— E que tal Conan, o *Sectário*?

— Eh pá!... — Mas Mungo percebia que James gostava da ideia.

Saíram para dar alguma privacidade aos novos casais. Deitaram-se de

barriga para baixo na relva desigual, a ouvir o vago rugir do trânsito noturno. O último raio de sol já se afundara atrás das nuvens felpudas, e tudo por breves instantes se banhava num suave brilho de tom pêssego. Mungo fechou os olhos e tentou sentir o calor.

— Mas como é que começaste a criar pombos?

Imaginou James ao lado, a encolher os ombros.

— Foi só uma coisa em que o meu pai me iniciou.

Mungo julgava que toda a gente sabia tudo o que havia por saber da família Hamilton, mas James nada lhe tinha contado da família dele.

— Ele também cria pombos?

— Nem por isso. — James voltou a tossir. — Andava à procura de uma coisa que pudéssemos fazer juntos. Acho que se sentia culpado.

Mungo imaginou o que seria ter pai.

— És parecido com ele?

— Sim.

— Ages como ele?

— Sim. Pelo menos era o que a minha mãe achava.

— Já deixou de achar?

James fez-lhe um relance fugaz, como se procurasse alguma coisa nos olhos de Mungo, talvez uma certa crueldade, ou os olhos franzidos das mulheres mesquinhas quando pressentem uma boa história.

— Desculpa, achei que estavas a par. — James arrancava bocados de relva pela raiz. — Havia centenas de carros pretos dos grandes, achei que toda a gente do bairro soubesse. — Meteu uma erva entre os lábios. — É por isso que ele se sente culpado, percebes? Quando a minha mãe morreu, ele teve de voltar ao trabalho. Trabalha muito fora daqui. Monta tubagens numa plataforma petrolífera. Ganha bem.

— Na Escócia?

— Sim, mas bem a norte, aquilo já é quase Noruega. Trabalha duas semanas e tira outras duas. Muitas vezes parece menos. Diz que o helicóptero não é capaz de sair com nevoeiro.

— O helicóptero?

— Sim. Ele trabalha a centenas de quilómetros da costa, não podem voar com mau tempo. O sol levanta o nevoeiro do mar. Diz ele que, em certos dias, a bruma nem deixa ver Aberdeen. Dirias que é pior no inverno, mas não, é pior no verão. — Cruzou o olhar com o de Mungo. — Não viste mesmo os carros todos pretos do luto?

— Não — disse Mungo, e falava a sério. Ignorava que a Sra. Jamieson morrera. — Lamento. Deve ser pacata, a tua casa.

— Às vezes.

— A minha também. — Mungo passou uma erva entre os dedos e soprou-lhe para a fazer assobiar. A folha fez um som vibrante e soltou uma toada estridente. — Sabes que, quando te apetecer, podes passar por lá.

— Obrigado. Mas pouco importa, não ando muito mais tempo por cá. Aos dezasseis, saio logo da escola e deste buraco.

— E vais para onde?

— Não sei. Talvez para norte. Onde conseguir emprego a trabalhar cá fora. Gosto disso, e qualquer sítio há de ser melhor que este. Aqui, só sinto que ando a brincar às donas de casa felizes e contentes para um velho que nunca pára em casa.

Mungo mal conseguia imaginar a vida longe de Hamish e do medo constante de algo de mal acontecer à Mo-Maw. Tentou rir.

— Olha, se aguentares um bocado, vou contigo quando fizer os dezasseis. Nunca saí do East End. Podias-me levar a Shettleston e dizeres-me que estávamos em Espanha, que eu acreditava.

James nada disse àquilo, o que fez Mungo sentir-se estranho. Os

segundos estendiam-se de constrangimento. Devia ter ficado calado, mas as palavras dentro de si queriam preencher o vazio.

— Eu também julgava que a minha mãe tinha morrido. Mas não. Andava a assar morcela à porta do hospital. — Que coisa estúpida de se dizer a um rapaz que tinha perdido a mãe. Baixou o rosto à relva.

Quando as luzes do bairro se acenderam, Mungo ajudou James a varrer as últimas gaiolas e a trancá-las para a noite. No caminho de volta ao bairro, James deu-lhe uma longa pluma castanha, da muda da pena do *Munguinho*.

— Devias ficar com esta.

Mungo mexeu a pena na mão, de rebordo fofo e macio. O *Munguinho* ainda era um borracho, tinha de crescer. Ia dizê-lo a James, mas James falou primeiro:

— Vou ter com umas garinas à fonte velha. Queres vir?

— Não. É melhor não. — Não gostava que Jodie chegasse a uma casa vazia. Queria acender as luzes antes de ela regressar do turno.

James desatou outra vez numa tosse. Agarrou na bomba azul do bolso do fato de treino e deu-lhe duas grandes golfadas. A boina de lã repousava-lhe, como sempre, acima das orelhas, cujas pontas gretavam da friagem.

— Talvez devesses ir para casa aquecer-te um bocadinho, ver televisão...?

— Não. Não estou preparado para entrar numa casa vazia. Tens a certeza que não queres vir comigo? Sei duma miúda que deixa que lhe metas o dedo se lhe comprares uma bomboca.

Mungo voltou a sentir o rebordo macio da pena do *Munguinho*. Perguntou-se se alguma vez teria idade para aquilo parecer um gesto bonito.

— Não. Obrigado, mas não.

— Anda lá, sê homenzinho — disse James, meio a sorrir. Mas já virava costas e se desviava no sentido do parque.

Quando Mungo chegou a casa, já as luzes estavam todas acesas e ela se encontrava sentada à mesa de abas da *kitchenette*. Sem sequer ter tirado o anoraque grosso, bebia uísque num copo de vinho de pé alto e usava outro como cinzeiro preguiçoso. Tinha o risco do rímel borrado, o que lhe dava ao rosto uma estranha tonalidade azul. Ele sabia que ela estivera a chorar. Ela deve tê-lo visto, especado, a fitá-la.

— Não fiques aí de boca aberta a apanhar moscas — fungou a Mo-Maw —, anda-me cá dar um abraço.

Mungo foi à mãe. Ela pô-lo ao colo e embalou-o como a *Pietà*. Ele tinha quase dezasseis anos, era alto de mais para o tratarem como uma criança, e ainda assim deixou que ela o apapicasse. Enrolou-se e afundou a cara no cabelo dela. Ela cheirava à gordura das salsichas e a terra barrenta, a cigarros e a pastilha elástica, todos os aromas familiares de que ele sentira saudades. Mas, enquanto ele lhe fariscava a cabeça, debaixo de tudo estava o cheiro ao sabonete de outra pessoa, e na base, o cheiro à casa do Jocky, o odor almiscarado da toalha de banho de um estranho. Mungo tentou não fazer caso disso.

— Achava mesmo que podias ter morrido.

— Ah-ha! — Ela soltou um gritinho agudo e abriu os braços feita múmia do Egito. — Não tens essa sorte. *Tou vivinha da silva!*

Mungo ainda não se conseguia rir.

— Ouvem-se histórias no telejornal. Umas miúdas desapareceram e soube-se que tinham sido mortas. Fiquei aflito contigo.

— Ai, que coisa bonita de se ouvir. — Ela inclinou a cara para ele. O rosto dela tinha vincos que não existiam da última vez que ele a vira. As rugas bonitas estavam marcadas pela maquilhagem velha, o que as fazia parecer veias. — Se fosses um assassino desvairado, tu achas que eu podia passar por miúda?

Mungo coçou a cara.

— Pois que sim. — Ele sabia que ela gostava da peta.

A Mo-Maw, toda contente, bateu os pés no chão.

— Ai, que me tinha esquecido como fico sempre melhor quando tou contigo. — Beijou-lhe a bochecha. Um beijo estranho de boca aberta, ele sentiu-lhe a ponta molhada da língua. Ela já estava bêbada. — Quem me dera encontrar um gajo tão bom como tu. Não sei como é que nunca te estraguei. Àqueles dois é que dei cabo deles.

— A Jodie vai bem — disse Mungo. — Vai ser médica ou astronauta. Acho que deves ter bastante orgulho dela.

A Mo-Maw fez um som insatisfeito, depois um sorriso conspirador.

— Não importa. Quem é que gosta duma mulher que anda sempre toda séria? — Fez galopar o uísque para dentro do copo de vinho. Mungo perguntou-se se esta noite vinha a Espantalha, aquele lado dela monstruoso e de olhos baços. Atentou nela, ela parecia divertir-se. Talvez corresse tudo bem. — Tu gostas de ficar aqui enfiado o dia inteiro co *ela*? Ela é toda séria. Juro que ela já saiu daqui de dentro de mim cuma lista de coisas para fazer.

— Divertimo-nos sempre quando estamos juntos.

— Essa é outra coisa que eu nunca gostei nela. Mal tinha idade pra andar contigo, ela punha-se aí pelo bairro todo como se tu fosses filho dela.

— Mungo, não podes ter as luzes todas acesas... — Não tinham ouvido a chave na porta. Jodie estava diante deles com uma caixa empapada de piza na mão. — Mas que raio estás *tu* aqui a fazer?

— Isso são lá maneiras de cumprimentares a tua mãe?

Jodie pousou a caixa da piza na mesa. Agarrou bruscamente em Mungo pelo braço e arrancou-o do colo da Mo-Maw. Atirou-o para um lugar sozinho e apontou-lhe para a caixa fria.

— Anda, come lá isto. — Mungo fez-lhe como lhe mandaram. Jodie enfiou o indicador no copo elegante da Mo-Maw. Chupou-o e estremeceu.

A Mo-Maw tinha os olhos vidrados, o branco imerso numa vermelhidão como se tivesse passado tempo a mais na piscina do bairro. O maxilar formava um ângulo estranho, e ela fazia má cara a Jodie enquanto Jodie pairava acima de Mungo. O rapaz arrancou um naco da piza pisada e deu-o à mãe. Ela esticou-se para o receber, mas Jodie afastou a mão de Mungo.

— Quando estiveres satisfeito *e se sobrar piza*, mas nunca antes, então é que ela vai poder comer.

Jodie desatou a juntar a loiça suja.

— Então, a que devemos tão grande honra? Haaah-ha.

— Pensei só em passar pra ver os meus meninos. — A Mo-Maw sentava-se toda direita na cadeira da cozinha, tentando reunir alguma dignidade na sua própria casa. — Que mal tem...

— Poupa-me a essa tua lengalenga, Maureen. — Jodie foi fria, mas não maldosa. Mungo olhou para ela: parecia desgastada. — O que é que se passou com o Jocky?

— Nada. Não se passou nada co Jocky. Vai tudo muito bem e de vento em popa. Eu queria só vir ver o meu menino. O meu amor verdadeiro. — Esticou-se ao outro lado da mesa e entrelaçou os dedos nos de Mungo. Miravam-se como se fossem namorados.

— Boa. Então só vieste fazer uma visita de médico, não foi? Ainda bem que arranjaste um espacinho na agenda para nós. — Jodie tinha o cabelo longe da cara: o rabo de cavalo caía-lhe pelas costas, grosso como cabo de amarrar barcos. A tensão dava-lhe ao rosto uma expressão dura. Ela vasculhou as gavetas da cozinha e tirou uma pilha de papéis, que atirou à frente da Mo-Maw. Por todo o lado se via tinta vermelha furiosa, como se as cartas lhes gritassem. — Andam-nos a ameaçar cortar a luz, o gás e

ainda o telefone. Escreveram-nos três vezes da habitação social porque não parece haver nenhum adulto em casa. Se não apareceres, chamam os serviços sociais e metem aqui o teu filhinho querido no asilo.

A Mo-Maw rugiu:

— Pergunto-me eu quem é que foi o cabrão que lhes contou. — Atirou as cartas vermelhas ao chão. — Maldito bairro! Não se pode descer a rua sem que um cusco se meta na nossa vida.

— Tens de ir logo na segunda de manhã falar com a câmara.

— Vou tratar disso.

— Não, vais logo na segunda de manhã.

A Mo-Maw alçou a mão para tapar a boca e inclinou-se para Mungo por cima da mesa, como se Jodie nem ali estivesse.

— Vês, eu bem te disse que ela anda sempre toda séria.

Jodie esbugalhou os olhos. Mungo viu-lhe as mãos descaírem-lhe. A Mo-Maw deixou cair a cinza do cigarro no copo de vinho de reserva. Encheu-o de uísque, entornou-lhe refrigerante e passou-o a Jodie.

— Toma lá, amor, talvez te ajude a soltares-te um bocadinho.

Jodie abriu os olhos. Mungo nunca reparara nisso, mas via-lhe no rosto a violência de Hamish. Os olhos dela podiam dissipar-se no mesmo negro e cinza da rocha do Ayrshire, e ela tinha o maxilar tenso como o de Hamish quando ele se preparava para dar um murro dos fortes. Ela esticou a mão e varreu o copo da mesa, atirando-o à parede contrária. A bancada branca encheu-se de um laranja fundido.

— Minha grande malcriadona. — A Mo-Maw não gostava de se ver desperdiçar bebida boa. — Inda tens idade pra eu te dar umas palmadas nesse rabo, minha menina.

— Porque é que voltaste?

— «Porque é que voltaste», «porque é que voltaste». — A Mo-Maw

papagueava-a, transformando a frase num queixume ácido. — Se queres mesmo saber, a culpa é vossa. Entre mim e o Jocky estava tudo lindo e maravilhoso até vocês os dois aparecerem na rulote.

— Ai, a culpa é nossa?

— É. — A Mo-Maw alçou o nariz e virou o corpo, como se lhe tivesse feito uma afronta fatal. — Senti-me mal depois de vos ver. Senti-me meio culpada. Por isso contei ao Jocky que tinha filhos, e ele tratou-me mal. Disse que era complicação a mais. Que não queria uma família.

Jodie apoiou-se toda na anca. Piscou os olhos como se lhe cheirasse a algo rançoso. Fez-se um longo e feio silêncio até ela dizer:

— Mas olha que eu andei a perguntar por aí e o Jocky Dunbar afinal tem quatro filhos. Três raparigas e um menino, todos ainda na escola. Haaah-ha.

— Pois, mas eu não disse que ele *não tinha*.

— Vives com um estranho e andas a brincar às mãezinhas com os miúdos dele. Andavas a cozinhar para eles?

— Não era assim que as coisas se passavam. Eu não tava lá pra eles.

— Andavas-lhes a passar a ferro os uniformes da escola? A fazer sandes para levarem de lanche?

— Nem sempre.

— Esperem. — Mungo passava os olhos de uma para a outra. — Maw... — ela detestava que ele a chamasse assim — ... tu passaste a roupa de outro miúdo a ferro?

— Não, Mungo. — A Mo-Maw estendeu-lhe a mão pela mesa, mas ele afastou a dele. Jodie pousou a dela na nuca a escalear de Mungo.

— Sei que não estás aqui por nossa causa — disse Jodie. — Sei que andavas a fazer de conta com um viúvo e os seus lindos filhos. Apostava a vida do Mungo em como cá estás porque ele se livrou de ti por beberes de

mais. Aposto que se fartou de andares pela Trongate a manchar-lhe o nome.

— Tu nunca gostaste de mim.

— Já gostei. — Jodie fez um gesto sincero de confirmação. Agarrou em Mungo pelo braço e levou-o da *kitchenette*. — Podes ficar até falares com a câmara, mas depois tens de te ir embora. Passo às sextas pela rulote e trago dinheiro para pagar as contas. Só precisas de pagar até o Mungo fazer os dezasseis. Depois disso, és livre de dares cabo de ti como quiseses. Vai-te e tenta ir pela sombra.

Jodie queria que o irmão chorasse. Um luxo que ela nunca tinha tido. Com ela fora diferente, não tinha ninguém com quem chorar — nem a Mo-Maw nem Hamish a poderiam ter consolado. Mas Mungo tinha-a a ela. Agachados atrás do barracão dos caixotes do lixo do prédio, queria que o irmão chorasse. A ela bastava-lhe pensar em Hamish para perceber a raiva que cresce quando nunca deixamos sair a dor. Ela conhecia demasiados homens retraídos.

— Sabes que ela é mentirosa, não sabes?

Em qualquer outra altura, Mungo teria defendido a mãe. Esse era o papel dele na tragédia familiar: encontrar as sobras de bondade da Mo-Maw e andar sempre a lembrar os irmãos disso. Ele sabia a deixa que lhe pertencia, mas não tinha forças para a recitar.

— Sabes que, mal o Jocky lhe ligue, ela se vai embora.

Mungo, de boca escancarada, parecia atordoadado. Já não tinha energia para debater.

— Ela tomou mesmo conta dos filhos do Jocky?

— Sim — disse Jodie. — Reparei que voltaste a morder coisas. Não tive

coragem de to dizer.

Ficaram ali, a fazer nada, à sombra da lixeira, o mais que aguentaram. Alguma coisa ali tresandava, mas, quanto mais esperassem, mais provável era a Mo-Maw ter caído num sono incerto. Abrigaram-se do vento até assustarem a Sra. Campbell, que descia com pratos de peixe para os gatos vadios do bairro. Mungo contava a Jodie do rapaz dos pombos quando a Sra. Campbell os escorraçou da escuridão e os fez ir para a cama. Foi a repreendê-los por toda a escada. Mas Mungo viu-lhe a piedade no canto da boca.

— Vocês são mesmo uns malandrins pra assustarem uma velhota desta maneira. — Meteu nas mãos de cada um um pedaço de queijo bem laranja. Tinha-o tirado do bolso da bata, como se fosse um sítio bem normal onde o guardar. O queijo tinha as bordas tão secas que se esfarelava, mas ela obrigou-os a comerem antes de os deixar ir embora. — Parecem que podem ficar todos raquíticos não tarda.

— Obrigada, Sra. Campbell — disse Jodie.

A Sra. Campbell agarrou-lhe na mão e afastou-lhe o cabelo solto da cara.

— Escuta, filha, se por alguma razão não conseguirem dormir lá em cima, é só descerem e virem ter comigo, tá? Posso fazer uma caminha pròs dois, e não têm de me contar nada. — A Sra. Campbell fez uma pausa, mas não lhe largou a mão. — Não quero intrometer-me nos assuntos doutra mulher, percebes, né? Mas é só dizeres-me, tá bem?

Mungo avançou e deu um abraço à mulher, que o rodopiou numa valsa.

— Da-di-da-da. Oh, Mungo Hamilton, és mesmo um bebezinho. O último grande romântico. — Espantou-os dali. — Vá. Andor, que vão fazer o meu Graham ficar com ciumeira.

Fazia silêncio na casa dos Hamiltons. A Mo-Maw estava no quarto, respirava pesadamente. Fecharam a porta atrás de si sem fazer barulho.

Jodie levou os dedos aos lábios, mas Mungo sabia que fazer. Há tanto tempo que jogavam este jogo: não faças barulho, não acordes a Espantalha.

Mungo tinha só sete anos e Jodie oito e meio quando conheceram a Espantalha. Jodie percebia as dificuldades que o irmão tinha com esta outra pessoa, a bêbada furiosa e arrasadora que surgia quando a Mo-Maw descia bem fundo. Ficavam a ver os desenhos animados do fim da tarde, e ainda era hora de jantar, já a Mo-Maw andara a beber bem antes de eles terem chegado das aulas. Hamish pedira-lhe alguma coisa para comer, ela rira-se e explicara-lhe como funcionava o fogão elétrico. Num ataque de raiva, Hamish tinha-lhe tirado a garrafa de uísque e deitara-a pela pia como se fosse chá frio.

Quando ela acabou de lhe dar uma sova, erguera-se nela o pânico: onde é que ia arranjar mais álcool? Telefonou a um tipo que vivia no prédio ao lado, que veio e ficaram algum tempo no quarto dela com uma garrafa de vinho fortificado. Hamish foi obrigado a deitar-se de barriga para baixo, por a barriga das pernas estar vermelha das palmadas. Eles sentaram-se junto à televisão e comeram papas de aveia salgadas que a Jodie fizera. Quando o tipo lá se foi, a Mo-Maw estava completamente bêbada e só parcialmente despida. Ela tinha passado o limite da diversão, sentia-se agora zangada e miserável, com a nítida sensação de que a tinham enganado.

«Sabes o que tive eu de fazer agora mesmo?», acusou ela Hamish. Eles sabiam, apesar de não terem ainda vocabulário para isso. Tinham de ficar todos estrábicos mesmo à frente da televisão para não ouvirem o homem nos seus grunhidos. As crianças estavam tão perto do aparelho, que cheiravam a estática do ecrã. «Pois a culpa foi toda *tua*, é que foi mesmo.» Ela apontou um dedo acusador ao seu mais velho. As crianças encontravam-se sentadas todas num monte, e alertas como três furões alarmados. Foi nesse dia que Jodie inventou a Espantalha.

Quando a Mo-Maw por fim perdera os sentidos, Jodie esfregou a barriga das pernas de Hamish com loção de calamina, enquanto Mungo ia saltando os canais na televisão sem som. Passava um filme de lobisomens: uma comédia qualquer de um adolescente americano a tentar lidar com o seu aterrorizador *alter ego*. Os três sentados de boca aberta e cabeças pendidas dos pescoços moles, quando Jodie disse baixinho:

«Ah. É como a Mo-Maw. Ela não é sempre a mesma pessoa. Olhem lá.»

Mungo e Jodie engoliram o último pedaço do queijo seco da Sra. Campbell. Especados no corredor escuro, tentavam decifrar a mensagem do respirar inconstante da Mo-Maw. Ela adormecia. «Boa.» Jodie deu um abraço de boas-noites ao irmão. Separaram-se para ir cada um para o seu quarto. Não fizeram o menor ruído, e ainda assim a Mo-Maw agitou-se. A voz soava-lhe húmida e espessa no escuro.

— Mungo? És tu, meu amor?

Mungo olhou para a irmã: ela, de cara completamente branca, implorava-lhe que ficasse quieto. A Mo-Maw alçou-se da cama. Ouviu-se o baque de um pé carnudo na alcatifa, e Mungo sabia o que fazer para a fazer sentir segura, para a fazer parar.

— Sim, Mo-Maw. Sou eu. O que é que foi?

Ela demorava muito mais a responder quando se encontrava assim tão fundo. Os filhos ficaram no escuro, à espera da resposta.

— Anda cá — disse a voz deplorável. — Anda pra aqui dormir coa Mo-Maw.

— Já não tens idade pra isso — soletrou-lhe Jodie com os lábios calados.

— Eu sei. — Mas ele não era capaz de admitir a ela quanto queria aquilo, estar com a mãe e voltar a senti-la segura.

— Mungo, não podes dormir com ela — sussurrou Jodie.

— Mun-go, Mungo. Anda cá, Mungo, vem dormir aqui esta noite —

gemeu a Mo-Maw.

A Mo-Maw arrastava bastante as palavras. Ele podia esperar, não fazer nada, que talvez ela voltasse a adormecer. Mas como podia dizer a Jodie que isto era tanto por ela quanto por ele?

— É melhor ir. Eu posso ficar de olho nela, e garantir que não anda por aí a vadiar.

Jodie nada mais disse. Virou-lhe costas, indignada, e bateu com a porta do quarto. Ele ouviu-a trancar o ferrolho. Hamish dera uma vez um pontapé à porta — na mesma altura em que apareceram as regras a Jodie — e, para se vingar, ela cortara os bolsos todos das calças dele. Durante muito tempo Hamish foi obrigado a andar feito mendigo de Belém, com tudo o que tinha nas duas mãos.

Mungo encheu um copo alto de água metálica da torneira para a Mo-Maw e esgueirou-se para dentro do quarto morno.

— Alça o rabo — ordenou ele, e ela fez uma pose de caranguejo, toda a tremer, como se a qualquer altura pudesse tombar. Mungo desenterrou-lhe o elástico apertado das *leggings* da barriga musculada e despiu-os. Num suspiro de alívio, ela ficou deitada de costas na cama e afagava os lençóis ao lado. Mungo despiu-se, ficou só de *boxers* e meteu-se ao lado. Ela tapou-os aos dois com o edredão e aproximou-se dele, ele enrolou-se-lhe nas costas curtas. Ela era como uma catraia nos braços dele, uma catraia bêbada, de hálito azedo e a cheirar a nicotina. Mungo apertou a parte de cima das coxas, que estava quente, contra a parte de baixo das pernas frias dela. Segurava os pezinhos dela entre os dele e esfregou-os suavemente até não parecerem tão gelados.

— Não tou com sono — disse ela, vaga.

— Queres uma história? Posso-te contar a da mulher que ganha o

totobola e não tem de trabalhar mais um dia que seja na vida. Tu gostas dessa.

A Mo-Maw abanou a cabeça feita criança.

— Ná. Canta-me uma canção bonita.

— Queres qual?

— Conheces tantas bonitas. Canta-me uma das que apanhas na rádio.

Uma canção de amor.

Mungo assim ficou deitado, atrás dela. Tinha de a manter aqui com ele. Em voz baixinha, começou a cantar as suas canções de amor, sem ter a certeza da letra, mas tendo a certeza da sensação que lhe davam.

O *Capri* laranja estava estacionado debaixo de um candeeiro da rua avariado. Um jovem zeloso trepara ao poste e desligara a luz para poder beijar a namorada em privado. O carro encontrava-se parado nas sombras, junto ao muro de tijolos de cimento que separava a área ressequida e um relvado lamacento. Era um bólido soberbo. Mesmo à meia-luz tinha um tom abóbora tão ousado que afrontava o habitual embaraço dos carros espalhafatosos. Era uma besta de aparência poderosa, das que Mungo só via nas caixas dos brinquedos importados da América.

Hamish levou a mão ao puxador e, movendo rapidamente uma lima, abriu a fechadura e entrou. Mungo esgueirou-se na sombra. Quando Hamish conseguiu dar vida ao motor retumbante, Hamish ficou com as costas totalmente coladas ao muro.

— Entra lá, meu cagão — foi só o que Hamish disse. Mungo não achava que conseguisse vencer o motor rugidor.

Nos seus apetrechos espelhados e encostos de cabeça, o interior do carro parecia mais uma reles casa de alterne. Hamish conduzia devagar pelas ruas com Mungo afundado no faustoso assento de veludo, a tentar que ninguém o visse no bólido roubado. Quando chegaram aos semáforos da Parade, Hamish pôs ponto-morto e deu ao acelerador. O carro emitiu um rugido feroz, que ecoou pelos prédios e fez as pessoas na paragem dos autocarros darem um salto. E repetiu.

— Não gosto disso. — A cara de Mungo dava espasmos.

Hamish voltou a dar ao acelerador. Os faróis dos carros em sentido

contrário reluziam-lhe nas lentes grossas dos óculos.

— Só paro quando te sentares e deixares de ser coninhas.

— Mas já brilhaste.

O motor voltou a guinchar, o carro soluçou com a mudança.

— E atão? Pra nos pararem, primeiro têm de apanhar a gente.

A alta velocidade, as luzes da Parade eram bonitas. Tudo se refletia nas ruas molhadas — radiantes tascos de peixe frito e bares acolhedores. Os prédios de habitação passavam a correr, Mungo via as luzes sincronizadas a mudarem em cada uma das salas: famílias felizes, abrigadas do frio, todas a verem o mesmo canal. Os prédios depressa sumiram, e na colina à direita alçavam-se as casas baixas de Royston: era terra de católicos, não era lugar para um Hamilton.

Depois ficavam Sighthill e as suas promessas por cumprir. As torres altas só tinham vinte anos e já estavam degradadas. Eram os edifícios mais altos que Mungo alguma vez tinha visto. O topo deles desaparecia nas nuvens densas, como uma escadaria que subisse algures pela chuva sem fim, ou uma escora a evitar que o teto de cúmulos negros desabasse e sufocasse a cidade inteira.

O *Capri* sabia voar. Sempre que Hamish parava num vermelho e voltava a arrancar, Mungo era prensado no assento, com a mesma pujança de Hamish quando este se lhe sentava no peito. Só que esta pressão parecia liberdade. Hamish dava gás e rodava rapidamente o volante, o carro deslizava à volta da ilha separadora. Quando pararam no semáforo, Mungo apontou para o *snack-bar* iluminado. Sem movimento, a Mo-Maw estava pendurada ao balcão, a luz fluorescente a cintilar-lhe no peito pálido. Os filhos viram a mãe a namoriscar com um dos homens do lixo. Hamish baixou a janela do seu lado e voltou a dar ao acelerador. Berrou por cima do rugido:

— *Levanta lá isso, ó velho, pra teres um broche!*

Mungo afundou-se no assento. Virou-se para pedir desculpa à Mo-Maw, já iam eles a chiar no sentido da Trongate. Hamish urrava de riso, e sem querer, Mungo deu-se conta de que também se divertia.

— Tu não te mijes todo, ela não vai saber que éramos nós — disse Hamish. — Ela nunca ia andar de óculos quando tá com homens.

A besta laranja desceu a High Street a rugir e, virando à direita, passou pelo edifício do jornal e entrou na Praça George. Hamish guiava como se fosse dono da cidade toda, uma das mãos no topo do volante e a outra à janela, a acenar às miúdas desdenhosas. Mungo encostou a testa ao vidro frio e viu passarem mil histórias: raparigas com roupa a menos a caminho de um copo depois do trabalho, filas de animados estudantes de belas-artes a falarem com as mãos e advogados de braços cheios de pastas de arquivo, em passo consciente da sua própria importância. Tantas vidas a acontecerem a um par de quilómetros da dele, e todas pareciam mais radiantes que a sua.

Hamish encostou o carro na longa artéria que era a Argyle. As pessoas aqui pareciam de classe mais baixa, eram gente como eles. Estavam mais perto do rio Clyde, o comércio era mais barato e ainda não se tinha devolvido a gloriosa cor dourada dos edifícios. Os habitantes de Glasgow passavam à morrinha sem ver sequer por onde andavam. Não alçavam os olhos aos edifícios grandiosos, repletos de colunas coríntias que os negociantes de tabaco do século XVIII haviam erguido para si próprios. Mungo sentiu inveja. Se pudesse andar todos os dias por estas ruas, nunca tomaria por garantida a beleza da cidade.

— Tás bem? — perguntou-lhe Hamish. — Não vais vomitar, pois não?

— Nunca vejo esta zona. Não vás tão depressa.

Andaram um bocado mais devagar, acima e abaixo da West Nile e da

Renfrew, e desceram outra vez a Hope. O carro parou no semáforo da Estação Central, onde viram raparigas a apinharem-se na direção dos bares e das discotecas. Tinham os antebraços macios rosados com pele de galinha e uns papos teimosos. Hamish encostou ao lado delas e baixou o motor num sussurrar sedutor. As miúdas riram-se deles.

Hamish fez um gesto para o indicador de combustível.

— É uma vergonha não aproveitar este menino. Não te queres aventurar antes d'a gente ir prò trabalho? — Tirou uma cerveja do bolso do fato de treino e passou-a a Mungo. Tirou outra e brindou-a na do irmão. Mungo ficou triste por ver derramar-se nos estofos a espuma branca da cerveja, mas Hamish parecia não se importar com isso. — À nossa, bravos Hamiltons.

Na gaveta do cinzeiro, havia uma pilha de cassetes de outra pessoa. Hamish pôs a tocar os Pretenders e fez a Mungo um esgar a dizer-lhe que «parasse de chorar», abanando o capacete ao ritmo do refrão estridente. Hamish parecia feliz, ia depressa, com uma das mãos a deslizar pela morrinha e a cerveja presa entre os joelhos. Mungo queria olhar para ele naquele seu raro contentamento, mas já a cidade passava sob eles a voar. Apanharam uma ponte sobre o Clyde, planando acima de bairros que Mungo nem conseguia dizer quais eram.

Quando chegaram ao mar, era difícil perceber onde a terra acaba e o mar começa. Hamish estacionou na colina mais alta, e sentaram-no no capô. Lá em baixo havia constelações de luzes noturnas, quintas solitárias e pequenas povoações, aninhadas contra o frígido mar da Irlanda. Hamish pôs o braço à volta de Mungo. Quase se desculpou.

— Quem sabe da próxima a gente fazemos isto durante o dia, né?

Mungo não se importava. Era o lugar mais tranquilo onde alguma vez

tinha estado.

— Podemos desligar os faróis? Só um pedacinho.

O irmão assim fez. Juntos, sentados ao sol-pôr, Hamish acabou a sua cerveja, e depois a de Mungo. Passado um bocado, disse Hamish:

— Não queria ser sempre assim tão duro contigo.

— Eu sei.

— É só que às vezes sinto muita pressão mesmo, percebes? Cos meus manos, coa bebé Adrianna, e em cima disso tudo, ainda tomar conta de ti.

— Não te peço que o faças.

— Deves ser o menor dos problemas que tenho. — Hamish puxou ligeiramente o lóbulo da orelha de Mungo. Este raramente ouvia o irmão falar daquela maneira. Em casa, não se admitia nada sensível. Era parvo dizer uma palavra carinhosa que, mais tarde, o bairro pudesse usar contra nós.

— Tamos nisto juntos, Mungo. Sou duro contigo porque não posso deixar que fiques mole nem coisa que se pareça. — Hamish repuxou-lhe e torceu-lhe a orelha.

Mungo ficou desgostoso por o verdadeiro irmão se ter intrometido assim tão depressa.

— Acho que se passa algo de errado com a Jodie. Ela não anda a comer bem.

— Ai não? — Hamish soou enfadado. — Aposto que nenhum rapaz da escola a quer foder.

— Espera: achava que estávamos junto nisto, como os Três Mosqueteiros.

— Tu não me faças rir! Somos mais como o Padrinho e os dois idiotas que não servem pra nada. — Hamish amarfanhou a lata e lançou-a pelos ares. — Anda lá. Queres ver um truque engraçado?

Hamish conduziu por uma série de estradas tortuosas. Ia depressa, e Mungo lembrou-se de que o irmão já aqui estivera sem ele, uma ideia que o deixou triste. O carro foi virando entre sebes altas e cercas de quintas, até parar de frente para uma colinazinha. Nos últimos resquícios da luz violeta, Mungo conseguia ver uns dez metros em frente.

— Pronto — disse Hamish. — O que é que achas que acontece quando tás num monte e baixas o travão de mão?

— Que estupidez — disse Mungo. — Escorregas para trás.

— Isso mesmo.

Hamish soltou o travão e Mungo segurou-se, à espera que o carro deslizesse para trás e se afastasse do brilho dos próprios faróis. Durante um bocado nada aconteceu, e depois, bem devagar e seguro, o carro deslizou para cima. Mungo sentia o grande e quente sorriso de Hamish.

— É ou não é uma doideira?

Era realmente estranho. O carro acelerava sozinho para cima.

— Tá amaldiçoado ou coisa do género. O que puseres nesta colina vai pra cima e não pra baixo. É uma corrente elétrica. Que maluquice, né? — Hamish engrenou a mudança e subiu a colina, mas Mungo queria repetir mais vezes.

Pararam numa pequena marina junto ao mar noturno. Hamish comprou-lhes um cone de batatas fritas para partilharem. Não se queixou quando Mungo as afogou em vinagre de malte, só disse:

— Não as comas já. Sei aonde a gente devemos de ir.

Ainda estavam as batatas ensopadas mornas quando chegaram a um longo muro de pedra solta. Hamish encostou à berma, e treparam-no. Estava escuro como breu. De vez em quando, longas folhas de fetos lambiam-lhes as pernas, o que os fazia dançar de gozo e medo. Ao longe, a cerca de quilómetro e meio, via-se o brilho ténue de luz humana.

Quando por fim chegaram ao castelo reluzente, Mungo teve de perguntar o que era aquilo, pois nunca vira nada assim. Eis o Hotel da Estação Central e o arenito tismado da Catedral de Glasgow, mas esses eram lugares construídos para o público ou para quem vinha ali passar o dia. Esta casa era para uma pessoa só. Fora imponentemente levantada e parecia andar entre um castelo fortificado e uma casa monumental e majestosa. A estrutura principal ficava de costas para o mar revolto, e envolviam-na muros ameados e ajardinados tão longe quanto a vista alcançava. A luz ténue do interior ondeava no vidro fosco. As janelas eram generosas e as divisões tinham mobília a mais, mas Mungo diria haver, dentro e fora, um mundo de beleza por descobrir.

— Baril, né? É o Castelo de Culzean. — Hamish estava de pé debaixo da copa de uma árvore antiga, as mãos nas ancas no orgulho de um latifundiário. — A Sammy-Jo quer-se casar ali. — Deu um assobio. — Sabes quantos carros a gente tínhamos de roubar pra pagar isto?

Hamish apontou para a ponte que fazia um arco por cima de um jardim rebaixado. A ponte tinha de cada lado torreões de vigia, havia muito tempo inutilizados.

— Ali é um bom sítio pra pinar — disse ele, na descontração. — Trazes cá as garinas cuma garrafa de vinho e mostras o castelo a elas. Depois, elas deixam-te pôr as mãozinhas em cima. — A boca dele, cheia de batatas amarelas, sorria.

Mungo mirava Hamish a baloiçar de um ramo grosso, a pensar como apreciava este lado lúdico do irmão. Hamish estava longe de Glasgow e do olhar dos rapazes protestantes com expectativas tão grandes em relação a ele, bem como do resto do bairro, com expectativas tão baixas. Aqui, Mungo podia recordar o rapaz que Hamish dantes fora, malandro e valente, cheio de ideias impetuosas e que nunca tinha medo de cair, desde que

primeiro conseguisse voar. Aqui e agora, era como se ainda não tivesse azedado. Mungo quase não aguentava vê-lo outra vez miúdo.

— Hamey? — Mungo sabia que arriscava a sorte.

— Que foi?

— Eu gosto de ti.

Mungo contemplava o irmão a baloiçar para a frente e para trás quando sentiu as mãos no colarinho. Porque é que nos agarram sempre pelo colarinho? O guarda-noturno esgueirara-se pela relva molhada, e o brando agitar do mar abafara-lhe as passadas. O guarda apertou o braço debaixo do queixo de Mungo e levou-lhe a cabeça atrás.

— Apanhei-te, meu cabrãozinho!

Hamish mal se tinha soltado do ramo quando Mungo agiu. A violência aflorou-lhe de uma vida inteira de instinto acumulado, lições aprendidas à custa do sacrifício de um irmão sádico. Mungo, num gesto rápido, levou a cabeça à frente e puxou-a atrás. Sentiu o osso duro do nariz do homem amolecer, soube que o tinha partido. Enrolou o corpo numa bola e arremeteu com a força toda, fazendo o homem desequilibrar-se. O guarda caiu na terra ensopada. Mungo soltou-se e ergueu-se.

O homem rebojava pelo chão, agarrado à cara partida, enquanto Mungo se precipitava à frente de Hamish, para a segurança da escuridão. Ao passar por ele, Mungo agarrou-lhe no fato de treino escorregadio e arrastou-o para longe do homem, cruzando novamente a erva-canuda. Vencer o guarda fora fácil: talvez não estivesse habituado aos mitras de Glasgow a pilharem-lhe o castelo. Mas, quando trepavam o muro que estabelecia a fronteira, Hamish tinha na cara um olhar de admiração. Mungo via-lhe os dentes cintilarem ao luar. Hamish vivia para a adrenalina das picardias. Enquanto manobrava os fios expostos e punha o carro a cantar, dizia:

— Foda-se, Mungo. Tu fazes-te todo acanhado, mas não deves saber do

que és capaz.

Foram a cantarolar o caminho todo de regresso à cidade. Hamish denegria as histórias de que se gabavam os desordeiros católicos e sorria abertamente à pequena centelha de violência dentro do irmão.

— Fiquei banzado coa maneira como mandaste o cabrão ao chão. — Sorriu. — No mês que vem, tens de nos dar uma mãozinha contra os Bhoys de Royston. Esses filhos da puta nem vão chegar a perceber o que lhes caiu em cima. Mal posso esperar por te ver ferrar o machado num palerma feniano.

Por trás de Sighthill, corria um canal de resíduos do North Side ao rio Clyde, e à noite, todos os edifícios industriais baixos à volta do canal estavam trancados e às escuras. Hamish deixou o *Capri* no meio da estrada vazia. Tinha gasolina suficiente para lhe deitar fogo. Mungo tentou chamá-lo à razão. Já se tinham divertido: não podiam limitar-se a devolver aquela bonita viatura intacta e, por uma vez que fosse, não darem cabo de tudo o que de bom lhes acontecia?

— És parvo ou quê? Pagam-me oitenta patacos pra roubar este carro e lhe deitar fogo. O Joe Morrison consegue mais no seguro que na retoma.

Hamish ateou o trapo que tinha enfiado na entrada do depósito. Afastou-se a dançar do *Capri*. Ouviu-se uma explosão tremenda, e o carro ficou uma bola de chamas bramindo. Mungo perdeu a respiração e ficou atónito. Era assombroso como se podia destruir, tão rápida e completamente, algo tão deslumbrante. Os irmãos afastaram-se das chamas numa corridinha e sentaram-se no muro do Cemitério de Sighthill, a ver a alta pluma de fumo da borracha a fundir-se nas nuvens acesas. Estavam de regresso ao bairro

não tardava. Mungo teve vontade de ir buscar Jodie para irem à costa comer batatas fritas regadas a vinagre.

Viam acercarem-se da fogueira catervas de putos de Sighthill, à procura do que atirar às chamas furiosas antes que os bombeiros chegassem e regassem a diversão com água. Abaixo da colina, os edifícios industriais iluminavam-se do azul faiscante dos carros dos bombeiros. Os rapazes viram as luzes, através daquele labirinto de ruas, encontrarem o seu caminho até ao canal. Hamish foi o primeiro a falar:

— Ali no castelo, tive orgulho em ti.

Mungo não tinha orgulho. Sentia repulsa pela maneira como o cabelo dele ficava rijo do sangue pegajoso do homem.

— É uma coisa triste para termos orgulho dela.

Hamish segurava a ponta do cigarro entre o segundo e o terceiro dedo. Abaixo, a cidade estava meio estragada. Mungo não era só demasiado novo para entender, é que, nos seus quinze anos, só tinha visto a meia dúzia de ruas da urbanização onde viviam. Hamish cerrou o punho esquerdo e esforçou-se por serenar. Mungo não tinha culpa de não ir mais longe.

— Aqui não há trabalho. Vais ter de botar corpo. De que é que te interessa continuares a estudar?

— Pois, mas tu nem sequer tentaste. — Foi demasiado rápido. Mungo preparou-se.

Hamish atirou a ponta do cigarro com uma pirueta no escuro. Fechou-se sobre si qual navalha meio aberta e pôs-se a fazer o longo caminho para casa.

Mungo foi em passo de trote atrás dele, um cão maltratado nos calcanhares do dono.

Hamish fez pouco dele:

— Aprende um ofício, foi o que a escola me disse. Eu disse-lhes que

queria ir prà faculdade aprender engenharia, e eles responderam-me: «Pois, mas isso não é pra rapazes como *tu*.» — Hamish fingiu o seu melhor sotaque do West End, e Mungo, pela cadência ascendente, percebeu que imitava a professora Newman, a diretora da secundária que andava sempre sobrecarregada de trabalho. — O que é triste é que eu percebi o que a puta queria dizer, mas ainda lhe respondi: «Como assim, *não é?*» E ela respirou fundo e, com aquela papada toda, diz-me ela assim: «Tu não tens estofo prà universidade.»

Mungo ouvira Hamish dizer exatamente o mesmo a Jodie: sabia agora quando a amargura tinha começado.

— E tu acreditaste nela?

— No começo, não. A Newman disse-me que, se eu gostava assim tanto de construir coisas, que me candidatasse a aprendiz nos estaleiros. Uma tarde fez-me lá ir, até me pagou o bilhete de autocarro. E lá fui pelo cais, no meu melhor uniforme, e vinha uma correnteza de homens em sentido contrário. Tinham acabado de saber que tinham vindo prò olho da rua. Ainda tinham as marmitas do almoço cheias. — Hamish interrompeu a grande passada e mirou a cidade baixa. — Homens adultos a chorarem, e aqui o tanso, de gravatinha da escola, ia pedir prò aceitarem como aprendiz. Cento e cinquenta gajos no desemprego, e eu a pedir que me ajudassem co bilhete do autocarro. Só vergonha.

— Tenho pena que isso tenha acontecido.

Hamish virou-se e enfiou o dedo no peito do irmão. Tinham pisado os dois uma fronteira de Glasgow, era como se o tipo raivoso que ele deixara atrás de si estivesse ali à espera do regresso dele.

— Eu não preciso da tua pena.

A bochecha de Mungo desatou outra vez a tremer. Estivera a noite inteira tranquila, mesmo quando partira o nariz do guarda.

Hamish estudou-lhe o habitual espasmo e suspirou.

— Mungo, tu odeias-me?

— Não! — Saiu-lhe logo, e era verdade. Mungo mordeu o lábio e acrescentou: — Mas não quero ser como tu.

Esperou que Hamish lhe desse um carolo. Mas ele limitou-se a afastar-se e a rir. Mungo recuou meio passo para evitar a surpresa de um gancho à direita.

— Tem graça. Eu achava o mesmo da Mo-Maw e olha-me só: aos quinze tava velho, aos dezoito era pai.

— É por isso que a odeias?

— Eu não a odeio. — Hamish riu, mas uma gargalhada amarga. — Pois, talvez a odeie, sim. Mas não lhe deita a gente as culpas por isto ou por aquilo?

— Eu não a culpo. Tento só gostar dela.

— Ainda és novo, palerma. Dá-lhe tempo.

Nisto, Hamish virou costas e desatou a correr o mais rápido que pôde. Mungo sabia-o acompanhar. Royston não era sítio para um Hamilton andar na descontra, até disso Hamish dera cabo. Alguém pintara a *spray*, na parede lateral de um dos prédios de poucos andares, um grande e verde trevo de três folhas. Os irmãos nem pararam para olhar. Sobrevoaram as ruas reluzentes, intrusos na terra dos católicos.

A Mo-Maw passou a manhã a esforçar-se por cair novamente nas graças de Jodie. Ia alternando entre passar a ferro as mesmas quatro toalhas de cozinha e ficar especada, de olhar pesaroso, para o telefone, mas, mal Jodie se aproximava, ela recompunha o sorriso e escondia a vergonha de ter sido desprezada. Como que para demonstrar que se tinha regenerado, passou a tarde a pôr salsichas e carne de vaca aos cubos numa caçarola para fazer *stovies*, o tradicional estufado escocês. A *kitchenette* estava húmida do vapor e do salgado do caldo de carne e das cebolas suadas.

Mungo encontrava-se deitado na alcatifa do corredor com as pernas apoiadas na parede. Saboreava o som do retalhar animado da única faca boa que tinham e da concha a remexer o caldo. Jodie passava de vez em quando por cima dele a caminho da casa de banho e revirava os olhos, rogando-lhe que crescesse.

— Traidor! — crocitou ela. — Não tens respeito nenhum por ti. — Acabou por desistir de lhe fazer má cara e pôs-se a bater-lhe de lado com os pés — «Desculpa lá. Desculpa» —, fingindo ser um contratempo sempre que passava. Mas Mungo era um cão fiel. Não o iam convencer.

Ele lá se levantou e foi atrás dela pela casa. Jodie secava o longo cabelo, e ele foi em silêncio a pairar até ao quarto dela, aproximando-se cada vez mais até se sentar junto a ela, e depois ao lado, até por fim ter a mão esquerda virada para cima e ela lhe ir deixando cair os ganchos do cabelo. Ele pedia-lhe discretamente que ela viesse jantar, e era óbvio que não a ia deixar em paz até ela dizer que sim.

A irmã juntou-se-lhes na mesa de abas. Sentou-se de lado, como se pudesse a qualquer altura levantar e ir-se embora, o que deixou Mungo nervoso. A Mo-Maw distribuía tigelas de batatas tão grandes e brancas como bolas de neve, boiando com salsichas elásticas: das longas, e também das quadradas, mais elásticas. Afogou tudo numa poça de molho aromático.

A mãe lavara a cara depois do último turno, mas, quando sorria, Mungo ainda lhe via as bolsas de rímel ultravioleta. Quando passavam o pão pelo molho, ela ia fazendo conversa: falava-lhes das personagens que frequentavam o *snack-bar*, dos lambões noturnos que passavam a vida a deambular pelo escuro. Eles cirandavam-lhe feitos traças, dizia ela, sem vergonha nenhuma de lhe contar todo o género de coisas privadas que nunca diziam à luz do dia.

— Foi então que a Grand'Ella me disse que a última miúda que lá teve empregada não vendia só salsichas e ovo estrelado. A porca até tinha escrito uma lista de preços secreta: compras dez, a punheta a seguir é de graça. — A Mo-Maw ria-se a bom rir da história e, por momentos, pareceu o mais feliz que conseguia ser uma mulher de coração partido. — Nas minhas primeiras três semanas, apareciam-nos estes camionistas de longo curso a perguntarem à gente o que é que era o «especial». Eu a dizer a eles que era caril com batata frita, e eles a olharem pra mim como se eu fosse estúpida. Diziam-me eles: «Ná, o “especial” mesmo especial.»

Jodie cruzou os braços.

— Talvez devesse experimentar.

— O quê? Não vou andar aí a tocar no pau dum homem por meia dúzia de tostões.

Jodie lançou o olhar sobre Mungo. Sabiam os dois a verdade: a Mo-Maw já tinha feito pior e por menos. Os pés dele andavam debaixo da mesa à

procura dos dela, para lhe tentar dar um pontapé antes que ela azedasse a refeição. Ela já enrolava os cantos dos lábios de sarcasmo.

— Se te vendesses ao quilo, talvez conseguisses melhor preço.

A Mo-Maw deixou cair o garfo. Apertou, consciente, as pequenas bolsas de gordura.

As duas mulheres fulminavam com o olhar, mas não uma à outra. Mungo mexeu-se para preencher o espaço vazio. Jodie dera só umas garfadas no estufado e estacou.

— Não tens fome? — perguntou ele, a limpar o prato.

Ela parecia um pouco verde.

— Acho que estou sem apetite.

Ele rodou-lhe ligeiramente o prato, como se isso ajudasse.

— Come só mais um bocadinho.

A Mo-Maw levantou novamente o garfo e comeu o almoço sem o saborear.

— Não te inquietes, não, Mungo, se ela não quer, não quer. — Virou-se para Jodie. — Agora que és uma mulherzinha, não te faz mal saltares uma refeição por outra. Não podes comer como um miúdo de doze anos. Sabes o que é que dizem da genética?

— Soletra lá isso — disparou Jodie.

— Soletro o quê?

— Genética.

A Mo-Maw arrancou o prato de Jodie da mesa. Agarrou nas sobras do estufado e enfiou-as na caçarola.

O telefone começou a gralhar. A Mo-Maw juntou os caracóis lassos e apanhou-os num longo gancho-banana. Nunca falava de pé ao telefone. Tratava sempre cada chamada como uma oportunidade para se sentar,

fumar o seu cigarro e demorar-se na conversa. Das que mais gostava era das chamadas por engano.

Mungo ficou à espera que a mãe saísse. Pôs as mãos abertas sobre a mesa.

— Fosga-se! Porque é que tens sempre de arranjar sarilho?

Jodie não lhe respondeu. Pousou a cabeça na mão de Mungo. O tom caramelo sedoso do cabelo dela era luzidio, tinha um cheiro agradável. Ele sentia-lhe a pulsação murmurar na têmpora. Ela consumia-se. Ouviram a Mo-Maw atender o telefone. Recitava sempre o número a quem ligava, uma afetação que deixava Jodie irritada.

— Tá lá? Aqui é dos Hamiltons. Cinco, cinco, quatro, seis, um... — O sotaque chique escorria-lhe dos lábios. — Foda-se, és *tu*. O que é que queres?

Os miúdos ouviram a discussão da Mo-Maw com o Jocky. A determinação dela era só à tona. O bloqueio glacial e obstinado do começo depressa se foi, e ela ronronava-lhe ao telefone feita adolescente. Jodie endireitou-se na cadeira e suspirou. Mungo ajudou-a a raspar o verniz gasto das unhas, que ela pintou, uma a uma, com o verniz bom da Mo-Maw. Era de um rosa-claro, da cor dos lóbulos das orelhas dos bebés.

Quando voltou a entrar na *kitchenette*, a Mo-Maw vinha com a cara corada.

— Não passou sequer o fim de semana. — Apertou a mão de Jodie, o que os surpreendeu aos dois. — Achas que ele me ama?

Mungo sabia que a irmã lhe ia cortar o prazer, bem antes de realmente o fazer. Jodie deixou que a mãe tivesse um breve devaneio até lhe soltar a mão.

— Com certeza não te vais embora outra vez?

— Como não? Não tenho eu direito a ser feliz?

Jodie curvou a cabeça para Mungo. Nada mais disse.

Por instantes, a Mo-Maw não parecia saber onde estava. Então recompôs-se e embalou a cabeça de Mungo ao peito. Mungo inspirou fundo, sem saber quando voltaria a estar tão próximo dela. Sentiu-a pôr o peso todo na anca direita como se se fixasse, e algo no tom dela mudou. Ia-se todo o entusiasmo de antes, a voz ficou plana, como se alguém tivesse tirado o ar todo a um balão.

— Não, não, Jodie. Tens razão. Tenho de ficar.

Os olhos de Jodie cresceram feitos pires de porcelana. Mungo sabia que devia dizer alguma coisa que reaproximasse a Mo-Maw e o Jocky, mas não o fez. Envolveu a mãe nos braços e não disse nada.

A Mo-Maw falava para um concurso que dava na televisão, a contar os últimos trocos enquanto Mungo enfiava o corta-vento na cabeça. Ele andava à volta dela, matreiro, a ver se ela só bebia água da torneira. Disse-lhe então que voltava dali a umas horas.

Com o súbito ressurgimento da mãe, tinham-se passado alguns dias desde a última vez que vira James. Mungo ainda se sentia mal por ter mencionado o regresso da Mo-Maw vinda do Hades, considerando que a mãe do próprio James morrera — uma morte a sério, das que não têm volta.

James não estava no pombal, mas um respingo recente de caca de pombo e de serradura denunciavam que ali tinha estado mais cedo. Mungo arrastou-se de volta ao bairro. Era uma noite soturna de domingo, perfeita para o banho semanal e passar a ferro os uniformes do trabalho. Sobre os prédios caíra um mal-estar apático. Ele sabia que as traseiras do apartamento de James davam para o prédio dele, mas não sabia o número exato do prédio dele. Tentou parecer descontraído a andar devagar pela rua

vazia, conferindo as etiquetas de todas as campainhas à procura do apelido Jamieson. Estava prestes a desistir quando, na última porta, deu com o nome escrito a verde na campainha de cima.

— Quem é? — A voz não era a de James.

— O James está em casa? Ele pode descer para brincarmos? — Mungo encolheu-se de vergonha. Não era bom nestas coisas.

Mas a porta zuniu, e sentiu-se grato por entrar na escada seca. Era uma escada revestida, até à altura dos ombros, de azulejos com motivos dourados e castanhos. Cada patamar tinha um vitral floral que enchia a escadaria de pedra com padrões fractais de uma luz bonita. Sendo o mesmo bairro de Mungo, era visível que o administrador social deste condomínio tinha mais brio na manutenção. As famílias que aqui viviam estavam — por muito pouco — em melhores condições.

A porta dos Jamiesons era larga e dupla e ficava no piso mais acima. James inclinava-se sobre o corrimão, descalço, vestido com uma camisola grossa de lã de Aran e com um par de calções de *nylon* da bola. Parecia em baixo, cansado, os braços cruzados como um segurança de discoteca já farto. Animou-se ao ver Mungo subir as escadas. Sem sequer se saudarem, Mungo entrou atrás dele e sentou-se na ponta oposta do sofá.

Na televisão passavam os melhores momentos das corridas de cavalos. O pai de James enchia um saco desportivo e discutia a lista de vencedores. Quando Mungo entrou, não o cumprimentou. O cavalo dele perdera, e ele fazia o saco sem pensar, como se já o tivesse feito vezes a mais. O Sr. Jamieson era tão alto quanto James, e largo também, de aparência prática. O cabelo tinha o mesmo tom do linho, mas de lado era de um prateado radioso. Parecia alguém que talvez gostasse de umas boas braçadas em janeiro: tinha um rubor bastante intenso na cara. Sem descolar os olhos da

televisão, enfiou o toque azul-marinho, e Mungo deu-se conta de que a boina que James usava era uma versão coçada da do pai.

Quando lá atentou no filho, o pai tinha os olhos tão cinza como o mar do Norte. O Sr. Jamieson passou o olhar por Mungo, com tamanho desdém que Mungo escondeu os arranhões da sapatilha esquerda atrás da direita, ainda que uma estivesse tão gasta como a outra. Perguntou-se se o Sr. Jamieson tinha ouvido falar da família Hamilton.

O pai de James foi ao corredor. Arrancou um fio da parede e, reentrando na sala, enrolava-o no telefone creme. Enfiou-o no saco sem olhar para o filho.

— Já sabes as regras. Se tiveres de me ligar, usa o telefone da Sra. Daly.
— James fez um gesto lento de concordância. O Sr. Jamieson voltou a varrer Mungo de cima a baixo, e o rapaz sentiu uma estranha compulsão de virar para cima as palmas das mãos abertas.

— Pronto. — Fechou o saco. Tirou uma pilha apertada de notas e sacou um maço. Bateu com o dinheiro na mesa. — Assim sendo, é pra três semanas. Vê lá se não o estoiras todo desta vez, tá? Experimenta... — Tentou dizer alguma coisa, mas relanceou novamente Mungo e pensou melhor. — Tenta-te portar bem. Não faltes às aulas. Tá?

Não deu a James um abraço de despedida. Limitou-se a acenar com a cabeça, como se tivessem passado um pelo outro na rua.

Mungo não abriu a boca até ouvir o homem descer a escada do prédio a assobiar.

— Ena. Que simpatia. — Mas James contraía-se como que forçando o sorriso. Mungo mal o reconhecia sem o ar habitualmente descontraído. — Não me disseste que o teu pai estava em casa.

— Não estava. Veio só de fim de semana.

— Mas não tinha folgado duas semanas?

— E tinha. Mas disse-me que conheceu uma tipa de Peterhead. Queria rumar cedo ao Norte e passar um tempo com ela antes de voltar ao mar.

Mungo não sabia onde ficava Peterhead. Nada disse.

— Ao que parece, a Caroline é camareira na plataforma de Auk. — James fez uma pausa. — Ela e a filha fazem criação de *Yorkshire terriers*. Têm onze. Ena, que festa.

James não parecia querer falar mais. Martelava o comando da televisão, saltando tão depressa entre os mesmos quatro canais que Mungo teve de prender a bochecha e afastar o olhar. James decidiu-se pela reposição de uma comédia inglesa qualquer. Deixaram-se ficar sentados num silêncio pesado, a ver reformados descerem um piano por uma encosta do Yorkshire abaixo.

A sala tinha a mesma configuração da de Mungo, mas era tudo melhor e mais faustoso. Tinham alcatifa e um grande tapete de lã. Alguém tivera o cuidado de casar o sofá com a alcatifa e a alcatifa com as cortinas. Dava a sensação luxuosa de ter sido tudo comprado ao mesmo tempo, e não guardado e depois acrescentado, peça a peça. Havia fotografias emolduradas no lintel da lareira: uma de uma família de quatro a posar em estúdio, outra de duas crianças, James e uma rapariga bonita, mais velha.

— Não sabia que tinhas uma irmã.

Ele seguiu o olhar de Mungo.

— Chama-se Geraldine. Casou com um revendedor de uísque.

— Fixe.

James bufou.

— Gerald. Chama-se «Gerry Berry». Dá para acreditar? Ela julga-se a última bolacha do pacote por viver numa casa vistosa com antena parabólica. Mas sei bem que ela é só aparências. Às terças e quintas depois

do trabalho, a sô dona Gerry Berry gosta de aparecer por aí e de me trazer jantares congelados.

— Talvez só queira ter a certeza que comes bem.

— Achas? Para mim, ela sente culpa.

Mungo pensava em Jodie. A pergunta que fez a seguir só lhe pareceu natural.

— Porque é que não vais viver com ela?

James virou-se e olhou-o diretamente nos olhos.

— Porque é que ela não mo pede? — E virou-se outra vez para a televisão. Esta pessoa era diferente, não era o rapaz esforçado, caloroso, fresco que Mungo conhecia do pombal.

— Vá lá, não sejas assim. — Mungo bateu o ombro no dele.

Quando o fazia a Jodie, ela devolvia-lhe o gesto, e não demorava a torturarem-se um ao outro até o que os afligia se dissipar um bocado. Mungo voltou-lhe a bater no ombro. James não se mexeu. Mungo sentiu-se parvo, acanhado ao seu lado. Ia endireitar-se quando James se mexeu ligeiramente. James tirou o braço de baixo do corpo e pendurou-o nos ombros de Mungo, o que fez Mungo retrair-se antecipando um golpe, um safanão, um mata-leão. Mas, na espera pela retaliação, foi-se dando lentamente conta de que não vinha ali dor. James, em vez de o rejeitar, dera-lhe mais espaço.

Mungo deslizou no sentido de James e encheu a cavidade ao lado dele. No peito de James havia uma maré, Mungo oscilava nessa agitação. Era levado pelo lento vai-e-vem do peito dele, reconfortado pelo suspirar na orla da respiração dele. James tinha o braço pesado, mas Mungo gostava desse peso, sentia-se seguro debaixo dele. A lanolina da camisola de lã de Aran de James fazia-lhe comichão na nuca, e ele sentia o odor a suor do sovaco dele, os restos pegajosos do desodorizante, o sal da pele gasta da

chuva. Os dedos de James bailavam no ar, ao ritmo do espírito distraído dele. Mungo fechou os olhos, os dedos tamborilaram-lhe um suave bater no peito.

James ria-se de vez em quando dos reformados desajeitados da televisão, todo ele estremecia. Mungo continuava mudo. Não se conseguia concentrar no programa, acompanhando os padrões da risada de James, sempre com meio atraso. Assim se deixaram ficar sentados muito tempo. Tudo parecia como que errado. Mungo inquietou-se por aquilo poder ter um fim.

— É muito dinheiro, não é? — Mungo não o ouviu, James repetiu: — O dinheiro: é uma bela maquia.

O Sr. Jamieson tinha deixado na mesa o que pareciam ser duzentas libras. Mungo esforçara-se por não olhar.

— Pagam-lhe uma fortuna, só por isso é que não se vem embora. Pagam-lhe horas a mais e subsídio de risco. No meio do mar, não tem onde o gastar.

— Isso é para te alimentares?

— Ele nunca me pergunta onde é que o gasto.

James alçou o braço e levantou-se. Foi como se tivessem arrancado uma manta grossa numa manhã de inverno.

No armário folheado, havia uns bibelôs de cristal e umas quantas prateleiras de livros encadernados a couro. De ar fino e chique, como o escritório de um intelectual. James tirou um da prateleira e abriu-o à frente de Mungo. Não era um livro, mas a caixa bordô de uma videocassete. Nenhum deles era um livro a sério.

Dentro deste livro falso, havia um monte de notas novinhas.

— Duas mil, quarenta e nove libras, mais ou menos. Não gasto tudo o que me dá. A maior parte tento poupar para ter que chegue quando estiver pronto para me ir embora. — Dobrou as notas dentro da caixa e atirou o

livro pela mesa, na mesma displicência com que atiraria um maço de cigarros vazio. Sentou-se no lado oposto ao de Mungo, mais distante, e enrolou os pés chatos debaixo de si. Voltou a fixar a televisão.

— Como anda Conan, o *Sectário*?

James riu-se, e Mungo animou-se por ver novamente o rapaz contente de falhas nos dentes.

— Afinal, chama-se *Sol da Caledónia*. Tinha fama. Não se fixava por lá, levei-o a um tipo de Garthamlock. Deu-nos quarenta paus por ele, que o Flannigan Baixinho me metia uma navalha se alguma vez me apanhasse.

— Mas tu não roubaste o pombo. A questão não é essa?

— Pois, mas um patego qualquer ficou todo incomodado. Tu viste, eu apanhei-o mesmo, não o roubei. O Flannigan que se lixe. Gruu-ruu, gruuu-ruuu.

— Deixa-me triste que o tenhas vendido.

James esticou o pé e afastou Mungo.

— Tens de os vender. Senão, o pombo pode tentar voltar pra casa e levar com ele a tua melhor ave. — Afastou o pé. — Tens de os pôr a mexer. De os confundir. Faz tudo parte da coisa.

Mungo sentiu-se oco de lado, onde James se apertara contra ele. Julgava que talvez James sentisse falta do contacto, que talvez andasse aqui sozinho, mas talvez fosse Mungo a querer ser reconfortado.

— Tens fome? — perguntou James.

Não tinha (o estufado, pesado que nem chumbo, enrolava-se-lhe no estômago), mas ainda assim foi atrás de James à *kitchenette*. Os armários estavam cheios de caixas coloridas. Era uma caverna de açúcar digna de Aladino, com toda a espécie de pré-embalados que se pudesse comprar. A Mo-Maw nunca entrava nessas filas do supermercado, ficava-se pelas

carnes e pelos legumes, o mais longe que ia era sopas em lata. James olhou para o tesouro num suspiro de tédio.

Na parede por cima da mesinha de jantar, encontrava-se uma coleção de crucifixos. Uma colagem de várias folhas de palmeira dobradas compunha pequenas cruzeiras. Tinham os nomes dos filhos escritos na mesma letra, mas em marcadores de cores diferentes. A mãe devia ter recolhido aquelas palmas ao longo dos anos, em cada Domingo de Ramos.

— Porra.

— Que foi? — James comia dois biscoitos de chocolate que tinha juntado como se fosse uma sandes.

— Nada.

O motivo por que não era propriamente capaz de situar James era por andarem em escolas diferentes: ele não era só mais uma cara desconhecida, perdida na algazarra de uma escola pública com alunos a mais. James era católico, e este católico sorria de orelha a orelha ao deitar duas tigelas cheias de cereais açucarados e partiu uma bolachinha de chocolate por cima. Mungo agarrou neste regalo e esforçou-se por não olhar para os crucifixos. Com o leite a escorrer-lhe pelo queixo, decidiu não contar a Hamish do feniano.

Passaram o serão no fulgor do lume elétrico a ver na televisão a *Royal Variety Performance*, a gala anual de beneficência com a presença da família real. Deitados na alcatifa, empanturraram-se de um cortejo sem fim de bolachas amanteigadas. Os comediantes ingleses não tinham manifestamente piada. Estes comediantes ingleses a atuarem perante a rainha não tinham piada e escorregavam naquela estranha graxa resvaladia. Ainda por cima, o homem que agora atuava andava de pulso frouxo, algo nele deixava os dois desconfortáveis. Era uma visão asquerosa, as pessoas riam-se às gargalhadas, quanto mais se riam mais ele patinava e ciciava.

— Quando partires — perguntou Mungo —, vais para onde?

James desviou os olhos do comediante e baixou a cara ao chão.

— Já te disse. Para qualquer sítio, menos aqui. Quero viver num lugar onde as pessoas não se andem sempre a ir embora. Não me importo de ficar sozinho. Importo-me é que andem sempre, sempre a dar à sola. — James fitou-o. — Se eu me fosse embora, tu ficavas bem?

Mungo encolheu os ombros.

— Fazes o que te apetecer.

James estava entre Mungo e a televisão. Procurava o rosto de Mungo no bruxulear do ecrã.

— Tu não sabes mentir, Mungo Hamilton. — Tentou enfiar um dedo grosso na bochecha de Mungo, mesmo onde começara a tremer.

Mungo afastou-o com uma palmada.

— Porque é que não há cabrão nenhum que não me queira tocar na cara?

James apoiou a cabeça no cotovelo.

Mungo semicerrava os olhos, olhava-o como se fizesse um exame aos olhos. Começou-se a rir.

James levou o olhar atrás, à televisão cintilante.

— Estás-te a rir para quem?

— Consigo ver várias cores pelas tuas orelhas grandes. Estão todas brilhantes.

James achatou-as contra a cabeça.

Mungo afastou-lhe as mãos, as orelhas grandes renasceram.

— Pareces o Dumbo.

James lançou-se sobre Mungo, apanhou-lhe o tornozelo com brusquidão e torceu-o. O joelho estalou, Mungo contorceu-se para soltar a pressão que lhe causava dor.

— Chama-me lá isso outra vez — rosnou James. — Vá, chama lá.

— Dumb...

Antes sequer de acabar, já James estava em cima dele, de joelho ao lado de Mungo e a mão esquerda a premir-lhe a cara contra o chão. A alcatifa espessa arranhava-lhe a bochecha esfolada.

— Não te oiço. Diz lá agora.

Na maior parte dos dias, Hamish facilmente levava a melhor sobre Mungo. Mungo depressa aprendera a não resistir, pois isso só prolongava a coça. Enrolava-se. Enfiava os cotovelos nos joelhos e protegia a cara com os antebraços, o que tirava a pica a Hamish. Não tinha piada bater num saco de carne inerte.

— Rende-te — ordenou James.

— Pois claro! Nem pensar.

James voltou-lhe a torcer o braço.

— Ren... de... -te.

— Pronto.

James soltou-o, e Mungo afastou-se logo. Sentou-se de costas para ele, a afagar o pulso dorido. James fora longe de mais, não era melhor que Hamish. Sumiu-se-lhe dos lábios o sorriso do vencedor. James estendeu a mão em jeito de desculpa. Mas Mungo virou-se, fez-lhe um olhar zangado debaixo da franja e rasgou um sorriso.

— Dumbo. Dumbo. Dum-bo. Meu palerma orelhudo. Consegues batê-las e voar?

Aguentava mais do que James alguma vez seria capaz de lhe dar. James iria aprender isso.

Andaram naquela bulha até se acenderem as luzes da rua. Mungo ficara fora de casa o mais que conseguira. Levantou a *T-shirt* e esfregou a barriga inchada, enjoado das bolachas todas cheias de açúcar.

— Tenho de voltar para casa. A Mo-Maw vai ficar preocupada. — Era o

que os Americanos diziam na televisão. Gostou do som daquilo, mesmo sabendo que ela não ficaria preocupada.

Uma tensão espalhou-se pela cara de James. Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas Mungo viu as palavras prenderem-se-lhe aos dentes, como se pensasse duas vezes.

— Gru-ru, gru-ru, gru-ru — respondeu, balançando-se e arrulhando.

— Amanhã, depois das aulas, passo pelo pombal. — Mungo esforçou-se por parecer o mais descontraído possível. Fingiu procurar algo no bolso do corta-vento. — Andas na escola católica, não é?

— Sim — respondeu James. — Já te disse que o teu irmão me tentou matar.

Mungo levantou os olhos. Percebera mal.

— Achei que estavas a ser vago. Meio como se te quisesse matar por acaso.

James sentou-se e levou os joelhos ao peito.

— Não. Todos os dias, às quatro da tarde, eu tinha de fugir dele e dos outros Billies. O teu irmão, para caixinha de óculos, consegue mesmo dar à perna.

— Pois, ele é um desperdício de talento.

James remexia no dedo grande do pé. Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas várias vezes baixou a cabeça e o cabelo lhe caiu nos olhos. Quando lá falou, dirigiu-se a um candeeiro de mesa com franjas.

— Mungo, posso-te pedir um favor? Não quero que soe estranho. Mas podias ficar só mais um bocadinho? Talvez passar cá a noite, se quiseses? — Mungo percebia-lhe a dificuldade que sentia. — Tenho uma caixa de bombons de Natal, podes ser tu a escolher primeiro.

— Não posso. Por causa da minha mãe. — Mungo apontou com o polegar por cima do ombro.

— Anda lá. Estou-te a pedir.

Mungo expirou. Conhecia bem aquele peso.

Os rapazes foram ao piso de baixo e pediram à Sra. Daly para usarem o telefone. Ela parecia estar à espera deles e deixou-os sozinhos no seu corredor limpo.

O telefone tocou duas vezes, até que Jodie atendeu. Sentia-se-lhe na voz o desânimo tão frequente depois de um turno longo no café. Mungo disse-lhe onde estava e onde ia ficar, e que de manhã ia buscar o uniforme da escola.

«Espera lá, tu tens *mesmo* um amigo?» Ela soava surpreendida e aliviada.

— Há problema?

«Não, na boa.»

— Posso cá ficar então?

«Sim. Se precisar de ti, aceno-te das traseiras. Fica atento aos sinais de fumo.»

— Contas à Mo-Maw por mim?

«Conto, pois», respondeu ela, e sacudiu os lábios num suspiro de exasperação. «Quando a vir.»

— Como assim?

Jodie passava uma escova plana pelo cabelo. Ele conseguia ouvir pela linha a estática a estalar.

«Mungo, achavas mesmo que, desta vez, ela ia ficar por cá?»

— Oh. — A Sra. Daly tinha tantos gatos que Mungo perdia a conta.

«Esquece. Ela deixou escrita uma nota bem bonita.»

O quarto de James era uma salganhada. Tinha as paredes cheiinhas de cartazes em camadas umas em cima das outras. Montes de roupa limpa e

suja pelo chão. A um canto, uma pilha de gaiolas velhas para canários, alteradas para transporte de pombos. Por cima, um mapa das aves da Escócia, com os lagos e as encostas em assombroso pormenor, cada valezinho repleto da espécie que um entusiasta podia lá encontrar. James tinha assinalado com círculo lugares remotos onde desaparecer.

Os rapazes ali ficaram deitados na cama de solteiro, Mungo com a cabeça aos pés dele, e vice-versa, com James a olhar para cima. Faziam o esforço imenso de não se tocarem. Se um aproximava demasiado a perna, o outro mexia-se e punha-se de lado, pendurado no colchão estreito.

— Como é que é a tua mãe? — perguntou James no escuro.

É difícil descrever uma mãe. Só temos uma, não temos ponto de comparação e não é como um forno novo, não vem com uma lista de especificações.

— Sei lá. É a minha mãe. — Mungo nunca tinha pensado nisso.

Ouvia James descolar um autocolante antigo da cabeceira.

— Ela gosta de dançar?

— Sim.

— Gosta de cantar?

— Sobretudo quando fica bêbada. — Mungo abriu os olhos na escuridão. O quarto parecia estranho e como que familiar. Teria imaginado o quarto de um católico sem nada, quem sabe com crucifixos por todo o lado, mas não havia nenhum. Estava sempre à espera de se virar e dar com Hamish a comer cereais na cama. — A minha irmã diz que ela não é nenhuma mãe. Diz que fomos um engano que aconteceu a uma miudita palerma e que ela desde então se arrependeu. Quando o meu pai morreu, a Mo-Maw decidiu pôr-se em primeiro lugar.

— Não é assim que as mães devem ser.

— A Jodie diz o mesmo. — Ele não queria falar mais delas. — A tua

como era?

— Ah, era a maior — respondeu logo James. — Mesmo quando andava bastante doente, fingia que estava bem. Quando eu chegava todos os dias das aulas, ela dava-me um abraço e só me largava quando lhe tivesse contado o dia todo. Se chegasse depois de mim, a Geraldine tinha de ficar na fila para o abraço dela. Podia levar uma eternidade. A minha mãe chamava-lhe a «espremedela». Dizia que, se não nos apertasse bem apertadinhos, não íamos querer saber dela. Apertava-nos o mais que podia para espremer tudo o que era bom. Só nos largava quando lhe contássemos tudo.

— Isso soa-me bem.

— Pois. E era mesmo. — James tossiu como se algo lhe bloqueasse a garganta. Mungo percebeu-lhe a respiração funda para não chorar.

Mungo não sabia que fazer. Estendeu-lhe a mão e sentiu-lhe a tibia definida. Fechou a mão e foi-lhe dando pancadinhas pelo osso, subindo e descendo, que nem um médico a sondar uma fratura. Ficou à espera que James se encolhesse. Mas não o fez, Mungo recuou primeiro. Tirou a mão e pô-la no centro do peito.

— Qual foi o melhor jantar que ela fez?

— Era péssima cozinheira. — Fungou. — Mas tenho saudades disso, não da comida, mas de sentir que ela andava aqui por casa a olhar por nós. Quando ela andava na cozinha, a casa nunca parecia vazia. Quando ela morreu, o meu pai estava a trabalhar na plataforma. Ela disse-lhe que estava tudo bem, mas não. Até fretaram um helicóptero especial só para ele, e mesmo assim, quando ela morreu, ele demorou oito horas a cá chegar.

Oito horas. Mungo não imaginava distância tão grande.

— Fiquei aqui sentado com o corpo dela. Só à espera dele. — James engolia agora com mais vigor.

Mungo não conseguia atravessar a distância entre eles. O melhor que pôde foi pôr a mão ao lado da de James para que os mindinhos de ambos ficassem quase a tocar-se. Encontravam-se tão perto um do outro que era como se *estivessem mesmo* a tocar-se. O calor da mão de James transpunha a distância entre os dois e inundava todo o corpo de Mungo. Ele ali ficou, virado do avesso e noutra mundo, e ouviu James engasgar-se. Queria dar-lhe mais consolo. Mas a coragem não vinha.

Foi James a alterar as coisas. O mindinho pousado ao lado do mindinho de Mungo atravessou o espaço e fechou-se no dele. A corrente elétrica que flagrava na fronteira saltou para a pele de Mungo, e ele queimou-se.

Sem questionar porquê, Mungo sentou-se na cama e orientou-se de maneira a ficar ao lado de James. Puxou o rapaz ao peito e sentiu-lhe o rosto molhado e enrugado. Abraçou-o, como Jodie o abraçava, e deixou-o recordar a mãe. Era bom largarmos o nosso peso nos outros, mesmo que só por um bocadinho.

Mungo despiu o uniforme da escola e largou-o num monte no chão da sala. O armário da roupa estava morno, sereno, era onde se sentia mais calmo. Meteu a mão numa pilha de toalhas e saboreou a sensação do algodão na pele. Mergulhou o braço até ao sovaco, como que num abraço. Sentira-se ansioso o dia todo, a pensar em como James tivera demasiada vergonha em falar quando começou a chorar por causa da mãe.

Mungo só tinha querido ajudar, mas, à luz da manhã, James fora incapaz de o olhar nos olhos. Quando o Sol nascera, James saíra para o pombal, deixando Mungo sozinho com os seus cereais, a sentir que fizera algo sujo, algo errado.

Saiu do armário da roupa e pôs-se à janela. Cavou com as unhas a madeira macia, aprofundando os sulcos feitos nos últimos meses. Viu aparecer na rua um homem que conhecia. Andava de cabeça baixa, mas ia todo direito de cabeça orgulhosamente erguida, na direção de Deus. Caminhava em passo rápido: os braços arrumados de cada lado, cuidando de não ocupar mais espaço do que merecia. Não baloiçava as pernas como a maioria dos homens, a exibirem a necessidade que tinham de dar espaço ao piço. Tinha uma rigidez nos braços, mas ali, na ponta dos dedos, um ligeiro vulteu. Mal se percebia. Toda a gente percebia.

Raramente se via o homem sem sacas de mensagens. Todos os dias passava pela cooperativa e comprava só o que chegasse para durar até ao dia seguinte. Abastecia uma despensa de homem solteiro: duas salsichas do talho, pequenos pacotes de saquetas de chá e sacos de legumes congelados,

que se mantinham frescos durante mais tempo se os selasse com elásticos velhos.

Uns rapazes protestantes, que não faziam nada, repararam nele. Protegidos pelo toldo da loja paquistanesa, gesticulavam entre si com os cotovelos a macaqueá-lo enquanto ele descia a rua. Se Charles Calhoun, o Pé de Salsa, se deu conta de que o imitavam, não o admitia. Um rapaz seboso e de cara inflamada estendia o braço, ordinário, como se tivesse o pulso partido. Andava para cima e para baixo, todo afetado, à frente das estrelas autocolantes de tom néon que anunciavam bons descontos no pão da véspera. Os outros davam passas e umas gargalhadas.

— Ó meu! — gritou ele, num sacudir de dedos.

Várias donas de casa mandriavam à janela, bebendo chá à espera do regresso dos filhos da escola. Quem visse o pobre Sr. Calhoun silvava os lábios de pena.

— Disse eu: ó meu *cabrão*. — O rufia levantava a voz. — Não vais ser mal-educado e não fazeres caso de nós, ou vais?

O Sr. Calhoun, como lhe chamavam de frente, e o Pé de Salsa, como lhe chamavam pelas costas, não quebrou a passada rápida. E não levantou os olhos aos algozes.

— Tás-me a mirar o cu? — O rufia testou uma velha tática para o provocar. Virando-se para os amigos: — Eh pá, viram-me o velho a mirar-me o cu? — Todos disseram que sim. Feitos macacos de fato de treino, desataram a acompanhar a passada do solitário em gestos desvairados. Era só o que queriam: picarem-no para que reagisse, insultá-lo de maneira tão funda que lhe baixasse a guarda. Então fingiam-se ofendidos, batiam-lhe e lembravam-no do seu lugar inferior, abaixo da humanidade, abaixo deles. Este velho, por si só, fazia-os sentirem-se melhor. Quando toda a gente

olhava para eles como se fossem ninguém, não tivessem nada, aquele homem tinha menos ainda.

O homem manteve o passo metódico, o sorriso mais acanhado nos lábios. Mungo não podia saber que o Pé de Salsa estava ausente dali: não se encontrava no próprio corpo, aprendera havia tanto tempo a arte de pairar acima dos prédios. Era esse o truque dele. Enquanto o corpo se batia pela Parade, o espírito planava acima da Rua Duke, investindo em flecha até à sala de cinema do La Scala, onde se sentava no escuro, a ver a incandescente Anne Baxter no *Eva*.

O Pé de Salsa vivia no rés do chão esquerdo. Por essa porta passavam os miúdos todos a correr. Porta castanha, modesta, como a de Mungo, de aparência triste e degradada de todas as vezes que a haviam esfregado para limpar os grafítis obscenos. Alguém — um protestante, compincha do Ha-Ha — dera com uma lata de *spray* meio morta numa das lixeiras. O espertalhão tinha pintado «abesador de meninus» a *spray*, em letras grandes, na porta do Pé de Salsa. Jodie lavara a porta o melhor que conseguira antes que o Sr. Calhoun visse. Devia ter chegado a esfregar a tinta, pois foi o som de lixa que o trouxera à porta. Ali deu com ela, o uniforme da escola todo encardido da lixívia e tinta lascada.

«Ah, pobrezinhos. Não conseguiam soletrar nem que lhes pagassem. Por mim, prefiro “tocador de meninos”. Soa mais fino, assim mais musical. Não achas?»

Jodie gostava do Pé de Salsa. Tinha uma paciência infinita para os solitários. Mas Mungo desconfiava dele: não devia, mas acreditava nas mentiras que diziam do solteirão.

Mungo vestiu-se e enfiou o corta-vento. Talvez fosse melhor ir ter com James e fingir apenas que o desconchavo, que aquele pranto, nunca

acontecera. Descia a escada quando o Pé de Salsa, com o som dos passos dele, abriu a porta.

— Ah, meu menino. Graças a Deus que és tu. Podes-me ajudar? — Tinha nos braços a *Natalie*, a *whippet* dourada com que gastava a maior fatia da pensão de invalidez. — Tive uma chaticezinha. — Apontou para a luz do dia com a cabeça e nada mais disse. — Achas que me podes passear a *Natalie*? Deve ter a bexiga a rebentar.

Mungo foi com a cadela lá fora e passeou-a ao lado de uma fila de carros estacionados. Evitava chamar a atenção dos rapazes protestantes, em busca do próximo alvo, mas conseguia-lhes ouvir o gemido, suficientemente baixo para que, se ele os confrontasse, eles negassem — e ele jamais os iria confrontar.

— Mongo, Mungo.

A pequena *whippet* não se importava com a morrinha. Ela fez um esgar, despachou o que tinha a fazer e arrastou-o novamente para dentro.

— Fez pipi? — perguntou o Pé de Salsa.

— Sim, fez pipi.

— Pipi e *pupu*?

— Sim. Pipi e *pupu*.

Ele levou o cão aos braços.

— Linda menina. É difícil às senhoras fazerem *pupu* à frente de homens que não conhecem.

— A sério? O senhor devia ver a Jodie. Às vezes nem se dá ao trabalho de fechar a porta da casa de banho.

— Ai, que mauzinho! — O Pé de Salsa agitou a mão como um lençinho delicado. — Dás-me só mais cinco minutinhos? Preciso que segurem nela enquanto lhe corto as unhinhas. Sempre que me aproximo com o corta-unhas, ela sai-me disparada pra outra ponta da casa. A minha irmã costuma-

me ajudar, mas anda agora cum viúvo paquistanês e nunca põe os pés fora. — Pareceu melancólico por um segundo. — Pois, pensando melhor, ela até tem umas cortinas bonitas.

Mungo deve ter assentido, pois o Pé de Salsa afastou-se e deixou o rapaz entrar no apartamento. Ao passar a soleira, Mungo esforçou-se por não ver as palavras espectrais que ainda poluíam a porta.

O apartamento era mais pequeno que os de cima, boa parte roubada à escada e à entrada: parecia mais um T1 fora de moda que um verdadeiro apartamento de família. O Pé de Salsa trazia uma camisola amarelo-camelo da Lyle & Scott. Tinha o estranho hábito de enfiar a roupa toda nas calças, independentemente da espessura do tecido. O volume acima das calças plissadas dava-lhe a aparência desusada de uma cintura bem delineada. Dentro ou fora de casa, calçava sempre sapatos acabadinhos de engraxar, e um cinto fininho de fivela luzidia de metal. O Pé de Salsa passou a *whippet* desamparada a Mungo. Facilmente se cingiu nos braços dele, toda ela ossos e ligamentos, e ele segurou-a como um monte de galhos. Era a cadela menos amorosa em que Mungo alguma vez tocara.

Mungo nunca tinha visto o senhor passear a *whippet* durante o dia. Nem na semana anterior a Mo-Maw dissera ter visto aqueles dois pelo bairro, sozinhos nas ruas desertas, antes e depois do turno da noite. A Mo-Maw não se fiava nele, dizia que «andava pla calada feito ladrão de campas». Mas o Pé de Salsa preferia passar despercebido. Como que se fosse mais seguro imergir e emergir das sombras.

— Que grande ajuda, meu menino. Coa idade que tenho, não posso andar atrás dela pra todo o lado. — Agarrou numa das patas da *Natalie* e cortou uma unha de cada vez. — É uma doidinha. Andamos nisto há oito anos, todos os meses, por esta altura já achavas que se tinha acostumado. É pra veres... — Riu-se por entre dentes. — Nem os animais perdem a esperança

de acontecer coisa diferente. Um dia destes, apanho-a e, em vez de lhe cortar as unhas, pinto-as dum vermelho vermelhão. Vai ver como elas lhe mordem. — Deu um beijo entre as orelhas da cadela. — Que dizes tu a isso, hã? Minha tolinha.

Mungo inspecionou o espaço por cima da cabeça do Pé de Salsa. Casa imaculada, tudo frugal e muitíssimo organizado, sem um único cotão. A Mo-Maw dizia que o Sr. Calhoun era uma dona de casa, mas dona de casa só para si próprio.

«É solteiro», dissera ela, com os filhos alinhados à janela da *kitchenette* a verem-no a prender no estendal os lençóis e as meias.

Jodie inspirou.

«Que mal é que ele faz?»

«Aposto que bate tantas punhetas que precisa de lavar os lençóis todos os dias», propusera Hamish, num riso escarninho. «Solteirão dum cabrão.»

A única coisa que todos tinham acordado era que Mungo não se devia deixar ficar à porta do solteirão. Se quisesse brincar no prédio, devia fazê-lo em cima, nos lanços dos Campbells e dos Hamiltons.

Foi um corte rápido. Mungo pôs no chão a *Natalie*, que meteu a cabeça por baixo e cheirou o entrepernas. O Pé de Salsa riu-se.

— Que hábito engraçado. Está a ver se não lha roubaste. — Convencida de que ainda a tinha, a cadela cirandou até ao sofá e aninhou-se no canto. — Aceita um copinho de refrigerante, meu menino. Só pra te agradecer.

Quando Mungo começou por recusar, já o Pé de Salsa se encontrava na copa apertada. O rapaz entrou atrás dele. Ao lado da caixa do pão, havia um videogravador e uma grande televisão a cores. Mungo não conseguiu evitar dizer:

— Uau! O senhor tem duas televisões?

— Sim. Gosto de ver episódios antigos dos programas de desporto

enquanto cozinho. — Encheu um copo alto de refrigerante com gás. — Gostas de bola?

Mungo abanou a cabeça e olhou para as sapatilhas. Dava-lhe vergonha não ser bom de bola. Quis mudar de assunto, remexer noutra crosta, numa que não a dele.

— Então é a Sra. Calhoun quem cozinha sempre?

O senhor mal precisou de tomar fôlego: era vivaço.

— Ora, meu menino, estás a falar da minha irmã ou da minha mãe? Sei bem que não é da minha mulher.

Algo na maneira como o sorriso lhe escapou dos lábios mostrou a Mungo que ele próprio dera um passo excessivo. Talvez tivesse querido ver mais claramente o que todos espiolhavam pelas cortinas.

— Desculpe, Sr. Calhoun. — E acrescentou: — É só porque vivo lá em cima desde sempre e acho que não o conheço.

— Não me conheces? — Ele passou-lhe o copo, com um risinho. — Bem. Ao menos és o primeiro a admitir isso. As pessoas acham que sabem tudo de mim.

No parapeito estava um vulgar e corriqueiro pombo. O Pé de Salsa foi à janela deixar-lhe cair pela nesga pedacinhos de pão branco. Mungo notou-lhe o rosto macio e o cabelo claro e espesso. Não era tão velho quanto dizia, talvez fosse mais velho que a Mo-Maw, mas novo, bem mais novo que a Sra. Campbell. Este velho reformado e aqui enclausurado era uma afetação. O homem ainda podia andar a trabalhar, ser prestável. Ainda podia alguém amá-lo.

— Está tudo bem, meu menino? — Apanhou Mungo a meio de uma reflexão.

— Sim. Pensava só nos pombos. — E reforçando a mentira: — Um

amigo meu tem um pombal. Anda interessado em largadas de pombos. Ando a aprender tudo sobre eles.

— Ai sim? — Deixou cair o último pedaço de pão pela nesga. — O meu pai costumava prendê-los ao parapeito. A minha mãe fazia uma bela *quiche* de pombo.

— Que nojeira. Não conte isso ao meu amigo.

O Pé de Salsa riu-se.

— Ele não há de querer a minha receita, pois não? Como é que ele se chama?

Mungo perguntou-se se isso interessava. Se o rapaz do pombal ainda era sequer seu amigo, ou se Mungo fizera algo de mal quando tentavam fazer algo de bom.

— James, James Jamieson.

— «James, James Jamieson». — Repetiu o nome entre dentes e bateu o nó do dedo no parapeito. — James. Nome antiquado, sem grande rasgo, mas bom nome, sólido. Os James são gente muito leal. Soa-me a alguém em quem podes confiar.

— O senhor acha que sim?

— Sim. Já gosto dele. — O Pé de Salsa apontou para o andar de cima de um prédio depois da lixeira das traseiras. — Ele vive ali, não vive? Eu ia prò trabalho co pai dele, no autocarro da manhã. O pai era um filho da mãe grande, sempre de trombas. Não tinha tempo pra ninguém. Não te sorria nem que lhe comprasses dentes novos.

— Olhou para mim como se me tivesse arrastado todo sujo pela alcatifa. O senhor trabalhava com ele?

— Não. Eu era ardosieiro na câmara. Ele andava com um saco do sindicato. Devia trabalhar nos estaleiros. Talvez andasse nos andaimes ou na calafetagem. — O Pé de Salsa deu uma pequena pancada no vidro com

as unhas cuidadas. O pombo piscou os olhos. — Vi esse miúdo a olhar à janela. Fica ali noite dentro. Às vezes, até de manhã.

— Acho que anda à procura de papos-de-vento.

O Pé de Salsa fez que sim, mas o lábio de baixo sobressaiu-lhe, indicando que pensava outra coisa.

— Acho-o boa pessoa. É só reservado. — Mungo abanou a cabeça como se quisesse mudar de assunto. — Não sei. Consegue ser bem divertido quando vou ter com ele ao pombal. Nunca me faz sentir mal. — O Pé de Salsa fez uma expressão como quem não percebe bem o que Mungo queria dizer. — O senhor sabe quando alguém tem uma coisa de que gosta muito e não deixa ninguém chegar perto dela? Por exemplo, o Hamish tem um álbum antigo dos Pink Floyd em que não me deixa tocar. Abre-se numa imagem enorme, eu só quero ver os desenhos, mas ele nem me deixa pôr as mãos. Ou... *ou* como quando a Sra. Campbell não gosta quando lhe mexo nos bibelôs da mesinha do corredor. O James não é assim. Adora os pombos que tem e perde o tempo todo com eles, mas, mal o conheci, deixou-me agarrar num deles. Acho que foi bonito da parte dele.

O Pé de Salsa voltou a bater no parapeito de madeira.

— O bom e honrado James. — Refletiu um instante. — De que é que é feito o telhado do pombal?

Mungo encolheu os ombros.

— Não faço ideia. De tela?

O Pé de Salsa passou um dedo pelo bigode.

— Ná, ná, ná. Tela é que não. Vai ter de a trocar mais vezes do que precisa. Em que ângulo é que está metida?

Mungo não era bom com ângulos. Com as mãos, fez no ar o ápice de um triângulo e encolheu os ombros. O Pé de Salsa agarrou-lhe nas mãos e demorou-se um pouco a confirmar a inclinação exata do telhado que Mungo

tinha na memória. Manejou as mãos do rapaz mais para os lados e para baixo até Mungo concordar por volta dos quinze graus.

— Ná, ná, ná. Com o tempo, não é bom. É muito raso. Umas geadas mais fortes, e a tela absorve o mesmo que repele. — Ficou pensativo, ainda com as mãos do rapaz nas dele. A cara de Mungo começou a tremer de lado, e o Pé de Salsa de repente lembrou-se e largou-o. — Desculpa lá, meu menino. Burro velho não aprende línguas. Telhados! Às vezes não consigo evitar.

— Não se preocupe — disse Mungo, baixando as mãos. — Obrigado pelo refrigerante, Sr. Calhoun.

O Pé de Salsa esticou-se, como se quisesse que o rapaz ficasse, mas pensou melhor.

— Passas por cá outra vez? Mostro-te um truque que a *Natalie* faz por um naco de entremeada.

Mungo sabia que não podia, mas, por cortesia, mentiu.

— Sim.

— E diz ao bom e honrado James que fixe ardósia na tela. As coisas malfeitas, por aqui, acabam todas estragadas. — Levou Mungo pelo corredorzinho. A porta de entrada tinha cinco trincos e levou uma eternidade a abrir.

Mungo tinha adormecido. Ao acordar na terra fria, a tenda animava-se de salpicos de luz. Gallowgate respirava de maneira irregular, o hálito morno e fermentado. O braço era um peso morto na zona dorida abaixo das costelas de Mungo. A camisa e a camisola tinham subido, Mungo sentia o suor da barriga de Gallowgate a ensopar-lhe a cova das costas. O álcool paralisara Gallowgate, mas havia sinais de renascer. Mungo sentia o relevo inchado contra as nádegas, de vez em quando estremecia e pulsava quando Gallowgate bombeava sangue, comprimindo-se-lhe nas calças italianas.

Mungo tinha estado de punhos fechados. Brancos e exangues, ao abri-los vibraram de alívio. Fez as contas. Noite de sábado. Noite de domingo. E casa.

Na quietude da manhã, enquanto os seixos ainda escorregavam do orvalho, Gallowgate foi com Mungo ao lago. Ensinou o miúdo a preparar a linha, a atar tripa com pesos e um flutuador. A fixar o anzol com barbela num nó e a lançar nos pegos mais sombrios do lago. Como isco, tirou de um saco de congelador selado uns pedaços malcheirosos de lampreia. Gallowgate não parava de engolir em seco para superar a ameaça do vômito.

Mungo descalçou as sapatilhas e avançou com dificuldade pelo lago gélido, até a água lhe dar pelas coxas. O frio castrou-o. Tirando o ligeiro chapinhar e o ocasional enxame de mosquitos, o lago estava sereno. Debaixo do céu limpo, a superfície reluzia feita espelho. Mungo contorcia

os dedos dos pés e via-os claramente debaixo de água. Em frente, um vazio maior do que alguma vez vira.

A outra margem estava cercada de encostas cobertas de vegetação. Além delas ficavam os *munros*, nome dado às grandes e desnudas montanhas da Escócia, que iam o mais longe que Mungo via. O sol iluminava o oriente dos despenhadeiros, deixando os outros numas trevas profundas. Havia nestas sombras bolsas de neve mosqueada feita tinta lascada, demãos antigas de uma emulsão branca que descamavam das ladeiras musgosas, qual ofício manual de um Deus desatento. Cada montanha parecia ter sido partida de uma rocha maior. Algumas arestas eram tão afiadas que faziam lembrar Mungo do machado caseiro de Hamish.

Pelo lago perpassou um vento cortante, que, nessa sua pressa, lhe ferrou dentes no corta-vento. Mungo nunca sentira ar tão puro e, quando Gallowgate não estava a olhar, levou a cabeça atrás e deitou a língua à aragem. Sabia a verde, como a almargem, mas com uma dimensão castanha pré-histórica, como se tivesse indagado toda uma era de vales estreitos, húmidos e pantanosos e de florestas antigas, em busca de um caminho fosse aonde fosse.

Se soubesse as palavras que a descrevessem, diria ser o cheiro forte dos pinheirais, o fulgor vivo do samouco, da vícia e do tojo, e a tudo subjazia o almíscar húmido da terra fértil e escura, a chuva purificante e contínua. Mas, para Mungo, era verde e castanho, húmido e puro. Sem palavras. Cheirava apenas a magia.

Este vento mágico não comovia Gallowgate. Dava cabo dele, fazia-o atirar grandes escarros na água, que foram boiando, em nebulosos remoinhos, até Mungo. O homem pouco dissera a manhã inteira, como se fosse incapaz de falar por cima da zoeira da ressaca. De cana presa aos

joelhos, acendia o quinto cigarro. Mungo avançou no lago gélido. Queria guardar para si aquelas maravilhas impolutas.

Esta majestade também não tocou St Christopher, que passou a manhã radiante deitado na tenda individual a tratar dos tremores. A manhã ia avançando e mais álcool ia sendo eliminado pelo sangue de Gallowgate, o que o deixava pior. Os dois homens não falavam um com o outro desde a noite anterior e, pela maneira como Gallowgate ia lançando olhares à tenda de St Christopher, o rapaz percebia-o de mau humor e à procura de sítio que contaminar dessa má disposição.

Gallowgate esgueirou-se até à erva alta para fazer o serviço da manhã. Tomou um caminho sinuoso que passava pela tenda de St Christopher e deu um chuto nos cabos. A tenda, qual sudário, caiu sobre o homem adormecido. Mungo viu o tecido fino a subir e a descer, sincronizado com o ressonar do homem.

O Sol lento tinha passado do oriente dos penhascos quando St Christopher lá ressuscitou. No seu fato de sarja, inclinou-se à beira do lago e lambeu a água glacial feito animal. Agachou-se e ficou bastante tempo sozinho a pestanejar. Gallowgate ignorava-o, ocupando-se da fogueira. Deixou cair duas latas de feijão ao lume, e sentaram-se os três a comer um pequeno-almoço miserável. Tinham passado um tempo sem fim a abrir as latas, teimosas e em brasa, sem abre-latas, e Gallowgate, ao rebentar com elas na borda de uma rocha, arremessou feijão pelos seixos. St Christopher recorreu aos dedos amarelentos para poupar o feijão e enfiá-lo na boca. De vez em quando comia uma pedrinha sem querer, parava de mastigar com os dentes partidos e tossia, cuspendo, a pedrinha pelo acampamento.

Mungo sentou-se à parte quando apareceram umas nuvens densas. Tinham estado presas pelas montanhas, mas agora que encontravam

maneira de escapar, acorriam ao vale tranquilo. Acumularam-se, engrossaram e carregaram sobre eles, como fumo a encher uma sala.

Era estranho de ver, este assombro da luz cambiante a colorir a terra. O sol da manhã tinha iluminado os cerros de fetos, faias e líquenes. As nuvens lanosas caíam agora como pesadas cortinas, tudo ensopando de um cinza e castanho apáticos. Como se a terra não tivesse tons próprios.

Quando todos os verdes se desbotavam num cinzento, pensou em James, e na maneira como a luz lhe desamparava os olhos sem avisar. Mungo queria ver-lhe aqueles verdes e dourados. Afugentou então a ideia — nunca mais os iria ver.

Os homens vasculhavam os sacos vazios e chocalhavam as latas amassadas em busca de algo que lhes saciasse os tremores. Pela primeira vez, Mungo conseguia estudar Gallowgate à nitidez do dia. Não era muito mais velho que Hamish. Pendiam-lhe do corpo as calças vistosas: a única gordura residual nele eram as bolsas gordas debaixo dos olhos. De cócoras, passava em revista as sobras dos mantimentos e dispunha-as nas rochas. Ainda havia uma quantidade razoável de álcool: meia dúzia de latas, uma garrafa de uísque e um quarto de uma bebida límpida. De comida, tinham duas tabletes: a da rã pintada de lado e a de chocolate com leite a mais, que se dá às crianças com dentes a rebentar. Mungo perguntou-se se aquele seria o quinhão dele. Se seria o que lhe tinham trazido para que o rapaz que não conheciam simpatizasse com eles.

Já de pança acalmada pela cerveja acabada de beber, St Christopher foi à água. O tremor acalmara-se. Tinha levado da cidade uma mão-cheia de petingas meio podres, embrulhadas em papel higiénico para levar consigo no bolso do peito. Aquilo ajudava a explicar o cheiro desagradável que ele soltava. Mungo tentou não respirar enquanto o homem lhe mostrava como

prender o anzol no esófago do peixe. St Christopher lançou a linha e enfiou as restantes petingas no bolso do casaco.

— Não há nada de melhor, pois não? Só gajos e uma boa pescaria, né? — Pelo menos estava mais bem-disposto que o mal-humorado do Gallowgate. — Não me acredito que nunca tivesses vindo à pesca. Que tristeza. Hoje já ninguém ensina os miúdos a se desenrascarem. Noutro dia encontrei um gajo que nem um furo da bicla era capaz de arranjar. Foi só pegar nela e atirá-la ao rio.

— Porquê?

St Christopher meneou-se.

— Sei lá. Esperei só que ele se fosse embora, fui à água e consegui vinte e cinco paus no prego.

— Eu consigo arranjar bicicletas. Não sou bom na escola, mas sou capaz de arranjar coisas. E sei de pombos.

— Não te preocupes coa escola. Trabalho nunca falta a gajos bons de mãos. Glasgow é terra de quem trabalha.

Mungo pensou no que Hamish lhe contara dos estaleiros: as centenas de homens despedidos todos os meses. St Christopher perdera-se noutra época. Mungo rasou uma pedra pela tona da água.

— Como é que o lago se chama, afinal? — Tentava parecer descontraído, mas ainda não sabia onde se encontrava.

— Não te vou dizer — retorquiu St Christopher. — Se te dissesse, vinham pra cá os palerminhas todos do bairro nos carros todos quitados e nas bicicletas de montanha darem cabo deste paraíso. Pois, a tua mãe contou-nos do teu mano. — Ruminou um pensamento. — Como é que o teu irmão não te ensinou a pescar?

— É demasiado parado para ele.

— E não tens paizinho pra te ensinar?

— O meu pai morreu.

— Ah, desculpa. Um rapazinho assim como tu. Deves de sentir falta dele.

Mungo não conseguia dizer as saudades que tinha. O sentimento era grande de mais para pôr em palavras.

— Eu era muito novo.

St Christopher deu um suspiro piedoso.

— Tem piada. A tua mãe, pra mim, tinha ar de divorciada. Gaja zangada. Parece que a enganaram.

Mungo não sabia o que responder. Ficava contente quando St Christopher se punha a falar para encher o silêncio.

— Acho que a minha mãe ficou toda contente quando o meu pai morreu. Ele não era ruim, só gostava muito das corridas de cavalos. Ao princípio, achei que a minha mãe se ia casar outra vez. Inda era nova, mas não era boazona. — Virou-se para o rapaz. — É feio de se admitir da minha mãe?

Mungo encolheu os ombros.

— Não é? Pois, é verdade. Ela a modos que não deixava nenhum homem todo arrepiado, mas era bem carinhosa. Muito culta. — St Christopher virou-se para o lago e esticou a linha. — A tua mãe casou-se outra vez?

Mungo abanou a cabeça.

— Anda a tentar. E a sua?

— Eh pá, não. Isto foi há muito ano. Ò depois do meu pai morrer, a boa da Jeanette vendeu logo a casa da família e comprou um T1 em Govan. Deu-nos a todos um dinheirinho, disse que nos queria ver a gozar um pouco a vida enquanto vivesse. Foi o mesmo que dizer: «Tomem lá e saiam de ao pé de mim.» — Riu-se. — Não voltou a casar, acho que nunca mais deixou outro gajo se meter dentro dela. Mas no fim lá conseguiu o que sempre quis.

— O quê?

St Christopher riu-se por entre dentes, como se fosse óbvio.

— Paz e sossego dos homens.

Mungo rasou a última pedra por cima do lago.

St Christopher puxou a linha da água. A petinga tinha desaparecido: sobrava só uma bolsa leitosa de orgãozinhos, ténues fios encarnados do fígado e do coração que turvavam o muco. O anzol devia ter ido bem fundo para rasgar assim as entranhas do peixe, duas vezes estragado.

— Filho da mãe! Fugiu-me co chamariz. Devias ter tado atento. Aposto que foi a porra dum lúcio. Como é que eu não senti ele a puxar a linha? — Fazia a pergunta mais aos deuses do lago que a Mungo.

Mungo perguntou-se se haveria muito mais que o homem ainda sentisse. As veias cruas e cauterizadas da cara, que lhe subiam pelas mãos e desciam pelos antebraços, pareciam todas forçar a superfície na esperança de sentirem alguma coisa, o que fosse. Até os olhos amarelos se lhe invadiam de vasinhos sanguíneos que lembravam Mungo do gelado de baunilha do Garibaldi: pequenas esferas de um amarelo cremoso atravessadas de um molho do vermelho da framboesa.

St Christopher raspou os órgãos esquisitos do anzol e atirou-os à água. Cuspiu a Mungo, por cima do ombro:

— A culpa é toda tua. Puseste-me a dar à língua sobre a minha mãe. Vai-te daqui. Dás azar. — E acrescentou, mais para si que para Mungo: — Sou melhor que isto.

Mungo não respondeu. Era difícil perceber se St Christopher estava destroçado ou se nem nunca existira sequer um destroço. Ensinar ao rapaz a antiga arte da pesca fora até agora o único contributo que ele dera à viagem. A água, toda a Escócia, estava à pinha de peixe. Agora as entranhas

arrancadas de uma petinga de supermercado confirmavam-no, até nisto, como fracasso.

St Christopher enrolava as mangas do casaco para cima. Os antebraços eram tão magros que podia enrolar várias vezes até quase lhe chegar ao cotovelo. Espetou outra petinga no anzol e lançou a linha à água. A boia oscilou uma vez, a petinga foi-se.

— Sacaninhas dos peixes!

O homem estava ensopado até aos joelhos. Tirou as calças e entrou no lago até a água lhe dar pela cintura. As cuecas pendiam-lhe como tanga feita de um lençol velho. De braços esticados, ficou tão quieto quanto uma árvore morta e, à aproximação de um peixe, fez o teatro de o tentar apanhar com a concha da mão. Caiu e afundou-se. Agitou-se à tona, cuspia e praguejava, agarrado às cuecas lassas para não lhe escorregarem pelas pernas. Mungo pousou a cana e desculpou-se, dizendo que tinha de se ir aliviar. Precisava de se pôr de costas para o santo e esconder o riso.

St Christopher não deu atenção ao rapaz a vaguear pela margem do longo lago. Havia um matagal de árvores raquíticas que desciam à borda. Mungo ia ziguezagueando por entre elas, sentindo o pântano engolir-lhe os sapatos e o lodo arribar-lhe pelas pernas despidas. Adentrou-se na floresta. O lago estava silencioso, mas aqui ainda mais, sem o suave chapinhar da água. Andava sem rumo pelos rochedos musgosos e trepava com cautela os troncos das árvores caídas, apreciando a terra sarapintada pelo sol que atravessava a copa fina das árvores. Escondeu-se, mas nada se mexia. Pensava na última pessoa a ver todo este valezinho esquecido. Ocorreu-lhe então que estava completamente sozinho.

Chegou a um rio gorgolejante, afluente de água doce que ia dar ao grande

lago. A água, abundante em minerais, fazia espuma nas margens. Rodopiava à volta das rochas, adensava-se aqui e ali de cardumes de peixes castanhos, rápidos, contentes e serenos. Mungo entrou na corrente que lhe dava pela cintura: ali era mais frio que no lago, vinha direta do degelo dos picos. Perdeu o pé no leito musgoso, a água gélida tirou-lhe o fôlego. Saltou e guinchou, de repente bem alerta, a trepar para a rocha seguinte. Atravessou o rio, observado por um peixe castanho anafado.

As árvores iam desaparecendo, e lá estava ele de volta ao lago exposto, longe dos homens. Caminhava pela margem, parava só para encher o bolso de pedras lisas para atirar. Ao fazer uma curva, viu diante de si as ruínas de um antigo castelo. O castelo erguia-se das mesmas pedras pardas das colinas em redor, rompendo pelo granito como grande brecha na terra. Devia ter sido outrora um lugar altaneiro, estendendo-se por vários outeiros até uma península no lago. Ainda restavam de pé três muros altos de um grande salão, e outro com a forma vaga de uma torre, de quatro ou cinco pisos de altura e as fendas estreitas das seteiras.

Escalou um dos muros derrocados e especou-se no salão desfeito. Parte da torre alta ficava no coração do castelo, onde se desmoronara com estrondo pelo telhado. O que sobrava parecia compacto como uma fortaleza. Tirando a invasão do Castelo de Culzean com Hamish, Mungo nunca tinha visto um castelo, muito menos estivera dentro de um. A Mo-Maw nunca o deixava ir à escola nos dias em que a turma ia de visita a Stirling ou a Edimburgo. «Não trabalho eu as horas todinhas que Deus me destinou pra andares a apalpar tapetes.» Havia sempre alguma coisa mais premente em que gastar as quatro libras e meia.

Quinze anos tinha ele vivido e respirado na Escócia sem nunca ver vales, lagos, florestas ou castelos em ruínas. Na verdade vira, mas só nas latas das bolachas ou nas laterais dos autocarros turísticos. Mungo deitou-se numa

das pedras do lar e deixou a cabeça rodar. Era difícil não se sentir um pouco ébrio.

— Oláááá. — A voz ecoou-lhe pela câmara sem teto. — Gru-ru, gruu-ruu, gruuu-ruuu — gritou aos céus.

Perguntava-se, agora que vira mais mundo num dia que em quinze anos, como seria voltar a casa: como poderia ele ficar no bairro sem tentar superar o bairro? James tinha razão. Mungo queria que James, ou Jodie, estivesse ali consigo, mas sobretudo James. Seria coisa imensa ter com quem partilhar esta novidade toda, ter alguém que soubesse que ele não tinha inventado isto tudo. Remexeu no líquen ocre e sentiu a frustração de não ter palavras para pintar tudo isto a Jodie, a Hamish ou à Mo-Maw. Mesmo que conseguisse descrever, estava ciente de que eles não iriam querer saber: iriam fazê-lo alçar-se da roupa por passar a ferro ou pedir-lhe que segurasse na caixa dos autorrádios roubados. Iriam olhar para ele a mascar o tédio e a perguntar-se quando chegariam ao fim as historietas sobre o lugar verde e dourado.

Mas James talvez não. James tê-lo-ia escutado a contar as suas histórias, e quando Mungo lhe mostrasse a fotografia do esqueleto do carneiro, James iria perguntar-lhe se sentira um cheiro a ranço (não), se tinha lã agarrada à parte de baixo da carcaça (sim, uma lã creme e frisada). Queria que ele aqui estivesse. James ter-se-ia importado.

Mungo tocou com a nuca na pedra.

Levantou-se num rompante. Começou como que num galopar nervoso. Tinha de se mexer, de tirar da cabeça as ideias quanto à culpa do feniano. De pé junto ao lintel apodrecido, bateu os calcanhares um no outro. Fez uma vénia ao salão e, num movimento alternado de calcanhar e da ponta do pé, trotou a primeira ronda da *Strip the Willow*, uma dança popular escocesa. Aprendera-a na escola, durante um inverno particularmente mau.

Tinham cancelado, contra vontade, todos os períodos de desporto ao ar livre, e os rapazes dos bairros — com requinte nato quando andavam a rachar os tacos do hóquei na cabeça uns dos outros — foram obrigados a dançar no ginásio gelado, em pares relutantes. Mungo dava piruetas nestas memórias. Sempre gostara das aulas da dança *cèilidh*: só nunca o pudera admitir. Ali trotava pelo salão em ruínas, fazendo rodopiar uma Jodie imaginária na ponta dos braços esticados.

— És bom nisso — disse uma voz desencarnada.

Mungo estacou. Gallowgate trepou pela parede caída, de cigarro preso nos dentes, demasiado convencido para tirar as mãos dos bolsos.

— Tinha-me esquecido deste pardieiro. — O maxilar estava mais folgado que de manhã. Mostrou uma cerveja acabada de abrir e bebeu-a em quatro bons goles. — Se não queremos morrer à fome, temos de ir à procura dum sítio. — Calcou a lata no punho e atirou-a às sombras do salão arrasado. — *Ou atão* assamos o palerma do velho antes que ele assuste os peixes.

Mungo tinha acalentado a esperança de que nunca conseguissem apanhar peixe. A esperança de que os tipos se fossem deitar cedo, todos famintos e inchados do uísque.

Gallowgate trepou para fora do castelo. Mungo fingiu dar um nó no atacador para empatar, precipitou-se nas sombras e encontrou a lata atirada. Escondeu-a no corta-vento e saiu dali para fora. Gallowgate já ia todo emproado na direção donde tinham vindo. Mungo perdeu um momento a apreciar o castelo. Correu o rolo da máquina descartável e demorou-se a encontrar o enquadramento da fotografia que ninguém iria querer ver.

Não tinha relógio, mas era como se andassem havia horas. Tinham errado pela beira do lago, passado o acampamento e prosseguido. Caminhavam

longe um do outro, nenhum abria a boca. Mungo demorava-se atrás. Ia apanhando as cabeças das flores silvestres para Jodie e enchia o bolso do peito. Quando as colhia, inventava-lhes nomes: hálitos-de-vaca, rabos-de-senhora, pilinhas-de-velho.

A aldeia já não o era. Casas soltas de pedra, restos de outra era. As três ou quatro por que passaram pareciam vazias havia muito tempo. Mungo espreitou todas as janelas.

A casa mais perto do caminho era uma loja de uma só divisão que também fazia as vezes de posto dos correios, mas era sobretudo o lar privado de uma mulher com cara de poucos amigos. Tudo dentro do estabelecimento estava coberto de uma fina camada de pó. Debaixo do olhar inexpressivo da dona já estragada da idade, Gallowgate comprou tabaco, o abastecimento inteiro de massa instantânea e todas as latas de cerveja que pôde. A mulher não lhes sorriu uma vez. Falava num ritmo monocórdico, como Mungo jamais ouvira. Tinha uma voz bonita, Mungo teria gostado de a ouvir falar mais, mas ela antipatizara logo com Gallowgate e apressou-se a pô-los fora da loja para voltar a fazer absolutamente nada. Algo na leveza das roupas que eles vestiam lhe tinha desagradado. Denunciava-os como forasteiros. Ela fez um esgar de reprovação ao ver os calções desportivos de Mungo e aquelas pernas azuis em sapatilhas coçadas. Aguçou o olhar quando ouviu a batida monótona e sem graça do sotaque de Gallowgate. «Isto é gente de Glasgow.» Só disse isto:

— É melhor levarem com vocês a porcaria toda que fazem. Não precisamos da gente da cidade a fazer do lago uma grande lixeira.

Quando a mulher não estava a olhar, Gallowgate fez-lhe um pirete e enfiou na manga uma tablete. No caminho de regresso, passou o chocolate morno a Mungo.

— Isto vai-te pôr essa carinha a sorrir?

Abandonavam o aglomerado de casinhas quando depararam com uma cabina telefónica vermelha, enfiada debaixo de um feixe de teixos e bem coberta de vegetação. Mungo estacou.

— Posso ligar à minha mãe?

— Não tenho moedas comigo, puto. — Ele sabia que Gallowgate mentia. Mungo tinha visto a mulher da loja dar-lhe troco.

O olho de Mungo palpitou como se fosse desatar nos espasmos. Tentou concentrar a decepção revistando os bolsos. Apalpou o corta-vento e dele tirou duas moedas prateadas.

— Na boa. Tenho algumas.

Era estranho estar numa cabina que não tresandasse a mijo. Alguém, por comodidade, forrara o chão com uma alcatifa estampada e instalara uma cadeira velha de cozinha debaixo do aparelho. Na prateleira da lista telefónica, havia um ambientador e o vaso de uma planta viva. Mungo carregou na terra e sentiu-a elevar-se por ter sido regada havia pouco tempo.

Meteu as moedas. Os dedos pairaram-lhe no disco tempo que chegasse para a linha morrer e o aparelho lhe arrotar as moedas de volta. Se conseguisse ligar a James: era só com ele que Mungo queria falar. Não sabia bem o número; além do mais, o Sr. Jamieson de certeza que lhe tinha confiscado o telefone creme levando-o no saco. Que parvoíce. Porque julgava Mungo que James queria falar com ele agora?

Marcou antes o número de casa e, sem sequer esperar, desligou. O aparelho soltou as moedas, ele enfiou-as e remarcou. A Mo-Maw atendeu ao primeiro toque. Mungo surpreendeu-se de a encontrar por casa, e não com o Jocky e a nova família.

— Tou? — Soava já irritada. — Cinco, cinco, quatro... hum... seis,

um... hum... dois, dois.

— Mo-Maw. Sou eu.

— Mungo. Mungo, amor, és mesmo tu? Tá tudo bem contigo? Onde é que andas? — As perguntas tombavam-lhe demasiado depressa.

— Sim, sou eu. Estou bem. — Mungo começou a responder à última pergunta e deu-se conta de não saber ao certo a resposta. — Não sei bem onde estou. Há vegetação, um lago profundo e um castelo antigo. Chegámos já era hora de dormir, por isso não vi sinais nenhuns.

— Tão a cuidar bem de ti?

— Assim-assim.

Ela pareceu respirar pela primeira vez.

— Inda bem.

Gallowgate dava voltas à mão, sinal para Mungo se despachar.

— Aprendi a fazer uma fogueira. A pôr isco num anzol.

— Vês? — A voz da Mo-Maw soava aliviada. — Foi o que eu disse à Jodie. Por isso é que eu queria que fosses. Fazer coisas de gajo. Vai fazer de ti um homem.

Mungo virou costas ao vidro. Remexeu na planta-das-aranhas e sussurrou ao auscultador:

— Queria ir já para casa.

— Pronto. Atão anda.

Não esperava que ela se convencesse tão facilmente. Aquilo irritou-o. Tinha sido tudo ideia dela e agora estava disposta a desistir, a atirar aquela experiência toda pelo cano.

— Não posso. Levei uma eternidade a cá chegar. Eles só se querem ir embora na segunda.

— Atão só tens de me dizer onde é que tás.

O telefone fez três bipes. O dinheiro esgotava-se. Ele sentiu o tique a

contrair.

— Não sei onde estou.

— *Oh, filho.* Desculpa, Mun...

E caiu. Ele embalou um bocado o auscultador ao queixo, a fingir ainda estar em linha, enquanto procurava acalmar o motim da cara. Assim ficou até Gallowgate bater com o dedo no vidro.

— Bolas. Vai ficar escuro como tudo antes de voltarmos. Os mosquitos vão devorar a gente.

Chegados ao acampamento, tinham as pernas cobertas dos relevos das mordidas. Aliviado por ter conseguido mais bebida, Gallowgate estava com vontade de conversar e passou o regresso todo a palrar. Disse que ia ensinar Mungo a destripar um peixe se St Christopher tivesse apanhado algum, e a fazer uma armadilha para apanhar coelhos. No domingo à noite, iam comer um grande guisado de coelho. Carne de coelho com massa instantânea. Gallowgate jurou ser a melhor coisa que alguma vez provaria.

Mungo reparava no homem de perto: procurava sorrir em todas as alturas certas. Era a quarta cara que Gallowgate lhe mostrava, e não as queria confundir. O rabugento da camioneta, o rebarbado das histórias porcas à fogueira e o pescador magoado do lago, e agora este, o melhor amigo todo entusiasmado, o falso mano mais velho.

Mungo demorava sempre a perceber quando Hamish o andava a manipular. Muitas vezes só lhe caía a ficha quando Jodie berrava a Hamish que parasse, que deixasse de fazer de Mungo escravo, que não dissesse coisas simpáticas só para Mungo fazer o que Hamish queria. Isso em regra acontecia mal Hamish tinha sido incrível e inexplicavelmente bondoso para com Mungo. Mungo começara a desconfiar da bondade dos outros, mas

James alterara isso. Agora, via Gallowgate a caminhar, todo presunçoso, pela densa erva-canuda. Falava, numa grande animação, de montar as armadilhas todas e mais algumas.

— Vou-te mostrar tudo o que sei — dizia. — És ou não és um miúdo com sorte?

St Christopher secava o fato ao lume cheio de fumo quando lá chegaram ao acampamento. A roupa interior pendia dele, os nós das costas comprimiam-se-lhe contra a pele fina feitos ervilha-torta ainda na vagem. Mungo mirou-lhe as arestas dos ossos e teve pena. O homem parecia aqueles miúdos das maratonas televisivas de angariação de fundos para África, só que eles tinham as barrigas inchadas, e a de St Christopher abaixo das costelas fazia uma cova para dentro e quase lhe chegava à espinha.

St Christopher ficou contente de os ver de volta. Sobre uma rocha estavam sete peixinhos a secar, todos alinhadinhos, já de brilho esbatido e escamoso. Deu uma volta a eles feito gato doméstico todo cheio de si.

— Não é muito — dizia, agarrando em cada um com a pata e afagando-o suavemente. — Mas amanhã metemos eles nos anzóis e apanhamos uma perca ou uma truta.

— Pois. — Gallowgate chocalhou os sacos de plástico. — Isso pode mesmo resultar.

St Christopher, para comemorar, abriu a última garrafa de uísque. Deu-lhe dois bons tragos e passou-a a Gallowgate, que fez o mesmo. Estenderam-na a Mungo, que levou a garrafa aos lábios mas meteu a língua no gargalo, para fazer de rolha.

Gallowgate ferrou-lhe uma na nuca.

— Não sejas maricas. Anda, bebe lá isso. — Segurou-lhe com cuidado na nuca e inclinou-lhe a garrafa nos lábios. Passou-lhe pela garganta uma onda

ardente e assanhada, que lhe queimou o ar dos pulmões. Gallowgate esperou que o rapaz parasse de tossir até lhe inclinar outra vez a garrafa. — Mais! Mais! Mais!

Mungo não demorou a ficar bêbado.

Passou a noite a arrastar da floresta longos galhos e a deixá-los cair na fogueira. Um deles abriu-se como se tivesse braços, e ele apertou-o ao peito como se fosse uma senhora fina. Virou-se e dançou com ele à fogueira. Andava pelo seixal aos caídos, com os homens a olharem para ele e a encorajá-lo. Encheram as latas vazias com água do lago e puseram-nas a ferver ao lume. Uma e outra e outra vez as encheram e verteram na massa chinesa agri-doce. Quando acabaram, cada homem tinha comido pelo menos duas embalagens dos vermes salgados. Ali ficaram, cheios e satisfeitos, de barrigas revestidas a levedura e cheias de uísque.

Mungo fitava o nada. As pálpebras pesavam-lhe cada vez mais, sentia o coração bater atrás dos olhos. Desataram a cair e a silvar no lume grandes gotas de chuva, que se transformaram num aguaceiro. Depressa os homens abalaram dali, resgatando o peixe patético, o fato de sarja e o que sobrava da refeição instantânea. Precipitaram-se em busca de abrigo, e Mungo perdeu-os nos lençóis da chuva repentina. Enfiaram-se na tenda dupla junto à choupana, e ele rastejou sozinho até à concha meio caída junto à margem.

Gallowgate dera ao rapaz uma cerveja morna, e o suave sabor dela, a calma e a insipidez comparadas ao ardor do uísque, contentou-o. Deitou-se e sentiu uma paz rara. A terra mexia-se debaixo da tenda vermelha. À volta do corpo e até ao lago corriam-lhe arroios. Sentia o frio da água corrente, mas não estava molhado. Bebeu a cerveja. Fechou os olhos. Bêbado pela primeiríssima vez, e levado pela chuva.

De orelhas na alcatifa e nádegas ao céu, parecia que rezavam. Os miúdos ajoelharam-se a meio da sala e ouviram-no levar o punho a algo mole. Ele magoava-a. De cada vez que a atingia, ela berrava de dor. Um uivar medonho fechado num ponto final remoído, como se quisesse engolir o grito infame mal este lhe escapava. Mesmo quando ele a espancava, ela afligia-se com a reputação dele.

— Vai matá-la — disse Jodie. — Tens de fazer alguma coisa, Mungo!

— E faço o quê? — Ele quis enfiar os dedos nos ouvidos.

— Sei lá. — Ela segurava nas folhas amarfanhadas do trabalho de casa de Geografia. Andava de um lado para o outro, de pânico no olhar. — Se cá estivesse, o Hamish sabia que fazer.

Os Rangers tinham perdido o dérbi com o Celtic. Aquele dia bonito de primavera começava bem. As janelas dos prédios abriam-se, as televisões e os rádios ribombavam o jogo pela rua. O Ogilvy Olheiro e os gémeos estavam à janela no seu azul escocês, «tum tum tum». Enchiam a rua de orgulho orangista. Mas o Celtic marcou cedo e a rua caiu num silêncio tenso: até os gémeos pararam com a chiadeira. Ao golo de Collins na primeira parte seguiu-se outro de Payton, que pôs decididamente o Celtic na dianteira. Os Rangers fizeram entrar o seu menino de ouro, McCoist, mas tiveram dificuldade em dar a volta ao marcador. Quando Hateley lá safou um golo aos oitenta e quatro minutos, a rua irrompeu em vivas destravados. No fim, não foi por o Celtic ter ganhado — não tinham nenhuma hipótese de vencer o campeonato —, mas por interromper uma histórica sequência

de quarenta e cinco jogos sem ser batido na primeira divisão. Os católicos estariam todos a comemorar no Bar Baird's. Aquilo tinha caído mesmo mal ao Sr. Campbell.

— Temos de fazer alguma coisa — disse Jodie.

— O quê?

— Não sei. Santo Deus. Não podes ser um homenzinho ao menos uma vez na vida?

Mas a própria Jodie Hamilton era um homenzinho. Já saía porta fora e escadas abaixo quando o Sr. Campbell arrastava a mulher pela alcatifa do corredor de casa. Jodie bateu-lhes insistentemente à porta feita cobradora do banco. Mungo apareceu, não propriamente ao lado dela, mas um pouco atrás. Equilibrava-se nos calcanhares, teve de se esforçar para se pôr à frente da irmã. A porta abriu-se quando Jodie reparou no balde e na esfregona que Mungo tinha na mão.

Por aquela altura, raro era ver o Sr. Campbell de pé. Ao abrir, encheu toda a porta de entrada.

— Que raio querem vocês dois?

Jodie tinha a coragem invulgar de uma miúda que acreditava que um homem nunca lhe iria bater — o que era estranho, pois os três irmãos tinham todos visto a mãe sofrer às mãos dos namorados. Não havia homem a quem Jodie não respondesse, e Mungo, ainda que nisso admirasse a irmã, achava que ela tinha demasiada fé na decência dos homens. Esta crença, audaciosa, dava-lhe uma língua destemida. Em pequenos, Jodie abria a boquinha no meio dos gangues de rufias e ia assim passando cheques que Hamish era mais tarde obrigado a levantar. Mungo tinha mais de uma vez levado na boca de um miúdo qualquer, não sabia quem era, mas pedira-lhe que o devolvesse à mana respondona.

Mungo falou antes de Jodie dizer o que fosse.

— Boas, Sr. Campbell — disse, com o maior entusiasmo que conseguiu.
— É a minha vez de lavar a escada, mas estou sem detergente. Posso pedir à Sra. Campbell que me dê?

O homem tinha a cara bem roxa. Suara e mexera-se mais do que em anos: as artérias entupidas de gordura tentavam que o sangue circulasse por toda aquela massa. E o cabelo fino dos lados, que penteava habitualmente por cima da careca, andava todo à solta.

— A Annie agora não te pode vir atender. Não tá bem. Tá de cama.

Mungo tentou parecer desanimado, mas corria-lhe a adrenalina pelas veias.

— Está tudo bem com ela?

— Que tens tu a ver co isso?

— Se ela não pode vir à porta, posso entrar? Sei onde ela guarda o detergente. Eu não incomodo nada.

O homem não sabia que pensar do miúdo com a esfregona. Mas a maneira como a expressão se lhe talhou de nojo dizia a Mungo que ele já tinha ouvido que chegasse.

— Não podes, não. Passa o balde à tua irmã e põe-te a andar.

Na escada, algo se mexia. No lanço abaixo, espreitava uma carinha pelo corrimão, que mirava os miúdos à porta dos Campbells. Ninguém fez caso. O Sr. Campbell levou o braço à porta, pronto a fechá-la na cara deles.

— Desculpe, mas está tudo bem? — Jodie via a oportunidade fugir-lhe, por isso, seria mais direta que Mungo. — Ouvi um estrondo feio há bocado. A loiça do Jubileu da minha mãe abanou toda no armário.

— A Annie deu uma quedazinha — explicou o Sr. Campbell. — Eu já lhe disse pra não se meter a limpar o pó na cadeira da cozinha. — E sorriu. — Mas ela há de aprender. — Empurrou a porta antes de Jodie poder

prosseguir, e estava à beira de a trancar quando se ouviu na escadaria uma voz.

— Ó Graham! — A nitidez era tal que lhe conferia autoridade. — Que balbúrdia vem a ser esta?

O Pé de Salsa subia devagar as escadas que davam para o patamar dos Campbells. Era metade da altura e da largura de Graham Campbell. Passou o dedo pelo cinto e prendeu a camisola grossa na cintura. — Já bebeste o teu copinho. Já te divertiste um bocadinho. Agora precisas é de dormir.

— Mas quem é que tu...

— Não me levantes a crista. — O solteirão cortou-lhe logo a palavra. — A mim não me assustas, Graham. Fui criado por um pai que batia em mulheres.

— Ai fostes?

— Fui. Tenho em mim violência reprimida. Foi o Dr. Doak quem mo disse. Tu queres-me fazer sentir melhor?

Graham Campbell tinha passado a vida a vergar aço: os ossos de Charles Calhoun ter-se-iam partido que nem ardósia. O Sr. Campbell inchava de raiva, o lilás da cara fervia-lhe agora roxo, os punhos fechavam-se em dois presuntos.

— Meu rabeta sem vergonha. — Acabar com este anormal iria fazer dele a glória da sua terra natal. Haveria uísque e cerveja a rodos em cada bar a norte da Rua Duke.

— O que vem de baixo não me atinge — disse o Pé de Salsa, mas não recuou. — Isso é algum pedido de ajuda? Já ouvi disso. Talvez precises que eu entre e te agarre um bocadinho. — O Pé de Salsa levou a mão à anca, passava a língua pelo lábio de baixo. — Hã? É disso que precisas? Queres que o Pé de Salsa te leve prà caminha?

Era atencioso. Corajoso. Imerecidamente generoso. Acabaria com o que

restasse do bom-nome de Charles Calhoun. O uísque e a cerveja barata ainda podiam esperar pelo Sr. Campbell. Ainda se podia tornar um herói. «Ia afinar naquele panisga, mas vocês deviam de ter ouvido o que ele me disse a seguir. A sério. Tive de me ir embora antes que ele me enfiasse uma mão plo cu. Eu cá não sou nenhum fantoche. Desavergonhado dum cabrão.»

Os rufias protestantes ficariam a saber de tudo. Iam regalar-se com os ossinhos do Pé de Salsa. «Ah! Ah! Ó Sr. Calhoun. Não me quer levar prà caminha?»

Inspirou bem fundo, feito alguém que há muito se tivesse esquecido de respirar. A Sra. Campbell apareceu na sombra do corredor de casa, até parecia ter estado o tempo todo atrás da porta.

— Pára lá coa brincadeira, Pé de Salsa. Tá tudo bem comigo. Foi só uma queda.

Tinha no rosto mortiço uma nódoa negra, que se lhe alastrava do queixo ao olho. A pele sob o olho devia-se ter aberto, pois o lenço estava sujo de sangue. De braço esquerdo pendurado, pela maneira como tinha a mão dobrada no bolso da bata parecia que ele lho tinha partido.

Ficaram todos calados um bom bocado. Mungo ouvia os sussurros, o mexer dos pés atrás dos óculos das portas acima e abaixo da escada.

Jodie foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Oh, Sra. Campbell. Sou mesmo parvinha, queimei outra vez a janta. Aaaah-ah. — Mentira, mas ninguém teve coragem de a desmentir. Escorriam lágrimas no rosto de Jodie por causa da Sra. Campbell, mas era fácil disfarçar que ela se apoquentara por causa de um bife queimado e de uma *quiche* de carne. — Preciso que me ajude a resolver isto antes que me cheguem com o cinto. — Jodie aproximou-se do corredor escuro do apartamento. Naquela mãozinha que cruzava a ombreira, havia doses iguais

de atrevimento e estupidez. Mungo viu-a passar pelo Sr. Campbell e ir na direção da esposa. Susteve a respiração com medo de que o Sr. Campbell se sentisse ofendido e a quebrasse que nem um galhinho. Pareceu-lhe uma eternidade até a Sra. Campbell avançar à mão estendida, e nisto Jodie suspirou de alívio. — A senhora salvou-me a vida. Não sei que faria sem si.

— Pois, filha. — A Sra. Campbell, que soava ligeiramente atordoada, avançou para os braços de Jodie e deixou-se levar escada acima, hesitante, como se tivesse esquecido o caminho. O Sr. Campbell bloqueava a luz toda da entrada. A mulher virou-se para ele, ainda a apertar o lenço na face, e disse, discreta:

— Já bebeste que chegue, Graham. É hora de te ires deitar, querido. Dou-te o jantar quando vier pra baixo.

O Pé de Salsa parecia querer dizer mais alguma coisa, mas pensou duas vezes. Tamborilou os nós no corrimão, assim comunicando que tudo acabara, não iriam mencionar esta injúria nem hoje, nem nunca. O homem virou costas e, num arrastar de pés, desceu calmamente. Com o Pé de Salsa fora dali, o Sr. Campbell retirou-se para dentro feito cuco beligerante.

Mungo seguiu as mulheres escadas acima. Jodie amparava com o braço a Sra. Campbell. A mulher parecia tão pequena, que Mungo imaginou a irmã a pegar nela e a carregá-la o resto do caminho. Mas Jodie não a apressava, iam subindo degrau a degrau com a solenidade de um cortejo fúnebre. Mungo via os calcanhares da Sra. Campbell subirem e descerem nos chinelos de felpo. Tinha os tornozelos de um azul macilento, por causa da má circulação, e, chegados lá acima, ele decidiu-se a ir à procura de umas meias desportivas das grossas.

Quando chegaram ao lanço, a luz do vitral iluminava-lhe a nódoa negra da cara com um fulgor enfermiço. Disse a Sra. Campbell:

— Sempre dançou tão bem. Ninguém diria, de olhar prò tamanho dele.

— Pronunciou-o de maneira tão silenciosa que parecia falar com os botões.
Jodie expirou bem fundo pelo nariz.

— Pois, eu cá acho uma bela vergonha os homens exaltarem-se tanto à conta da bola. Que bando de maus perdedores.

A Sra. Campbell largou Jodie. Subiu uns degraus e virou-se. Parecia desorientada.

— Não. Não é nada disso.

— É, pois. O futebol é só uma desculpa para os homens beberem, brigarem e deitarem a raiva toda cá para fora...

— És muito novinha pra saberes o que seja de homens e da raiva deles.

— A Sra. Campbell tirou o braço lesionado do bolso da bata e embalou-o feito pobre cordeirinho. — Todos os dias, durante vinte e sete anos, aquele homem ia pròs estaleiros. Eram vigas do tamanho de camionetas, presas por correntes, a irem plos ares, uma tonelada de aço a baloiçar-lhe por cima da cabeça, a qualquer altura podiam elas cair-lhe em cima e matá-lo, e deixou-me só com três garotos e uma cova no colchão. E ele *sabia* disso. Os homens todos sabiam disso.

Jodie retesou o maxilar.

— Então, ele devia andar aliviado por ter deixado isso tudo.

O olhar da mulher atravessava o vidro colorido até à lixeira das traseiras. Banhava-a um mosaico de luz verde e azul, seccionando-a como nos quadros dos talhos para se obter os melhores cortes de carne.

— Havia homens que bebiam seis, sete canecas de cerveja ao almoço. Só tinham uma hora, emborcavam umas atrás das outras. Ouvia dizer que o empregado do bar passava a manhã inteira a servi-los, eram centenas, *milhares* de canecas ao balcão só pròs homens agarrarem nelas e se afogarem mal tocava a sirene do almoço. E se eles corriam! Achas que isto eram homens felizes?

— Desculpe lá, Sra. Campbell, mas conheço muita gente infeliz. Isso não é desculpa para o... — Jodie fez sinal para a cara da senhora. Como se não fosse capaz de o dizer em voz alta.

Mungo viu a Sra. Campbell especada, a olhar para Jodie e depois através dela. Nunca ninguém olhava assim para a irmã como se ela fosse estúpida ou burra, o que o surpreendeu.

— Quando o Graham chegava a casa e nos sentávamos à mesa pra jantar, eu perguntava como lhe tinha corrido o dia. Ele só dizia: «Pronto, correu bem. Pronto, não foi mau. Pronto, foi bom.» Eu então desatava a dar à língua sobre a fulana e o tipo chique que andava co ela, ou a Mary McClure, que não gostava do novo primeiro-ministro. — A Sra. Campbell tremeu ao suspirar. — Imagina lá tu ele todo cheio daquele medo e daquela frustração, ninguém parava pra lhe perguntar por isso, pra lhe perguntar se levava uma vida feliz, se se ia safando. Nenhum homem era capaz de dizer como é que realmente se sentia, se o fizessem choravam e já basta a humidade desta merda de cidade.

A Sra. Campbell apertou o lenço no corte. Levantou-o e atentou no sangue, que se espessava no lenço.

— E que receberam eles por tanto apoquento, hem? Uns vaidosos de fatinho lá do Parlamento, nem sabem onde é que fica Glasgow, puseram-nos a todos na rua e estavam-se bem nas tintas se eles tinham famílias a quem dar de comer. Dizem-lhes que o problema deste país são eles, são eles que estorvam o progresso por não terem medo dos trabalhos pesados. Uma cabrona ruiva e toda emproada assina um papelito e decide acabar co eles. Já fostes, acabou-se, fim.

A Sra. Campbell transformara-se por completo diante deles. Toda a fraqueza se lhe sumira, fitava-os de cima numa raiva borbulhante.

— Por isso, Jodie Hamilton, o problema não é a bola. O problema não é

se ele gosta dum copo de vez em quando ou se não gosta da minha comida. Vocês não passam de dois garotos parvos. Não fazem ideia do problema. É que não fazem mesmo ideia nenhuma.

Jodie apertou as mãos.

— Vá lá! Está a ir em cantigas. Assim deixa-o safar-se.

A Sra. Campbell pôs-se a descer as escadas. Jodie estendeu-lhe a mão, mas a mulher não fez caso. De novo no seu patamar, virou-se e levantou os olhos aos manos.

— Conheço-vos desde que andavam de fralda, e a essa vossa mãe egoísta inda a conheço há mais tempo. Se há quem percebe as desculpas que arranjam pra quem amamos são vocês dois. Não me conseguem perdoar por isso?

St Christopher chegou amuado à tenda de Mungo. Os dois homens tinham discutido na outra tenda — a rixa dormente e arrastada de duas esponjas. Era uma discussão chorona, patética, cheia de autocomiseração. Ele ouvia-os lançarem mão de faltas de respeito de um passado distante, do orgulho ferido deles, num deve-haver das lealdades. Pareciam magoados. Mungo só apanhara bocados através do aguaceiro, mas St Christopher parecia soluçar — talvez soluçassem ambos —, e depois riam-se um do outro ou um com o outro, não conseguia perceber. O rapaz ia entrando e saindo do torpor.

Agora era o santo do fato molhado que se deitava ao lado de Mungo. A tenda era pequena de mais para os dois, mas mesmo assim o homem lá se conseguiu meter dentro. Dera-se ao protocolo de vestir o casaco ensopado, mas não tinha nem calças nem meias, e os pés ensanguentados boiavam-lhe no par de bons sapatos de igreja. St Christopher fitava-o sem dizer palavra. Mungo pestanejava, a aparição desorientara-o. O uísque dava-lhe voltas na tripa. Queria vomitar, na esperança de arrancar de dentro de si o veneno.

Mungo apertou as costas contra a tenda e cingiu os joelhos. Sentiu na pele o bater leve da chuva, mas encontrava-se estranhamente seco. A água acumulava-se em vários pontos, teve de carregar na lona de maneira a largar a água da tenda para não lhe cair toda em cima. St Christopher mirava-o ao sol-pôr, de olhos estagnados como água das poças.

Mungo quis ocupar a noitinha. Pôs-se a contar a história de quando

Hamish o ensinou a andar de bicicleta. Mas St Christopher não queria ouvir as histórias dele.

— Pára lá co isso. — Tamborilou-lhe os dedos no joelho. Começou por um toquezinho, depois uniu os nós dos dedos e bateu-lhos no osso com força. A crosta antiga palpitava-lhe. — Se vais ficar aí deitado co esses ossos enfiados em mim, não durmo.

— Porque é que não ficas na tenda grande?

— Por ele ser velhaco. Anda sempre a enganar os outros.

Mungo endireitou as pernas, o santo pôs-se à vontade. Mungo pensou primeiro em deitar-se outra vez de costas, mas o hálito nojento do homem a entrar-lhe pelas narinas seria um martírio. Além do mais, a tenda era demasiado estreita para os dois se deitarem virados para cima. St Christopher bufou e atazanou o rapaz até ele rodar a cara para o lado frio do tecido. Continuava a chover. A terra debaixo deles desintegrou-se quando um braço foi deslizando para cima de Mungo, tal como na noite anterior, mas desta feita Mungo sabia que o homem estava longe de dormir.

Algo lhe bateu ao de leve na perna. Pareciam como que dois dedos a remexerem nele, a tentarem meter-se-lhe entre as coxas nuas. Era quente, com uma viscosidade própria, e por instantes ficaram colados, como quando duas peles de temperaturas diferentes se tocam, uma húmida e deslizante, outra seca e quebradiça. Colou-se-lhe por um segundo, deslizou-lhe entre as coxas. O homem arquejou.

St Christopher pareceu ao início satisfeito. Desatou então num vaivém para trás e para a frente. O hálito sórdido desgrenhava o miúdo.

— Pára lá com isso! — Mungo apertou bem as coxas e fechou os tornozelos. — Que porra estás tu a fazer? — Desviou-se do homem, ao que St Christopher miou de dor. Mungo encontrava-se entalado do lado da tenda. Não tinha para onde fugir.

St Christopher, o fim de semana inteiro, parecera oco como a madeira da balsa, faminto e desprovido de qualquer nutrição ou conteúdo. Agora parecia ainda mais esfaimado do que na aparência, como se já não fosse mais privado de comer. Envolheu a garganta do rapaz com a mão, cada dedo uma prensa. Enterrou-lhe as unhas ásperas na laringe e puxou-o com tal força como se lhe separasse a traqueia da espinha. Lançou-lhe uma perna desnuda por cima, Mungo sentiu a costura da tira de couro do sapato arranhar-lhe a barriga da perna.

— Não sejas parvo, puto. Mais resistes, mais demora.

— Não. Não, por favor, estou-te a pedir — gorgolou Mungo.

St Christopher não respondeu. Voltou a enfiar-lhe o quente entre as coxas e começou numa zoadada de si para si. Forçava e forçava, zoava e zoava.

Tinha as mangas do casaco enroladas nos antebraços. Prendera bem a uma das mãos compridas os pulsos do garoto. Na outra, comprimiu-lhe o ar da garganta. À última luz do dia, Mungo via os pelos do braço do homem. O respirar forçado de Mungo apanhou os pelos, que mudaram de sentido, ondulando e revirando como as longas ervas do rio das trutas. Tentou pensar na beleza das montanhas. Caía uma chuva bem diabólica.

Estava aninhado a um canto quando Gallowgate abriu as abas. Dentro da tenda vermelha a escuridão era quase absoluta, mas as brasas vagas da fogueira alumiam o perfil de Gallowgate. Mungo ouvia St Christopher mijar no lago. A corcunda devia-lhe fazer um arco de satisfação, talvez de alívio: o grande arco do mijo esparrinhava na superfície da água. O homem soltou a tripa e ofereceu um peido à noite.

— Tás bem? — perguntou Gallowgate com delicadeza. — Que é que aconteceu? Porque é que ele tá a assobiar?

Mungo abanou a cabeça. Várias emoções que não conseguia traduzir tentavam todas assomar-lhe à boca. Não tinha as palavras para explicar o que St Christopher lhe tinha feito. Mesmo que as tivesse, a vergonha trancava-lhe o maxilar, a dor da garganta estrangulada esganava-lhe a fala.

Gallowgate mexeu ao de leve no saco-cama. Esfregou algo nas pontas dos dedos, cheirou e enojou-se. Deixou Mungo no escuro e voltou a entrar na noite. Mungo não conseguia dizer se ele bateu no homem, se o empurrou, mas ouviu um chapinhar apavorado e St Christopher a arfar, a tentar pôr-se de pé e voltar à margem. Gallowgate reabriu a tenda e soava realmente furioso.

— Tu passaste todos os limites! Seu porco, filho da mãe. Vou ligar à porra da polícia.

O rapaz ouvia o risinho de St Christopher: o estalar do casaco molhado quando o atirou às rochas. E depois o som do esforço que fazia a dobrar-se e arrastar-se para dentro da outra tenda. O suspiro satisfeito quando os ossos cansados caíam no saco-cama.

Gallowgate passou a mão pelas trevas, à procura de Mungo.

— Pronto, pronto. — Tentava tranquilizá-lo, fazia sinal a Mungo do canto onde estava. — Desculpa, desculpa mesmo. De manhã falo co ele. Vai correr tudo bem, vais ver.

A voz de Mungo soava distante. Tinha a garganta inflamada por ter sido sufocado. Custava-lhe engolir.

— Ele não tinha direito. Tocou em mim! Não me devia ter feito isto.

Gallowgate teve de chegar perto para ouvir melhor.

— Eu sei.

— O meu mano mais velho vai dar cabo dele. *Vai-o matar.*

— Eu sei.

— Por favor. Só quero ir para casa.

— Eu sei, eu sei. E vamos. De manhã vamos. — Puxou o rapaz para si e envolveu-lhe o ombro no braço.

Mungo acalmava-se contando a Gallowgate tudo o que o Ha-Ha faria a St Christopher. Imaginava-o de machado à cintura das calças, a virar obstinadamente do avesso todos os bares sombrios de Saltmarket, da Trongate, perto do Briggait, a esquadrihar debaixo dos arcos ferroviários, a olhar para as caras de todos os bêbados até encontrar o cabrão que procurava — e se ele não encontrava sempre o cabrão que procurava —, e então lá cantaria o gume afiado do machado.

Gallowgate, paciente, escutava com um suspiro em todos os pontos certos, à espera de que o rapaz acalmasse o respirar. Passava-lhe a mão pelas costas, sossegando-o como um pai paciente, afagando-o como um bebé com gases. Assim ficaram sentados em silêncio, ouviram sob aquele afago o rumor do corta-vento. Mungo remexia na cara, que lhe tremia.

— Gallowgate?

— Sim?

— Se me quisesse ir embora, *agora e já*, tinha de ir para que sentido?

— Chiu, não tarda é dia outra vez. De dia as coisas ficam sempre melhores. — Gallowgate devia cansar o braço. A mão paternal começou a mover-se num círculo. Andava às voltas e às voltas, mais e mais abaixo, até lhe deslizar por baixo do elástico à cintura do corta-vento. Ao roçar-lhe suavemente pelo tufo quente de pelos acima do traseiro — o vale onde brotava uma penugem —, Mungo estremeceu. Os anéis de Gallowgate, enregelados, viajavam-lhe pelas vértebras da coluna.

Mungo não se tinha dado conta de estar a chorar até Gallowgate lhe pedir que parasse. Em pequeno, nunca fora muito de chorar. Desde que se lembrava que Hamish tinha prazer em tentar enervá-lo: procurava encontrar o balão cheio de lágrimas que todos temos dentro de nós e fazer-lhe um

furo. Hamish sentava-se-lhe no peito e dedilhava-lhe com dedos lancinantes como se o esterno de Mungo fosse uma máquina de escrever. No fim de cada frase, dobrava-lhe a orelha feita manivela e, de palma aberta, batia-lhe de lado na cara. Nova frase.

«Como é que eu, Mungo Hamilton, sou um mariquinhas tão ingênuo?»
Bate, vira, pumba. Nova frase.

«Porque é que eu, Mungo Hamilton, me meto sempre em sarilhos?»
Bate, vira, pumba.

Até Jodie, quando lhe convinha, já tinha abusado do estoicismo dele. Fazia Mungo ir ao esconderijo secreto da Mo-Maw roubar *scones* de batata para os dois. Sentavam-se os dois no silêncio do armário da roupa a empanturrarem-se dos triângulos pesadões. Quando a Mo-Maw os apanhava, Jodie dizia ter sido ideia de Mungo, e era ele a levar com a sandália nas pernas. Jodie escondia-se atrás da porta do quarto à espera de ele entrar a arder de dor, mas com os olhos secos. Ela dava-lhe um abraço e dizia-lhe que era por isso que ele podia arcar com as culpas: nunca chorava, nunca dava a ninguém o gosto das lágrimas dele.

Gallowgate, num sibilo, pediu-lhe que parasse de chorar. Tinha a mão nos calções de Mungo e tentava puxá-los para baixo. Mungo usou de toda a força do corpo para lhe prender uma das mãos à cintura e levar a outra ao peito de Gallowgate. Os anos todos a defender-se do Ha-Ha haviam-lhe dado como que uma força defensiva — umas pernas musculosas capazes de aguentar o peso de um homem, um corpo retesado que se podia enrolar e fechar feito amêijoia. Por instantes, pareceu ser capaz de tirar de si o peso de Gallowgate.

A última luz do lume apanhou os olhos de Gallowgate. Mungo sentia-lhe a determinação no maxilar tenso. O homem pregou-lhe o punho na cara, de uma maneira que o Ha-Ha nunca tinha feito. Tombou-lhe o cotovelo na

traqueia já dorida e levou-o acima, até a cabeça de Mungo ficar toda para trás. E virou o rapaz.

Nas semanas depois da ressurreição, a Mo-Maw não andava nem cá nem lá. O Jocky telefonava, e a Mo-Maw varria a vida para dentro da bolsa e ia ter com ele a correr. Mais ou menos a cada cinco dias, ele devolvia-a como se fosse um livro da biblioteca entregue com atraso, e ela aparecia toda manuseada, e tão encharcada de álcool que parecia que a tinham metido na banheira. Jodie achava que o Jocky também dava bem na bebida, pois ligava a qualquer hora do dia ou da noite. Conseguiram ouvi-lo dizer repetidas vezes à Mo-Maw como ela era uma querida. A Mo-Maw queria acreditar: sabia que não era querida, e ainda assim dizia-lhe que estava demasiado estafada para naquela altura o ser.

O turno da noite tornara-a noctívaga. Mungo mais de uma vez acordou para ir às aulas e deu com a porta de entrada escancarada e a Mo-Maw no seu casacão, sentada à mesa da *kitchenette*.

As entranhas da bolsa entornavam-se pelo chão e pela entrada, e vinham a pingar por toda a escada por ela ter chegado aos tropeções e andar à procura das chaves de casa.

A Sra. Campbell, na mesma semana, bateu duas vezes à porta. De rosto meio azulado e olho amarelado, perguntou a Mungo como ia a escola. Sem nada dizer, nem sequer baixar o olhar, ela, agarrando-lhe na mão, nela lhe metia o sutiã branco da Mo-Maw, e sem deixar de conversar sobre o mau tempo que fazia, enrolava os dedos silenciosos nos dele, saindo sem uma palavra caluniosa que fosse sobre a reputação da Mo-Maw. Da vez seguinte, trouxe-lhe uma *quiche* de carne das pré-congeladas, cozida no forno dela e

ainda a fumar. Depois, passava-lhe num saco de plástico os destroços que a Mo-Maw deixara cair na noite anterior: meia dúzia de pensos higiénicos, um frasco de perfume *Avon* e um monte de salsichas quadradas descongeladas.

Mungo fechou a porta e devolveu cuidadosamente todos os pertences da Mo-Maw à bolsa. A mãe voltara a despir o sutiã, mas, nessa manhã, tinha-o deixado na mesa da *kitchenette*. Ali estava ela, a descascar amendoins e a deixar as cascas no sutiã, numa copa virada para cima. Na mesa, havia uma garrafa de vinho fortificado. Parecia estar ali sentada a fumar e a beber desde antes da alvorada.

— Fechei mais cedo — declarou ela, sem ele nada ter perguntado. — Já não quis saber.

Mungo deu-lhe um beijo na cabeça quente. Ela reforçara a permanente com dinheiro que não tinham. O couro cabeludo cheirava a escaldão químico. Ele pôs a chaleira ao lume e serviu-lhe duas chávenas de chá preto forte, como ela gostava. A cabeça dela ia-lhe tombando no peito, balançava-se como um galhardete, a criança que já passou da hora de dormir. Mungo via-a lutar contra o sono e tentou-lhe tirar o cigarro em cinzas dos dedos, mas ela afastou-o.

— Sai-me lá daqui. Porra. Pareces uma gaja. — Deitou as cinzas nas próprias *leggings* e sacudiu-as para o chão. Ele não se atreveu a varrê-las.

Na relva das traseiras, e acima dos barracões do lixo, já se viam as luzes acesas dos prédios do outro lado. Mungo viu ligar-se a luz do apartamento de James, um único candeeiro que ele desligava sempre que saía do quarto. Mungo sabia que ele acordava cedo para ir ao pombal. Perdia uma hora a dar de comer e a exercitar as aves antes de correr o risco de um criador de pombos fazer voar um chamariz. Era esse o problema dos criadores do East

End: sendo sobretudo desempregados, não tinham propriamente horário de expediente.

James perfilou-se na luz radiante da *kitchenette*. Olhou para fora e viu Mungo a observá-lo. Ainda não se tinham falado uma vez que fosse, mas ele levantou o polegar a Mungo, numa expressão meio interrogativa. Mungo devolveu a saudação com um evidente polegar para baixo. James riu-se.

— Sai-me lá dessa janela — disse a Mo-Maw. — Pára lá de andares aí a ver as gajas a vestirem-se prò trabalho. Era só o que me faltava ter criado um mirone.

A Mo-Maw ganhara o hábito de roubar carne da caravana, cotos dos chouriços de sangue e blocos meio descongelados de toucinho fumado às fatias. Mungo ligou uma das bocas elétricas do fogão e preparou-lhe um pequeno-almoço quente para lhe aconchegar o estômago. Na frigideira, os ovos rodavam no seu próprio líquido branco e oleoso, agarrando pelo caminho pedacinhos de gordura do toucinho fumado e restos da morcela da véspera. Esperou que a gema ganhasse película e virou-os com cuidado. O prato pareceu giz na ardósia ao deslizá-lo pela mesa até ela. Estava mesmo como ela gostava.

A Mo-Maw fez o som de quem se engasga para vomitar.

— Não consigo olhar pra isso.

— Posso-te fazer umas papas de aveia.

— Não inventes. — Parecia cansada, mas longe do sono.

— Queres-te ir deitar?

Ela apagou o cigarro nos ovos. Aclarou os olhos. Ainda sentia a rotina do turno da noite.

— Quero ir sair.

Mal conseguia andar. Mungo ajudou-a a descer as escadas, o braço dela

nos ombros dele. A dado momento, ela subiu ao corrimão e estava tão decidida que ele foi obrigado a agarrar nela enquanto ela escorregava. «Iupiiii.» A Mo-Maw gargalhava, era impossível aquela alegria não nos afetar. Jodie ficaria furiosa por ele não lhe ter bloqueado a porta, por não ter usado de todas as suas artes de sedução para a levar ao sofá e a mergulhar no conforto donde não iria sair.

A luz da madrugada era de um azul-pálido, emudecia a nitidez de tudo aquilo em que tocava, tirava a vida às caras dos estranhos que passavam. Ele teve de envolver a mãe com o braço para a impedir de ir aos tombos pela Parade. Por vezes ela encostava-se tanto a ele que ele sentia o peso todo dela em cima. Ela arrastava então uns passos, pendia para o outro lado e lá ia ele atrás, aos tropeções. Precisou de toda a força e concentração para não caírem os dois na valeta.

Nas quentes carreiras municipais, o turno da manhã ia passando em bocejos. Mungo, pelo dó na expressão dos passageiros, percebia que eles os dois faziam um espetáculo desolador. Mungo tentava manter-se direito e fixar o olhar no horizonte como se o trajeto deles tivesse razão de ser, mas não tinha: ela metera na cabeça ir andar, e ele não a conseguira impedir.

— Quando eras miúdo, andávamos sempre nisto. — Não ficara mais sóbria, mas o frio picara-lhe o nariz e parecia agora totalmente desperta. Ele segurava-a pela cintura, ela agarrava nele com os dois braços, feitos jovens namorados. — Mal eu punha o pé na porta, tu ias-te logo agarrar-me à saia. Eles os dois queriam lá saber se eu levasse cuma camioneta em cima. Mas tu não, tu tavas lá sempre pra mim.

Ela orientara a caminhada para o centro da cidade: talvez o casino ainda estivesse aberto, ou as máquinas debaixo da Estação Central. A Espantalha apreciava luzes. Ele tinha a esperança de que ela perdesse o ânimo, mas

não. A bebida podia abatê-la ou dar-lhe um vigor especial. O horror era nunca saber qual seria.

Para chegarem ao centro, tinham de passar pela Necrópole. O ar lá seria mais fresco, a subida íngreme era melhor para ela arejar a cabeça. A esta hora da manhã estaria calma, ninguém ia perceber a tensão ou o embaraço na expressão dele. Mungo ia batendo nela como um rebocador, orientando-a para o cemitério. A vista da Necrópole abarcava toda a cidade baixa. Ele percebia os longos dedos de Sighthill e o denso aglomerado de edifícios vitorianos que compunham o centro. A fábrica de cerveja *Tennent's* já arrotava a levedura ao céu.

— Acho que o Jocky não me ama. — Ela tinha as sapatilhas americanas duras da lama quando ele a largou nos degraus do memorial a John Knox. — Tá-me a tomar por parva.

Mungo agachou-se junto à estátua de um pastor protestante de semblante carregado, a apanhar crocos que já não estavam viçosos. Era difícil encontrar dos que ainda não tinham murchado.

— Talvez ele não goste de ti quando bebes.

— Porra. Só tenho trinta e quatro anos. Eu devia era andar só a beber. A beber, a dançar e a rir. — A luz matinal encovava-lhe a cara. Tirou uma garrafa de vinho fortificado da bolsa. Mungo sentia a corrente elétrica encher-lhe as pálpebras. Ele tinha-lhe esvaziado a garrafa da bolsa antes de saírem de casa, mas ela fora suficientemente esperta para a meter lá dentro quando ele não estava atento. — Aposto que isso te soa mesmo à velho, né? Não era muito mais velha que tu quando engravidei do Hamish. O teu pai ficou de boca aberta. Devias ter ouvido os nomes que a mãe dele me chamou.

Mungo não se lembrava da avó. Tinha a memória persistente de uma

presunçosa da Igreja Presbiteriana, barrava bolachas de água e sal com compota e fazia de conta que eram biscoitos dos finos.

— Conta lá: como é que era o meu pai?

— Eh pá, não vou andar outra vez nisto. — Ela tentou a custo acender a ponta de um cigarro torto. Inquietou Mungo que ela pudesse esquecer que ele lhe tinha perguntado pelo pai, mas a nicotina parecia concentrar-lhe a atenção, e lá respondeu: — Não era nada de especial. Havia por aí muito mais homens bem-parecidos. Mas ele era um filho da mãe atrevido e cheio de graça. Uma alma destemida como a do Hamish, e um coração mole como tu. — Fixava o olhar algures no coleante rio Clyde.

— Se ele tinha filhos, porque é que o deixavas andar nos gangues? — Mungo já lhe fizera a pergunta mil vezes. Os três já lha tinham feito.

— Eu não era capaz d'o impedir. Bem tentei, mas ele nunca foi verdadeiramente meu. Só vivíamos juntos há meio ano quando o esfaquearam. A Jodie inda andava de carrinho de bebé por não termos dinheiro pra comprar uma cama prò Hamish. Andávamos a brincar às casinhas. — Os olhos remelavam-se-lhe do frio. — Eu nem fui a primeira pessoa a quem a polícia contou do sucedido. Tive de ligar à mãe dele quando ele essa noite não veio. Foi ela a dizer-me que ele tinha sido esfaqueado. Eu estava por casa, sem mobília nenhuma, a tomar conta de duas crianças, e ela nem teve a consideração de me ligar.

Mungo tinha pensado em oferecer os crocos meio murchitos à mãe. Deixou antes que o vento os levasse morro abaixo.

— Não queria que ficasses triste.

Ela soltou-lhe a mão, e ele sentou-se ao lado.

— Não sejas parvo, nesta vida nunca me destes uma angústia que fosse.

— Ouviu-a fungar. — Foi uma surpresa tão boa saber que vinhas a

caminho. Enterrei o teu pai uma terça e, na segunda a seguir, o Dr. Doak disse-me que eu tava grávida de ti.

— Deves ter apanhado um susto.

— Apanhei, pois. Eu só lá ia pelos antidepressivos. — Atirou o coto do cigarro, num piparote, às pedras tumulares. — Sabias que eles vieram ter comigo?

— Eles, quem?

— Os garotos que o esfaquearam, meia dúzia de fenianos. Meteram na cabeça vestir os fatos melhores da comunhão, talvez as mães os tivessem obrigado, mas eram como uma delegação estrangeira a baterem-me à porta. Foi mesmo de coragem quatro putos católicos andarem aí na rua depois de terem matado o valente do Ha-Ha. Devem-se ter sentido culpados. Lembro-me de tarem todos encharcados e a tremer. Ficaram à espera que caísse uma bela tromba-d'água. Assim era mais seguro.

— Quiseste-lhes fazer mal?

— Ao princípio, quis. Bradei e gritei. A Jodie não pegava na mama, foi sempre esquisita, e com tudo o que aconteceu, eu andava num fanico. Mas os miúdos tinham todos a tua idade, pareciam tão novitos, todos à minha porta. Acho que se achavam uns durões quando o esfaquearam. Apareceu nos jornais todos, e as mães deles ligaram pròs jornais quando ouviram que o Ha-Ha também tinha dois filhos, e pronto, é coisa difícil de aguentar. Quem se sentiu mal foram as mulheres. Eram só garotos a brincar co fogo.

— O Hamish um dia desforra-se.

— Isso é o que ele diz. Tem graça é que compravam fraldas prò Hamish. A dada altura até me mandavam dinheiro, sobretudo cheques do banco, às vezes, plo Natal, uma nota de dez. — Respirou fundo. — Pois, é tudo giro e tem muita graça até alguém perder um olho, né?

Quando ficava triste, a Mo-Maw tinha um trejeito, uma espécie de tique

que a acalmava. Esticava os dedos da mão e afagava-os à vez, esfregando-os a todo o comprimento e premindo a pele elástica entre cada um, calcando-a suavemente, como se tivesse umas boas luvas calçadas. Mungo pensava que devia poupar dinheiro para lhe comprar realmente umas luvas. Mas de repente ela endireitou-se, o degrau de pedra roubava-lhes o calor do corpo.

— Conte-te alguma vez como é que te dei esse nome?

— Mil vezes, sim.

— Ai, tou-te a maçar? Devia de andar louca pra te ter dado esse nome.

— É um nome feniano.

Ela sacudiu a mão, em desdém.

— Ná. Os santos pertencem a nós todos. Mas ainda me lembro do empregado do registo olhar pra mim como se tivesse doida. Eu *tava mesmo* doida. Nem sequer era viúva: não conseguia usar essa palavra. O teu pai foi sempre «o filho da coitada da Jocelyn Hamilton», nunca foi o meu homem, nunca foi «o marido da coitada da Maureen Buchanan». Eu só achava que precisavas de ter alguma coisa de Glasgow. Talvez fosse a única coisa de que o teu pai gostava a sério. Eu achava que podia trazer alguma paz.

— A mim, não.

— Mas és. És o meu mais-que-tudo. — Ela esfregou-lhe as costas da mão. — Deve de ser um nome difícil.

— Stephen chegava. Ou David. Ou John.

Sentados no cimo do morro, sentiam o cheiro áspero da gasolina no ar fresco da manhã. A Parade já se congestionava do trânsito todo a tentar entrar na cidade parda. A Mo-Maw deu-lhe um beijo na face fria.

— Vai-me mesmo matar.

— O que é que te vai matar?

— Quando encontrares uma miúda e nos deixares.

— Foste tu que nos deixaste primeiro! — Ele levantou a voz mais do que gostaria.

Ela abanou a mão, como se ele não percebesse.

— Coas coisas como tão, eu já mal te consigo dividir com a Jo-Jo. — Havia nisso uma verdade, que ali ficou, incómoda, entre os dois. — Sei bem que ela me acha péssima mãe. Não perde uma de me lembrar que te podia criar melhor que eu. Que vaca convencida.

— Maw!

Ela deu-lhe uma palmada no joelho.

— Já não te disse que não me chamasses *isso*? — Ao menos esfregou-lhe o sítio onde lhe batera. — Mas aí que não vou. Quando começares a sair com miúdas, eu morro. — Ele, sem olhar para ela, sabia o que aí vinha (ela não era dada a subtilezas), quase lhe ouvia os olhos a rodarem na direção do rosto dele. — Atão, já conheceste alguém?

— Não. — Apertou-a de lado, contra si. — A minha única miúda és tu.

Ela não se riu quando se afastou dele.

— Amor, começa-me a preocupar. No Natal fazes dezasseis, devias andar aí atrás de saias. Quando o Hamish tinha a tua idade, os paizinhos todos, de Govan a Garngad, andavam-me batidos à porta. — Calou-se um instante. — Passa-se alguma coisa?

— Não. — Ele sentiu-se corar.

A Mo-Maw parecia estranhamente preocupada. Jodie contara-lhe da possibilidade de despejo deles, ela queria lá saber. Hamish engravidara uma moça, ela não abriu a boca. Agora olhava-o nos olhos e parecia mesmo apoquentada.

— É só que não tenho assim tanto interesse nisso. — E acrescentou, esperançoso: — Ainda não.

Ela fungou.

— *Escuta*. Só porque eu não tava por cá não quer dizer que não andasse à coca. A Sra. Campbell contou-me tudo o que andaste a fazer. Disse-me que estivestes em casa do Pé de Salsa.

— O Sr. Calhoun precisava de uma mãozinha.

— Ai, pois aposto que precisava mesmo! — Projetou a parte de trás do maxilar num ângulo de batalha. — E essas tuas mãozinhas são mesmo boas, sim senhor. Mungo, tu fica-me longe dele. Ouvistes? Não te criei eu pra dares em solteirão.

Mungo ficou contente de se levantar. Ajeitou-lhe o capuz do anoraque fino. A pele falsa de coiole condizia-lhe com as madeixas do cabelo pintado.

— Vamos para casa, estás um caco.

— Obrigadinha. — A Mo-Maw limpou os traços de rímel debaixo dos olhos. Ele ajudou-a a levantar-se, e quase caíram os dois nos crocos.

— Olha, preciso da tua ajuda. Tenho de acabar coa bebida. Desta vez, não tou a brincar. — Então, sem nenhuma ironia, emborcou o que sobrava do vinho. A Mo-Maw bateu nos peitos pequenos, levantou-os um pouco e, quando voltaram ao sítio, suspirou. — Vês? Não posso deixar o Jocky fugir. Se isso me acontece, talvez já não tenha outro.

Mungo anuiu ao vazio. Conduziu a mãe pelo morro pantanoso. Quando ela escorregou, apanhou-a.

Nesse dia, não foi às aulas. Enquanto os outros miúdos corriam a tempo do primeiro toque, Mungo preparava um banho morno para a mãe. Meteu um monte de toalhas no forno a aquecer, deitou-a e pôs-lhe as toalhas em cima para a reconfortar. A Mo-Maw estava agitada, irritada. Mungo tirou o

uniforme da escola, meteu-se ao lado dela na cama e abraçou-a até o tremor lhe acalmar e ela adormecer.

O céu já tinha novamente esmorecido quando Jodie voltou das aulas. Abriu a porta do quarto, entreolharam-se os dois no silêncio. Ele achou que ela ia ficar aliviada, mas ela expressou só o seu desapontamento.

Quando começou o telejornal, Mungo fez um prato cheio de torradas sem nada e sentou-se com a Mo-Maw, ela a comer o mais que conseguia. A Mo-Maw nunca lhe saía da vista, caso desse com um esconderijo de vinho que lhe acalmasse os tremores. Ele preparou a roupa para ela vestir, apanharam os dois uma camioneta para a cidade e foram ao local das reuniões.

Ele já tinha ido aos Alcoólicos Anónimos, mas raras vezes sem Jodie. Ao longo dos anos a Mo-Maw experimentara os Doze Passos, mas a sobriedade nela fora sempre volátil e vaga. Como uma criança destemida que julga poder andar de bicicleta sem rodinhas, poucas semanas depois dizia-se «curada», mas depressa caía e lá esfolava os joelhos na bebida. Ela gastava muito latim a debater a diferença entre «beber um copo» e «ser bêbado». Jodie fizera de ama de Mungo em reuniões que chegavam para ele saber que, quando se é alcoólico, um copo ou cem são exatamente o mesmo. A Mo-Maw discordava: estar sóbria maçava-a.

A sala das reuniões ficava ao fundo de uma antiga casa maçónica. No soalho pintado a toda a extensão da sala com um palco de madeira instalado, parecia uma reunião de escola. Um corredor unia a sala a uma pequena cozinha sem janelas: os membros gostavam de se congregarem, antes e depois da reunião, em volta de um samovar de chá bem quente. Mungo sentia-se ali muito confortável. Ficava a segurar no casaco da Mo-Maw e, no início da reunião, inclinava-se ao samovar e deixava que o calor lhe irradiasse pelo corpo enquanto ouvia as confissões de toda a gente.

Quando a reunião acabava, os alcoólicos congregavam-se em redor da

mesa dobrável. Esta reunião em concreto albergava uma comunidade unida: gente humilde que, independentemente da disparidade de salários, se dava com genuína empatia. Mungo gostava de estar entre eles: mesmo quando os olhos lhe começavam a arder do fumo, apreciava a sensação acolhedora dos casacos de inverno almofadados quando abria caminho pela sala bastante concorrida.

A Mo-Maw pegou-lhe na mão e arrastou-o até um grupo de mulheres que mexericavam enquanto mastigavam sandes de presunto.

— Eh pá, já vistes como estás a ficar grande? Só de pensar que inda um dia destes me andavas às cambalhotas pela alcatifa boa. — A Nora das quartas quando calha agarrou-lhe com as mãos frias na cara. O cigarro lançava uma mecha de fumo. Os olhos tremiam-lhe, não muito, mas tremiam. A Mo-Maw suspirou.

— Eh pá, a tua cara ainda te anda a incomodar? — Sempre que o via, Nora perguntava o mesmo. Era atarracada esta empregada doméstica de Roystonhill, de olhos inquiridores e pele que amarelecera como tinta velha de uma cozinha. Usava o cabelo grisalho curto e tinha a boca franzida de finos traços, por fumar quarenta cigarros por dia havia quarenta anos. Quando falava, introduzia tudo com um longo e prolongado «eh pá». Servia assim como uma espécie de «mas quem sou eu?». Parecia dizê-lo como se quisesse questionar a sua própria opinião, caso Deus discordasse dela e abrisse os céus para a contradizer.

— Eh pá, esquece lá essa tremura, meu menino. Já te metes por aí a partir corações? Aposto que as miúdas já têm de andar de mãozinha entre as pernas por tua causa. — Piscou o olho a Mo-Maw. Era outra coisa que lhe dizia sempre que o via.

— Quem me dera, Nora. Ele só se vai fazer mais tarde.

— Eh pá, que sortuda. Goza enquanto podes. Os meus é que já não lhes

ponho a vista em cima. Devias ver as boas peças com quem casaram.

A Mo-Maw apontou com o dedo para o entrepernas dele.

— Pedi ao Hamish que lhe desse um olhinho. Parece que ali tá tudo impecável.

— *Mãe!* — A voz dele afinou e quebrou. Várias cabeças se viraram, de cigarros nos dentes.

— Minha pestinha. Eu já te disse não sei quantas vezes...

O círculo de mulheres avaliava Mungo como a um vitelo de meia-tigela. A Nora levou-lhe uma mão tranquilizadora ao braço.

— Eh pá, ó Mungo, aqui a tua mãezinha tá só preocupada contigo. É duro criar meninos quando se é mulher e se está sozinha. — E virando-se para a Mo-Maw: — Olha-me só prò meu mais velho: carro novinho em folha, uma estufa toda de vidro, duas semanas em Torremolinos, tudo incluído, e eu aqui por Garngad co papel de cozinha a descolar-se-me da parede. — Deitou a beata na chávena de esferovite. — Que o Rod Stewart seja aqui minha testemunha: se eu tivesse de repetir tudo outra vez, só tinha filhas.

A Mo-Maw fez pouco dela.

— Credo. Tudo menos isso.

Jodie contemplou os terrenos em pousio do North Ayrshire. Caíra uma geada fora de tempo e os camalhões alinhados pareciam os retângulos cosidos de uma colcha, com uma linha alva de neve a debruar cada um dos canais. Os campos castanhos iam rolando a todo o horizonte, até onde o mar antracite cingia o céu raso e opaco. A camioneta já tinha os amortecedores gastos havia muito tempo e, enquanto iam aos sacões no sentido desta linha vazia, Mungo não lhe dirigia a palavra. Enfiou o capuz na cabeça e não conseguia olhar para ela.

O professor Gillespie fugira. Ele e Jodie eram por norma tão discretos, que foi Mungo a contar-lhe que o professor Gillespie levava sumiço.

Jodie e o professor assombravam habitualmente alas diferentes da grande escola secundária. Ela preferia a tranquilidade dos pré-fabricados dos cursos de artes e línguas, o professor Gillespie escondia-se na sala de professores. De vez em quando, ela levantava os olhos e dava com ele no topo da escadaria principal, a espreitá-la pelo vidro aramado. Na expressão dele perpassava-lhe um sorriso, e nos olhos uma centelha de lascívia que depois se apagava. Jodie gostava disso. Fazia-a achar-se artilosa.

As quintas eram o dia em que se encontravam e davam uma — às vezes ao sábado, quando ele dizia à mulher que ia ao golfe —, mas sobretudo nas quintas à noite, quando iam de carro à caravana. Ele já tinha faltado umas vezes, deixava-a pendurada à sombra dos prédios e depois dava-lhe uma desculpa qualquer: um dos putos tinha sarampo, a mulher dera um mau jeito às costas. Nessa semana ele assombrava-a mais, pairando pelos corredores

na nuvem do seu perfume, *Cachet*. Às vezes dava-lhe um berro no corredor, inventando uma infração mínima, fosse o que fosse que o deixasse afogá-la na sombra dele e fazê-la dirigir-lhe os olhos cor de avelã.

Na última semana, quando ele falhou as quintas na caravana, a paz deixou-a contente. Depois do fim de semana, ele não a assombrou nos corredores, nem estava, como de costume, na aula de Estudos Modernos, quando ela lá chegou.

O irmão vestia-se em frente do radiador a cantarolar:

— Sei uma coisa que tu não sabes. — Ora abotoava a camisa da escola, ora engolia colheradas de cereais a pingar, sem nunca descolar os olhos dos desenhos animados. — Adivinhas ou não adivinhas?

Mungo encontrava-se de pelota, inocente que nem um miúdo. Não havia aquecimento no resto da casa, mas não era decente ele andar nu à frente dela, não quando ele tinha quinze anos. Era fisicamente um jovem, mas de espírito ainda não. Um irromper de pelos aloirados sarapintava-lhe a virilha e as coxas, e as nádegas rechonchudas começavam a ficar esguias e angulosas dos músculos que ganhavam. Ele abanou-lhe o rabo nu.

— Pára lá com isso e veste as cuecas. — Jodie lamentava o rapazinho querido que ele tinha sido. À noite ouvia-o pela parede, numa esfrega rápida que chegava ao fim depressa de mais. Ela bem sabia o que ele andava a fazer quando o banho levava uma eternidade e a água quente da caldeira se acabava. Noutros tempos, ela tinha sido obrigada a andar atrás dele com uma toalhinha só para o conseguir limpar.

— Sei uma coisa que tu não sabes. — Ele provocava-a com um sorriso aberto, sem que Jodie adivinhasse. — *Pronto!* O gordo do Gillespie desapareceu. O stor Goodart declarou que, a partir de agora, é ele quem nos vai dar aulas. Ouvi-o dizer que o stor Gillespie não apareceu para trabalhar, nem ligou a dizer que estava doente. Sumiu. — Mungo puxava as longas

meias pretas. — O Goodart perguntou-nos se o Gillespie nos tinha dado a porra dos trabalhos de casa, e nós mentimos. — Levou um joelho ao chão e arranhou uma guitarra no ar. Não estava à espera que Jodie comesse a chorar.

Jodie sentiu o chão inclinar-se-lhe. Qual empena de ardósia anunciada, a fachada desabou-lhe e lançou-lhe o conteúdo íntimo da vida dela. Ela era demolida, cada lençol avulso da alma exibido para toda a gente ver. Sabia por que razão o professor tinha desaparecido. Sabia o que fizera para o professor Gillespie desaparecer.

Mungo não estava ao lado dela na camioneta. Sentado no banco do lado contrário, tinha a cara na janela e os olhos fixos num ponto algures depois dos campos negros. Jodie não se lembrava de um momento assim, em que ele estivesse tão desiludido com ela.

Ela ainda demorou a conseguir parar de chorar. Tinha contado a Mungo tudo sobre o professor Gillespie: a caravana dele das férias, a fronteira entre o vasto mar e a excitação dos carrosséis aos urros. Por cada coisa que lhe contava, outra que nunca lhe contaria. Não lhe contou que o professor Gillespie lhe dissera ter fé nela. Quão facilmente seduzira uma miudita parva fazendo-a acreditar que ia sair da cidade, escapar às ruas desoladoras que os deixavam a todos encalhados e livrar-se finalmente do peso dos irmãos. Ela era inteligente, pois que sim, «mas não era nada de especial», pelo menos não quando comparada com estas rapariguitas de Perth com os seus explicadores, e as debutantes de Edimburgo da Mary Erskine, o liceu feminino. Ela tinha boa cabeça, mas era ele a garantir que ela ia longe. Como podia ela contar a Mungo que, logo na primeira vez em que ele lhe

metera os dedos, ela tinha começado logo a confiar nele e a duvidar de si própria?

O professor Gillespie prometera metê-la na Universidade de Glasgow, e ela não sabia se era suficientemente inteligente para conseguir lá chegar sozinha. Para Jodie, a universidade era toda uma outra cidade com código postal próprio, um fosso que mantinha à margem a escória do East End como ela. Era a secular sede do saber aonde iam os ingleses respeitáveis quando queriam ter uma noção da fronteira, além de uma educação excecional, sem falar dos quatro anos de asneiras com as miúdas da zona que andavam todas mocadas e bêbadas até deixarem de saber quem são.

Hamish dizia saber tudo disso. Quando tinha um fornecimento, vendia haxe húmido aos caloiros. Misturava-o com tabaco de enrolar e polvilhava a mistura com caldo de carne em pó. Conseguia fazer esticar uma dose ínfima para uma turma inteira.

O sentido de oportunidade tinha de ser perfeito. Precisava de os apanhar na semana das praxes, quando andavam com os envelopes de dinheiro das avós e ainda não haviam aprendido as duras lições da cidade. Ele esforçava-se sempre por esboçar o seu melhor sorriso enquanto os caloiros cheiravam as bolsas de tabaco e caldo de carne, já fora de prazo, da Mo-Maw e exclamavam que cheiravam tão bem como a erva que fumaram «daquela vez em Goa».

Hamish chamava à última semana de setembro «a época da fruta». Era preciso aldrabar aqueles cabrões antes de amadurecerem em demasia e Glasgow os deixar a apodrecer nos galhos. A cidade não tardaria a mostrar a sua verdadeira essência, e nessa altura seria tarde. Mas, em três anos seguidos, ele fizera dinheiro suficiente para saldar os empréstimos todos da Mo-Maw: até comprou um videogravador e, com o que sobrou, alugou um solário de corpo inteiro para a Sammy-Jo.

Da última vez que Hamish entrara a mil pela porta cheio da massa dos caloiros, já Jodie andava a mentir com o professor Gillespie e a sonhar em chegar ao West End. Ela ficava de boca aberta quando Hamish, abismado, lhe contava dos edifícios grandiosos em que os estudantes viviam, dos prédios todos giros da Rua Byres, de chão de tábua corrida, pé-direito alto e grandes candeeiros de centro que reluzem para cima, não como os candeeiros berrantes que brilham para baixo. Aquilo enchia-lhe a cabeça de devaneios.

Em cada «época da fruta», os ingleses chegavam nos *Volkswagens* das mães todos escavacados, perfeitos para não andarem a ostentar a fortuna — no Norte, o bom do *Mercedes* era só excessivo. Iam-se arrastando pela Great Western Road em calças de bombazina coçadas e blusões encerados da Barbour. Usavam o cabelo artificialmente despenteado, com uma velha edição do Proust toda manuseada, a sobressair ostensivamente da bolsa de uma mochila de lona. Vestiam-se para ir a Aberdeenshire fazer tiro à galinha-brava.

— Deviam andar co volume dos *walkmans* altinho quando as mãezinhas lhes diziam que Glasgow tava à pinha de mariolas. Os papalvos achavam que elas tinham dito que tava cheia de galinholas. — Hamish contava a piada uma vez a cada puto protestante do bando, e duas a Jodie. — Tu só te podes dar ao luxo de te vestires assim se tens cheta. Da grossa, da que nem precisas de contar.

Na melhor fatiota que conseguiam comprar e carregados de maquilhagem e desodorizante, os adolescentes de Glasgow viam as calças de bombazina desmazeladas do piso superior da camioneta e sentiam uma pulsão de vergonha. Conseguir comprar roupa bonita era um sonho. Sonho inteiramente diferente era evitá-la e vestir-nos como nos apetece.

Hamish não demorava nada a ficar-lhes com o dinheiro. Sorria de

desprezo quando lhe diziam andarem a pensar visitar as manas mais velhas — que se chamavam sempre Tilly, Tanya ou Tess — nas universidades de St Andrews ou de Robert Gordon. Perguntavam a Hamish qual era melhor altura do ano para ir à ilha de Skye. «Sei lá eu, caralho», respondia ele. «Não sou vosso criado, foda-se.»

Estes alunos iam passar as férias todas a casa. Sempre que alguém lhes perguntava onde estudavam, respondiam: «Glasgow», e o amigo fazia que sim com a cabeça: ah, como aquele jovem Dominic Buxton era valente e brilhante, e devasso na conta certa. Acabada a licenciatura, voltavam sempre à terra. Nunca se estabeleciam na cidade. Estes escoceses falavam o inglês mais afetado, numa clareza pretensiosa que deixaria até aos alunos da mais seleta escola inglesa embaraçados. Sabiam de cor mais de um poema de Robert Burns, o poeta nacional da Escócia, e gostavam a sério de *cèilidhs* e gaitas de foles sem ser no gozo. Conheciam os melhores percursos para as caminhadas todas à volta do lago Voil e achavam que o melhor assado de domingo era o do Drovers Inn, apesar de «a gente de fora que vinha passar o dia ter acabado com ele». A classe média de Glasgow era a pior: nada fiel, quando lhe convinha usava a cidade como blusão da moda, mas ignoravam por completo o seu à-vontade, a sua carência. Esta gente de Glasgow era razoavelmente estrangeira e um gozo sem fim para os Ingleses. Os paizinhos deles é que não andavam a ser despedidos dos estaleiros ou a tirar escória das minas de carvão de Cardowan. Iam antes apanhar voos com destino a Londres para comer salmão escocês fumado em almoços de trabalho em Canary Wharf. Preferiam comer bolachas de aveia com paté francês e beber o seu *uisge beatha*, ou uísque velho, ao copo, e não à garrafa.

Hamish olhava uma vez para eles e sabia que os odiava. Invejava-os por

tudo. Depois, a rir-se a bandeiras despregadas da lorpice deles, ficava-lhes com a massa e dava-lhes uma passa de caldo de carne.

Ele disse a Jodie que a vida universitária não era para ela. Não era para gente de Glasgow como ela.

Jodie ouvia os berros das gaivotas e sabia ser incapaz de explicar o que fosse a Mungo.

O que ela lhe dissera bastara. Em casa, com o leite a escorrer pelo queixo de Mungo, Jodie contara-lhe do bebé que o professor Gillespie lhe deixara na barriga. Foi por isso que desapareceu. Jodie contara a Mungo que o professor Gillespie tinha dito que não era dele. Que gritara com ela à beira da estrada e tinha ficado no pânico de uma ratazana cercada por perdigueiros. Tinha graça, pensara ela na altura, que ele se portasse de maneira tão encurralada quando não era ele a ficar preso. Ele, de nós dos dedos brancos ao volante, tinha proferido um longo rol de apelidos protestantes dos colegas de turma dela. Recitara-os por ordem alfabética, impaciente, como se lesse a lista de presenças.

«Foi o McConnachie?»

«Não.»

«O Neely?»

«Não.»

«O Nicholson?»

«Nãããão.»

«O Rattray?»

«Não!»

«Anda lá. Não me mintas, pá. Aposto que foi o Rattray. Eu bem te vi a rires-te toda e a escreveres o nome dele na carteira da sala.»

«Credo. É que nem pensar.» Não era o destemido do Rattray.

«O Buchanan?», perguntou ele. «Com que então foi o baixinho do

Buchanan?»

«Espera lá, o Buchanan não vem depois do Rattray», troçou ela. «Estás a falhar.»

O professor Gillespie abanara o volante.

«O Murchison?»

«Não!» Jodie dera um suspiro demorado. «Não dormi com mais ninguém, foi só contigo.» A expressão dele murchou que nem couve cozida tempo a mais. «O bebé é teu, *professor* Gillespie.»

Ele gostava quando ela lhe chamava «professor». Pedia-lhe que ela o fizesse quando estava em cima dela. Agora não. Não ia acreditar que o bebé era seu.

«É o que fazem miúdas como tu: andam pela rua feitas cadelas co cio. Bem me parecia. Bem me parecia que eras como aquelas cabras todas do bairro.» Não parava de resmonear de si para consigo, repreendendo-se por ter sido tão estúpido. «Agora é que nunca vais prà universidade.»

Ela não lhe tinha dito que tinha odiado deitar-se debaixo dele: gostara tanto ou tão pouco que tão cedo não deixava outro rapaz meter-se dentro dela.

Nesse dia, ele não a levou de volta ao East End. Deixou-a perto da casa dele, na Rua Cowgate, em Kirkintilloch. Quando ela lhe perguntou onde estava — pois mesmo esta parte do mundo desconhecia —, respondeu ele: «Cow-Gate»^[4] e bateu a porta com estrondo. Ela teria esperado mais maturidade de qualquer rapaz da lista dele.

Agora, o professor Gillespie desaparecera e eles estavam na carreira para Largs, com a esperança de apanharem a ligação seguinte para West Kilbride e depois para o parque de caravanas. A ideia, uma ideia estúpida, fora de Mungo, mas ela não tinha outra melhor.

Jodie esgueirou-se pelo corredor da camioneta e sentou-se ao lado do

irmão. Apertou-se contra ele até o esmagar à janela e ele ser obrigado a reconhecer a presença dela. Ela esperava vê-lo desapontado ou furioso, mas, quando a fitou, foi num olhar de profunda tristeza, e ela percebeu que não gostava do reflexo daquele olhar e queria que ele virasse novamente costas. Mungo abriu os dedos da mão. Tinha um punhado de gomas, separara as vermelhas só para ela.

Mungo nunca tinha visto o mar durante o dia. Quando apanharam a ligação em Largs, ele puxou-a para poder ver o mar, e Jodie sentiu-se péssima por não o deixar ficar mais tempo. A camioneta a seguir deixou-os à entrada do parque de caravanas. Andaram pelos becos de asfalto sem saída até darem com a fileira de caravanas que ela bem conhecia. Apesar do frio, os reformados de Glasgow andavam a preparar-se para o curto verão: replantavam canteiros de gerânios pequeninos em antigos barris de uísque, voltavam a ligar as linhas de água congeladas. Os reformados, desconfiados, miravam os jovens, e Jodie arrependeu-se de não terem tirado os uniformes da escola.

Era estúpido ir ali à procura do professor Gillespie, mas parte dela como que esperava que ele estivesse na caravana, pois não o conseguia imaginar noutro lado. Tinha poucas imagens do professor Gillespie, tirando ele em pé frente a um mapa suspenso da África do Sul, ou em cima dela na mesa dobrável. Nunca o tinha visto a andar na rua. Será que assobiava o «Billy Boy» como o Sr. Campbell, ou andava todo empertigado como Hamish? Não tinha uma ideia concreta dele tirando o que ele lhe ensinava nas aulas e o que lhe fazia a seguir: o que ao espírito lhe dava e do corpo lhe tirava.

A caravana era uma lata bege, fria ao toque. Espreitaram o interior vazio pelas honradas cortinas de rede. Mungo começou a puxar a porta.

— O que é que estás a fazer? — Ela tinha consciência dos dez pares de olhos que seguiam cada passo que davam: a ralé dos bairros sociais não casava com estes cuidados canteiros de flores.

— Ele pode ter deixado um bilhete lá dentro — disse Mungo —, ou *talvez* haja alguma coisa com a morada verdadeira dele. Uma maneira qualquer de o encontrarmos e de o obrigarmos a ajudar-te.

As ideias de Jodie não tinham chegado tão longe. Não pensara no que queria dele. Era parvo, mas ela precisava de saber que ele compreendera, que não fora, afinal, um mal-entendido. Ter alma crédula era um fardo. Às vezes ela não acreditava no pior das pessoas. Depois destes anos todos com a Mo-Maw, já devia ter outra consciência.

Mungo voltou a puxar a maçaneta de aço galvanizado. A porta era pouco espessa, Hamish ter-lhe-ia dado um pontapé sem dificuldade, saberia onde apontar a mira das sapatilhas *Samba*. Mungo revistou o bolso do corta-vento. Tirou a navalhinha que Hamish lhe tinha dado. Não fazia ideia como forçar a fechadura, mas aquilo mal era uma fechadura. Enfiou a lâmina por debaixo da lingueta, e a porta abriu-se.

Estava limpo e frio por dentro. Os Gillespies só haviam deixado a mobília necessária para quem viesse a seguir. Sem nenhuma das aparatosas bugigangas da Sra. Gillespie, aquilo parecia estrangeiro a Jodie. Teve de confirmar para garantir que não se tinha confundido com as caravanas todas iguais. Não, era *mesmo* aquela. Passou a mão na parte de baixo da mesa dobrável da cozinha e sentiu as pontas dos montinhos de muco seco. Depois da queca, o professor Gillespie gostava de remexer no nariz e limpar os dedos por baixo do contraplacado. O sítio era aquele.

— Parece um daqueles chapéus dos mágicos. — O espaço vazio maravilhou Mungo. Os Gillespies tinham dois filhos mimados: tinham perdido a cabeça na versão de luxo da caravana.

Mungo encontrou a sanita química e nela mijou ruidosamente. Fazia o som de um balde de plástico dos baratos.

— Eh pá! — berrou ele, e ergueu os pés. — Acho que os canos não estão ligados. — A base da sanita vertia poças de mijo amarelo e melado. Jodie teve o instinto de andar à procura de uma toalha de cozinha para limpar aquela porcaria.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Mungo, a resguardar-se. — Antes que Jodie respondesse, a mão dele varreu da parede a última fotografia que restava. Uma imagem pirosa, a preto-e-branco, de Inveraray colorida a aguarela. Partiu-se no chão, e ele sorriu.

Jodie rebentou. Arrancou os lençóis da cama dupla: a cama que era da mulher dele, a mesma onde não a deixava deitar-se. A remediada da Jodie tinha de se contentar com a mesa dobrável ou com a banquetta de tecido escocês e o seu desconfortável tecido *bouclé*, ou, se ele estivesse mesmo com pressa, com ela agarrada à pia a ouvir os talheres tinirem enquanto ele lhe subia às ancas a saia da escola.

Jodie passou a mão pela almofada dele. Acabada de lavar, ele já dormira tanto nela que tinha vestígios de suor e brilhantina. Sentiu o cheiro dele na almofada. Tirou as fronhas e esventrou-lhes as penas de ganso. Estripou duas almofadas inteiras e gritou até ficar sem fôlego e com a cara toda vermelha. O irmão, de pé na ombreira estreita, via-lhe os ombros içarem-se daquele esforço todo, a cada fôlego irem-se baixando enquanto a raiva se consumia dela.

— Espera aí: pode-se comprar almofadas com penas? — Mungo esbugalhou os olhos de assombro. — Ele que se foda! — Agarrou numa almofada e deu-a em Jodie, que caiu contra a parede de pau-rosa e partiu o folheado com o ombro. Ele bateu-lhe outra vez, o ar encheu-se da neve dos gansos. Jodie encontrou a sua arma e ali andaram pela caravana, a saltar da

cama para a banquetta, batendo impiedosamente um no outro. Era uma guerra que ia longe e tudo arrasava pelo caminho. A caravana chiava e curvava-se nos pneus.

Só pararam quando a última almofada ficou vazia. Jodie sangrava da orelha esquerda, onde a argola de ouro lhe rasgara a orelha e caíra, mas estava-se nas tintas, nem berrou com Mungo. Cada superfície ficava espessa de penas e fibras.

— Tem o que merece — disse Mungo, orgulhoso. Mas aquilo era criancice a mais. A desforra não chegava.

Quando saíram, punha-se atrás das nuvens o sol de inverno, Mungo viu por fim a fratura entre o céu e o mar. Os dois tinham penas no cabelo e ainda presas aos uniformes. Mungo agachou-se debaixo da caravana e sacou os calços dos travões das rodas traseiras. Jodie viu-o naquilo e fez um risinho nervoso.

— Estás a perder tempo. Ele vai revendê-la. Não vai voltar nunca.

O irmão ponderou aquilo. Não era justo fazer mal aos veraneantes que viessem a seguir. Se fosse Hamish, estava-se nas tintas. Mas era cruel fazer pessoas completamente estranhas irem a rolar aos gritos ao mar da Irlanda.

— Tu não tens piada. — Mungo fez beicinho e lá repôs os calços. Fechou o estabilizador da frente, pôs a roda de apoio no chão. Empurrou-a e a caravana deslocou-se, desatando a rolar colina abaixo, em aceleração. — Ah, ah. Porra! — berrou ele. — Corre. *Corre!*

Jodie estava aninhada na poltrona e ignorava-o enquanto Mungo tentava ler John Donne. Ele tinha a cara rosada do esforço, mas ela não lhe prestava atenção. Pensava noutra coisa. Ele nem se tinha dado conta de que Jodie chorava.

— Foda-se, como é que o McGregor nos faz isto a nós? — queixou-se ele. — Não é justo obrigarem os Escoceses a falar um inglês perfeito e depois levem lá com isto.

O professor McGregor era conhecido por isso. Aos miúdos «especiais» — os que não iam a lugar nenhum na vida —, prescrevia-lhes «o grande Donne». O professor de Inglês sabia que não tinham salvação possível. Administrava o poeta como uma dose grande de penicilina a quem a tuberculose já definhara. Se um jovem não aguentava o programa, o professor não ia perder mais tempo a arrastá-lo pelos romances de Thomas Hardy. Punha esses alunos ao fundo da sala e levavam com o grande Donne. A maior parte passava a hora da aula a fazer desenhos no verso da capa. O professor McGregor queria lá saber disso.

*Primeiro sugou-me a mim e agora a ti
E nesta pulga os nossos sangues se misturam*^[5].

Mungo esgatanhava-se.

— A gaja tem sarna e ele escreve-lhe uma canção de amor. O McGregor tem a cara de pau de dar reguadas quando não dizemos uma palavra em inglês correto, mas este grunho escreve as palavras todas como lhe dá na real gana e a ele chamam «mestre». — Mungo arremessou o volume magro pela sala.

— Eu gosto desse poema — disse Jodie, mais para si que para ele. Secou a cara e experimentou um sorriso. — O poeta tenta levar a mulher a dormir com ele. Deviam ensinar esse poema a todas as raparigas mal nos cresce o peito.

Mungo abanou a cabeça.

— Eu queria era desenterrar o John Donne e dar-lhe uns murros no esqueleto.

— Davas-lhe murros, *tu*?

— Sim. — Ele lançou-lhe um olhar suspeito. — O que é que se passa contigo agora?

Jodie puxou os *collants* de lã. Levantou-se e foi até meio do chão, ao encontro dele.

— Se me fizeres uma coisa, preparo-te uma torrada com queijo.

Eis a súbita bondade: Mungo sabia estar prestes a ser manipulado.

— Não tenho fome.

— Preciso da tua ajuda. Preciso de te pedir que sejas um homenzinho e me faças uma coisa.

Eis a expressão outra vez. Queriam todos encontrar o homem dentro dele.

— Só digo que sim quando me disseres o que é.

— Pois. — Fez outra pausa. — Quero que me dês o murro mais forte que conseguires.

Ele deu umas gargalhadas boas e feias. Mas Jodie não se ria. Agarrou-lhe na mão e pô-la na barriga dela, por cima dos nós do tecido da camisola de acrílico. Parecia esticada, irradiava um calor uniforme.

— Se eu tiver este bebé, não vou conseguir ler poemas nunca mais.

Ele tirou a mão.

— Tu estás doida?

Ela segurou nele.

— Ele não é nada. Nem ainda é bebé, é só um girino pequenino. Se esperar muito mais, ganha nervos. Crescem-lhe os lóbulos das orelhas... — Jodie sempre fora boa a Biologia, e pressionava-o com o que aprendera. — Não te preocupes. É só uma bolsa de células e muco. Se o tirar, posso só deitá-lo pela retrete.

— Não posso. É um bebé.

— Não é. Quando acabarmos, nunca foi. — Suspirou, tentava-lhe falar

com ternura. — Mungo, se eu tiver este bebé, vou ser como a Mo-Maw. Tu não queres isso, pois não?

— Claro que não. Mas talvez eu possa tomar conta dele. Qual é o mal? Não vou sair daqui. Tu podes só continuar a ir às aulas. Vais para a faculdade. A câmara há de nos dar uma casinha. Vamos ter uns subsídios incríveis.

A ideia arrepiou-a. Não imaginara uma vida com o irmão *e ainda* um bebé.

— Não. Não vou viver assim. Se não me ajudas, preciso de encontrar trabalho. Andam a aceitar aprendizes no Maguires, posso ir dobrar cartão.

— Ela afagou-lhe o rosto galante e sorriu. — Mas tu vais-me ajudar. Eu sei que vais.

— Não vou.

Jodie afastou-se dele. Num movimento único, pôs-se em cima de uma cadeira, e depois do parapeito.

— O que é que tu estás a fazer?

Ela virou-se.

— Lembras-te de quando a Espantalha quer que a Mo-Maw salte? Se eu não tirar este bebé daqui de dentro, vou *mesmo* saltar. — Mungo lembrava-se bastante bem. Jamais iria esquecer a mãe no peitoril molhado, aonde de tempos em tempos subia quando sentia que os filhos não gostavam suficientemente dela. Uma sombra perpassou o olhar de Jodie, a centelha que às vezes lhe surgia ao resolver uma equação particularmente difícil. — Hum. Agora percebo porque é que ela fazia isso. Assim é que não vou viver.

Mungo envolveu-a nos braços e puxou-a para baixo. Deu-lhe então um empurrão tão forte que ela voou para a poltrona, com as solas dos pés todas para cima.

— Vai-te foder.

— Mun...

— Vai-te foder.

Mungo amuou na *kitchenette* escura. Corria o dedo pelo papel de parede às flores, gozando a sensação tridimensional do padrão. Ia fitando as traseiras do prédio de James. Ainda não se tinham falado desde que James chorara. E ele ansiava agora por um amigo.

O armário do meio estava cheio de copos de cerveja que a Mo-Maw roubara aos bares dos velhos da Rua Duke. Tirou um e despejou todos os líquidos e condimentos da cozinha da mãe: molho castanho, molho vermelho, molho amarelo e leite azedo. Somou-lhe um ovo cru, um pó analgésico e metade do pimenteiro. Por cima daquele batido, um longo jorro de detergente da loiça e uma pitada de lixívia. Finalizou com um escarro.

— Toma, bebe lá isto. — Passou a poção a Jodie.

Ela estava sentada no parapeito, de olhos na rua estreita. Tinha estado outra vez a chorar. Riu-se, mas ficou presa algures entre as lágrimas e o riso. Ele recuou, ofendido.

— Pediste-me ajuda. Bebe lá isto.

Jodie envolveu-lhe os ombros nos braços e desgrenhou-lhe a nuca. Que sensação boa.

— Meu parvinho. Mungo, o útero e o estômago não estão ligados. O que talvez vai acontecer é que eu me vou cagar toda, pois claro, mas a coisa aqui dentro nem se vai mexer. — Pousou o copo malcheiroso no parapeito. Ainda sentiam o odor daquilo do outro lado da sala. — Dá-me um murro, um pontapé se preferires. Só um. Prometo.

Mungo ficou branco que nem cal. Abanou a cabeça.

A hesitação dele desconcertava Jodie. Em certos verões húmidos,

divertiam-se a bater com a porta na cara um do outro, à espera do momento exato em que o outro cruzava a ombreira, e pumba. Se viessem com uma caneca de chá, os pontos eram a dobrar.

— As horas todas — começou ela, serena —, as tardes todas que fiquei ali sentada no armário contigo a tratar das tuas dores, e não fazes só esta coisinha por mim? — Secou as lágrimas. — Julgava que gostavas de mim. Aaahh-ah.

— E gosto.

— Não gostas, não. Só gostas do que faço por ti. És tão mau como os outros.

Ele pressionou com o nó do polegar a pálpebra que tremia.

— Só uma vez?

Ela assentiu.

— Sim. Só uma vez.

— Está dito. Só. Uma. Vez. — Teve de repetir, para ficar registado.

Jodie afastou-lhe o cabelo dos olhos e fez-lhe saber que não havia problema.

— Só uma vez.

Ele demorou-se a preparar, sem nunca lhe tocar, com a esperança de ela mudar de ideias. Jodie deu-lhe um berro. O irmão lá levou o punho atrás e, num urro de dor, bateu-lhe na barriga. Não dera impulso suficiente. O golpe nem lhe tinha tirado o ar. Mas Jodie agora tinha o arranco de que precisava.

— Boa. Outra vez, Mungo. Agora com mais força.

— Disseste que era só uma vez.

— Pois foi, mas tens de me dar um bom murro.

Ele voltou-lhe a bater, desta feita com mais força, mas enrolou o pulso.

— Com mais força.

E outra vez. Quem arfava era ele, não era ela.

— Com mais força.

E outra vez. Ela mal se mexeu.

Jodie cerrou os dentes.

— Vá lá, Mungo. Por amor de Deus. Só uma vez. Sê um homenzinho.

Ele levou o punho atrás. Via tudo vermelho e branco. Esmurrou-a, acompanhando a curva do punho com toda a força do ombro magro. Resultou, pois deixou-a sem respirar. Ele não estava à espera de sentir o que sentira: o punho duro contra aquela mole almofada de Jodie. O corpo absorvera-o e não resistira. Quando ela se dobrou, ele deu por si atónito com a superior conceção da mulher, capaz de aguentar pancada e retribuir com afeto e proteção. Não era como quando se esmurra um homem. Das raras vezes em que ele se atreveu a responder a Hamish, a própria essência de Hamish, nos ossos, nas cartilagens e nos músculos, devolvia a dor ao braço de Mungo. Quando se atinge um homem, ele atinge-nos de volta.

Passou-lhe então pela cabeça uma imagem da Sra. Campbell e odiou-se a si próprio por aquilo.

Jodie recuperava o fôlego e recompunha-se. Tomou Mungo nos braços. A cor sumira-se toda da cara dele: até o tique, tolhido de sangue, estava quieto. Ela é que tinha o ventre magoado, mas era ela quem o voltava a consolar. Como em tudo na vida, ele não a apoiava. Pensaram os dois no mesmo, mas nenhum o disse. «Um inútil.»

— Obrigada, Mungo. — Jodie fez-lhe festas. — O que é que achas de ir aquecer um pouco do caldo da Sra. Campbell e nos encostarmos um bocadinho? Não tarda, dá o *Scooby-Doo*.

No fim, não resultou, mas Jodie não disse a Mungo. Era melhor não voltarem a falar disso. Ela tinha pedido violência a uma alma meiga, o que a fazia sentir como se tivesse pisado em neve acabada de cair.

Não resultou: a barriga continuou a crescer-lhe. O Pé de Salsa — sempre

atento atrás das suas cortinas de rede — reparou que, ao descer a rua, a rapariga feliz já não ria. Contou à Sra. Campbell, que deu a Jodie uma *quiche* de carne. Na semana seguinte, fez o que as garotas do seu tempo faziam: levou Jodie a uma cigana de Calton. Foi-se o bebé que nunca o foi, e Mungo achava que a culpa era toda dele.

Mungo encontrava-se deitado na terra. Depois de ter sido usado pelos homens, não dormiu nem se mexeu. Achou que fingir-se de morto era convidar a morte a levá-lo. Várias vezes se tentou recusar a respirar, não de peito inchado de oxigénio, como quando Jodie o ensinara a nadar, mas, mesmo à beirinha da expiração, parava só de respirar e negava-se a deixar entrar ar. Nunca resultou. Corpo traiçoeiro.

O Sol nasceu cedo. Parara de chover, mas o ar estava pesado e húmido ao toque. Quando o Sol passou por cima, iluminou a tenda vermelha e tudo banhou num irado rubor cereja. Gallowgate nem se tinha preocupado em correr o fecho ao sair, mas limpou Mungo de maneira quase afetuosa e alçara-lhe os calções à cintura. As abas da tenda batiam, mas estava abafado, era difícil respirar. Tresandava a uísque e a suor, a sangue e merda aguada. Uns moscardos anafados aterravam no revestimento de *nylon* e davam umas trancadas mesmo junto à cara dele.

Mungo sentia um dos olhos negro: encolhia-se de dor ao mínimo toque. Hesitou até se ter visto todo. O queixo estava rasgado no sítio onde o fecho do saco-cama o tinha apanhado, e o friccionar da lona abrira a ferida. Doíam-lhe as costelas, o cabelo no cocuruto zunia na zona em que Gallowgate o tinha apanhado e prendido. Tinha as pernas molhadas e pegajosas do seu próprio sangue, da merda e de mais coisas que não eram suas. Mas a pior dor era a dor que sentia bem dentro de si. Algures acima da barriga e abaixo do coração. Buscou-a com os dedos sem a encontrar, mas ela aumentava.

Fora da tenda vermelha, não percebia vozes. Ouvia apenas o vagar manso da água e o zumbir preguiçoso dos moscardos. Tinha de ir à margem, agachar-se na água dormente e nela fazer desaparecer aquilo tudo. Queria-se afundar e nunca mais vir à tona.

Virou-se. Eis outra sensação, uma nova impressão — como se tivesse de se sentar na retrete e soltar completamente a tripa. Tirou a meia. Usou-a para limpar a porcaria maior das pernas nuas. E rastejou para fora da tenda.

Os homens estavam sentados, em silêncio, à fogueira apagada. As tabletes do chocolate para crianças encontravam-se pousadas numa rocha, qual armadilha para coelhos.

— Oh. Que horas são nisto? — St Christopher fitava Mungo diretamente nos olhos, sem nenhum remorso na expressão. Mungo não queria, mas baixou o olhar. Queria mirar a cara do homem, obrigá-lo a baixar os olhos, mas deu-se conta de que não era capaz. — Tava a achar que ias passar o dia todo a dormir. Tamos só a perder tempo. A gente temos truta pra apanhar.

Gallowgate estava de costas para o rapaz. Não disse palavra. St Christopher aproximou-se de Mungo, deitou-lhe um olho e atentou-lhe nas nódoas negras.

— Que pisadura mesmo feia, porra. A gente bebemos assim tanto? — Estranho orgulho na voz. Parecia desfrutar da ideia inocente de que tinham armado barraca, e Mungo perguntou-se de que se lembrava o beberrão, se é que se lembrava de alguma coisa. — Diabos ma levem. Devo ter mesmo desfalecido. Basta-me uma pinguinha que até desato à bulha num caixão vazio.

Mungo recuou sem lhes dar as costas. Achegava-se ao arvoredor, ao sítio calmo e fresco onde, na véspera, se sentira livre e pleno.

— Onde é que vais? — perguntou-lhe St Christopher. — Tu não tocastes na massa.

— Só tenho de... — Mungo engoliu, o que lhe doeu — ... ir à casa de banho. — Rouco e sem energia, o som que lhe fugia dos lábios. Levou a mão à garganta inchada.

Gallowgate arranjava uma pequena perca. Virou-se ligeiramente e viu Mungo afastar-se nas árvores. Disse ao miúdo, por cima do ombro:

— Tu não me vás pra longe, ó Mungo. Olha que acontecem coisas más aos meninos que andam plas matas escuras.

Mungo adentrou-se na floresta. Correu e correu até chegar ao rio corrente. Agachou-se numas ervas-canudas mais altas e soltou a tripa. Ardia-lhe, percebia que estava rasgado. Quando acabou, despiu-se todo e entrou na água. As nódoas roxas e recentes acorriam ao encontro das antigas e azuis, que trouxera de Glasgow. Na véspera, a água gélida fizera-o recuar e chiar. Agora, afundava o corpo todo e mal sentia o frio por causa do ardor por dentro. Esquadrinhou o leito e encontrou uma pedra porosa. Esfregou-se com ela, passando-a por toda a pele como se fosse pedra-pomes, até a aspereza o deixar rosado, esfriado e em brasa. De nada servia. Sentia-se imundo. Então vomitou, em torrentes amareladas e avermelhadas que boiaram até ao lago.

— Foi só uma brincadeira — disse Gallowgate. — Descontrolou-se um bocadinho, foi só.

Ele estava encostado a uma faia, junto às roupas que Mungo largara. Fumava e limpava a unha suja do polegar com a navalha de amanhã peixe. O gume apanhou um dos poucos raios que fugiam pelas copas e reluziu, ameaçadora.

O beijo de Mungo começou-lhe a tremer. Beliscou-o e apertou-o com a unha até o acalmar.

— Para mim, não foi brincadeira nenhuma.

— Ah, vá lá. Sabes como é que os rapazes são. Fazem todos disto. É

assim que a gente ficamos adultos. É mais fácil que meter uma miúda em atropalhações.

Mungo estava furioso consigo próprio. Incapaz de encarar o homem, dava por si a falar à tona do rio. A voz rouca não parecia dele.

— *Esperem*. Esperem só que eu conte ao meu irmão mais velho o que vocês me fizeram. Ele vai dar cabo de vocês. Vai-vos rachar a puta da cabeça ao meio com o machado que ele tem.

Gallowgate nada sabia da lenda do Ha-Ha. Brincava com a franja cuidada e ria-se.

— Era uma pena dar cabo dum bom penteado.

Mungo atirou-lhe a pedra-pomes, mas Gallowgate foi mais rápido e desviou-se. Bateu num tronco e desapareceu no meio das ervas. A mata engoliu o som. Outra vez sozinhos. Gallowgate fechou a navalha e guardou-a.

— Olha, eu talvez tenha ido longe de mais. Mas tens mesmo a certeza que não gostastes? — Sorria com os dentinhos afiados. — Nem um bocadinho?

Mungo abanou lentamente a cabeça.

— Não.

Gallowgate fez um silvo ao inspirar.

— Porra, desculpa, desculpa mesmo, parceiro. — Ficou um pouco pensativo, parecia até um pouco arrependido. — Mas muito me admira. Sobretudo co que a Mo-Maw disse de ti à gente.

Mungo não tinha mais sangue em si, mas cada pedacinho seu se lhe dilatava numa raiva virulenta.

— Podem dizer o que quiserem... mas as coisas não foram nada assim.

— Ai não? — Gallowgate pareceu um instante desgostoso, mas a ponta dos incisivos saía-lhe do beijo e tornava-se outra vez um animal. — Mas

não foi o que eu ouvi. Por isso é que te mandaram vir coa gente. Pra te dar um tratamento. Pra fazer de ti um homem.

— É assim que fazem de mim um homem?

— Pois. Acho que não — retorquiu. — Mas a gente fazemos isto porque a gente somos bons, trazemos um mocito pra espreitar esta mata toda nas encostas. Não sejas mal-agradecido. Da próxima, tens de ser mais generoso. — Gallowgate apanhou os calções, a *T-shirt* e os *boxers* do miúdo. — Na prisa, não deixavam a gente usarmos a roupa que era nossa. A gente nunca usávamos duas vezes os mesmos trusses, e porra, nunca, os trusses nunca mas nunca ficavam à justa. Mesmo lavados, a gente ainda sentíamos o cheiro ao gajo, aos gajos todos que as tinham usado antes da gente. — Tateou o algodão cinza entre os dedos e atirou a roupa interior de Mungo ao rio. — Devias d'a lavar. A gente não podemos andar por aí feitos animais.

Mungo teve de se debater com a corrente para apanhar a roupa atirada à água. Fitava aquelas peças familiares e que tinha usado mil vezes, e perguntou-se a quem pertenciam elas agora.

Gallowgate chateou-se por ver o rapaz a agitar-se todo no rio. Ele era de uma sobriedade irritante.

— Ora então, andor. Ali o Chrissy inda te vai ensinar a apanhar truta. Se não for pra mais, dá prà risota. — Virou-se no sentido do acampamento, parou e atirou a beata a Mungo. — E antes que me venhas co ideias, não é pra contares a ninguém o que aconteceu. Nem à tua mãe nem ao teu mano. Nunca vais ser um homem a valer se eles souberem que fizestes o que fizestes e que inda gostastes.

— Eu não gostei. — Mungo falava com a clareza possível.

— A sério?

Algo mudou então em Mungo. Não era daquelas situações em que a mãe dá um beijinho e já passou. Também não era um arruaceiro a quem o irmão

espetava uma navalha. Ninguém iria conseguir resolver isto com uma tigelinha de sopa. Era ele a arcar com a culpa e a vergonha. Sabia que Gallowgate tinha razão. Mungo não podia contar a ninguém.

— Inda por cima — acrescentou Gallowgate, a sumir-se por entre a erva-canuda —, toda a gente sabe que és um paneleirote. Um rabetazinho. É a tua palavra contra a minha.

Mungo, naquele momento, soube que os homens iriam voltar a fazer o mesmo.

Quando chegou ao acampamento, Gallowgate esvaziou a mochila do rapaz, preparando-se para uma ida à loja da aldeia. Mungo viu-o atirar ao cascalho o caderno de desenho e o jogo de tabuleiro. Coisas de criança. Que já não sentia serem suas. Não se importava, podia-se afundar tudo no lago.

Gallowgate inspecionara o álcool que havia. Quando percebeu serem só umas latas de cerveja e borras de uísque, os homens ficaram em pânico. Andavam em círculos bramindo e revirando os sacos todos. Toda a gente estava de barriga vazia, mas só quando Gallowgate percebeu que também iam ficar de bico seco é que decidiu fazer nova incursão à loja.

Mungo viu nisto uma oportunidade.

— Posso-vos ajudar a trazerem as bebidas — disse, no tom mais descontraído que arranjou. Se conseguisse ir aos correios, podia perguntar à senhora da loja onde é que estavam. Podia voltar a ligar à Mo-Maw, que ia ligar a Hamish, e Hamish vinha com o machado cortar os tipos às postas. Tinha de voltar ao postozinho dos correios.

Gallowgate viu o sorriso ferido de Mungo e riu-se sozinho.

— Mungo. Quando tu vais coa farinha, já eu venho co pão. Não entras em lugar nenhum co essa cara.

— Então como? — Mungo levou a mão ao olho machucado. O olho inchado fechava-se-lhe. Sentia alguma dificuldade na visão periférica, mas o tique fora controlado, a carne sentia-se demasiado afetada e dorida para se portar mal.

— Esquece-se lá «como». — Gallowgate pôs a mochila vazia às costas. — A puta da loja já acha que a gente não valemos nadinha de nada. Se te vê co essa cara, chama a bófia e metem-nos na choldra por andarmos à bulha. Ná. Tu ficas cá. Vê lá se esse palerma não se afoga. — Gallowgate virou costas e afastou-se deles. Ainda parou à beira da erva-canuda dizendo: — Não andes por aí. Não tentes fazer palermices. É a tua palavra contra a minha, e a tua família já sabe quem tu és. — E sumiu-se nas árvores.

Mungo deixou-se afundar numa rocha cheia de líquen. Podia andar, podia correr, mas em que direção? Perguntou-se o que teria a Mo-Maw dito a Gallowgate, o que faria a família dele acreditar na palavra de um estranho contra a dele. A cara ardia-lhe, as entranhas palpitavam-lhe, mas levou os joelhos ao peito e repousou o olho bom no joelho. De repente, sentiu-se novamente sozinho, não da maneira encantadora da véspera, antes o esvaziando de todo o calor do corpo. Teve então a sensação, o medo de talvez nunca voltar a casa, de nunca mais ver Jodie ou James.

— Anima-te, puto. Quem sabe nunca aconteça.

Mirou St Christopher, que enfiava uns vairões pequeninos no anzol e os atirava ao lago. Por causa da sua natureza nervosa, ele mal deixava as canas sozinhas tempo que chegasse para um peixe se aproximar delas. O tipo procurava presas curvado e com a cara demasiado perto da tona.

— Foda-se! Não há peixinho que se veja na merda deste lago. — Queixava-se a ninguém. — Ia todos os sábados ao rio Cart pescar co meu pai. A gente levávamos pra casa belos baldes de percas, gordinhas e vivinhas. A gente apanhámos tantas que o meu pai me mandava ir de porta

em porta, eram quase dadas. — Tirou a boina e coçou a careca. — A porra do lago deve de tar todo morto.

Gallowgate ainda levaria um bom bocado, e Mungo não era capaz de ficar a ouvir estes queixumes. Ocorreu-lhe pedir ao homem que fosse para mais longe: era uma oportunidade de Mungo pensar no que fazer a seguir.

— Há ali um rio cheio de bom peixe. — Mostrou o tamanho levando os braços à altura dos ombros.

St Christopher esbugalhou os olhos.

— É ali que os cabrões tão escondidos. — Recolheu a linha. — Vais dizer à gente onde é que fica, ou não vais?

Demorou mais a orientar St Christopher pela floresta que a explorá-la sozinho. O homem não conseguia subir troncos caídos, tinha de parar, sentar-se no tronco e passar uma perna de cada vez. Era estranho ver este homem no fato velho ali a cambalear pelo denso manto de erva-canuda. De vez em quando o anzol apanhava um galho ou uma folha, que Mungo era obrigado a libertar. Da terceira ou quarta vez que isso aconteceu, demorou-se a examinar-lhe a cara enquanto o homem soltava o anzol com a tripa. O sol sob o arvoredado mesclado fazia reflexo nos olhos do tipo, que tinham como que uma película em que Mungo ainda não reparara.

Sabia agora a razão por que o homem baixava tanto a cara junto à água e escorregava nas pedras todas. Eram os olhos mortiços. St Christopher mal conseguia ver.

Seguia ele Mungo até ao rio falando sem parar. Mungo não o ouvia nem parava para considerar o sereno encanto do vale. Tinham dado cabo desse encanto. Ia agora aos pontapés às flores, gordas campainhas, e corria a mão maldosa pelos caules da erva-canuda, arrancando-lhes a folhagem e largando-as à morte.

Chegaram ao rio e encontraram a zona mais profunda, onde Mungo deu

com peixes indolentes a comerem insetos que roçavam pela água. Apontou para os peixes e viu St Christopher seguir-lhe o arco do braço. Mas o rapaz agora sabia que ele não era, já não era, capaz de ver os peixes. O homem lançou a linha a favor da correnteza e fixou-a entre dois rochedos. Acendeu um cigarro, enfiou as mãos nos bolsos e ali ficou como quem espera o autocarro na paragem.

Mungo foi avançando pelo rio. Queria ficar longe do fedor do tipo. Desde o primeiro aguaceiro que se sentia húmido, mas esta água fazia milagres: distraía-o do ardor da cara, e do palpitar mais em baixo que se lhe alastrava ao peito. Se fosse com calma ainda tinha pé, só uma rocha era instável. Sentiu-a balançar com o peso dele e depressa afinou, com cautela para não cair à água. Era uma criancice, mas decidiu não referir aquilo a St Christopher.

Na margem do outro lado, encontrava-se um tronco caído no lodo. Mungo pôs-se de pé em cima dele e largou um peido molhado. Balançou-se um bocado em cima do tronco que se afundava, carregava nele e soltava-o, imaginando desatar a fugir e perguntando-se quão depressa iria conseguir correr pelo mato.

— É inútil — disse St Christopher. — Nenhum cabrão morde.

Mungo via o ponto da corrente onde a linha se agitava. O homem tinha errado o sítio que Mungo indicara, e a chumbada colorida balançava-se com vigor a mais no remoinho.

— Porque é que fizeste isto? — perguntou-lhe Mungo.

— Achei que tinhas apontado pra ali.

— Não. Não é isso. Porque é que ontem à noite me fizeste isto?

St Christopher não estava longe dele, naquele ponto o rio só tinha uns seis metros de largo. Mas Mungo percebia que o sujeito não olhava diretamente para ele: o homem podia achar que sim, mas não.

— Tu nunca fostes escuteiro?

A Mo-Maw nunca teve dinheiro para o uniforme, e nas ruas do East End de que serviam saber fazer nós e prémios de astronomia?

— Pois que eles andam todos nisso. É o que os homens fazem quando tamos sozinhos. Gozam um pedaço. Há gente pra quem isto é tradição. Se és pobre é que não podes falar disso, se és rico, até a barraca abana. É o que os queques fazem todos juntos. Oxford tá cheia deles. E os colégios todos. Eles lá gostam duma enrabadela de vez em quando. — St Christopher tirou o chocolate e estendeu-o a Mungo.

Mungo perguntou-se quantas vezes tinha St Christopher contado esta história a miúdos. Escorria-lhe tão bem pela língua. Quantas vezes estendera ele uma tablete a um puto choroso? Aquilo fazia-lhe palpar a cabeça.

— Tu não foste preso por vagra... — Mungo tropeçou na palavra.

— Vagabundagem? — avançou logo St Christopher. — Ná. Não foi por isso.

Depois, ninguém disse mais nada. O rio corria entre eles.

Mungo tinha medo de Gallowgate, que meneava a cabeça feito um *pit bull* aguerrido, tinha um corpo com músculos irregulares como se tivesse sido desbastado por um gume rombo sem depois lhe passarem lixa. Mas St Christopher não lhe metia, já não lhe metia medo. Sentia-se furioso por ter deixado o velho fazer-lhe aquilo. Engoliu uma vez, e da garganta magoada saiu-lhe o maior berro que conseguiu:

— Porque é que não pegas na tablete e a metes no cu?

O homem depositou o chocolate na margem, como se Mungo fosse um cão que pudesse aliciar.

— Como queiras. Mas vais acabar por gostar. É mais seguro que meter uma miúda em atrapalhações.

Outra vez a mesma peta. Mungo pensou em Jodie e nas «atrapalhações» dela, na barriguinha dela dilatada, e perguntou-se se o homem da caravana lho tinha posto lá dentro.

St Christopher suspirou. Coçou a barba por fazer e mudou de assunto, como se andassem a falar do tempo.

— Ó puto, onde é que anda o peixe que me prometestes?

Mungo encontrava-se na outra margem. Podia-se ter virado e sumido pela erva alta sem St Christopher conseguir ir atrás dele. Mas onde iria Mungo? Tanto quanto sabia, estava a mil quilómetros de casa. Ou o bairro ficava do outro lado das montanhas.

Acima, a folhagem ressoava com os primeiros pingos de chuva grossa. Gallowgate iria molhar-se. Mungo apontou para um cardume junto aos pés de St Christopher. Afinal os peixes não eram nada castanhos, antes um fulgor de escamas matizadas.

— Daí não os apanhas. A correnteza leva o isco. Se fores por essas pedras maiores, podes atravessar e apanhá-los daqui. — E virou-se, pois não sabia se ia chorar outra vez.

Colhia as pétalas de umas campainhas ao ouvir St Christopher entrar no rio. O homem deixou fugir uma prece quando a água gelada lhe tirou o fôlego. Mungo permitiu-se sorrir do desconforto do tipo. Estava determinado a fazer uma pasta com as pétalas azuis enquanto ouvia St Christopher avançar contra a corrente, a gemer repetidas vezes: «Santo Cristo, Santo Cristo.» Estava quase na margem contrária quando o feitiço parou.

St Christopher dera com a pedra solta. Os sapatos de couro escorregaram-lhe pelo leito musgoso. Apesar de a água só lhe chegar pelo peito, caiu de cara no rio e largou a cana e o saco dos mantimentos. Mungo viu-lhe a boina flutuar enquanto o homem guinchava de dor e medo.

Mungo tinha medo de se afogar, mas, sem pensar, saltou à água e nadou até lá. St Christopher esbracejava e engolia uns bons pirolitos, no esforço de reencontrar o equilíbrio.

— Ai, o meu tornozelo! — Mungo esticou-se e levantou-o pela lapela. Era uma saca de ossos moles, sem peso nenhum. Mungo estabilizou-o no remoinho e içou-o com toda a força que tinha.

St Christopher tossia água, os pulmões débeis dos anos que tinha passado a fumar, a sentar-se e a fumar ainda mais. Mungo puxou a si o homem, que se equilibrou no pé bom e agarrou nos antebraços de Mungo.

Tantos pormenores em que atentar: o sujeito desajeitado, as lanças de chuva fria que quase faziam o rio parecer quente, os mantimentos estragados, tantos a atraírem a atenção de Mungo, e foi neste pormenor engraçado, quase inconsequente, que ele se fixou. Mungo observava. Deu por si a olhar, ameaçador, para as mãos do homem e aqueles seus dedos esguios a cingir-lhe os antebraços: as pontas amarelas da nicotina, as unhas estriadas e da cor da cortiça, os pelos pretos que lhe brotavam acima dos nós dos dedos, cada um saliente como o enxerto de uma árvore nova. Os mesmos dedos que o tinham prendido na noite anterior. As mesmas unhas porcas que lhe tinham rasgado a pele dos pulsos enquanto o tipo lhe enfiava o piço malcheiroso no espaço quente entre as coxas.

O Ha-Ha ensinou-lhe uma vez um truque bem habilidoso. Chamava a esse truque o «amigo feliz», e a intenção era desarmar um rufia ou um valentão que lhe aparecesse a querer briga. O Ha-Ha tinha mostrado a Mungo como olhar essa pessoa nos olhos, sem os franzir nem mostrar sinais de agressividade entre as sobrancelhas. Ensinara-o a olhar sorrindo com a boca *e ainda* com os olhos, no sorriso mais radiante. O sorriso tinha de ser pleno e generoso, como quando vemos um cesto de cachorrinhos ou o fogo de artifício no céu no 5 de novembro, a Noite de Guy Fawkes. Ora, quando

o rufia se perguntava porque é que estávamos a sorrir que nem imbecis, nós prendíamos-lhe a nossa perna direita atrás, nos dois tornozelos dele, e carregávamos-lhe com toda a força sobre o peito. Depois — se andássemos com uma (e devíamos andar sempre com uma) —, dávamos-lhe uma naifada.

A ponta do nariz bexigoso de St Christopher pingava água. Mungo sorriu, iluminando o dia que se esbatia.

Mungo agarrou na perna boa de St Christopher e, com as mãos na lapela dele, empurrou-o de costas debaixo de água. St Christopher soltou-o e esbracejava, à procura de chão onde era só água. Mungo segurou nele e contou até cinco.

Apesar das lições do Ha-Ha, Mungo era um poço fundo de bondade. Contou até dez e puxou da água o santo pela lapela. Só o queria assustar. Só queria que lhe tirasse as mãos do corpo.

St Christopher irrompeu que nem um géiser. Os pulmões rebentaram-lhe da água do rio, tossiu e cuspiu na cara de Mungo. Os olhos baços vagueavam-lhe do descontrolo. Sentia-se desesperado e apavorado. «Isso», pensou Mungo, «deixa-o sentir medo.»

O rapaz abriu a boca para o avisar, mas St Christopher levou-lhe o punho frouxo à cara, à pele frágil debaixo do olho pisado. Mungo largou-o. Sentiu o leito do rio no rabo rasgado, e o mundo sumiu-se à roda debaixo da superfície.

Quando voltou a ter pé, vinha com uma pedra na mão. Pequena, do tamanho de uma tangerina, mas, ao rodá-la, estalou-a na têmpora de St Christopher, que caiu de costas na água.

Mungo agarrou-o outra vez pelo colarinho. Levou-lhe o joelho ao peito e empurrou-o com toda a força. Carregou até sentir o homem serenar no

fundo do rio. E pôs-se-lhe em cima. Os dedos do santo queriam o céu,
Mungo negou-lho. St Christopher não demorou muito a afogar-se.

Gallowgate ia mais depressa sem o rapaz atrás de si. Na outra margem do lago, as nuvens paravam pelos montes, parecendo presas e sem saída. O lago parecia agitado, danado, como se o vento se encrespasse todo pela encosta. A chuva começou a cair em lençóis e, ao chegar à loja, Gallowgate estava molhado até aos ossos.

A mulher da loja tinha-o debaixo de olho, ele a pingar pelo único corredor do estabelecimento enquanto enchia os braços de *ravioli* em lata e fruta em *cocktail*. A seleção limitada de álcool era a despesa de um pobretanas. Viu-se obrigado a decidir entre um uísque dos bons e demasiado caro para emborcar e meia dúzia de latas de cerveja com uma espessa camada de pó em cima.

— E sorrir quanto custa? — perguntou ele, a fazer tempo. Mas a mulher era imune ao encanto dele. Mandou-o para o aguaceiro e trancou a porta.

Gallowgate abrigou-se na cabina vermelha e deixou-se cair na cadeira. A chuva batia no vidro, mas dentro da cabina estava basicamente seco. Agarrou na lista telefónica e pousou na capa os cigarros, que nem soldadinhos feridos. Tentava-os salvar tirando o tabaco dos que não tinham salvação e juntando o tabaco solto no bolso. Soprou o pó de uma lata e abriu-a, num gesto longo e grato.

O céu baixara. As nuvens fechavam-se por completo, fazendo desaparecer as últimas faixas de luz. Demoraria bastante até a chuva parar. Gallowgate leu a lista telefónica. Havia pouquíssimos nomes, e os apelidos repetiam-se sucessivas vezes. Nesta zona do mundo, as pessoas tendiam a

não se mudar para longe. Escolheu um nome ao acaso e rodou uma moeda na mão. Não lhe sobrava muito dinheiro: tinham gastado mais bebida do que ele calculara e, contando os trocos, deu-se conta de não ter que chegasse para os fazer regressar a todos de camioneta para Glasgow. Pensou em Mungo e perguntou-se até se seria boa ideia o miúdo regressar à cidade, onde poderia contar a sua versão da história.

Era coisa que acontecia a toda a hora. Miúdos da cidade afogados nos lagos por as águas serem mais profundas e densas do que as piscinas com cloro. O vespertino estava cheio de histórias de putos inexperientes que morriam de frio nas montanhas ou cediam numa encosta íngreme. Era verosímil. Acontecia a toda a hora.

Gallowgate meteu a moeda na ranhura. Ligou para um número e aguardou. Estava prestes a desligar quando o atendeu uma voz vaga.

— Tou? Tou a falar ca sô dona E. Beaton?

A senhora soava exausta, como se tivesse feito uma grande viagem para chegar ao telefone. Talvez fosse outra cabina noutro povoado, ou talvez tivesse saído de um banho quente.

— Fala o Dokter Procter, do hospital. Do hospital *grande*, tá a ver?

«De que hospital, doutor? Nunca entrei em nenhum.»

— Do hospital graaaande em Edimburgo. Pois cá recebemos os resultados do seu teste, o seu doutor mandou à gente o processo. Isso, o *Dr. Deacon*. Pois ele enviou à gente o seu processo pra lhe deitarmos um olhinho e a gente achamos que é preciso tirar as duas.

«As duas quê?», perguntou a mulher. «Só fui ao Dr. Deacon por causa da tosse.»

Gallowgate fazia flores no vidro embaciado.

— Esse é o problema, sô dona Beaton. Temos de amputar as duas pernas da senhora pra resolver a tosse. Tá tudo ligado, percebe? Vá lá, não chore.

A gente podemos salvá-las do joelho pra baixo, mas o cirurgião só pode dar certezas quando a vir. — O telefone deu três bipes e a chamada caiu. Gallowgate riu-se sozinho.

A chuva era agora tocada a vento. Desaparecia o lago, depois as casas brancas, e por fim os teixos. Gallowgate folheou novamente a lista telefónica. Encontrou um nome com um som de que gostou e decidiu dizer à dona ser o filho dela havia muito perdido. Esperava que a mulher tivesse idade para isso, mas aqui toda a gente parecia velha: quem tinha chispa de vida já partira para a cidade ou para sul.

Quando estivera na Prisão de Barlinnie, passara muitas horas inúteis a fazer o mesmo. Não tinha a quem ligar, por isso, ligava ao acaso para números de Glasgow e falava com quem atendesse. As pessoas costumavam ser atenciosas, talvez um pouco baralhadas, mas atenciosas. Iam à janela e descreviam-lhe minuciosamente o tempo. «Chove», chovia quase sempre, mas ouvir estranhos a descreverem as mil espécies de chuva dava-lhe um prazer sereno. Havia quem abrisse o jornal e lhe lesse as gordas. Às vezes esqueciam-se da pessoa com quem estavam a falar, paravam a meio de uma história de violação ou homicídio e tentavam encontrar antes a política local. Os velhos solitários eram a melhor companhia. Falavam-lhe do dérbi de Glasgow, descrevendo o jogo com tão grande minúcia, que ele se tinha sentido no estádio de Parkhead durante a vitória do Celtic.

Às vezes Gallowgate apanhava crianças, miúdos sozinhos em casa enquanto a mãe fazia recados. Noutras, meninos, e nessa altura quase sempre desligava logo.

Ligou para um número a pensar como seria o filho desta mulher e parou. Esperou que as moedas caíssem e ligou para outro. Um número no fundo da memória.

Atendeu-o uma rapariga nova. Ouvia atrás o brado metálico de um disco *pop*, e pela algazarra de vozes percebia a casa cheia de gente, carregada de alegria.

«Tooooo?», entoou ela.

— És tu, Jacqueline? Sou eu. O Angus.

Ele praticamente ouviu a expressão dela endurecer, a toada sumir-se-lhe dos lábios.

«O que é que tu queres? Achava que te tínhamos dito pra não voltares a ligar.»

— Eu sei. Mas já saí, tou cá fora e tenho quem me ajude. Anda a ficar melhor.

«Fora? Fora onde? Onde é que andas, Gus?» Havia um laivo de pânico na voz. Ele imaginava-a a olhar à volta como se ele pudesse sair do armário do corredor ou de trás da poltrona.

— Tou pra norte, saí de fim de semana pra vir à pesca cuns amigos. Lembrei-me que dia era hoje e achei que devia ligar. — Deu um trago na cerveja com pó. — Já não bebo, Jax. Isso é passado. Posso falar coa mãe?

Jacqueline não respondeu. Ele ouviu-a pousar devagar o auscultador na mesa e falar com alguém na outra divisão. Uma sucessão de portas a fechar, o disco *pop* a esbater-se. Do outro lado, uma voz familiar.

«Angus? O que é que queres?»

— Olá, mãezinha. — Meteu mais moedas no telefone. — Só te quis telefonar.

«Pronto. Era só isso?»

Gallowgate pensou na aparência que ela agora teria.

Imaginou a mãe nos tempos felizes: quando alugou uma caravana creme e bordô na costa de Saltcoats para as duas últimas semanas de julho, no feriado de Glasgow. Levara os três de comboio, Angus, Jacqueline e Evan,

este ainda era novo. A chuva caía toda a semana em cortinas espessas. Ela passara a primeira tarde a chorar e a olhar pela janela da caravana enquanto a chuva batia, ensurdecadora, no tejadilho de estanho. Ele sabia quanto ela tinha trabalhado para conseguirem passar aquela semana fora. Poupara o ano inteiro com o que conseguia a trabalhar nas limpezas da escola.

Com os miúdos aos saltos na banqueta, ela deixara a caravana e descera à praia. Voltara com baldes cheios de areia molhada e saibrosa, despejando-os até compor uma caixa de areia no chão de linóleo. Tinha andado a tarde toda de cá para lá e de lá para cá, debaixo da chuva torrencial, levando areia à caravana e aos filhos. Gallowgate não se lembrava de tempo mais feliz que os quatro abrigados da chuva, a brincarem naquela praia privada. O vapor que se elevava da mãe, toda molhada, de joelhos junto ao aquecedor a gás.

Agora a voz dela não tinha pontinha de calor.

«Pedi-te que não ligasses mais prà aqui.»

— Eu sei. Queria-te só dizer que saí da prisão, mãezinha. Que me ando a tentar safar.

«Foi o que me disseram.»

Ele esfregava o polegar no bocal.

— Consegui um empregozinho. Nada de mais. Anda a ajudar a montar alcatifas em Royston. — Queria que ela dissesse alguma coisa, mas nada. — À noite tenho ido às reuniões dos Alcoólicos Anónimos. Anda a esforçar-me por ficar longe da bebida.

«Estás-me a ligar donde?»

Ele percebeu-lhe a preocupação que turvara a voz da irmã.

— Tá tudo bem — respondeu ele. — Não tou perto de casa. Vim à pesca. Ele esperava que aquela trivialidade a tranquilizasse. Estava tão longe do

Gallowgate do bairro social. Ele não lhe podia dar chatices. Mas a voz dela, em vez de serenar, subiu de tom.

«Com quem é que tu foste à pesca?»

— Só cum amigo. Um tipo que conheci nas reuniões.

Ela devia ter aproximado a boca do bocal, pois o que disse saiu-lhe abafado:

«*Angus. Tu levaste crianças contigo?*»

— Não. Sei bem das regras.

Gallowgate era um mentiroso nato. Aprendera a técnica em novo, era a melhor maneira que encontrara para ter o que queria: compaixão, ovos de chocolate, safar-se uma tarde da escola, umas chuteiras novas ou cucar a intimidade do rapazinho da casa ao lado. Houve uma época em que mentindo conseguia praticamente tudo. Começara de maneira subliminar, mas, quando foi parar à Prisão de Barlinnie, tornou-se algo que lubrificava a vida e era agora uma faceta sua. Gallowgate era um mentiroso nato: a mãe aprendera-o da pior maneira.

«A sério», murmurou ela. «Angus, peço-te, não faças mal ao menino.»

Ele não sabia quando é que ela tinha deixado de o amar, mas queria descobrir e recuar a um tempo antes disso. Ela aceitava hoje a verdadeira natureza dele. Ficara do lado de Evan, acreditara nas histórias do irmão dele e chamara a polícia. Agora, enquanto a última moeda morria, ele deu-se conta de que os quatro nunca mais se iriam sentar na caixa de areia de uma caravana creme e bordô na costa de Saltcoats.

O telefone largou três bipes. Gallowgate saboreou o derradeiro suspiro da mãe. No fundo do respirar dela, sentia agora um arranhar, um lixar que dizia ser tarde de mais para deixar de fumar.

Mungo vagueava no relvado junto ao pombal. Aqui e ali estacava e simulava interesse por algo aos pés. Passava despercebido e, a cada minuto, ia-se acercando cada vez mais da estrutura, até se encontrar tão perto que já não podia fazer de conta que se limitava a passar por ali. James estava lá dentro, agachado sobre uma gaiola de pombos castanhos. Enfiava um medicamento na garganta de uma ave, sussurrando-lhe enquanto lhe esguichava uma seringa pela goela. Tudo à volta era sombrio, sem graça, tirando ele e a avezinha, os dois alumiados pela claraboia. Parecia uma pintura a óleo, como se os céus lhes sorrissem. O cabelo luzia-lhe qual coroa de açúcar.

Mungo encostou-se à ombreira, descontraído, e encostou a face à madeira pintada.

— Sei de uma mulher que quase foi morta pelo marido.

James não se mexeu nem deu um salto ao ouvir-lhe a voz. Mungo percebeu que o vira a orbitar o pombal e não se dera ao trabalho de ir ter com ele.

Mungo olhou em volta à procura de alguma coisa, do que fosse, que servisse de conversa. No canto, debaixo do banco mais baixo, encontravam-se duas pilhas de ardósia para telhados. Usou-as como abertura:

— Compraste telhas?

James mirou a ardósia.

— Não — respondeu, e a conversa morreu ali. Mungo sentiu o corpo afastar-se-lhe da ombreira. Parecia claro que a amizade acabara, chegava a

hora de se ir embora. Foi então que James disse: — Uma noite destas, estavam aí umas encostadas à porta. E na noite a seguir, mais. São bem pesadas. Que coisa estranha.

— Apareceram sem mais nem menos? — Mungo sabia que não era assim. Que o Pé de Salsa se esforçara bastante para carregar a ardósia ao rapaz. Teriam sido precisas umas quantas incursões noturnas para deixar as telhas, o carrinho das compras a ranger no escuro, a *Natalie* nervosa a puxar a trela e os dois a andarem pelo escuro.

James passou-lhe um envelope castanho. Continha um sem-fim de pregos de ardósia, um furador e um desenho técnico exato dos pontos onde pregar. Mungo desdobrou o papel almaço, com um desenho bonito, mas não assinado.

— Ena pá. Um telhado de ardósia. Vais ter o salão mais giro do bairro.

— Sim. — Mas não parecia contente. Continuava sem olhar Mungo nos olhos.

Mungo compreendia aquela vergonha e timidez, e sentiu uma ternura por James.

— Olha, se meteres canalização aqui no pombal, devem-te dar uns quarenta e cinco paus por semana. São praticamente dois andares. Consegues aqui pôr, na boa, uma mãe solteira, seis miúdos e quatro cães dos grandes.

James não parecia estar na disposição para brincadeiras. Virou-lhe outra vez as costas e agachou-se sobre o pombo, para lhe limpar a serradura e os excrementos das patas. Parecia querer ficar sozinho.

Mungo virou-se para se ir embora antes que a cara lhe desatasse nos espasmos.

— Não sei o que é que eu fiz, James. Mas desculpa. Desculpa-me mesmo. — Raspou o sapato, ouviu um som seco sob os pés. Mungo só

tinha reconfortado o amigo quando ele lamentava a morte da mãe. Não havia nisso nada de ofensivo, mas tudo parecia errado.

— Não sejas parvo. — A luz da armadilha para apanhar pombos lançava pesadas sombras no rosto de James, que lhe faziam as orelhas ainda mais espetadas.

— Não tenho nenhuma inclinações, se é nisso que estás a pensar. Foi só um abraço. Sem segundas intenções.

— Eu sei. — James fechou o envelope dos pregos e atirou-o para o lado. — Tens andado a remexer outra vez no lábio. — Fez uma pausa acrescentando: — Queres bolo?

— Bolo?

James fez sinal para o canto. Uma caixa branca no banco. Mungo abriu-a: lá dentro havia um pão de ló com natas batidas a escorrer por entre camadas douradas. Decorava-o um ursinho e letras comestíveis, onde alguém se enganara e escrevera «Feliz Aniversário». Mungo demorou-se a olhar o bolo. Sentia-se mesmo mal.

— Tens bicicleta?

— Não. Deste-me alguma?

— James, eu não sabia que fazias ano...

— Estou a brincar. Sim, tenho.

— Então, vamos a algum lado.

— Aonde?

— Não sei. Um sítio giro. Onde nunca estivemos.

— Mas aonde?

Mungo encolheu os ombros. Esticou o braço e o indicador, que se pôs a rodar devagar.

— Diz-me para parar.

Foi a primeira vez que James lhe sorriu naquele dia. Um sorriso breve e

torcido, mas mais radiante que a claraboia do pombal.

— És tão parvinho. — Viu Mungo fazer mais umas rotações. — Pronto, pronto. Pára.

Mungo parou. O braço apontava para leste. Era um resultado tão bom como outro qualquer.

Encheram a mochila de James com latas de refrigerante e o bolo branco, e voltaram a encher as rodas da *Rattray* do Sr. Jamieson com uma bomba de encher bolas meio asmática. A bicicleta estava enferrujada da falta de uso e os punhos de borracha gastos do suor, o que deixou as mãos de Mungo negras e pegajosas só de descer o prédio com ela. O quadro branco tinha um padrão de faixas alternadas de dourado e fita de teflon verde. «Orgulho de Ser Feniano». James pressentia o vacilar de Mungo ao sentar-se no selim apertado.

— Mas foi abençoada pelo próprio papa.

— É um bocadinho de mais. Vou levar nos cornos.

James pedalou a velha bicicleta de corrida, com Mungo sentado atrás. Levava o corpo hirto e tocava só ao de leve no pulso de James. James inclinava-se em frente e balançava-se, dando aos pedais feito um cavalo de tiro num esforço enorme para os impulsionar. Começaram por correr as ruas que conheciam. Passaram pelas mesmas caras que viam todos os dias. Mungo oscilava entre o medo de que James deixasse de pedalar e quisesse ir para casa ou o gangue do Ha-Ha os encurralar e matar Mungo de pancada por andar com um rapaz numa bicicleta berrante do Celtic.

— Não vais bem. Tens de ir na direção que escolheres. A única regra é essa.

James irritou-se, mas virou a bicicleta para leste e, quando uma rua se

inclinava num mau ângulo, viravam na esquerda a seguir e continuavam a afastar-se do sol da tarde. Várias vezes James pareceu querer desistir. No começo, as ruas iam piorando. Passaram por prédios apertados, carregados de carência. Andaram por entre fileiras de prédios arruinados e janelas entaipadas. Quando James vacilou, Mungo cravou-lhe as mãos nos costados.

— Anda, anda, anda. — Tinha de haver mais.

A cidade foi expandindo-se como se respirasse, as casas começavam a espaçar-se, o céu ia-se sobrepondo ao arenito. A habitação social transformava-se em conjuntos de quatro casas térreas, mas a maioria dos jardinzinhos, cheios de ervas daninhas, não estavam tratados. Quando chegaram à rua sem saída que acabava na Prisão de Barlinnie, Mungo quase admitia a derrota, e James ofegava de subir a colina. Ali ficaram espedrados a mirar o monólito de arame farpado, imenso e ameaçador que nem um albergue vitoriano.

— O Paddy Grant, meu tio, está ali dentro por agressão grave — disse James.

— O Mo McConnachie — disse Mungo — e o Joe McConnachie também. — Toda a gente conhecia alguém na Barlinnie.

Era aquilo? Era aquilo o que ficava no fim da estrada, o mais longe que as pernas levavam? Mungo sentia esmorecer-se o entusiasmo todo de James. Trocou de lugar com ele, obrigando James, que era maior, a recuar no assento estreito.

— Deixa-me pedalar mais dez minutos. Se não encontrarmos um sítio bom, levo-te eu o caminho todo para casa. Pode ser?

— Sim, pode.

Prosseguiram, agora devagar, de espírito mais pesado. Consideraram atravessar uma ponte que passava por cima da autoestrada barulhenta.

Mungo não confiava em pontes, pois o que separava os Billies protestantes dos Bhoystons católicos era um viaduto. No extremo oposto via outro bairro social, mas atrás uma carreira de árvores baixas, sem prédios, nem fábricas de gás, a estragarem o horizonte.

Foram até à carreira de árvores e ficaram mesmo contentes por ver que davam para umas encostas relvadas. De um lado encontrava-se um campo de golfe, onde animados homens anafados de meia-idade pareciam bombons nos seus pulôveres pastel. Depois, mais além, ficava uma lagoa grande, que quase chegava a ser um lago. Afogada em algas, estava coberta de uma película, parecida com uma catarata nos olhos, mas planavam-lhe pela superfície verde uns bonitos cisnes. Havia ali uma serenidade. Que era só e só deles.

— Vês? Eu bem te disse. Parabéns.

James deu-lhe com o cotovelo, «És mesmo sortudo», mas sorria.

Mungo levou a bicicleta por um trilho, pedalando em grandes e preguiçosos círculos, e tentou descer a pique para James cair. Passaram o tempo a rir-se, um a arrastar o outro até à beirinha da água para o atirar à espuma onde andavam os cisnes. Quando os cisnes se cansaram deles e se foram, os rapazes subiram a um murete, e Mungo empurrou a velha bicicleta pelas ervas altas até os raios das rodas ficarem todos brilhantes do orvalho. Do cimo, viam a cidade cinza e densa à esquerda, e do lado oposto as casas novas, feitas de tijolo laranja-vivo, meio construídas e com bom espaço entre si, destinadas a famílias com automóvel e bons salários.

James abriu a caixa. O bolo abatera-se, as letras borravam a massa. Pouco importava. Comeram mãos-cheias de bolo, deitaram-se na relva e deixaram-se entupir do creme morno. James trazia escondida no bolso do corta-vento meia garrafa de uísque. Deu um longo gole e passou-a a Mungo.

— Faz-te crescer os pelos dos tomates. Anda. Não nos podem prender por andarmos a conduzir uma bicicleta velha.

Deu só um tragozinho. O álcool assustava-o, mas não deixou que James percebesse. O uísque fez-lhe cócegas pela garganta, mas, debaixo das nuvens baixas e deitado na relva fresca, apreciou aquele sabor a madeira queimada e turfa. Era como na Noite de Guy Fawkes, antes de atirarem à fogueira pneus velhos de bicicletas e de o Ha-Ha enterrar embalagens de laca e as ver silvarem e explodirem.

James tirou um maço de cigarros amarfanhados.

— Vê-me isto. — Rodou a cabeça ao outro lado e, virando-se para Mungo, tinha quatro cigarros na boca, cada um preso num espaço entre os dentes. Revirava os olhos e sorria.

— Parvinho — riu-se Mungo. — A sério, não acredito que és assim tão temperamental. A rires-te feito parvo, quando há duas horas achava que te ias atirar do telhado do pombal.

— Pois, tu é que me alegraste.

James acendeu um cigarro e ofereceu-o a Mungo, que abanou a cabeça. Quem visse a Mo-Maw a tossir de manhã, de dedos amarelos e a remexer no tabaco, jamais fumaria. Mungo ouvia a voz de Jodie na cabeça. Jodie, a hipócrita, que já tinha feito uma coisa pior, bem pior que fumar.

James franziu-lhe o cenho.

— O que é que se passa?

Mungo não se tinha dado conta de que estava com uma expressão tensa.

— Olha lá, os professores católicos da tua escola andam a tentar papar as alunas?

— Não. Não sejas parvo. Havia um padre Peter, que dava aulas de futebol e a quem chamávamos Papa-Crianças, mas mais que isso, não. Punha-se a um canto nos balneários a «vigiar-nos». Mas eu só o achava um

filho da puta. — James bafejava anéis de fumo, que os rapazes viam a pairar na lagoa. — Como assim? Os stores protestantes querem-te tocar?

— Não, em mim não querem — disse Mungo. — Mas, se nunca mais tivesse de estudar Matemática, eu até os deixava.

— «Oh, sim senhor. Meta-o só mais um bocadinho!» — James ria-se. Miraram os reformados às voltas lentas pela lagoa. — A mim, Matemática não me importa. Línguas é que não. Os padres adoram a porra do latim.

— Tens de ir sempre à igreja?

— Não, mas, na maior parte das manhãs, rezamos na escola.

Mungo pensou um pouco naquilo. Na escola protestante tinham assembleias semanais e, ao almoço, esperava-se que rezassem o pai-nosso. O que tinham então os católicos de tão diferente? O que era ele obrigado a odiar nos católicos?

— Como é que te lembras das coreografias todas?

— Dos rituais? Ah, eles ensinam-tas quando és novo. Depois, ficam contigo. Os católicos não gostam propriamente de improvisar, percebes? — James fez o sinal da cruz. — Pelo menos, na escola não gostam. Em casa, já não vamos à igreja aos domingos. Desde que a minha mãe morreu. O meu pai não gosta de se pôr todo janota para ficar sentado no banco da igreja. Diz que é porcelana boa em bule sem jeito.

— Que poeta. É o novo Robert Burns. — Os olhos de James cintilavam-lhe sob o cabelo loirinho. Já não parecia tanto o rapaz soturno do pombal. Mungo tinha a certeza de que James se sentia novamente feliz e que podia provocá-lo. Mungo levou a mão à anca, fez meia vénia e disse:

— E o bule és tu. Meu grande panilas.

Algo entre eles estremeceu. Equivocara-se. Fora longe de mais. Por um segundo, julgou que James voltaria a cerrar os olhos, que aqueles olhos

brilhantes voltariam ao chão. Arrependeu-se de ter dito aquilo. James deu uma última passa no cigarro.

— Bule? Pois. Sim. Quem diz é quem é, não é?

Foi o que a seguir não disseram que inquietou Mungo. James não deixou de olhar para ele nem dizia nada. Abriu um pouco mais o sorriso e, a cada milímetro, o sorriso de Mungo alargava-se em igual medida. Assim ficaram sentados, só a sorrirem até a cara lhes doer.

— Pareces o teu pai — disse Mungo, por fim.

— Porra, não pareço nada.

— Pareces, pois. Tens um ar mais simpático. Quando queres. — Remexia na relva. — Não devias andar sempre tão acabrunhado.

James estendeu a mão e tirou o cabelo dos olhos de Mungo. Tão depressa, quase como se não tivesse acontecido. Mão fugaz e furtiva, pombo esvoaçante.

Abriu-se no peito de Mungo uma fissura desconhecida, e nela, uma sensação de vazio que nunca dantes o inquietara. Foi um suplício não alçar a mão e tocar nos cabelos em que os dedos de James haviam tocado. A Mungo, ardiam-lhe. Queria só sentir o calor que o toque dele deixara. Fechou os olhos e disse:

— Sinto-me mal.

Foi como se um céu totalmente nublado — de chuva e de medo — passasse pelo rosto de James. Mungo viu-lhe a mudança. Fê-lo olhar para cima. Estavam sentados um junto ao outro no murete, mas enviando sinais desajeitados como se o vale do Clyde os dividisse. James inclinou-se, quebrou a distância e deu-lhe um beijo nos lábios. Secos, e os dentes raspavam no lábio de baixo de Mungo. Bateram com a cabeça um no outro.

Mungo esfregou a testa.

— Deste-me uma cabeçada?

— Se quiseses, fingimos que foi uma cabeçada. — O sorriso sumia-se-lhe outra vez dos lábios.

— Não sejas parvo. — Mungo olhou a encosta de cima a baixo e deu um beijo rápido nos lábios de James. Era como torrada acabada de fazer quando estamos esfomeados. Mesmo bom.

Tinham enterrado a mãe de James no Cemitério de Lambhill num dia de primavera ventoso, quando o vento despira as flores todas das árvores, deixando as pétalas brancas agarradas aos carros enlutados.

Após o funeral, o pai passara o tempo a ajudar James a construir o pombal. Fora tudo ideia do pai: os pombos eram uma boa ocupação masculina, com a qual James iria aprender a disciplina, além de cuidar de um ser mais pequeno que ele. Além disso, ocupados os dois a erguer algo juntos, não precisavam de falar da mãe.

O pai faltou a três turnos. Ficou o mais que pôde longe da plataforma. Prometera-lhe: «Escuta: se todos os dias passares uma hora no pombal, vais ver que em menos de nada estou de volta.» Fez o saco e deixou James numa casa vaga de todas as lágrimas que nunca iriam poder chorar juntos.

James ficou na cama, numa casa sem mãe. Lençóis limpos, mas com um cheiro acre. O pai tinha-os deixado no estendal tempo a mais, não lhe tinha ocorrido, enquanto secavam, virá-los e arejá-los. Eram estas pequenas coisas que faziam James sentir-se mais pesado. Pequenas coisas que a mãe sabia fazer.

Ele tinha feito como o pai aconselhara. Ia ao pombal depois das aulas e voltava antes do sol-pôr. Masturbava-se, comia e voltava a masturbar-se. Esmorecida aquela sensação efémera de euforia, ficava com a quietude de

mais um serão vazio. Ligava o rádio da cozinha e a televisão da sala e deitava-se na cama, a pensar se o castigavam por alguma coisa.

Tentava afastar as imagens que lhe assomavam ao espírito, mas elas não desapareciam. Tinham começado no Ano Novo, quando os miúdos católicos eram metidos no North Field e, com pernas em padrão tartã, jogavam hóquei na erva. A chuva e o vento fustigavam quem não se mexesse debaixo da morrinha. Puxavam as meias para cima de maneira a tentar chegar às bainhas curtas, mas o padre Strachan berrava-lhes que deixassem de ser ridículos. «Se estão com frio», gritava ele por cima da gola alta da sua camisola de lã, «corram mais depressa.»

Depois de andarem noventa minutos a bater uns nos outros com os *sticks*, os rapazes ficavam gratos pelo duche tépido, suficientemente quente para voltarem a sentir outra vez os dedos dos pés e lavarem a lama encarnada das pernas. James ficava no chuveiro da ponta. Levava os dedos azuis à boca. Tentava não olhar para o Paddy Creek, de ombros largos e muscudos, sorriso indolente. Tentava não ver a corrente de champô a escorrer-lhe pelas costas e entre as nádegas. Uma estática oculta teimava em atrair-lhe o olhar para o rapaz, que nem borboto teimoso que apanhamos de uma camisola. James virou a cara. Sabia que, se o apanhassem a olhar, podiam-lhe chamar cem nomes antes de ele dar um nome a si próprio.

James baloiçava a perna na borda da cama estreita. Tirou o jornal do intervalo entre a cabeceira e a parede. Levou o telefone creme para o quarto e ligou o número que vira na última página do jornal. Podia-o ter ligado de cor. Tentou o número parcialmente três vezes, antes de os dedos se aventurarem a ligar o número todo. Ouviu um clique mecânico e uma gravação metálica a dar-lhe as boas-vindas à linha partilhada.

«Um lugar onde os rapazes podem conhecer rapazes como tu.»

Não conseguia dizer quantos homens estavam em linha, mas havia

bastantes vozes na escuridão. Algumas eram como a dele, com o sotaque cerrado de Glasgow, mas outras vinham de regiões longínquas da Escócia, vozes cantadas ou distintas, bem-educadas ou, por vergonha, obrigadas a pronunciarem corretamente as vogais. Falavam e riam. Ouvia-as conversarem sobre música, os bares de que gostavam e os *pubs* a que de vez em quando iam, onde se encontravam, os sítios onde os donos eram mais tolerantes e os deixavam saborear uma cerveja em paz. Alguns mais velhos entravam e andavam à caça mais ativamente que outros. Diziam logo o que queriam, recorrendo a palavras cujo significado James desconhecia, mas cujo som lhe agradava. Às vezes descobriam o que procuravam, e os dois aceitavam encontrar-se e passar para uma linha privada e mais cara.

James normalmente não falava muito. Só ouvir o reconfortava. Naquela noite, percebeu que alguns homens já se masturbavam. A primeira chamada chegara para o deixar chocado, agarrar bem o auscultador e rir-se dos nervos. Mas habituou-se ao ruído ritmado e chapinhado: punham o auscultador entre o queixo e o peito, e resfolegavam pelas narinas abertas enquanto faziam coisas mais porcas com as mãos. Começava facilmente, ou já teria começado quando ligava: um homem (era sempre um homem de voz mais velha) pedia que alguém se descrevesse, e esse alguém assim fazia. O mais novo percorria todo o mapa do próprio corpo, a cor da pele, a penugem cor de pêssago na barriga e debaixo dos músculos firmes do cu.

«Corpo de nadador, não muito musculado, mas magro, tás a ver?», dizia o rapaz com sotaque de Dundee.

«Gosto disso», arquejava o agricultor de Perthshire. «Quantos dedos metes?»

Esta roda de estranhos juntava-se e, enquanto escutavam o jovem, tinham esperança de que aquelas coisas bonitas que diziam fossem verdadeiras.

O agricultor veio-se. Umas linhas desligavam-se, somavam-se novos

sons ao estalejar. Ouviu-se outra voz ao fundo, ligeira e melódica, a voz que James procurava naquela multidão.

«Olá», disse a voz. «Está aí alguééém?»

«És tu, Fraser?», perguntou James.

«Ah, inda bem.» O som risonho de um gaélico a transformar-se num inglês. «Tinha esperança que andasses por cá, Tonalt.»

Quando lhe perguntaram pelo nome, James mentira. «Donald», dissera, mas o D raso e carregado de Glasgow soava a um T. Gostava mais da maneira como Fraser o entoava. «Tona lt.»

«Lá ouvi a tal canção, Tonalt», disse Fraser. «Fiquei acordado noite dentro até dar na rádio.»

«E gostaste?»

«Gostei, sim», respondeu o rapaz, com genuíno prazer. A voz soava-lhe baixa e leve, como se estivesse escondido num roupeiro com o telefone junto à boca. «Cheguei a gravá-la, mas a cassete mastigou. Quando formos a Inbhir Nis, tenho de comprar o vinil. Mas a minha velha já anda pelos cabelos. Disse-me que eu devia poupar para comprar os auscultadores primeiro.»

James gostava de como ele introduzia nas frases palavras gaélicas, que se destacavam como pregos meio saídos. Os rapazes haviam passado uma vez uma hora a rirem-se da tradução para gaélico das palavras ofensivas que chamavam aos homossexuais: a sala da linha calou-se enquanto Fraser apresentava e repetia as palavras: «càm», *càm*. Um a um, os homens sem corpo papagueavam a palavra como se estivessem numa aula noturna cheia de alunos estrangeiros. *Fliuch*, *boireanta*, ou a preferida de James, a conjugação nada criativa de «rapaz» com «rabo»: *Gille-tòiin*.

«Podia-te enviar um vinil», disse James. «Se soubesse onde vives.»

«Na boa, Tonalt. Talvez noutra altura.» Fraser ignorou a oferta, que, com

tantos ouvidos de todo o lado, seria indiscreta. «No fim de semana, eu e o meu pai fomos fazer vela a Tober Mhoire. Na marina havia um pombo perdido todo parvo e cinzento, fez-me pensar em ti.»

«Podia ser meu», riu-se James. «Não lhe ando a apanhar o jeito. Perdi mais aves do que as que apanhei.»

Fraser estalou a língua.

«Que pena. Aguenta aí...»

«Aguenta-o bem, puto», intrometera-se uma voz áspera, e James retraiu-se. Por instantes tinha-se esquecido de que não estavam sozinhos.

«Aguenta-o bem enquanto to meto todo.»

Passaram a tarde inteira deitados na erva alta, a verem as nuvens vogarem pelos Campsie Fells. Para Mungo, ainda bem que estavam deitados: se estivesse de pé, não saberia o que fazer com os braços e as pernas. Acometiam-no umas ondas de graça, e depois umas de vergonha. Iam e vinham como quando Jodie alternava a água quente e fria para, com Mungo já na banheira, tentar temperar o banho. Mas, desta vez, ele não podia levar as pernas ao peito e escapar delas, iria ficar gelado ou escaldado no próprio curso dos acontecimentos. Não tinha como se encolher.

Os rapazes mantiveram uma distância recatada. O mindinho de James encontrou o dele e uniram-nos, como naquela primeira noite no quarto de James.

— Importas-te? — Uma hesitação, toda ela gentileza e atenção. Sempre no escuro, a tatear o degrau que se seguia.

— Não, não me importo — respondeu Mungo. — James?

— Sim.

— O teu pai não gosta de mim? — Aquilo andava a pesar-lhe. — O que é

que eu lhe fiz?

— Nada. Não é de ti que ele não gosta, é de mim.

— Como é que o teu pai pode não gostar de ti?

James virou-se e apoiou-se no cotovelo. Ia abrindo a boca para falar, mas engolia de todas as vezes as palavras e nada dizia.

— Podes-me contar. Sou bom a guardar segredos.

James lá lhe contou a história da linha telefónica, do número no jornal que andava com ele desde que conseguira deixar de pensar no Paddy Creek.

— A linha não era nada de indecente. Eram só vozes, rapazes a falarem uns com os outros de música, onde gostavam de ir comprar roupa, coisas parvas. Às vezes apanhavas um tipo mais velho que te pedia para fazeres coisas porcas, mas eram basicamente putos a falar, a passar um bom bocado e a contar piadas.

James sentou-se e cingiu os joelhos.

— Havia lá um rapaz, o Fraser, com o sotaque mais engraçado de sempre. Contava-te uma coisa tristíssima e tinhas de ter cuidado para não te rires porque soava a um passarinho meio maluco e contente. Era dele que eu mais gostava. O pai tinha uma criação de ovelhas, ele queixava-se de não ter ninguém com quem falar a não ser as ovelhas de raça escocesa, passava os dias inteiros só a andar por aí sozinho. Era um inferno para ele, mas eu pensava que ele podia ser quem era o dia todo, não tinha de fingir. Eu queria saber o que isso era.

— Mas o que é que isso tem a ver com o teu pai?

James abanou a cabeça.

— Já lá chego. Tens de te lembrar que eu mal falava disso. — Limpou a terra das mãos às calças. — Sabia lá eu que a linha custava uma fortuna? Juro por tudo. O meu pai veio de folga e abriu as contas. Quando eu estava nas aulas, ligou à companhia telefónica e contaram-lhe para que servia a

linha. «É uma linha de sexo para homens que gostam de homens», foi o que lhe disseram. — James abanou a cabeça. — Não era só isso. A sério.

Mungo sentou-se. Sentia Jodie a ligar a água quente, e ele submerso até ao pescoço de vergonha.

— O meu pai sabe. Sabe quem é que eu sou. — James deu um gole punidor no uísque. — Desde essa altura que nunca olhou para mim da mesma maneira.

James era maior que ele, uns bons centímetros mais alto, e um ano inteiro mais velho. Aquela vereda escura, James calcorreava-a. Mungo sabia que não devia ir atrás: se não entrasse na vereda, ainda podia virar costas e ir-se embora. James olhou para ele e, como se lhe conseguisse ler a mente, pousou o dedo na bochecha tremente de Mungo e disse:

— Não sejas como eu, Mungo. Tu ainda vais a tempo.

Mas já não ia. Nunca ia. Em mais novos, Mungo e Hamish brincavam os dois na casa de banho. Enchiam o lavatório arredondado e andavam a bater com os *Action Men* uns nos outros numa batalha subaquática. Hamish estava todo apoiado na borda do lavatório, e Mungo, que não conseguia ver, tinha saltado e feito o mesmo. A porcelana tinha uma fratura mínima — uma vez a Mo-Maw deixara cair um cinzeiro de vidro em cima dela —, e o peso da brincadeira partira o lavatório derramando água por todo o lado. Mesmo antes de o lavatório ceder, Mungo tapara a fenda com a mão para tentar conter a água — começou por resultar, mas depois já não, deixando-o todo ensopado e com sangue por causa da porcelana lascada. Passou a tarde inteira a tentar reparar a racha, mas foi impossível.

Mungo apoiou-se nos cotovelos e deu um beijo a James. Mais ainda do que os anteriores, sentiu ser aquele o seu primeiro beijo a sério, com os lábios demasiado premidos e todo desajeitado. Enterrou a ponta do nariz na cara de James, arfando ao sentir o calor secreto da língua dele. Fê-lo vibrar.

A língua de James era doce como natas e baunilha em pó, a boca ardia-lhe feita turfa queimada e tabaco novo.

Foi James quem, com a mão no peito de Mungo, o afastou suavemente. Não era seguro, não ali na colina tão perto da prisão.

Na bicicleta pousada de lado, James pôs-se a girar a roda da frente para ver quão depressa ia.

— Ela merecia? — perguntou, depois de uma longa pausa. — A tipa que quase foi morta pelo marido?

Mungo não queria, não naquele momento, pensar na Sra. Campbell e no olho roxo.

— Não. Ninguém merece uma sova daquelas.

James levou o pé ao pneu, que parou logo.

— Como não? Pergunta ao meu pai.

— Também gosta de dar murros?

— Não. Mas gosta de dar os seus tabefes. Ficas a saber que me mata se descobrir o que acabámos de fazer. — James girou novamente a roda, a rir-se. — Mas mata-te primeiro a ti.

Ei-la novamente, a vereda, o caminho, a curva, o aviso.

— Não mata. Sou um Hamilton — disse Mungo, com galhardia. — Dou cabo da raça do católico.

James empurrou-o.

— Agora beijas católicos, meu pateta.

Torneira, água quente, vergonha.

— Ele nunca pode descobrir, Mungo. Ele é ruim. Não estou a brincar. — James deu à roda. — Em miúdo, quem lavava a loiça era eu. Às vezes esquecia-me de fechar um armário ou uma gaveta. Ficavam quase fechadas, mas não completamente. Do que ele mais gostava era de esperar que eu adormecesse, sabes aquela sensação tão boa quando esticas os dedos dos

pés e te afundas todo no colchão a pairar? Ele calculava bem o tempo. Ficava à espera e nessa altura irrompia pelo quarto, acendia de rompante a luz de cima, acordava-me e fazia-me levantar para ir fechar o armário. Dava-me calduços no caminho até à cozinha e de volta à cama.

— Só por o armário ter ficado aberto?

— Sim. Ele passava o dia todo pelo armário e deixava-o entreaberto. Podia-o fechar só com um dedo.

— Nem o Ha-Ha é assim tão retorcido.

— Uma vez, estava a Geraldine sentada na mesa de centro e o rabo gordo dela partiu o vidro. Ela culpou-me e ele deu-me com o cinto. Depois disso, fui um ano inteiro, os fins de semana todos, aprendiz de um polidor de Parkhead só para aprender o valor do vidro. Eu tinha doze anos.

— E que valor tem o vidro?

— Porra, sei lá eu. A minha função era ficar sentado numa carrinha vazia, estacionada em segunda fila. — Parou novamente o pneu. — Passei os fins de semana de um ano inteiro naquela carrinha branca. Depois, o meu pai teve a lata de me perguntar porque é que não tenho amigos.

— Desculpa.

— A culpa não é tua. Mas o que eu disse naquela noite foi a sério. — James remexia nos destroços do bolo, rolando o urso decorativo na palma da mão. Era dos baratos, de plástico, e tinha sido mal impresso, parecia meio fundido por causa do desalinhamento. A faixa a dizer «Dezasseis» era demasiado infantil. James era independente. Podia fazer o que quisesse. Era um homem. — Vou ficar por cá o tempo todo que conseguir. Mas, quando tiver de me ir embora, vou.

James ia jogar o urso fora, mas Mungo impediu-o. Tirou-lho da mão, lambeu-lhe o açúcar e, quando James não estava a olhar, meteu-o no bolso.

James pedalou até à cidade, descendo novamente a colina no sentido do East End. A bicicleta ia-se precipitando pela morrinha, fendendo e curvando, veloz e franzina que nem um *whippet*. Mungo, como antes, mantinha o corpo afastado de James, mas agora, quando se lhe agarrava à cintura, usava a mão toda e apertava-lhe o osso saliente das ancas. Deixou que os polegares deslizassem lentamente debaixo da camisola dele da ilha de Fair e lhe roçassem a pele quente. Um nada que sabia a tudo.

Quando o trânsito se complicou, os rapazes subiram ao passeio e foram contra a corrente de carros do fim do dia, subindo e descendo cada berma molhada. A chuva pegava-se em tudo aquilo em que tocava. Pingava da ponta do nariz de Mungo e cobria-lhe as pestanas, fazendo o fulgor dos faróis dos veículos rebentar como que num traumatismo.

— Achava que tinhas alguma — disse Mungo por cima do ronco de um autocarro.

— Uma pomba?

— Não. Uma pardalona, uma peituda. Uma miúda.

— Quem? As raparigas da fonte? — James parou de pedalar, deixou-se ficar na borda do selim e deslizou para o meio das pernas de Mungo. Desceram devagar juntos, o mais perto que tinham estado o dia todo um do outro. — Não, não tenho — disse James. — Mas bem tentei arranjar uma. Quando o meu pai descobriu a conta do telefone, chamou-me os nomes todos possíveis e imaginários. Pôs-me na rua e fui dormir para o pombal, encostado à parede por causa do vidro todo que há no chão. Deviam ser umas onze e meia da noite quando ele veio ao pombal. Tentou-o derrubar ao pontapé, comigo lá dentro. Se eu deixasse, ele esganava o pescoço dos pombos todos, e o meu também. Tive de sair por cima e saltar pelo lado de trás. Ele arrastou-me pelas ruas e chamou-me nomes que eu nunca tinha

ouvido. Fez um escarcéu tão grande que vieram mulheres à janela de Culloden a Ballindalloch.

Mungo apoiou o queixo no ombro de James.

— De manhã, disse-me que só me dava teto se eu arranjasse uma namorada. Se eu quisesse, «até a podia engravidar». Fosse como fosse, ele não queria saber. Eu é que precisava de arranjar uma garina, caso contrário tinha de sair de casa. — Os carros iam-nos traçando aos dois com os faróis. — Prometi-lhe que ia tentar. Eu ainda não tinha feito propriamente nada que não pudesse desfazer. Assim sendo, fui ao parque com um maço de tabaco acabado de comprar, à procura de alguém com quem pudesse andar. Conhecia umas miúdas da minha turma que não tinham pai. Para elas, eu era só uma sobremesa com pernas. Elas usam-me a mim, eu uso-as a elas.

A cara de Mungo dilacerava-se com a ameaça de uma oferenda que tão depressa lhe era arrancada. Abriu ligeiramente as pernas e soltou James. O ar húmido preencheu o espaço antes ocupado pelo rapaz.

Passaram pela prisão e, sem dizer nada, James mexeu-se no selim estreito. Ocupou o vazio entre os dois, apertando agora as costas contra a cavidade de Mungo. O osso de cada vértebra era um nó que comprimia os pontos que mais doíam a Mungo. Mungo expirou no cabelo loirinho. Os braços desobedeceram-lhe, envolvendo a cintura de James. Pousou a cara na lã de Shetland, inspirou-lhe a gordura da lanolina e o suor dos sovacos. James inclinou-se para atrás com a mesma força com que Mungo se inclinou em frente. Ia passando um camião a *diesel* aos soluços, com os travões pneumáticos a silvarem na chuva.

James disse então:

— Nós não... não somos obrigados a repetir o que fizemos. Se tu não quiseses.

O rio fazia uma curva no sítio onde, demasiado perto da margem, crescia uma bétula curvada. Com a terra erodida, o que sustinha a margem do rio era um enredado de raízes expostas. Mungo fez boiar o corpo atrás de si e meteu o velho debaixo de uma copa de raízes. St Christopher iria ficar a salvo nesta cavidade escura, dissimulada pela árvore e pela erosão.

A corrente não tinha levado longe a cana e o saco dos mantimentos, mas Mungo procurava, sem conseguir encontrar, a boina de sarja. Ao alçar-se na margem, os dentes tiritavam-lhe. A chuva caía com o peso do granizo.

Chegado ao acampamento, todo o corpo lhe tremia. Os pertences que Gallowgate atirara ao chão estavam todos espalhados e estragados: as peças do ludo levadas pelo vento e dispersas pelos calhaus, o caderno de que Mungo mais gostava uma massa encharcada de borrões. As tendas estavam abertas, a entrada da maior submersa numa poça. O saco-cama, os artigos de pesca, tudo molhado. Mungo rastejou para dentro da tenda e tentou vazar a poça, mas era escusado. Encolheu-se ao fundo e sentiu a adrenalina toda abandonar-lhe o corpo.

Um murcho crepúsculo azul mal acendia o céu. Nas nuvens baixas, Gallowgate teve dificuldade em encontrar o caminho de volta. Não fosse o perfil da choupana destruída, podia ter passado completamente ao lado do acampamento. A chuva malhava nas tendas e vários cabos se tinham

desprendido. Meio esvaziadas, pareciam derrotadas. Ninguém tinha acendido a fogueira.

O acampamento estava muito quieto. Gallowgate foi à tenda dupla, à espera de nela encontrar St Christopher sóbrio e amuado. Teve de penetrar no escuro até sentir o que não era nem tecido molhado nem uma poça de chuva. Os dedos roçaram-lhe em pele. Uma perna, fria ao toque. Acendeu o isqueiro, o miúdo sentou-se.

— Onde é que tá o Chrissy?

— Na outra tenda — disse Mungo, apesar de lhe doer falar. — Foi dormir, estava todo zangado.

Gallowgate mexeu-se para voltar atrás e ir à procura do companheiro. Mas Mungo agarrou-lhe no pulso e fez um esforço para não mostrar pânico.

— Deixa-o. Se está a dormir, não vai querer beber — disse. — E prefiro partilhar a tenda contigo.

Gallowgate sorriu, o branco dos dentes quase lhe parecia ultravioleta à última luz azul. Atirou o corta-vento à chuva, deitou-se de costas e, devagarinho, foi despindo as calças ensopadas. Tirou mais água de dentro da tenda. Fechou-a e ficaram os dois juntos, sentados no escuro. Uma chispa do isqueiro e uma velinha iluminavam o espaço entre os dois. Ele comprara na loja a vela, das felizes e festivas que os restaurantes chineses põem nas montras pelo Natal. Mungo mexeu na bochecha ferida, perguntando-se se, com aquela vela, seria capaz de deitar fogo à tenda.

— Como é que correu a pescaria? — perguntou Gallowgate, que se tentava aquecer na chamazinha, a pele nua toda tatuada do tornozelo ao punho.

— Péssima. — Mungo ainda não sabia o que iria contar, não tinha pensado tão longe. Sabia só que o que fizesse seria de manhã, quando já não chovesse e pudesse correr.

Mungo viu-o abrir a mochila e tirar as latas de *ravioli* e o uísque da ilha de Skye. Gallowgate passou-lhe uma lata, e Mungo deu-se conta de que não comia desde a noite anterior. Puxou a argola e a tampa abriu-se facilmente. Afiada como uma lâmina. Lambeu-a, o gume reconfortou-o, pô-la cuidadosamente de lado. Segurou a lata por cima da vela a tentar aquecer a massa fria, mas só fez uma fumarada negra, por isso desistiu e comeu-a fria. Estava faminto, enfiava na boca mãos-cheias de massa pastosa e respirava pelo nariz para ser mais fácil engolir. Gallowgate abriu o uísque e ofereceu-lho. Mungo bebeu-o em goles calmos, depressa se habituando ao sabor.

— Tás co vontade de ir amanhã pra casa?

Mungo limpou a boca às costas da mão, borrando o queixo.

— Sim. Vamos quando?

— Sem pressa — retorquiu Gallowgate. A comida não lhe interessava.

— Bora lá ver se o Chrissy consegue apanhar a puta da truta, hã?

Esmoreceu em Mungo algo parecido a esperança. Gallowgate esticou a mão e agarrou bem o joelho do rapaz.

— Olha lá! — exclamou. — Como é que fizestes isso?

Mungo tinha um golpe na barriga da perna, fundo sem ser comprido. Devia-se ter cortado numa das rochas afiadas quando acabava de afogar St Christopher. Gallowgate emborcou uísque. Dobrou-se sobre a perna de Mungo e pingou-lhe umas gotas, que lhe arderam no golpe da barriga. Mungo tentava puxar a perna, mas Gallowgate tinha-o agarrado atrás do joelho. Levou-lhe ao golpe a língua toda, quente e ensopada do uísque. Lambeu-lhe a tíbia negra que nem gelado.

— A saliva ajuda. Dói-te menos?

— Não quero isso. — Foi a voz mais inexpressiva que conseguiu. Puxou as pernas e meteu-as debaixo de si, dentro do corta-vento.

Gallowgate deu outro bom gole ao uísque, com a vela lançando sombras

às paredes da tenda.

— Se não queres *isso*, porque é que me guardastes a cama ao lado da tua, hem? — Gallowgate tirou um carriço preso à cara de Mungo e queimou-o na vela.

Mungo deu-se conta de ter cometido um erro. Só se preocupara em esconder o que sucedera a St Christopher, mas não com o que vinha a seguir. Gallowgate mexeu-se como se estivesse desconfortável. Esticou a perna esquerda, lendo-se na tatuagem de uma insígnia, em letras azuis bem marcadas, «Sem Recuar, Sem Capitular».

— Tem graça — disse ele. — Depois da tua mãe nos contar coisas de ti, eu achei que ias aproveitar um fim de semana assim longe. Ela tem nojo de ti, sabes disso, não sabes? Quase nos pedia de joelhos que a gente te trouxéssemos. Tá cheinha de medo que acabes frouxo como o feniano com quem andavas metido.

A cara de Mungo contorcia-se, sabia que, apesar do inchaço, o olho lhe queria tremer. De costas contra a lona, sentia, pela inclinação do corpo, não se conseguir apertar mais na tenda. Gallowgate esticou outra vez a mão, envolveu-lhe a nuca e puxou-o a si. Inclinou-lhe a cabeça, fechando a boca na de Mungo. Beijo insistente, a língua dele obrigava Mungo a abrir os lábios. Mungo pensou em abrir a boca e deixar que a língua lhe entrasse para a morder e lha arrancar toda, até ali ficar, palpitante e viva como a carne do talho de que a Mo-Maw tanto gostava.

— Pára com isso. — Sem conseguir afastar Gallowgate, largou-se, deixando-se pesar para se soltar dele. — *Não quero isso.*

Os beijos de Gallowgate estavam molhados da própria saliva. A mágoa no olhar.

— Isso é que vamos ver. — Limpou a boca e bebeu mais uísque. — Se não somos amigos, o que é que te leva a achares que voltas pra casa e pra

Glasgow? Não te posso deixar andar por aí a contar coisas de mim, pois não?

— Eu não vou contar nada. — Mungo falava a sério. A família já não o considerava bem uma pessoa, ele não ia aguentar a vergonha. Imaginou o Pé de Salsa no apartamento da mãe morta, com os sapatos confortáveis que usava por casa e a maneira como punha os óculos para lhe afastar a franja dos olhos. Sabia bem como o bairro olhava para o Pé de Salsa. — *Por favor.*

Gallowgate parecia sopesar alguma coisa pesada no coração. Abanava a cabeça e olhava com grande piedade para Mungo.

— Não sei se posso confiar em ti, Mungo.

A terra sob a lona pulsava da chuva. Arroios de água tentavam fazer caminho pela tenda e ao redor do miúdo para darem com terreno mais baixo. Mungo sentia a cabeça à roda. Tudo se deslocava. Era a sexta cara que Gallowgate lhe mostrara: a vítima, o homem magoado, desiludido com Mungo.

Tentou-se recompor pensando em Glasgow, em Jodie e na fachada calorosa do prédio, no cheiro a estática nos dias em que se aconchegavam, longe do mundo, a ver televisão.

— Podes confiar em mim. — Mungo tentou um sorriso.

Gallowgate agarrou-lhe no pulso. A tenda tremia do vento.

— É que, se não formos amigos, é melhor eu não ser tão simpático contigo.

Nos últimos dias tinha-se sentido cheiinho de otimismo, bêbado e tolo de felicidade. Agora perdera a lata toda. Aquela confiança toda esvaíra-se dele, os ombros ganharam a habitual moleza. Mungo ficava outra vez mais pequeno, segurando, acanhado, o presente atrás das costas e com vontade de nunca ter dito fosse o que fosse.

James estava todo estendido na alcatifa azul-marinho, de cabeça pousada no sofá do pai e pescoço num ângulo que até o fazia parecer partido.

— Anda lá. Não sejas assim.

— Esquece.

James sentou-se e enrolou-se em Mungo como fazem os macacos: talvez fosse aquilo que Mungo sempre quisera. James espreitava à volta dele numa tentativa de agarrar o embrulho. Mungo mantinha a caixa longe, mas os braços de James eram mais compridos.

— Pronto, vá. Sai-me lá de cima.

— Tu não queres mesmo que eu te saia de cima. — James fazia um sorriso rasgado, mas obedeceu a Mungo.

Mungo acorrou-se e, hesitante, deu-lhe o pequeno presente. Embrulhara-o num padrão de cornucópias desenhado à mão, composto por cem pombos, de asas abertas e faixas nas pontas, às voltas num céu cheio de nuvens fofas. Tinha-o desenhado de propósito para James, sustendo a respiração na altura em que cortava a página do caderno. Horas e horas de trabalho meticuloso de traço a tinta permanente, intricado como papel de parede Toile de Jouy.

James desembulhou a cassete, revirou-a nas mãos.

— O que é que tem? Não é *rave*, pois não?

Mungo encolheu os ombros.

— Não. Não é nada. Umas canções de que gosto, dos *tops*.

James pôs a cassete de lado, como se não lhe interessasse grandemente. Mungo remexeu na bochecha, procurando impedir que a dor que já lhe espicava o músculo se disseminasse. Era só uma cassete, mas, pelo que sentiu quando James a abandonou, bem podia ter sido o coração dele. James fez então algo inesperado. Alisou o papel e, levantando-o à luz do Sol, mirou-o como se fosse a coisa mais assombrosa que alguma vez tinha visto. Mungo notou-lhe os dedos a desenharem delicadas espirais.

— Isto também é para mim?

— Só se quiseres.

— Pois quero: adoro.

— Não precisas de dizer isso.

James inclinou-se e beijou-o. Era agora tão familiar. Já tinham passado dos melos e dos amassos sem grande jeito. Mungo parava muitas vezes para se desculpar, sentia-se mesmo inepto, e nesses momentos James afagava-lhe o rosto e levava novamente os lábios de Mungo aos seus. Os beijos eram agora suaves e ternos, sem medo de recusa. Um beijo demorava horas. Ficavam com as bocas juntas e Mungo amparava o nariz na covinha da bochecha de James, conduzindo-se mutuamente num deambular silencioso; um mudava de direção e o outro ia atrás, e assim repetidamente até um braço ficar dormente ou o micro-ondas apitar. Uma das mãos podia escorregar debaixo de uma *T-shirt*, mas nunca se atrevia a mais. Mungo sabia querer passar o resto da vida assim, apenas a beijar aquele miúdo. Não tinha de apressar nada.

Mungo retraiu-se. Tinha a pele à volta dos lábios bastante dorida, e os

próprios lábios, um nada inchados e rosados, pareciam mordidos por abelhas.

— Fazemos uma pausa? — James habitualmente não parava, beijava o botão que era a bochecha de Mungo, passando pelo lóbulo da orelha e pela pele branca abaixo do colarinho. Tinham tido sorte. Deixavam-se levar umas quantas vezes, e por isso Mungo ficava vinte tensos minutos às voltas no espelho do corredor a procurar chupões, com James em redor dele a sacudir cubos de gelo nas mãos.

Deixavam-se ficar deitados no ninho da porcaria que faziam, com mochilas abandonadas e pacotes de batatas fritas. As tigelas de cereais formavam um círculo na alcatifa, qual altar, em frente à televisão grande. Estavam espalhadas videocassetes que ainda tinham de acabar de ver, despojadas das caixas falsas a imitar enciclopédias, ao lado dos trabalhos de casa por terminar, preteridos para se beijarem e ficarem a olhar um para o outro. Mungo achava que talvez tivesse prestado mais atenção às aulas se o *Senhor das Moscas* fosse mais parecido com isto.

Mungo andava às escondidas a trocar as peças íntimas de James pela sua própria roupa interior limpinha, ainda que não propriamente gira. Começou por um par de meias das grossas quando se queixou do frio, apesar de a casa de James ter aquecimento central, o que o deixava desidratado e com uma dor de cabeça chata. Mais tarde, roubou do estendal uns *boxers* demasiado grandes e andou três dias seguidos com eles debaixo das calças do uniforme, todos apertados como as bombachas do tempo da rainha Vitória.

Andaram a semana entre o pombal e a escola de cada um, e novamente o pombal, antes de passarem longos serões na sala de James: no último andar do prédio, virado para o céu sorumbático, longe dos olhares de toda a gente. Quando, cada um em sua casa, iam para o quarto, passavam horas à janela,

por cima da lixeira das traseiras, em caretas, a fingirem-se de mortos e a fazerem piretes enquanto tentavam não se rir muito alto.

Uma tarde, Mungo estava naqueles seus devaneios enquanto Jodie levantava a loiça suja.

— Mas calma, que luz vem lá daquela janela[6]?

— O quê? — Mungo tinha a cara encostada ao vidro embaciado, gozando desse frio.

— Como é que ela se chama? — perguntou Jodie.

— Não é da tua conta. — Mungo sentia-se mais destemido. Já não era uma alma solitária.

— Tens segredos. Isso não é lá muito bonito. — Fez-lhe cócegas nas costelas e sondou-lhe os lábios irritados.

— Segredos! — rugiu ele, com rudeza. — Tens muito que falar, tu. — Tocou-lhe com o dedo na barriga, o que a fez retrair. Ele não fazia ideia do que dizia. Aludia aos anúncios das manhãs de sábado de que eles tanto gostavam, nos quais miúdas americanas escreviam segredinhos e guardavam-nos num lugar seguro, como a barriga de um urso de peluche. Miuditas todas sorridentes que não tinham no ventre o rebento de um professor, miuditas parvas sem segredos dignos de serem guardados.

Jodie deu-lhe uma palmada na mão para a tirar da barriga.

— A cada dia estás mais parecido com o Hamish.

— Credo, Jodie, desculpa lá. Não pensei. Estava no gozo.

— Faz lá o jantar para ti, Romeu. — Atirou-lhe o pano da cozinha. — E se a tua namorada te deixa a cara assim marcada, vê lá se pensas duas vezes antes de aproximares dela outra coisa.

As horas mortas longe de James pareciam-lhe insuportáveis. Batia as pernas com uma energia e agitação que irritavam Jodie. As horas a Mungo pareciam cheias de nada. Era hora de dormir, comer e pensar no que queria

dizer a James quando voltasse a estar com ele, coisinhas parvas que mal valia a pena repetir, mas sabia que James não se importava.

Certa tarde, quando estavam na sala de James, este parecia inquieto, sacudindo o taco de hóquei enquanto viam televisão. De repente sentou-se com um olhar demente. Riu-se sozinho e pôs aos ombros um cobertor e uma toalha de banho. Puxou a boina de lã para cima até lhe assentar na ponta da cabeça, como se fosse uma mitra pontiaguda.

— Espera. Espera aí. — James segurava o taco como se fosse uma maçã de cerimónias e virou-se de frente para Mungo. Esticou a mão direita, o indicador e o anelar para cima como se chamasse o autocarro.

— Adivinha lá quem é que eu sou.

Mungo bufou.

— Não sei. Um mitra numa toalha?

— Não. És tu.

Partilhavam uma caneca de água da torneira: parecia saber melhor se a bebessem do mesmo recipiente. Mungo fez um gesto a James para lha passar.

— Vai-te lixar, James. Em que é que isso sou eu?

James abriu bem os braços num gesto de santa graça. Sacudiu os dedos convidando os crentes a adorarem-no.

— Vinde comer, meu filho.

Mungo pensou naquilo. Queria obedecer-lhe.

— És tu. É São Mungo. — James virou-se de perfil para o sol. — É a estátua que têm de ti por cima do Museu de Kelvingrove. Nunca a viste?

Mungo nunca tinha ido a Kelvingrove e, apesar de ficar a meros quilómetros dali, nem ao West End. Se o admitisse, ia sentir-se rebaixado, e ele queria tanto que eles continuassem ao mesmo nível, se mantivessem

mesmo, mesmo iguais. Mungo revirou os olhos e fez novo gesto à taça comunal.

James passou-lhe a caneca de água da torneira num floreio papal.

— Que Deus te abençoe, meu filho.

Mungo deu um longo trago.

— Espera lá. Estás vestido com as calças do fato de treino da tua irmã?

James lançou um olhar rápido abaixo.

— Não! — Usava as mesmas calças havia três dias, já mereciam ser lavadas. — Larga-me. Não te ponhas a arranjar sarilhos com um santo, meu filho. — Mungo riu-se e reergueu os olhos. — Como assim? Tens o cabelo à tigela? — Avançou e puxou o cabelo de James pela frente. — Espera aí, tu tens mesmo o cabelo à tigela!

Um ou dois dias antes, já haviam cruzado este limite, passando da ternura tímida ao carinho embrulhado em insultos. Era um sítio bonito para estarem: honesto, entusiasmante, imaturo.

— Não tenho o cabelo à tigela. — Mungo sorveu a água com sabor metálico, mirando James por cima da borda lascada. — E bela tentativa, doidinho. O teu primeiro milagre como santo devia ser arranjar essas orelhas enormes.

— Não gostas das minhas orelhas? — James alçava-se acima dele.

— Gosto. — Mungo fez um sorriso rasgado. — Mas podes mexer-te um bocado para a esquerda? Não consigo ver o céu.

James lançou-se à caneca e entornou-a no colo de Mungo.

— Ai, tu mijas-te muitas vezes?

Mungo prendeu a perna na dele e derrubou-o facilmente na alcatifa, vertendo água por todo o lado. Tinha encontrado alguém que não se ia embora quando diziam as maiores crueldades. Já não se importava que os lábios lhe doessem. Beijavam-se, davam-se chupões, mordiam-se e ficavam

um em cima do outro a tarde toda até começar o telejornal e bem depois dos amargos trompetes do genérico da novela da noite, a *Coronation Street*. Por mais que se tivessem beijado, não tinham ido mais longe. A Mungo, chegava-lhe levar a mão dentro da camisola de James e sentir-lhe os músculos bem marcados das costas ondearem enquanto ele se roçava em Mungo. James preferia ficar com as mãos ao fundo das costas de Mungo, em leves carícias na penugem que lhe crescia acima das nádegas. Dava sono a Mungo, e uma sensação de segurança.

Empurravam-se um ao outro com mais força. Mungo sentia James, debaixo do fato de treino grosso, ficar duro. Roçou as costas das mãos no ponto mais quente e envolveu-o ao de leve na palma. James deixou escapar um gemido baixinho e pousou a testa na de Mungo, naquele doce hálito a açúcar e leite dos cereais.

— Queres?

— Não sei. — Mungo não sabia bem o que James lhe perguntara. Até agora, James tinha feito um caminho com Mungo atrás. Quase conduzia Mungo pela mão e várias vezes, ao parar e olhar para ele, Mungo sentia-se magoado por o rapaz das orelhas de abano já poder ter feito aquele caminho com alguém. Queria que o fizessem pela primeira vez juntos.

James alçou-se nos cotovelos, com a frente das calças armada e húmida, e saiu da sala. Mungo sentiu-se exposto, abandonado. Levou os joelhos ao peito e perguntou-se o que fizera de errado.

— Quero-te mostrar uma coisa. — James regressou com uma revista na mão. Folheava-a em busca de alguma coisa, e Mungo sabia, pelos corpos nus e contorcidos e o som do papel ordinário, que género de revista era aquela. — Uma vez fui ter com a minha tia a Dundee. Vendiam destas revistas na estação das camionetas. Perdi duas carreiras de volta até ganhar coragem para a comprar.

— Deixaram-te comprá-la *a ti*?

James encolheu os ombros.

— Sim, treze paus *sempre são* treze paus.

A revista estava carregada de americanos inchados. Homens de músculos volumosos e linhas de bronze laranja a mostrarem o espectro dos calções de banho que não tinham. Também não tinham os braços e as pernas esguios dos dois rapazes, nem os trilhos macios de penugem descendente ou a pele branca, vermelha ao toque, azul ou rosa de emoção, dependendo da temperatura. Tudo naqueles americanos era artificialmente atestado: todos depilados e arranjados, deitados de costas, pernas no ar, pareciam mais perus de Natal que homens. Tinham um penoso esgar de riso na cara, olhos vidrados, falsos crispares de prazer. Um homem sorria à máquina fotográfica engasgado num piço murcho, a estrangulá-lo feito um tubo vazio de pasta de dentes.

— Não posso. Enfiou-o no cu. — Mungo apontava para os dois jogadores de beisebol num banco de ripas.

A revista não podia exhibir um pénis ereto, mas, pela maneira como os homens estavam dispostos, a ideia era óbvia. Mungo pensava no outeiro curvado do traseiro de James, mas o centro, aquele ponto escuro e oculto, não era algo em que pensara por aí além. Na página a seguir, eis um homem deitado de costas, de pernas no ar e dedos metidos. Parecia-lhe doer.

— Pois. — James pousou a cabeça no ombro de Mungo. — É o que nós fazemos.

— «Nós», quem? — escarneceu Mungo.

— Gente como nós.

— Então, quem é o homem e quem é a mulher? — perguntou Mungo, com sinceridade.

— Pois, a mulher és *tu*.

Mungo afastou James do ombro.

— *Tu é que és.*

As imagens excitaram Mungo. Às vezes — com Jodie na cama e Hamish a dormir na casa da Sammy-Jo —, levava a revista grossa do irmão cheia de mulheres sedosas. Gostava sobretudo das duplas com homens, por isso, dobrava a página, punha as mulheres para trás e dava-lhes descanso. Da primeira vez que manuseou a página, fora demasiado forte com o papel. Depois disso, por mais que a alisasse, a dobra reveladora mantinha-se: de certeza que o ia denunciar. Era uma tortura montar a tábua de engomar, que chiava, sem acordar a irmã. Mesmo depois de passar a página a ferro a ponto de levantar a tinta da impressão, ainda se via a dobra ténue. A linha continuava a separar a mulher da própria boca e do piço flácido que ela titilava com a ponta da língua.

James virou a página e, no meio dos americanos e dos jipes do Exército — até os carros pareciam inchados —, encontrava-se a gravura realista de um motorista de autocarros e de um rufia malandro. Parecia o andar de cima das camionetas de Glasgow, mas o condutor tinha o rapaz em cima do joelho e batia-lhe com a mão aberta. O aluno sorria à câmara.

— Deve-se ter esquecido do passe — disse James.

— Talvez tentasse passar com meio-bilhete.

— Pois, parece já ter uns quarenta anos.

James tirou-lhe a revista. Mungo viu-a viajar pela sala, mas já tinha as imagens gravadas na retina. Ali continuariam mais tarde, projetadas debaixo do edredão, como os filmes que passavam no Cinema Parade.

Da primeira vez que Mungo viu James nu, a proximidade dele tornou difícil abrangê-la por completo. Mungo quis empurrá-lo, prendê-lo ao chão,

pôr-se em cima dele e ficar só a olhar. Mas eles reviravam-se juntos, boca com boca, testa com testa, era tudo como espreitar por uma fenda da porta: um regalo de rosa e alabastro, o azul glacial da parte interna dos braços, as veias quais rios roxos, os cotovelos friccionados de James que Mungo tanto queria beijar, e os campos de cravos febris bem vivos na clavícula branca. O rapaz era todo ele ossos crescentes e pele imaculada: um quadro cromático dos mais brandos brancos.

Deitado de costas, tinha as costelas como o casco de um barco virado ao contrário, dois minúsculos mamilos rosa, comicamente pequenos para tão largo peito. A cova da barriga descaía sob a canópia da caixa torácica. Os pronunciados ossos dos quadris demonstravam uma estrutura ainda por preencher, mas, nos músculos das costas e nos globos das nádegas, era óbvio que isso ia acontecer. O corpo dele cobria-se de uma fina penugem loirinha, como se tivesse pousado pólen nele. Reluzia um nadinha à luz sombria do dia.

A penugem suada dos sovacos e a lanugem que lhe salpicava as nádegas fazia cócegas nas pontinhas dos dedos de Mungo. A pele de James era uma paisagem maior e mais imprevista do que algum lugar onde Mungo alguma vez estivera, e ficava feliz por poder explorá-la. Viajava pelos carris deixados pelo elástico apertado dos *boxers*, um toque canelado e musical nos dedos. Exploravam-se mutuamente, de membros desengonçados e enrolados um no outro, desajeitados e inexperientes, as mãos demasiado apressadas, dedos ávidos na impaciência de se lançarem noutros prazeres. Os corpos separaram-se, mas James mantinha a testa na de Mungo, o arfar de James, todo caramelo e chá com leite, quente no rosto dele.

Usavam agora as mãos nos próprios corpos. Separados mas juntos. Surripiavam prazer para si próprios, partilhavam-no mesclando a respiração um do outro, mais rápida e rasa, até o lábio de baixo de James apanhar a

ponta do nariz de Mungo, e o respirar dele acelerar mais, de lábios colados aos dentes secos. Seguiam o ritmo um do outro. E então, tão depressa como começou, James arqueou as costas e terminou.

Mungo sentia-se atordoado, feliz, até James o deixar estendido na alcatifa pela segunda vez nessa tarde. Mungo acercou-se dele, James já se punha de joelhos e limpava a barriga suja. De joelhos sob a janela e com um padrão de vincos da alcatifa no flanco e nos rins, virou costas a Mungo. Agarrou nos restos de um refrigerante de tamanho familiar e deu-lhe uns bons goles, com o plástico nisso a estreitar-se e a amassar-se.

A paixão planara demasiado depressa por cima deles. James ali se sentava, fechado. Os rebites da coluna e as escoras das costelas pareciam um dos célebres caixões medievais de Govan. Quando lá se virou para Mungo, colou as costas à parede e ali ficou, de olhos no chão. Estavam só a um tapetezinho de distância, mas não se olhavam, como se um professor já sem paciência para a indisciplina dos dois os tivesse separado.

— O que é que eu fiz? — perguntou Mungo. «O que é que eu fiz?» Era o que ele fora treinado a dizer. Nunca «o que se passa contigo?» nem «estás bem?». Só: «O que é que eu fiz?»

James desatou na sua tosse seca e esfregou o centro do peito. Às vezes as orelhas e os dentes afastados davam-lhe à cara a aparência amistosa de uma caricatura, mas não agora. À luz esmorecida, quando pendia a cabeça e fitava Mungo sob o osso do sobrolho, os músculos do maxilar retesavam-se e o olhar dele atravessava a sala, frio que nem uma corrente de ar. Os olhos verdes salpicados eram como telhas de ardósia, agora mais pardos que verdes, afilados e cortantes.

— Achas que tenho graça?

— Graça por fazeres rir, ou graça por seres invulgar?

— Por ser invulgar. Achas que... que sou como o Pé de Salsa? — James

aspirou o inalador.

Mungo não sabia que responder. Esforçava-se bastante por perceber o que James dizia, mas não o conseguia imaginar escondido num rés do chão, sem ar fresco a soprar-lhe pelo cabelo, nem um sorriso rasgado na cara.

— Não temos de repetir isto nunca mais.

— Não vais contar a ninguém, pois não? — O olhar de James trocou a vergonha pelo medo.

— Não. Porquê. Tu vais? — Mungo sabia que ele não o faria, mas o laço que os unia impunha dizê-lo em voz alta.

— Nunca. — Fez o sinal da cruz, o que o pareceu descontrair um pouco, e limpou o ranho do nariz. — Olha para esta porcaria. O meu velho regressa daqui a três dias. Vai-me esfolar vivo se eu não encontrar uma miúda.

— Aconteça o que acontecer, ele há de te sempre esfolar — disse Mungo. — Parece o meu mano.

James tinha os olhos demarcados, pareciam doridos. Tão grande distância percorrera desde que tinha estado deitado com Mungo: tão grande lonjura a cruzar em sete minutos.

— Não sei como consegues lidar com isso.

Mungo limpava o cotão debaixo dos dedos dos pés.

— É mais fácil desde que te conheci. — Tentou esboçar um sorriso.

— Ah. Queres ser *tu* minha namorada este fim de semana, quando o meu pai voltar?

— E depois? Ponho peruca? Finjo ser a Mairead da Parade?

— Bem me parecia. Sabia que eras ela. — James deu o seu riso meio engasgado.

Mungo teria feito o que fosse preciso para o fixar assim, com aquele sorriso na cara.

— Estás a olhar para onde, meu orelhudo?

— Para nada — respondeu James. — Só para ti. É pena. Vivemos a vida inteira nas traseiras um do outro.

— É o que é. Temos mais três dias antes de o teu pai voltar.

— Mais três dias — confirmou James. — E acabou-se o Jamieson Pé de Salsa.

Mungo lançou-se-lhe e bateu-lhe com o punho no peito. Desafiava-o a responder. A violência antecedia sempre o afeto: era tudo o que Mungo conhecia. A Mo-Maw batia-lhe com a sandália nas costas, deixando-lhe a pele creme coalhada das nódoas negras, dava-se conta de que tinha ido longe de mais e puxava-o para o peito macio. Jodie ralhava com ele, rebaixava-o por causa da pobre cabecinha que não lhe dava para mais e, por causa da culpa que sentia, fazia-lhe uma tigela cheia de leite morno com cereais e açúcar. Hamish dava-lhe murros e sentava-se-lhe no peito. Quando Mungo desatava a pedir ajuda, Hamish prendia-lhe a cara na mão morna, os dedos cobriam-lhe os olhos e a palma enfiava-se na boca aberta de Mungo. Ali ficavam bastante tempo, Hamish tirava-lhe o fôlego todo até ele ceder, tão fácil como espalmar erva, mole como cordeirinho da Páscoa.

Primeiro a mágoa, depois o beijo. Envolvendo-o nos longos braços, James alçou Mungo do chão e cingiu-o num abraço. Apertou-o com tanta força que Mungo não conseguia respirar. Queria que aquele abraço nunca acabasse. James deu então um peido, um longo e cavernoso trovão. De cheiro podre e intenso, só de leite e açúcar. Mungo tentava-se soltar de James, mas não conseguia. E ainda bem.

A cor da casa de banho dos Jamiesons era de um suave menta. Das quatro prateleiras por cima da sanita, só uma ainda tinha produtos de higiene. Mungo vasculhou por entre as latas de desodorizante, *sprays*

antifúngicos para os pés e uma bisnaga de pomada para as hemorroidas. Atrás encontrou um estojo de barbear dos antigos, com pincel e navalha: nunca vira nada parecido com aquilo. Tirou o pincel do Sr. Jamieson da prateleira e cheirou-o. Os vestígios da espuma emanavam o cheiro a homens de outros tempos. O odor intenso a mentol e pinheiro, o toque medicamentoso do anis, quase a sabão carbólico. Passou pelo lábio as cerdas suaves do pincel e gostou da comichão que lhe dava.

Aguardando que a banheira enchesse, passou o pincel pelas clavículas e pelo pescoço, pelo peito nu e à volta do mamilo esquerdo. Enquanto o fazia, levava a cabeça atrás e mirava o padrão do teto. Deve ter sido a própria Sra. Jamieson a dar-lhe aquele relevo. Pusera pinos a toda a volta com um cordão às voltas, compondo um motivo decorativo semelhante ao macramé. Em cima do autoclismo, encontrava-se uma taça de *potpourri*, mas, ao cheirá-la, já não tinha perfume nenhum. Fora isso, nada indicava que alguma vez ali tinha vivido uma mulher.

A água, quando entraram os dois na banheira, estava tépida. Mungo foi primeiro e ficou do lado sem torneiras. Sentia-se viscoso, como se lhe tivesse passado o pior de uma febre, mas sereno e feliz em cada recanto da pele. James enfiou-se na banheira e pôs as longas pernas à volta de Mungo. Pousou um prato cheio de folhados de salsicha na tampa da sanita, e Mungo fez sinal às iguarias.

— Quem é que é agora a mulher, hem?

James mordeu, não o isco, mas um dos folhados. Caiu-lhe um punhado de lascas gordurosas ao peito, que se lhe dissolveram na pele molhada. As restantes boiavam na água, folhas num charco. Mungo meteu um na boca. A carne fibrosa queimava, e levou à boca água tépida do banho.

James andava outra vez com a boina, mastigava e ria-se de boca aberta. Mungo esticou-se e tirou-lha.

— Não vou ficar a tomar banho contigo de boina. É demasiado estranho. James tapou os ouvidos.

— Quem me dera que mas tivessem colado. Tu não imaginas. Experimenta lá ir às aulas com orelhas destas. É que nem penses sentar-te nos lugares da frente.

— As tuas orelhas não me incomodam.

James esguichou molho castanho na boca. Enfiou outro folhado a esquentar e fez um sorriso cheio de salsicha.

— Acho que gostas de mim.

— Talvez. — Mungo baixou o queixo na água. — Só tenho de olhar para elas mais três dias. Acho que aguento o vômito esse tempo todo.

— Três dias. — James por instantes tinha-se esquecido. Os olhos verdes ficaram-lhe novamente pardos.

Mungo meteu os dedos dos pés por baixo das bolas de James, até o rapaz se contorcer todo e uma vaga de água se derramar no tapete.

Inclinou-se em frente, agarrou nas bochechas de James e puxou-as para cima até os lábios redondos se lhe afastarem num sorriso forçado.

— Olha, se só tenho três dias, não os quero passar com um maricas rabugento.

Mungo deitou-se no banho. James olhava-o, ameaçador, e roçou-lhe a cara.

— Aposto que te consigo dar uma coça.

— Aposto que não consegues.

— Só dizes isso porque tens quem te ajude. — Inclinou o queixo, em jeito de desafio. — Só me falas assim por causa do Ha-Ha.

Mungo assentiu.

— Exatamente. Por isso, cuidadinho com essa tua boca feniana, ou vou contar ao meu mano que me mostraste a pilinha.

— Mas tu *gostaste*. — Mandou uma enorme onda de água a Mungo.

— Pois gostei, mas não lhe vou dizer *isso*, ou vou?

Recostaram-se naquele calor que se desvanecia. Mungo agarrou-lhe no pé. Ainda não o tinha visto de perto. A sola era surpreendentemente macia, não cheirava a absolutamente nada. Pôs o dedo grande dele na boca, e assim ficaram, impassíveis, até James dar a primeira gargalhada e tentar safar o pé. Mungo tirou da ponta da língua o algodão da meia de James e disse bem baixinho:

— Não és bom para beber da minha água do banho.

— O quê? — James passou o dedo na água e pôs na boca as lascas de massa folhada que ainda por ali pairavam.

— É só uma coisa engraçada que a Mo-Maw passa a vida a dizer. Uma velha no talho olha-a de cima a baixo e diz algo do género: «Esta cabra velha não é boa para beber da minha água do banho.» Imagina uma fila de gajas com termos à entrada e o Hamish a controlar um cordão de veludo. «Irene, tu não, não podes entrar. Não gosto desse teu aparelho dos dentes. Para ti, não há água do banho.»

— Gostava de a conhecer um dia destes. De conhecer a valente da Maureen.

Mungo abanou a cabeça.

— Impossível. Ela dava-me uma tarefa.

— Parece ser divertida.

— A Jodie não acha. A mim não me incomoda, ela é só um perigo para si mesma. — Algo radioso cintilava dentro dele. Segurou o pé de James na cara e teclou na parte mole do calcanhar a fazer de conta que era um telefone. — Estou sim? Quer uma reunião com a Sra. Hamilton? Três pessoas, às onze da manhã? Pretende a mesa habitual?

Aqui fazia cócegas.

— Sim. Porque não... — James desatou outra vez a tossir e agarrou no inalador.

Mungo largou-lhe o pé.

— Tens de ir ao médico. Não gosto nada quando comesas a tossir dessa maneira.

James friccionou o peito nu para recuperar o fôlego.

— Isto não é nada.

— Nada não é. Acho que deve ser dos pombos.

— Talvez, sim. — Tentou desviar a conversa das aves. Queria tirar aquela inquietação do sobrolho de Mungo. — Mas sabe bem ter alguém que se preocupa comigo.

Mungo baixou lentamente a cara para a submergir, tentando esconder o sorriso rasgado, e voltou a subi-la.

— Ai sabe? Achas que és meu namorado?

— Só se tu fores minha namorada.

Mungo carregou com o joelho na coxa de James. O loirinho foi obrigado a contorcer-se e a render-se.

— Pronto! Não vamos contar isso à Mo-Maw, mas sim, Mungo Hamilton, sou teu namorado, pelo menos estes três dias.

Agora tinha sido a vez de ele se esquecer daquilo por instantes. Mungo ali ficou brevemente a considerar o tempo que restava, a reparti-lo e a decidir como iria gastar aquele agrado. Era óbvio que ia haver mais após a visita do Sr. Jamieson, mas isso mal parecia importar. Sentia-se um menino — porque é que o pai de James tinha de ir a casa? James viu-lhe a expressão ficar mais pesada. Fez o rapaz virar-se na banheira, até ficar deitado de peito para baixo, e entornando água no tapete. Disse Mungo:

— Pronto. Podes conhecê-la, mas só um minuto.

Quando voltou a falar, James levou os lábios ao ouvido de Mungo.

Prendeu-lhe os pulsos e impediu-o de se mexer.

— Ainda bem. Sabe-se lá se não posso andar com a tua mãe e ser o teu novo padrasto. Matavam-se dois coelhos duma cajadada. Afinal de contas, andas a ficar assim um bocadinho para o esquisito.

Mungo foi cedo para a ver sozinho e, se fosse preciso, mantê-la longe da bebida. James sabia onde e quando ir. Ela deu um beijo a Mungo e meteu-o debaixo do balcão do *snack-bar*, fora da vista dos clientes. Mungo mirava-a de baixo enquanto ela cativava a clientela com mexeriquices e falsos sorrisos. O sorriso dela, quando baixava o olhar para Mungo, sumia-se-lhe da cara.

A Mo-Maw ia dando uns bons tragos de um copo de esferovite à socapa. Quando ela não estava com atenção, ele controlava-lhe o copo. Vinho fortificado, com cheiro a remédio frio e fruta podre. Ela havia muito tempo que devia andar a beber sempre do mesmo copo, pois tinha a borda toda roída e estragada do batom.

O *snack-bar* tinha o cheiro adocicado a cebola frita. Na rádio da madrugada passava *soft rock* dos tempos de juventude da Mo-Maw: Dr Hook, Eric Clapton, Kenny Rogers. Mungo, sentado no refrigerador de plástico, passou-lhe uma caixa de pãezinhos.

— Se me vais ficar aqui a moer o juízo no trabalho, que faças alguma coisa de útil.

A nova permanente tinha ficado mais forte do que ela pretendia. Enquanto enchia pãezinhos com panquecas de batata e toucinho fumado bem gordo, puxava o cabelo e tentava-o endireitar no vapor, segurando-o por cima da chapa escaldante.

— Vê-me lá a parvalhona da Pauline. Teve a distinta lata de me pedir

dezoito paus por isto. Por isto! Estive eu em casa dela cos miúdos todos em cima de mim. Quando saí, parecia a orfãzinha da Annie. — Puxava o cabelo até recuar. — Amanhã fica bom. O tanas é que fica.

— Parece boa. — Ela parecia ter sido eletrocutada.

— E ela nem um chazinho em condições me deu.

Mungo esventrava pãozinhos e comia-lhes o miolo macio. Com uma faca de plástico, barrou os dois lados do pão de margarina bem amarela. Achava que era meticoloso, imaginava os motoristas a quererem o pão a pingar de gordura, mas a Mo-Maw bateu-lhe na mão com a espátula do peixe.

— Pára lá de me comer a porra do pão. E de gastares tanta margarina. A Grand'Ella vai-me cair em cima feita gente grande.

Voltou a remexer na permanente.

— Mas porque é que tás aqui mesmo? Precisas de dinheiro?

— Porquê? Tens?

— Népia.

— Então, foi porque estava com saudades tuas.

Ela fez-lhe cócegas debaixo do queixo.

— Pois deveres ter. Desculpa, amor. Tens ido às aulas?

Mungo limpou a margarina da camisola.

— Não propriamente. Andava com esperança de poder sair da escola em breve. De conseguir um lugar como aprendiz, um emprego, qualquer coisa.

A Mo-Maw agachou-se ao lado dele e acendeu um cigarro. Ali fumou de cócoras, debaixo do balcão.

— Eu preferia que continuasses na escola.

— Acho que a escola não é para mim. Estava melhor a trabalhar.

— Como quiseses. Eu não te posso obrigar. Até parece que a escola fez milagres por mim. — Semicerrou os olhos. — Mas, Mungo, se o diretor da

escola me aparece à porta, digo-te já, é que os pés nem te chegam a tocar no chão.

— Não vai aparecer. Eles querem é ver-me pelas costas.

— Pois, és quase um homem. É altura de cresceres e ganhares o teu dinheirinho. — Deu um longo gole do copo meio mastigado. Abriu a garrafa de vinho para se servir, mas a tampa de metal caiu e rolou pelo chão gorduroso. — Ah, cabrona. — A Mo-Maw encolheu os ombros e deu um bom trago da garrafa, como se agora fosse melhor acabar com ela. Ofereceu a Mungo, que abanou a cabeça.

— E eu gostava mais que não o fizesses.

— Tem um piquinho. Dá-me força pra aguentar a noite. — E acrescentou: — E deixa-me mais divertida. Os homens preferem as mais folionas. Dão-me mais gorjetas.

De todo o álcool de que a Mo-Maw gostava, era este vinho com cafeína, o *Buckfast*, que ele mais temia. Tinha ouvido o grupo do Ha-Ha chamar-lhe a «pomada da porrada». O alto teor de álcool combinado com o alto teor de cafeína deixava a mãe incrivelmente bêbada e demasiado agitada para ser controlada. Mungo abriu um pão e passou-lhe a massa do miolo, que a Mo-Maw afastou com a mão.

— Já viste como é que eu tou? Se engordo mais, há de saltar uma roda a esta rulote.

Ele meteu o pão na boca.

— O Jocky como é que anda?

De repente, a Mo-Maw animou-se. Dava voltas e abria bem as mãos, Mungo sentiu que tinha batido num filão de ouro. O semblante dela era de tamanha excitação que parecia em convulsões.

— Oh. Meu. Deus! Não me acredito que ainda não te contei. O Jocky deu coa aliança duma viúva que um ladrãozeco roubou duma casa e tentou

passar no prego. Deram-lhe uma recompensa em dinheiro, mas melhor, tem apalavrada uma caravana em Burntisland pra duas semanas. Acreditas nisto?

Tinha um buraco nos *collants* finos cor de pele, na zona da barriga da perna. Mungo percorreu-o com o dedo.

— Posso ir contigo?

A Mo-Maw afastou-lhe o cabelo da cara e fez-lhe uma caretazinha.

— Oh, filho, desculpa. Andamos os dois nesta lua de mel, como dizem os programas da manhã. Agora temos é de estar concentrados em *nós*. É mesmo importante. — Levou as mãos à cintura. — Estes *collants* tão-me a matar. Era certo e sabido que ia ficar toda abafada aqui à frente da grelha.

Ele enfiou o dedo no buraco dos *collants*.

— Posso?

Ela bufou e lá fez que sim.

— Pronto, anda lá. Se isso te deixa contente.

Mungo sentiu-lhe os pelos das pernas nos dedos. Rasgou o buraco e os pontinhos deram de si, descendo-lhe pela perna feitos pingos de chuva. Meteu mais dedos no rasgão e puxou-o. Os *collants* cederam-lhe do tornozelo além da linha onde a saia lhe dava. Fez um buraco na outra perna, que também rasgou. A Mo-Maw agarrava-se ao balcão e dava gritinhos de deleite. Quando ele era criança, os dois adoravam este jogo. Os *collants* ficavam com tantas malhas indecentes que ela deixava os filhos rasgá-los. Nunca se rompiam na entretela ou no reforço dos dedos, por isso, os miúdos entretinham-se a puxar os pés da mãe, ainda de *collants* vestidos, da cadeira e arrastavam-na pelo chão, ela sem parar de se rir até a moleza branca das pernas bater na alcatifa que nem frango a sair do saco embalado.

— Ai, já consigo respirar. — A Mo-Maw saiu dos *collants* arrasados e voltou a calçar as sapatilhas. Pousou o pé na prateleira mais baixa, remexeu

nuns pelos encravados e percorreu uma das varizes com o dedo. — Esta apareceu-me quando andava contigo ao colo. Eras um menino mesmo carente. Nunca me querias sair do colo.

Algo no escuro lhe chamou a atenção. Mungo viu-a inclinar-se ao balcão e espreitar além do fulgor da luz fluorescente.

— Atão, cachopo. O que é que queres no pão?

Mungo sentou-se e espreitou por cima do balcão. Ei-lo, a mexer-se dos nervos, mesmo na beirinha da zona iluminada. James Jamieson estava rosado do banho quente que tomara, cabelo alisado e com risca. Mungo sorriu daquele esforço; mais tarde dava-lhe na cabeça.

— Mo-Maw, este é o meu amigo, o Jamesy.

— Pera aí. Tu fizestes um amiguinho? — Ele viu os músculos da barriga das pernas da Mo-Maw esticarem-se ao inclinar-se no escuro para apertar a mão a James. — Prazer em conhecer-te, meu menino. Sou a Maureen, a mana mais velha do Mungo.

Mungo abriu a porta da caravana e saltou. Conseguia perceber que a impressão da Mo-Maw relativamente a James era boa. No entanto, quando James virou costas para cumprimentar Mungo, a Mo-Maw levou os dedos atrás das orelhas e soletrou, em silêncio: «Aquilo é que é uma pena.»

— Como é que vocês começaram a brincar juntos? — perguntou ela.

— Oh pá. Vá lá, nós não *brincamos*.

— Sei lá eu como é que a malta da vossa idade diz! Quando é que vocês começaram a ir ao bingo juntos? Ao brídege? À canasta? — Fez um sorriso de espertalhona. — Tá melhor assim?

O olho de Mungo começou a latejar.

— O James tem um pombal. Dedicar-se à criação de pombos.

A Mo-Maw fez um esgar como se tivesse vontade de vomitar.

— Não sei como é que conseguem criar aqueles velhacos de olhos

horrendos. Juro: mal me veem, cagam-me logo em cima. — Debruçada ao balcão, examinava o rapaz loirinho, e James deixou-se examinar. Mungo queria que a Mo-Maw abotoasse a blusa até cima. Ela inclinou a cabeça, de reconhecimento, e chegou-se atrás. — Olha lá, tu não és filho do Jimmy Jamieson? — Antes de James responder, ela deu uma palmada no balcão. — Ah, pois és mesmo. Eu consigo perceber. És alto e giro como o teu pai.

James não respondeu, mas parecia desconfortável. A Mo-Maw agarrou num copo de esferovite e serviu-lhe vinho.

— Toma. Eu andei co ele. Há muitos anos. À tua avó deu-lhe o badagaio quando soube que eu era protestante. Mas eu sempre acreditei em unir as religiões.

James esticou-se e recebeu o copo, qual cálice da comunhão, em ambas as mãos.

— Obrigado por fazer a sua parte, Sra. Hamilton.

A Mo-Maw gostou logo do moço. Levantou o copo para um brinde.

— Pensa lá, Mungo, como as coisas seriam diferentes se o Sr. Jamieson fosse teu pai. — Bufou e agitou a mão. — Pera, que tou eu pra aqui a dizer? James, pensa lá tu se não tinha graça eu ser tua mãe, hem?

— A mim agradava-me — mentiu ele. A face dos dentes já se lhe manchava de vinho. — Gosto da sua permanente.

— Vês? — A Mo-Maw tinha um fraquinho por elogios, parecia nunca querer saber se eram sinceros ou não. Apontou, acusadora, para Mungo. — Nem há cinco segundos que é meu filho e já teve uma palavrinha simpática. Assim é que se fala cum mulher.

Da segunda vez que se deitaram juntos, a gula da primeira excitação tinha-se quebrado. Agora não havia nem pressa nem egoísmo. Depois, deixaram-se ficar deitados junto ao intenso aquecedor elétrico e só se viraram quando já o calor era a mais. O aquecedor era rematado por uma cama de carvão de plástico, a imitar uma lareira a sério. Girava uma ventoinha metálica por baixo do carvão, que fazia bailar no teto a luz de um fogo artificial. Mungo recostou-se na alcatifa azul a ver o cintilar das chamas. James disse-lhe que a mãe tinha acabado por odiar o aquecedor. Gostava dele quando eram miúdos, mas, com o aproximar do fim, dizia que as labaredas a faziam pensar no Inferno.

Mungo agarrou-se bem a James, que lhe ia percorrendo com os dedos a barriga. James deixava-se divagar no rasto daquele caminhante imaginário pela barriga branca, pelos regatos das coxas e pelo monte do esterno. A pele de Mungo era planície nevada, paisagem despovoada e imaculada. James traçou a linha de finos pelos que lhe corria pelo meio da barriga. Soprou-a, disse que lhe lembrava as bermas relvadas entre dois campos.

— Imagina viveres num sítio assim tranquilo. Como é que seria ver à volta só campos, sem vivalma?

Mungo começava a ficar irritado com esta conversa de James se ir embora. Queria que James estivesse ali, no presente, e não de olhar preso à distância remota, preocupado com o regresso do pai. Mungo correu-lhe a mão pelo corpo e arriscou a sorte:

— Porque é que te ias embora? Já és dono disto tudo.

— Isto é meu?

Mungo assentiu.

Com a borda da mão, James correu a barriga pegajosa de Mungo como se o repartisse.

— Nesse caso, quanto é que achas que me davam se dividisse isto em parcelas para uma urbanização?

— Não davam nada. Mais ninguém a quer.

James puxava a linha ténue de pelos púbicos que ia do pau ao umbigo de Mungo.

— Olha que não sei. Quantas cabeças de gado é que achas que alimentamos aqui? — Levou o focinho à barriga de Mungo e pôs-se a pastar docemente nela.

Aqueles beijos ligeiros descontraíram Mungo.

— Se te fosses embora, para onde é que ias afinal? Para Edimburgo?

James deixou-se cair em cima dele.

— Não. Fui lá uma vez pela escola. Quatro paus por uma sandes de queijo. Era só gente emproada. Imaginas o que iam dizer da nossa maneira de falar?

— Para Londres?

— Nem pensar. É *mesmo* cara. E aquilo por lá é só manifestações, não é? Em Brixton, por aí. Parece mais dura que o Calton. — Começou a cantar a «Guns of Brixton», um bocadinho longe da melodia real. — «*Yeese kin crush us, yeese kin bruise us, but yeese'll huv tae answer to, ohahwoah, the Orange drums of Cahhl-ton.*»

Os Clash lembravam Mungo de Hamish: certa vez, Hamish, enquanto cantava a «Police and Thieves», tinha dado pontapés a um rapaz até este desmaiar. Mungo passou a mão por cima da boca de James para o calar. Meteu-lhe então dois dedos entre os lábios para sentir como era. Explorou-

lhe a maciez da bochecha, as cristas laceradas dos molares. Ficou bastante tempo em silêncio, registrando todas aquelas texturas íntimas.

James cuspiu-lhe os dedos.

— Ardnamurchan.

— Ardna quê?

— Murchan. É gaélico, quer dizer «projetar-se no mar» ou coisa parecida. Fomos lá quando a minha mãe ficou doente. Essas foram as últimas férias que tirámos todos juntos, enquanto família. Um cantinho tranquilo e solitário da Escócia todo metido no mar. Havia mais ovelhas que gente, a estrada era tão estreita que só passava um carro de cada vez. Um dia, fazia tão mau tempo que a minha mãe não podia sair à rua, e eu fui andar sozinho. Dei com uma baía tranquila, tinhas de descer a muito custo o despenhadeiro pela encosta para lá chegar. Metia mesmo medo, mas conseguia-se ver alguma coisa à beira-mar. Quando lá cheguei, havia uns casebres velhos, de pedra, deixados ao abandono por quem lá tinha vivido. Era uma aldeia inteira. Puf, foi-se.

— Puf? — Mungo soltou um risinho.

James rebolou-se e continuou naquele seu pastar preguiçoso.

— Foi o sítio mais secreto onde já estive. Do outro lado da península, há outra praia, menos secreta, com a forma de uma ferradura. Tem praias de areia branquinha e água cristalina o ano inteiro. A areia é de um branco puro, parece açúcar. Desafiaram-me a dar um mergulho, e lá fui, cheguei a uma ilhota grande e voltei.

— A brisa marinha fazia-te bem a essa tosse.

— Então talvez seja o lugar ideal. O meu pai diz que os agricultores não conseguem encontrar bons ajudantes por ser tão longe de tudo. Ele parou numa quinta e tentou vender a Geraldine por ela passar a viagem toda a queixar-se dos enjoos.

Mungo correu-lhe os dedos pelo cabelo loirinho. Queria abaná-lo, dar-lhe um berro. Em vez disso, esforçou-se ao máximo por não parecer incomodado e propôs:

— Se esperares que eu faça os dezasseis, podemos dividir os custos. Saía mais barato.

James parou de pastar. Ainda faltavam sete meses para Mungo fazer dezasseis anos e poder sair da escola sem os serviços sociais à perna. Parecia uma vida inteira.

— E se eu não me puder esconder até fazeres anos?

— *Catorze*, são só mais catorze saídas do teu pai. Pensa bem: não são assim tantas. — Levantou os dedos. — Olha, cabem *quase* em duas mãos.

— Ele vai-me matar, Mungo. Eu sei que vai. E se eu não aguento até lá?

James voltou a deitar a cabeça na barriga de Mungo e esfregou a cara nela como se tivesse comichão no nariz. Mungo gostava de lhe ver aquele rosa intacto atrás das orelhas, os ligeiros caracóis trigueiros, os milhares de tonalidades distintas por toda a nuca. De todas as partes íntimas de James, descobria a sua predileta. Gostava de pensar ser a única pessoa a querer saber disso.

Formava-se no pescoço de James um ponto negro, que Mungo remexeu com as unhas.

— Aguentas, sim. Já aguentaste até aqui. Vou contigo aonde fores. Mas, se me for embora antes dos dezasseis, há chatice. Preciso de ter a certeza que a Mo-Maw fica bem. E não posso deixar que a Jodie fique com esse peso. Preciso de ter a certeza que a Jodie vai para a faculdade. Já se esforçou de mais.

— A Mo-Maw pareceu-me bem.

— Nunca a viste com os copos. Quando o Jocky acabar com tudo, ela vai precisar de alguém ao lado.

James rebolou e virou-se para ele, semicerrando os olhos sem conseguir acreditar.

— O Calhoun Pé de Salsa.

— O que é que tem ele?

— Tu vais ser o Pé de Salsa. Agora é que percebi.

— Não digas isso.

— Percebo exatamente o que queres, e não é bom. Se não tiveres cuidado, ficas aqui preso o resto da vida com a Mo-Maw. Um solteirão a viver no terceiro andar com a pobrezinha da mãe e a andar por aí às compras no seu corta-vento. Um cristo sofredor. A melhor altura do teu dia vai ser ficares à porta do talho a falar do tempo com as outras velhas. Depois vais para casa com peixe para o jantar e fechas os trincos todos da porta. E por quê?

— Por ela.

— Então és tão palerma quanto pareces.

— Tu não percebes. — Inspirou com força, como se pudesse sorver aquelas cruéis palavras do ar. — Desculpa, desculpa. — Sentiu James ficar hirto que nem uma tábua.

— Pois, desculpa lá se a minha mãe morreu.

— Foi sem querer.

James franziu-lhe o sobrolho.

— Eu também posso esperar. Também posso fazer um esforço maior com as miúdas da fonte. A ver se cresces e apareces.

— Isso. Faz isso, sim. Se tem mesmo de ser. — De repente, quis que James saísse de cima dele, mas não precisou de pedir porque James se sentou e limpou a espuma do canto da boca. — Como é que podes ser assim?

— Assim como?

James dobrou-se e desligou o aquecedor. As chamas piscaram e foram-se.

— Porra, Mungo. Deves-te estar a passar. Esqueces-te como é que as coisas são lá fora? Se soubessem, as pessoas davam-nos uma naifada! Rasgavam-nos do queixo aos tomates só para terem tema de conversa no bar.

— Eu sei disso.

— Para eles, somos abaixo de cão.

— *Eu sei.*

— Quanto às miúdas. Eu só fazia isso por ti.

— *Por mim?* Nunca te pedi nada.

Os rapazes fitavam-se. James corava, remexendo nas falhas entre os dentes com a língua.

— Tu não percebes? Eu, se fico cá por ti, vou ter de respeitar as regras dele. Se é para ficar debaixo do teto dele, tenho de tentar.

Era um truque, parecia um daqueles truques do Ha-Ha. Pumba. Só faço isto porque me pediste. Pumba. Mais tarde vais-me agradecer. Pumba.

Afastavam-se mais: agora eram só canelas aguçadas e clavículas ocas, apenas ossos angulares enrolados em pele clarinha. Andavam à deriva no mar daquela alcatifa, icebergues ao abandono a afastarem-se entre si. Mungo agarrou na roupa do chão.

— Onde é que vais?

— Vou-me embora.

— Não vais, não.

— A mim é que não me dás ordens, foda-se.

James agarrou-lhe no tornozelo e desatou a puxar Mungo pela alcatifa, que queimava. O corpo encheu-se-lhe de uma corrente elétrica. Mungo não

sabia bem como se sentir, sabia que lhe queria dar um pontapé na cara, mas o que mais queria, infinitamente mais, era ficar agarrado ao lado dele.

James enrolou os braços à volta de Mungo até os espasmos lhe pararem e a vontade de fugir lhe abrandar. Lutaram um bocado. James tentava virar Mungo pelo queixo para o olhar de frente. Mas Mungo soltava-se sempre, enterrando a cara no pescoço dele. Não queria brigas. Não queria ser crescido.

— Não te chateies, porra.

— Podes falar — disse Mungo, mas de lábios apertados nos músculos do ombro de James, e o som que deles fugia era ininteligível.

— O quê? O quê? — James fez-lhe cócegas. Só queria mais um sorriso, mas Mungo babava-se-lhe na pele. James não limpou a saliva do ombro, não lhe pediu que se mexesse, mesmo quando ficaram com os braços dormentes e as pernas lhes começaram a picar. Ficaram sentados assim enrolados um no outro bastante tempo, até sentirem o frio na sala. Ao longe, o tilintar de uma carrinha de gelados. James beijou-o. — Não tens nada com que te preocupar. És a minha miúda. Até poderes vir comigo. Vou fazer o que conseguir. — Tocou entre as costelas de Mungo uma melodia silenciosa, subia-os e descia-os como se Mungo fosse um acordeão.

No fim, os outros três dias de felicidade foram só dois e um quarto. Mungo sentia-se enganado, defraudado, aquém. Passou o dia todo com a sensação de lhe roubarem o prometido, como quando decidimos abrir a embalagem maior de batatas fritas e é quase só vácuo.

— Tens a certeza que queres vir? — perguntou-lhe James. Tinha feito quatro vezes a mesma pergunta. O Sol já se punha, o parque escurecia.

Longe do brilho âmbar e ofuscante das luzes da rua, a noite era de um cinza aquoso.

— Tenho — respondeu Mungo. Sabia que, se não fosse, ia ficar escondido em casa e os horrores imaginados seriam mil vezes piores.

Os dois tresandavam ao mesmo *aftershave* barato. Tinham uma película de *spray* desodorizante nos sovacos, um exagero que lhes escorregava como natas batidas debaixo das camisolas. James bateu o cotovelo no de Mungo e fê-lo sair do trilho.

— Olha lá, não te azucrines, está bem? Tenho *mesmo* de fazer isto.

— Não te preocupes comigo. — Mungo tentou sorrir e descobriu-se incapaz. — Talvez arranjes uma promoção. Dás uma queca, tens outra de graça.

— Atrave-te lá a sugerir um cartão de pontos. — Riu-se, tinha os olhos verdes vidrados. — E depois foge o mais depressa que possas.

A folhagem do parque começava a entrar na primavera. A chuva fria parara um pouco, mas tudo continuava encharcado. Um trilho escuro coleava pelo relvado feito língua resvaladia. As miúdas da fonte apertavam-se ao fundo de um banco apodrecido, balançantes naqueles seus olhares maliciosos, como pombos insensíveis à espera dos reformados que vinham com o coto de um pão. Vestiam camisolas de homem por cima das saias reduzidas do uniforme da escola. Usavam o cabelo com gel e afastado da cara, todas de franja tesa e fina, enrolada e com laca recorrendo a uma escova das redondas. Ali se estendiam e desenrolavam as caras radiantes como se fossem os toldos de uma loja.

— O que é que nos trouxeste? — perguntou Nicola, a maior das três miúdas. James esvaziou os bolsos do anoraque e tirou uma garrafa de vinho fortificado *MD 20/20* e um maço de dez cigarros *Embassy Lights*, e da

manga um exemplar enrolado da revista *NME*, tendo na capa um Morrissey com auréola. Deixou-as no banco e recuou.

— É das antigas. Quem é esse na capa? — perguntou Nicola, que tinha a boca engaiolada num aparelho de metal. Era um número já com quase uma década de uma revista da irmã de James. Nicola mirou Morrissey com asco e disse que teria preferido um número com os Take That, os EMF ou os Shamen.

— Já era altura de conheceres uns clássicos.

— Tens os mesmos gostos da minha avó Eileen. — Nicola fungou. — Mas achava eu que não nos ligavas peva.

— Isso — concordou a rapariga mais baixa e bonita. Tinha a pele alva como o luar, e a ossatura elegante fazia-a mais nova do que era. O rosto dizia que ainda andava a aprender a usar maquilhagem; parecia uma criança, toda pintada e com *rouge* da cómoda da mamã. Mas deu uma passa no cigarro e, ao falar, tinha a voz funda de um homem. Mais tarde, James contou a Mungo que Ashley vivia com sete irmãos mais velhos e tinha a boca como um taberneiro em dia de dérbi. Disse ela: — É realmente uma desgraça deixares três miúdas giras à tua espera. Já tenho o cu achatado do banco, e tudo por tar aqui sentada à espera que chegasse Vosselência, o Príncipe dos Pombinhos.

Mungo viu James agitar a boina de lã.

— Tenho os pombos doentes.

— Ninguém quer sabes da porra dos teus pombos. Que vergonha. — Ashley lançou um olhar aos portões do parque e bocejou. — Eu podia ter saído co Jimmy Fitzsimmons. A mana dele mais velha tem um solário novo.

— Não digas isso — retorquiu James. — Sabes que te acho um doce.

Mungo deve ter estremecido. Sabia a razão de ali estar — implorara a

James para o deixar ir —, mas ainda lhe custava ouvir os lábios dele serem meigos com outra pessoa. Ashley olhou-o de cima a baixo.

— E este mocito quem é?

James apresentou-o.

— Contou-me que gostava da Angela. — Fez sinal à rapariga que não tinha falado.

— O meu nome é *Angelique*. — Pronunciou-o à inglesa, «andjeliqui». — Vê lá se dizes bem. — Fez-lhe uma careta. Ele conhecia-a vagamente do que se dizia por aí: estranhamente, ela era excelente a Alemão e conseguia nadar mais longe e ficar mais tempo debaixo de água que qualquer rapaz do bairro. — És o mano mais novo do Ha-Ha? Bem lhe disse que não andasse atrás da Sammy-Jo. Toda a gente sabia que ela só queria engravidar pra se livrar da mãe e conseguir uma casa pla câmara.

— Bem pode esperar — respondeu Mungo. — Só consegue sair aos dezasseis anos, e mesmo assim, a mãe vai ter de a escorraçar por danos morais ou algo do género.

— Pois, foi o que eu lhe disse. É mesmo trouxa. — Deu uma gargalhada implacável. — És bem mais giro que o teu mano.

— E beijas melhor? — perguntou Nicola, ainda a manter Morrissey ao longe. As raparigas rebentaram todas em guinchinhos de riso. De repente, tinham outra vez quinze anos, não passavam mesmo de meninas.

— O que é que trouxeste pra nós? — perguntou Ashley. James já tinha a mão no joelho dela, descia a boca desde o lóbulo da orelha pelo pescoço bonito.

Mungo revistou o bolso do corta-vento à procura de três tablets de chocolate de menta.

Nicola abriu-a logo.

— O que foi? Não jantei. A minha mãe tá no hospital co meu mano mais

novo, que engoliu um enfeite da Páscoa.

James tinha os lábios nos de Ashley. As bocas de ambos abriam-se e fechavam-se tanto que Mungo via a tensão no músculo do maxilar de James. Era mais um amasso que um beijo, mas Ashley estava em êxtase, incitando-o com gemidinhos de prazer. A cinza do cigarro agitou-se e caiu na terra molhada.

As outras raparigas comeram o chocolate e passaram a garrafa de *MD* entre elas.

— Toma, se as misturares, fica a saber àqueles *cocktails* caros.

Mungo, no meio do trilho molhado, esforçava-se por não olhar para James. As raparigas folheavam a revista, riam-se dos penteados datados das bandas *pop* que se tinham separado há uma data de tempo e ignoravam completamente Mungo. Ele tinha a certeza de se poder ir embora sem ninguém chamar por ele. Angelique lá levantou os olhos e estudou-o rapidamente. Tinha a cara salpicada de sardas ruivas engraçadas.

— A minha mãe disse-me que tens rulotes. É verdade?

— Eu tenho rulotes?

Angelique piscou depressa os olhos um par de vezes. A língua pendia-lhe de lado feita cão esganado.

— Tens?

Mungo via os autocarros de dois andares aos soluços na Parade. Imaginou-se no andar de cima a ir-se embora para longe dali. Não sabia se tinha síndrome de Tourette — nem queria saber. Quando pela primeira vez repararam no piscar do olho e nos espasmos dele, Jodie levava-o ao médico. A Dra. Chaudhry não parecera muito preocupada. Perguntou a Mungo se andava com stresse ou se vivia uma fase de maior ansiedade. Jodie começou-se a rir — não o habitual riso afetado, mas um risinho nervoso que piorou quanto mais o tentava segurar. Era contagiante, e Mungo

começou-se a rir por ver o esforço que a irmã fazia para manter a pose. A Dra. Chaudhry irritou-se e acusou-os de a fazerem perder tempo. Jodie lá se conteve e desculpou-se, disse que sim, achava que Mungo andava com stresse e que não era propriamente novo.

A médica afirmou que os espasmos musculares da cara não eram preocupantes, ou melhor dizendo, ainda não eram. Recomendou-lhes que reforçassem a dieta de Mungo com vitaminas e magnésio, mas, se a situação não se acalmasse em seis a nove meses, deviam-na voltar a ver, pois podia indicar lesões nos nervos ou, com maior probabilidade, síndrome de Tourette. Catorze meses passados, Mungo não tinha voltado à médica. Preferia não saber e viver na vaga esperança dos ignorantes — rezando para aquilo um dia lhe passar, como a acne juvenil.

— Não sei — retorquiu Mungo.

Nesse momento, surgiram cinco homens no cimo do trilho. Passaram debaixo do arvoredor, ia-os alumando a luz diáfana do dia. Cada um caminhava de pernas arqueadas, taco de golfe ao ombro, na direção dos jovens namorados. Mungo paralisou. James parou os amassos com Ashley e olhou para os homens que avançavam, tentando perceber se eram mândios ou golfistas a sério. Os rapazes equilibraram-se impercetivelmente nos calcanhares. Conforme os tipos se iam aproximando, um deles baloiçava o taco como se os miúdos fossem matagal e quisesse abrir caminho por entre eles. Mungo recuou e pisou a relva, os tipos passaram por eles sem acontecer nada. Mungo e James entreolharam-se. Só descolaram dos homens quando estes desapareceram de vista.

— Então, de nós de quem é que gostas? — perguntou Angelique.

— O quê? — Mungo virou-se para a rapariga. — Acho as duas lindas.

— Pois, mas não nos podes beijar às duas, não somos cá nenhuma oferecidas.

— Eu é que devia ir com ele — disse Nicola, que tinha o aparelho dos dentes cheio de chocolate. — Andei co irmão dele.

— Queres ver que tens de correr a família toda?

— Ná. É só que toda a gente já sabe que andei cum Hamilton. Este não conta como outra pessoa. Só conta metade. É menos mau.

— *Wie du willst* — disse Angelique num alemão áspero. Agarrou novamente na revista e folheou-a. — Mas a mim é que não me apanhas nos arbustos à coca por vocês.

Nicola saltou do banco e estendeu a mão como se Mungo lhe tivesse pedido para dançar. A determinação dela aterrorizava-o. Levou-o pelo trilho a uma zona lamacenta rodeada de densos rododendros. A meio, uma escuridão meio sombria. Ela nem hesitou e agarrou-se a ele.

Nicola era um bom bocado mais alta que James, o que obrigou Mungo a arquear as costas e a pôr-se nos bicos dos pés quando ela desceu e fixou a boca na dele. Cheirava a champô de maçã e parecia viver numa casa de fumadores. Mungo sentia-lhe as pontas dentadas do aparelho quando ela abriu tanto a boca que parecia a tampa de um caixote do lixo.

Mungo tentou corresponder ao que ela fazia e começou a contar para trás, começando no mil. Estava nos 944 quando ela o afastou. Nicola começou a estalar os lábios cheios de chocolate, como se tivesse sentido o sabor de alguma coisa de que não tinha gostado. Mirou-o no escuro. Nas pupilas, esmorecendo algures bem longe, nela cintilava a derradeira luz do dia.

Mungo ficou logo a seguir à curva a vê-los pela chuva miudinha. Levantou um bocado de tinta verde agarrado à vedação enferrujada e, enquanto via as miúdas que se riam, remexia a lasca entre a unha e o sabugo, cerrando os dentes quando a lasca lhe penetrou a pele macia.

As raparigas debatiam-se à ombreira, duas empurravam para dentro e a mais baixinha tentava-as impedir. Parecia uma briga, mas davam gritinhos de contentamento e falavam tão alto que as mulheres tinham vindo às janelas. Nicola passou facilmente por cima da cabeça de Ashley e carregou com o dedo na velha campainha da entrada. O intercomunicador chiou. O som foi levado pela rua estreita, «triiiiii-iii-iii-iiii, triiiiiiii-ii, triiiiiiii-ii».

— Eu mato-te — sibilou Ashley, mas via-se que estava contente. Virou-se para desatar a correr, mas Nicola agarrou-lhe no capuz do anoraque, e ela teve de cobrir a cara com os dedos cheios de anéis, abertos o suficiente para ver o que se passava. — Vou morrer de vergonha.

— Sim? Está aí alguém? — Era a voz de James, tão amistosa como as dos homens a masturbarem-se na linha telefónica.

As raparigas, aos gritinhos no intercomunicador, faziam-lhe declarações de amor à vez e confessavam a paixão absoluta que Ashley sentia. Ashley tentava tapar a boca das amigas, mas elas soltavam-se naquela batalha que ela não queria propriamente ganhar.

— Se vieres ao parque, a Ashley diz que te deixa fazeres a ela *o que tu quiseses*.

Ashley soltou um gritinho.

— Oh. Meu. Deus. Não acredito que acabaste de lhe dizer isso.

Mungo não ouviu mais daquela parvoíce. Estava demasiado entretido a observar a janela do topo. O Sr. Jamieson, de mãos nos bolsos e costas arqueadas de orgulho, baloiçava-se nos calcanhares. À janela, via as miúdas da escola todas tolas a declararem verdadeiro amor pelo filho. Mungo viu desenhar-se-lhe no beijo um sorriso.

Mal ele entrou, Jodie atirou-se a ele:

— Andas outra vez a roer o comando? — Não era uma pergunta, não esperou resposta. Ele boa parte do tempo não tinha consciência de que o fazia, mas gostava de roer o comando cinzento da televisão. Cabia-lhe perfeitamente na boca e conseguia-o empurrar até ao fundo cerrando nele os molares para se acalmar. O plástico fazia um ranger agradável e resistia o suficiente para o morder com a força toda, até vibrar do esforço. Morder o comando nos dentes de trás redirecionava a corrente que lhe corria pelo corpo. Não o fazia havia um tempo. Mas naquela tarde encontrou nisso um conforto íntimo. Jodie fazia um ar irritado a limpar o comando na camisola dele.

Havia seis livros na alcatifa: três de belas-artes, um romance bastante manuseado, um manual de tricotar da ilha da Fair e um livro sobre tecelagem tradicional da Escócia. Cada um estava aberto numa página concreta, presa por um objeto pessoal de Jodie. Ela tinha-os organizado num semicírculo.

— O que é que são? — perguntou ele, amuado.

Jodie pestanejou uma vez, bem devagar.

— São *livros*.

— O que é que vais fazer com eles?

— Vou lê-los.

— Mas como?

Jodie lançou-lhe um daqueles olhares que as mulheres cansadas dão aos miuditos parvos: era difícil dizer se tinha pena dele, se mais pena tinha de si própria por ter de o aturar. Parecia exausta no uniforme da gelataria — todo formal e antiquado, de debrum framboesa e colarinho rendilhado —, mas Mungo notava que precisava de ser passado a ferro, pelo que decidiu lavá-lo por ela. Jodie, que ainda tinha os ganchos que lhe seguravam o chapéu de papel, ia-os tirando e apontava com eles para os livros.

— Para ser franca, arranjei os livros para ti.

— Mas como?

— Eh pá, pára lá de dizer isso. Não é «como», é «porquê». Porque é que tos arranjei. Vais passar a vida toda a falar feito um manfiozinho do bairro?

Mungo atirou com as sapatilhas.

— Não sabia que te dava assim tanta vergonha.

— Mungo, não queres ser alguém na vida? — Jodie perdia a paciência. — Porra. Arranjei-os porque preciso de falar contigo. — Deixou-se cair com força no chão. Sentada no semicírculo, empurrou um dos livros para ele como se fosse um tabuleiro ouija. Era um de capa branca, com desenhos de caixas coloridas umas em cima das outras: *Ellsworth Kelly — O Museu de Arte Moderna*. A capa já tinha amarelecido, mas, quando Mungo consultou o verso da capa, o registo da biblioteca demonstrava que era a primeira vez que fora requisitado.

— Tive de pedir um exemplar à Biblioteca Mitchell. Fiquei uns meses à espera por alguns destes.

Mungo folheou aquelas páginas e páginas cobertas de linhas bem juntinhas, outras desenhadas usando de supremo controlo. Retângulos de linhas finas que colidiam e formavam, repetindo-se em camadas, padrões e

uma profundidade de tom. Tudo aquilo era muito controlado. Mungo achou-as relaxantes.

— Porque é que estás a fazer isto?

Jodie suspirou. Agarrou na mochila e tirou de dentro dela uma carta que parecia oficial. Passou-lha, falando em frases curtas e completas, quase como se assim fossem mais fáceis de analisar.

— Aceitaram-me. Sem condições. Começo em setembro. Vou para a universidade.

— De Glasgow?

— Sim. Vou estudar Biologia.

Ele atirou-se a ela, esmagando-a com o seu peso. Sentiu-a descontrair como se estivesse toda tensa. Recostaram-se ao sofá, e ela também o abraçou.

— Isso é mesmo incrível — entooou-lhe ele no cabelo dela. — Eu sabia. *Eu bem sabia.*

Quando se sentaram, ela chorava de alívio. Corriam-lhe lágrimas pela cara, o cabelo agarrava-se-lhe às faces molhadas.

— Eh pá. Deixa-me contente que fiques contente. Andava preocupada. Recebi a carta a semana passada e não tinha ninguém a quem contar. Aaaah-ah.

Ele remexeu na bochecha, as memórias de James ganhavam tons de culpa. Mungo fora guloso com os seus três dias. Egoísta.

— Esperas só um minutinho? — Antes que ela reclamasse, ele saiu da sala num rodopio. No regresso, trazia um prato com uma sandes gigante. Oito camadas de pão branco, cada uma barrada com uma espessa compota de framboesa. Mungo cortou-a numa forma mais ou menos cilíndrica e em quartos, e coroou aquele bolo com uma vela de anos azul meio gasta.

Jodie batia palmas e contava as fatias de pão espalmado.

— *Huit-feuille*. As minhas felicitações ao cozinheiro.

— Não sei porque é que estás para aí toda contente, mas, se fechares os olhos, aposto contigo que vai saber a pão de ló.

Sentaram-se de pernas cruzadas na alcatifa, e Mungo fez uma ovação quando Jodie apagou a vela. Ela não lhe revelou o desejo que pediu. Tentaram comer uma fatia cada um, mas só Mungo conseguiu dar mais de uma dentada, e a compota escarlate acumulava-se-lhe nos cantos do sorriso.

— Tu. Vais ser. Médica? — Não era capaz de comer, falar e respirar ao mesmo tempo.

Ela agarrou na sandes doce.

— Não, quero estudar o oceano. Vou-me especializar em Biologia Marinha. Isso tenho a agradecer ao gordo do Gillespie. Todo o tempo que passei na costa do Ayr me fez perceber que não sei nada do mar.

— Não podes só ver os programas do David Attenborough e estudares assim? — Mungo meteu mais pão na boca. — E pergunto-me eu. Quanto tempo. Leva a camioneta?

— Aonde? Para a costa?

— Não. Até à universidade. Sabes que vais ter de mudar de camioneta na cidade, não sabes?

Jodie desviou o prato.

— Não vou apanhar a camioneta.

— Mas não podes ir tão longe *a pé*. — A estupidez dela deixava-o incrédulo. Jodie nunca era estúpida.

— Pois não, tens razão. — Limpou os cantos da boca. — Preciso de me mudar para o West End. Para as residências universitárias, como os outros alunos.

Pelo espírito de Mungo passou de relance uma imagem de James.

— Mas eu não me posso mudar.

— Eu sei. — Ela tirou-lhe o cabelo do rosto. — As residências têm camas para uma pessoa. Tenho de ir sozinha. Vais ter de cá ficar. Aaaah-ah.

— Oh. — Várias expressões lhe passaram pela cara. Foi da felicidade à incredulidade e, por fim, para disfarçar a sensação de rejeição e o embaraço, apertou estoicamente a boca e as pálpebras.

— Mungo, estás a deitar sangue por todo o lado! — Jodie levantou-se logo. Havia sangue na alcatifa e na capa do livro do Museu Ellsworth Kelly. Jodie não queria que acontecesse nada ao livro. Guardava os dela quase todos no quarto, na segurança das suas vidas duplas a servirem de bases para copos ou de pás para varrer as cinzas dos cigarros. Jodie tomou a mão dele, que sangrava, na dela. — Tens um bocado de metal enfiado no polegar.

— Tenho?

— Como é que não sentes, Mungo?

Jodie puxou com os dentes a lasca de tinta do sabugo. Não pensou duas vezes e enfiou o polegar dele na boca, para lhe sugar o sangue. Mungo sentia-lhe a língua ligeirinha a afligir-lhe a ponta da unha. Ela afastou-se e voltou a olhar de perto.

— Meu grande tolo. Como é que não sabias que tinhas um bocado de metal na unha? Tens de levar a vacina do tétano.

— A mim não me dóia.

Ela apertava a unha, examinando-a para ver se tinha ferrugem e limpando o sangue que saía.

— Quando é que te vais embora mesmo?

— O quê? — Na preocupação com o dedo dele, tinha-se esquecido completamente da novidade. A alegria que invadira antes a cara dele fora-se. A bochecha já lhe tremia, os olhos ficavam encarnados da mágoa que tentava esconder dela.

Jodie sentou-se na cadeira confortável da Mo-Maw. Puxou Mungo a si. Ele começou por resistir, mas ela não o largou.

— Anda lá. Nunca somos demasiado grandes para recebermos um miminho. — Pôs o irmão ao colo e aconchegou-o. Era bem mais alto que ela. As pernas desengonçadas dele contorceram-se até ficarem enroscadas que nem gatos siameses, embaladas na moleza da cadeira estourada. — Estás a ficar pesado de mais para isto. — Ela pegou-lhe no dedo que sangrava e meteu-lho na boca. Ele chupou-o um bocado. Sentia o sabor da saliva dela a compota de framboesa. — O meu bebezinho está a ficar grande.

— Poxo-te ir vixitar? — Ele ciciava de dedo na boca.

— Sempre que te apetecer. Até te embalo assim à frente de desconhecidos, se te apetecer.

Ele brincou com o rabo de cavalo dela.

— Parabéns, Jodie. Deves ficar orgulhosa de ti. Não te queria estragar.

Ela apontou com o pé para os livros no chão.

— Achei que podíamos conversar sobre coisas que te dessem ideias.

Ele tirou o dedo da boca para ver se ainda sangrava. Já não, mas continuou-o a chupar. Desatou a mordê-lo, a moê-lo, a testá-lo, e depois a apertá-lo nos dentes de trás.

— Gostas de desenhar, não gostas? Talvez possas aproveitar isso quando saíres da escola.

Mungo fixou os livros. Tombou outra vez a cabeça e aconchegou-a ao ombro dela.

— Não. Não sou inteligente como tu.

Jodie ouvia-lhe os molares a rangerem no dedo, o que lhe arrepiou os pelos da nuca.

— És mais inteligente do que achas. E perfeitamente capaz. — Apertou-

o. — Eh, isto é por causa da Mo-Maw? — Mungo não lhe respondeu. Jodie observava o irmão, que foi desviando o olhar à televisão sem som. Algo nos olhos dele se esmorecia. Ela escusava de perguntar se era por causa da Mo-Maw. Tudo neste miúdo era por causa da mãe. Ele vivia para ela de uma maneira que ela nunca vivera para ele. Como se a Mo-Maw fosse uma marionetista com os fios dele enredados nas mãos. Ela animava cada gesto dele: o sorriso tímido, os nervos vibrantes, o morder da ansiedade, a preocupação, o querer agradar, a forma como ele se minimizava estivesse onde estivesse, o modo expectante como se ficava à beira antes de se entregar, e a bondade, aquele grande, tão grande amor.

Jodie encantava-se muitas vezes com isso, mas sobretudo detestava a maneira como ele dava amor à Mo-Maw sem pensar em lho retribuírem. Ou talvez a enchesse de tanto e tanto amor na esperança de ter uma partezinha em troca, como se o amor dele fosse uma moeda subvalorizada. Aquilo fazia-a pensar nas miúdas das aulas de Economia Doméstica que voltavam das férias de verão com o cabelo cheio de trancinhas às missangas e bronze escarrapachado das coxas à ponta do nariz, até pareciam doridas. Duas semanas em Benidorm e já falavam de ser milionárias, mas aquela riqueza recente era em pesetas e Jodie sabia que valiam o mesmo de sempre.

Frustrava-a a capacidade de Mungo amar. O amor dele não era altruísmo: ele pura e simplesmente não o conseguia evitar. A Mo-Maw precisava de tão pouco e ele produzia tanto que parecia um desperdício insuportável. Uma colheita que ninguém semeara, rebentando numa vinha de que ninguém cuidava. Devia ter mirrado anos antes, como o dela, ou o de Hamish. Mas Mungo tinha todo aquele amor para dar, que ficava nele como fruta madura por apanhar.

A Sra. Campbell dissera uma vez que o perdão de Mungo era bíblico, mas Jodie queria lá saber da Bíblia, achava estúpido que se aproveitassem

tão facilmente dele. Achava isso um pouco triste e fraco. O irmão tinha todo aquele amor e perdão por uma mulherzinha endiabrada que pensava antes, depois e nos intervalos em si própria. Era uma mãe péssima. Jodie não gostava de dizer isso de outra mulher, mas era. Péssima. Hamish sabia. Jodie sabia. Perguntou-se quando é que Mungo ia descobrir.

Ele deu um suspiro que fez tremer os ossos de Jodie. Ela via-lhe a televisão refletida nas íris cristalinas: as pupilas dilatadas, o olhar desfocado.

— Gostava que falasses comigo, Mungo.

Ele respondeu-lhe sem olhar para ela.

— Falo contigo todo o santo dia.

— Não. Gostava que me disseses o que é que estás a sentir.

— O que é que estou a sentir? — Pensou um instante e respondeu: — Estou outra vez com fome. Mas não me apetece levantar.

Jodie afastou-o.

Era o caçula da Mo-Maw, mas também dela, sua aia e confidente. O único espelho que a favorecia, o seu diário de adolescente, o cobertor elétrico, o capacho de entrada. O seu melhor amigo, o cão que ela raramente passeava e a sua maior história de amor. O seu gáudio numa manhã cinzenta, a única gargalhada do público dela.

Jodie voltou a desviá-lo, mas Mungo resmungou e aconchegou-se mais nela.

O irmão era a lua secundária da mãe, o seu sol mais quente, e, ao mesmo tempo, um satelitezinho pequenino que ela descurara. Orbitava nela uma eternidade, mesmo enquanto ela, e depois ele, se destruíam.

Jodie tocou-lhe na ponta do nariz.

— *Sputnik*.

— O quê? Xiu. Estou a ver isto.

Jodie passou-lhe os dedos pelo cabelo. Mungo cheirava a um desodorizante novo e estranho, animal e chamativo. Era o tipo de perfume em que os rapazes do ano dela se enfrascavam, cheios de feromonas e a anunciar brigas ou meter dedos. Não combinava com ele. Ela cheirou-lhe o cocuruto.

— Pára lá com isso! — Ele mexeu-se como se estivesse desconfortável. Ao reinstalar-se lentamente ao lado dela, teve o cuidado de não a apertar. Jodie pensava como Mungo se moldara tão completamente a Mo-Maw, como ela o transformara na peça exata que lhe faltava, e agora que já não precisava dele, ele ficara preso a esta forma estranhamente concreta. Perguntou-se o que reservava o futuro ao maninho. Que mulher ia agora amá-lo? Queria que fosse alguém que lhe reconhecesse a sua beleza e timidez. Alguém que se sentisse privilegiada pela atenção tácita que ele dava, que aceitasse todo aquele amor e o guardasse bem consigo. Haveria raparigas que iam querer ser mães dele para sempre, cativas daquele olhar afundado e desamparado numa qualquer necessidade primitiva de cozinhareм e limparem para ele, de cuidarem dele. Outras que o iam explorar, tão desanimadas consigo próprias que iam ver no amor dele por elas uma fraqueza, algo por que devia ser castigado.

Mungo focou o olhar. Virou a cabeça, e os olhares dos dois cruzaram-se. Franziu a testa.

— Para quem é que estás a olhar?

— Para ti. Mungo. Gosto de ti. És dos bons.

Mungo pareceu um pouco surpreendido.

A atenção de Jodie voltou aos livros do chão.

— Eu sei que ela não quer saber de ti. Mas isso não quer dizer que não queiras saber de ti próprio.

— Bhlec! Foste buscar essa bodega a que revista de gajas? — Mungo

limpou o dedo às calças. — Pois, mas acho que vou vender pastilhas para o Hamish. Consegue-se bom dinheiro nisso.

Jodie deu-lhe uma pancada no meio do peito, que o fez pestanejar de choque.

— Ouve lá, Mungo, dou-te colo sempre que quiseres. Podemos ter oitenta anos e tu estares sentado no meu joelho até me partires as ancas, está bem? Mas uma coisa te peço: não te metas nas embrulhadas do Hamish.

Mungo, lentamente, anuiu. Ela percebia que mentir-lhe o atormentava.

Jodie deixou cair o tema da educação, na esperança de que, se ali os livros, ele sozinho os ia começar a cheirar. Ficaram sentados, aconchegados um no outro, a ver o fim da telenovela *EastEnders*. Jodie comeu o resto da fatia dela do bolo de pão só para lhe agradar. Foi-se deitar e não conseguia dormir, na agitação do açúcar e na culpa que sentia por causa do irmão.

— Foda-se, onde é que tu estiveste? — Hamish arregalou os olhos e deixou Mungo entrar na casa dos McConnachies. Ia o dia a meio, e ele trazia um par de *boxers* pendurados no corpo seco, a agitar as pernas magras e musculadas. Deixou-se cair na ponta do sofá e continuou a ver o programa de televisão, uma porcaria infantil com bonecos aos guinchos em cima de uma lua de queijo.

Adrianna, na espreguiçadeira, mirava o pai. A bebé gorgolejava, de mão gorda na boca e queixo babado. Descalço, Hamish ia empurrando a espreguiçadeira, dando-lhe gás feito maquinista a quem disseram que não pagavam as horas a mais. A televisão distraía-o, o que o fazia empurrar com demasiada força. Na mesa, havia uma quantidade respeitável de anfetaminas, que ele andava a dividir em saquinhos transparentes.

Mungo perguntou-se há quanto tempo andaria ele naquela adrenalina

crónica.

Hamish perguntou-lhe outra vez:

— Onde é que estiveste?

— Em lado nenhum.

— Há quatro dias que disse à Jodie que precisava da tua ajuda.

Mungo imitou o arrulhar que ouvira a Sra. Campbell fazer aos netos. Arrancou a bebé da espreguiçadeira antes que Hamish a magoasse e afastou-se logo para o lado, com medo de tapar a televisão e os ratos aos guinchos. A bebé estava toda molhada do suor, e ele despiu-a, sabendo que era melhor o ar frio e seco que ficar húmida e quente no *body*.

Os ratos descolaram num foguetão. Hamish inspirou bem fundo, como se se tivesse esquecido de respirar e descobrisse de repente esse truque. Olhou para o monte de anfetaminas na mesa, e para o irmão e a filha. Mungo só falou quando lhe dirigiram a palavra.

— Então, por onde é que andaste? — Hamish mordia o beijo.

— Por aí. — Mungo encharcava a menina em pó de talco, a bebé pestanejava de surpresa. Passou-a pelo pó como se passasse frango por pão ralado.

Hamish apontou com o braço para as anfetaminas.

— Olha lá, toma atenção a isso. — Pensou duas vezes e tirou-lhe o talco. Soltou a tampa, adicionou um bocado de talco às anfetaminas, mexeu. Passou o dedo, lambeu-o para ver se tinha exagerado. E encolheu-se todo.

— É perfumado.

— Pois, percebi isso agora. Como assim, «por aí»?

Mungo enrolou a bebé numa toalha e sentou-a ao joelho, contente por ter aquele talismã entre si próprio e Hamish.

— Sei lá eu, ando por cá, por onde é que havia de andar? — Tentou-se desviar do interrogatório. — Precisavas de alguma coisa?

— Se eu precisava de alguma coisa? — Hamish fez um ar irritado. — Precisava agora. Ando aqui a tentar montar um negócio de família e a tomar conta duma pirralha que passa o tempo todo a chorar. Entretanto, não posso levantar a cabeça porque dei cabo dum bófia só por queres andar a brincar aos doutores e enfermeiras cum ruivo que snifa cola. Ná, Mungo. Tou ótimo. Obrigadinho por perguntares, mas cá me vou arranjando.

Na televisão, dois ursos de peluche liam um livro um ao outro enquanto um tipo loiro e parvalhão fingia não estar surpreendido. Hamish viu um bocado daquilo e ia circundando a boca com a língua. Parecia incapaz de não morder os lábios.

— É uma miúda?

— É uma miúda o quê?

— Com quem tu andas «por aí», caralho.

— Não.

Hamish pestanejou uma vez atrás das lentes grossas. E riu-se, um riso fundo, falso, feroz.

— Tou a ver que hoje tás-te a sentir todo destemido. Gosto disso. Mas mesmo coa minha filha ao colo eu dou-te um tabefe. Por isso, faz-me lá o favor de te deixares de merdas.

— Hamish, só tenho andado por aí. Fiz um amigo.

— Ah, tou a ver. Eu ando aqui a preparar-me prà guerra e tu a brincar que nem um miúdo. Gostaste de andar a fazer bolos de terra? Ou és daqueles pirralhos que andam a lançar papagaios no parque? — Hamish não estava à espera que alguém se risse. — Quem é ele?

— Não conheces. — Mungo fazia o esforço de parecer tranquilo.

— Experimenta.

Mungo sentiu que tinha chegado ao fim do caminho.

— Chama-se James.

Hamish chupou os dentes da frente.

— O pequeno do Jimmy Gilchrist? O coxo? O gémeo do Rabbie's? O fixolas? Vá, não me faças adivinhar. O Jimmy, *qual* Jimmy?

— O James Jamieson.

Em novos, havia uma máquina de jogo no bingo predileto da Mo-Maw. A Mo-Maw chamava-lhe «a ama-seca» e, em troca de vinte minutos de paz, dava a cada um deles um punhado de moedas. Púnhamos uma moeda e ouvíamos-la ir batendo numa série de cavilhas, a chocalhar na barriga da máquina. A queda demorava uma eternidade até que a máquina se iluminava e nos cegava com as luzes berrantes. Às vezes, a moeda saltava nesse seu longo trajeto, falhava o gatilho e saía da máquina. Hamish odiava quando isso acontecia, essa antecipação seguida da desilusão, e para o evitar soprava e polia as moedas até reluzirem, acreditando que fazia diferença. Mungo estava agora tenso a olhar para ele, à espera que caísse a ficha a Hamish. Tinha esperança de que a ficha passasse por ele sem disparar a máquina, e Mungo podia então fingir que a ficha caía ao chão e o nome de James tinha ido parar debaixo do sofá.

— O James Jamieson? — Hamish abanou a cabeça. Os óculos subiram-lhe ligeiramente ao franzir o nariz, primeiro da memória e depois do asco. — Tás-me a falar daquele papistazinho? — Todo ele agora fervia e, ao levantar-se de um salto, levou o braço atrás.

Mungo encolheu-se na cadeira, cingiu os joelhos e segurou a bebé entre os dois. Hamish tentou-lhe chegar à volta da menina, que se ria, mas Mungo mexia-a depressa como se fosse um escudo humano.

— Somos só amigos. Só andamos por aí os dois. — Quase gritava. Hamish recuou, abriu as mãos, o sangue afluiu-lhe novamente aos dedos. Começou a calcorrear a sala. Mungo sabia bem que não devia falar a não ser que lhe dirigissem a palavra. Não ousou baixar o escudo contentinho.

Quando Hamish abriu a boca, estava sentado à borda da mesa de centro, de joelho encostado ao do irmão e ao mesmo nível dos olhos da filha. O braço do sofá era uma trapalhada de roupa de bebé lavada. Hamish pôs-se a dobrá-la cuidadosamente e a dizer mimos à filha como se Mungo nem ali estivesse.

— Vais deixar de andar com ele.

— Vá lá, Hamish.

— Ouve. Tu *vais* deixar de andar com ele.

— Já não podes mandar em mim.

Hamish assentiu uma vez, Mungo viu-lhe os músculos dos ombros retesarem-se e relaxarem. Hamish sussurrava baboseiras queridas à bebé, que se babava:

— *Quem é a minha coisinha mai' boa, quem é?* — Acrescentou em voz baixinha: — Vais deixar de andar com ele e, este sábado à noite, vais estar ao meu lado quando os Billies rebentarem a boca aos Bhoystons.

— Mas eu não tenho mais amigos.

— *Quem é a mais linda do papá?* Era disto que andávamos à espera. Os nossos dois melhores guerreiros voltam dum biscate que andaram a fazer em Liverpool. Andam há meses a foder-nos o juízo. Vais lá tar e meter uma navalha àqueles filhos da puta fenianos.

— Não percebo, Hamish. Porquê? Porque é que temos de andar à bulha com eles?

Hamish deu um beijo na barriga gordinha da bebé.

— *Tás a ficar cuma barriguinha g'ande como a da mãe, tás ou não tás?* O James Jamieson vive nos prédios do relvado das traseiras, não vive? Não é ele que tem um pombal atrás das casas novas?

Mungo queria tudo, menos responder àquela pergunta.

— Quem sabe.

— Quem sabe?! Ah! *Ai, co teu tio Munquinho acha que é durão.* — Hamish voltava a dobrar as pecinhas de roupa. — Quem sabe! — Ria-se de si para si. O súbito atrevimento do irmão deixava-o verdadeiramente impressionado. — Julgas-te esperto como a porra, é? Mais esperto que os outros? — Abanava a cabeça. — Pois és mesmo cópia da Jodie Hamilton, és, ah pois és. Eu há muitos anos que devia ter cortado o mal pela raiz.

— Eu só disse que não percebo porque é que temos de andar à bulha com os católicos.

— Sabes que o problema da Jodie é achar que tamos abaixo dela. Ela sempre achou isso. Anda só a marcar passo até meter o cu daqui pra fora. Achas que, quando chegar onde quer, ela te vai dirigir a palavra?

— Ela é minha irmã. Há de ser sempre a minha irmã mais velha.

— Aposto que a Jodie nem pensa em ti como irmão. Pensa em ti como o puto que não queriam e que lhe atiraram prò colo pra ela educar. E tá farta, fartinha disso. Isso é que é ressentimento.

— Não é verdade.

— Espera só até ao dia em que deres de caras com ela por aí e ela atravessar prò outro lado da rua pra te evitar. A Jodie mal pode esperar pra sair de ao pé de ti. Aposto cem paus contigo.

Mungo encostou-se na cadeira. Apertou a bebé nos braços, a cabeça dela tinha o cheiro fofo a talco e leite em pó. Os irmãos ficaram um bocado sentados e calados. O parvalhão da televisão colava uns rolos de cartão do papel higiénico e fazia um telescópio para crianças. Hamish mirava-o de boca pendurada. Mungo não podia fazer mais que esperar.

Hamish não se virou para o irmão. A maneira como o homem convertia lixo em preciosidades hipnotizava-o.

— Tás-me a ouvir, Mungo?

— Sim.

— Escuta então o que eu te digo: se não me apareces no sábado à noite, eu vou ao pombal. Vou, tranco esse papista e deito fogo ao pombal co ele lá dentro. O James Jamieson bem pode berrar pla mãezinha que vai assar. — Hamish fez uma pausa e perguntou: — Percebestes?

Mungo assentiu, apesar de Hamish não estar virado nem a olhar para ele.

O homem da televisão colava bocados de película azul e rosa à extremidade do telescópio de papel, de repente transformada num caleidoscópio. O ecrã enchia-se de cores engraçadas. Hamish sorria feito louco. Virou-se e pousou a mão calma no joelho de Mungo. Ia passando a língua pela boca, a pensar no que Mungo lhe perguntara.

— Quanto à tua outra pergunta, de andarmos à bulha cos católicos. Tem a ver, sei lá, coa honra? Co território? Coa reputação? — A bebé esticou-se e agarrou o mindinho de Hamish, que fez um sorriso puro. — Pra ser sincero, não sei. Mas diverte a gente? Foda-se, se diverte.

Mungo, em dois dias, fez três peregrinações à Glasgow Cross. Levou quarenta e cinco minutos a pé e, derribado, uma hora e vinte a arrojar-se até casa.

A casa de penhores escondia-se numa viela suja atrás da Saltmarket, nuns quantos estabelecimentos de fachadas meio fechadas, onde os donos tentavam ganhar a vida, e um bar baratucho a contornar a esquina. De vez em quando, um homem vinha feito cuco cá fora, à luz do dia, piscava os olhos ao céu como que a adivinhar as horas e, percebendo que o tempo húmido continuava na mesma, arrastava-se outra vez para dentro. Mungo tinha ficado todo contente por conseguir vislumbrar o bar e catar um grupo de mulheres rijas a dançarem todas juntas, girando pelo chão que nem máquinas de lavar à solta.

A viela dava a sensação de um atalho, um corta-mato do mercado de Briggait ao de Barras. Mungo comprou um cone de batatas fritas e encostou-se ao poste. Gostava de ficar a ver pessoas de diferentes tipos a passar: as donas de casa e os vendedores ambulantes, manhosos *yuppies* e agarrados manhosos. De uma porta lateral, saiu uma trupe de dançarinas de meia-idade, de calçado de sapateado e *bodies* prateados. As mulheres iam rua abaixo a rir-se e a rodopiar, contavam uma piada privada e iam passando um cigarro entre si. Ao passarem por Mungo, de sorrisos nas bocas encarnadas, bateram os pés à volta dele.

Em cada uma das viagens, Mungo atentava, em diferentes posições estratégicas, na casa de penhores mas sem nunca ter visto a mãe, e ainda

tinha de arranjar coragem de lá entrar. O exterior bordô cobria-se de letras douradas, propondo, orgulhosas, «as melhores ofertas por joias de senhora» e uma «grande seleção de anéis de noivado». Mas, ao espreitar as montras encerradas, Mungo só via o que lhe parecia ser quinquilharia atirada ao lixo. Uma das montras tinha televisões e pilhas de aparelhagens, uma salganhada de aparelhos eletrónicos obsoletos, enrolados nos próprios cabos como se os tivessem desinstalado à pressa. Noutra, um sortido de instrumentos musicais pesadões e outro de ferramentas: uma rebarbadora usada, plainas antigas e uma orgulhosa prateleira de x-atos que lembravam Mungo dos putos de Hamish. Um expositor de molduras e caixas de joias, pesadas bagatelas de metal baço, não lhe pareceu ter valor nenhum, mas, mirando a etiquetazinha do preço, endireitou as costas de choque. Havia um expositor de máquinas fotográficas com bom aspeto, das que Mungo nunca vira ninguém usar no mundo real.

Mungo fingia apreciar uma prateleira de colheres de batismo, mas mirava antes era o tipo atarracado atrás do balcão. Era difícil ver grande coisa do Jocky. A luz de dentro era fraca e ele estava concentrado a contar o dinheiro, seguro atrás do vidro de segurança.

Mungo já quase ganhara coragem para entrar quando uma carrinha saltou a berma do passeio num solavanco. Um jovem aprendiz de jaqueta preta dela saiu disparado e entrou na casa de penhores, arrastando o que seria um saxofone ou uma tuba num estojo gasto. Mungo afastou-se e voltou à montra.

— Olha, desculpa. Sabes-me dizer como é que os penhores trabalham?
— perguntou um jovem, de voz afetada.

Esta voz ao lado sobressaltou Mungo, que se virou.

O jovem, especado diante das máquinas fotográficas japonesas, fazia a expressão sábia e serena de quem talvez as soubesse usar.

Respondeu-lhe Mungo:

— Não. Desculpe. Nunca pus nada no prego.

— Pronto. Então, obrigado. — O corpo do jovem, alto e anguloso, nadava-lhe numa parca um tamanho acima do dele. Tinha o cabelo preto demasiado comprido, mas de risca perfeitinha. Curvou a boca, apreensivo.

— Não há de ser assim tão difícil — disse Mungo. — O que é que tem para pôr no prego?

O jovem deslizou do ombro o saco de viagem. Abriu-o com cuidado, e Mungo espreitou-lhe o interior. Aconchegada nuns panos macios encontrava-se uma coleção de bibelôs de porcelana, na qual reconheceu uma pastora recatada e uns quantos gatos na brincadeira.

— Não faço ideia de quanto pedir.

— Nem eu. — Mungo encolheu os ombros. — De quanto é que precisa?

— Do máximo que conseguir. Na semana que vem, começo um curso de cabeleireiro. Queria comprar umas tesouras novas e outros utensílios.

Mungo voltou a mirar a montra, pois achava ter visto um par de aparadores elétricos algures. Demoraram-se a examinar o estabelecimento, e o aprendiz a regatear com o Jocky. O operário gesticulava de maneira vivaz, como se contasse uma patranha quanto à história do saxofone, mas a expressão do Jocky mantinha-se impávida.

— A minha mãe nunca foi grande fã dos penhores. — O jovem disse-o como se falasse sozinho. — Achava-os rasteiros, ordinários. Dizia que são um mal necessário.

— Porque é que não lhe pergunta como é que estas casas funcionam?

Os olhos do jovem cruzaram-se com os de Mungo e de novo se desviaram.

— Pois. Não posso.

O aprendiz saiu disparado do estabelecimento, agarrado a um pequeno

maço de notas:

— O senhor é um piratazinho, um parasita. Anda a enganar gente boa, quer ficar coa porra da riqueza de quem trabalha. Devia ter vergonha nessa cara. — Bateu a porta com tal força que as persianas das janelas chocalharam. O aprendiz virou-se para Mungo:

— Escuta, amigo, não percas tempo. Se tens coisas pra pôr no prego, vai a outro lado. Aqui é só ladroagem. Até cos dentes da tua avó ficava.

Mungo ficou sem palavras nem fôlego. O operário tinha pestanas grossas e negras, os olhos de um azul tão claro que Mungo não conseguia deixar de olhar. Não estava preparado para a rara beleza daquele homem. De lábios generosos num queixo forte, até na raiva tinha um sorriso tolo, e os olhos cintilavam-lhe.

— Não falas, parceiro? — Algo no sorriso cúmplice que o jovem fazia a Mungo dizia estar habituado a exercer aquele efeito nos outros. — Vou ter de invocar os espíritos pra falar contigo?

Quando Mungo voltou a si, era tarde, e forçou os músculos dos olhos a não o atraíçoarem.

— Sim, consigo falar. Ouvi o que disse.

O jovem moreno e agitado avançou.

— Oiça. Se não devo deixar os meus artigos aqui, sabe onde é que os posso levar? — Inclinou o saco ao aprendiz, que, espreitando o interior, não parecia convencido.

— Gamaste a loiça boa da tua mãezinha pra andares a comprar cavalo?

O cabeleireiro eriçou-se.

— Não. Claro que não.

O homem sorriu. Mungo teve de desviar os olhos para não continuar a fixar o olhar nele. Iria sonhar com este tipo, pensar nos dedos grossos dele

metidos nos bolsos das calças de ganga, naquele pescoço musculado irritado pela lã áspera do casaco. O homem riu-se.

— O que é que se passa com vocês dois? É a primeira noite que passam aqui no planeta Terra? — Voltou a olhar para dentro da mochila. — O Jocky é melhor pra vender naifas e um ou outro oboé. Se eu fosse a ti, levava isto ao West End, vai antes à Byres. Há por lá umas casas giras e umas lojas de velharias. Parece impossível, mas até há quem venda as merdas dos outros. — Nisso o aprendiz meteu o dinheiro no bolso do peito e entrou a passos largos na carrinha. O motor ganhou vida num grande e ruidoso estremeção.

O aprendiz inclinou-se à janela da carrinha e disse ao cabeleireiro:

— Olha lá, ó tu aí das bugigangas, vou no sentido do Finnieston, posso-te dar boleia. Se não te incomoda andar um bocado, deixo-te perto do West End.

O jovem assentiu e deu a volta à carrinha para entrar no lado do passageiro. O aprendiz, que mirava Mungo, pôs-se de fora da janela e bateu com a mão na porta, para o rapaz se aproximar. Mungo foi ter com o aprendiz, que lhe perguntou:

— Que idade é que tu tens?

Mungo vacilou um instante.

— Quase dezasseis.

O tipo sorriu, Mungo sentiu que a pulsação lhe acelerou. O aprendiz apontou para o lado da carrinha.

— Consegues ler o que diz ali?

Mungo fixou o ponto para onde o tipo apontava. «Davey MacNeil. Canalizações, casas de banho e cozinhas. Rapidez e bons preços. Rua Duke. Telefone: 554 6799». Mungo fez que sim, sentindo-se desorientado.

— Sim, consigo.

— Não te esqueces?

Mungo voltou a mirar os dizeres.

— Não. Então?

— Boa. O meu nome é Davey. Quando fizeres vinte e um, posso-te convidar pra um copo? Dás-me uma apitadela? — O aprendiz piscou-lhe o olho, com um brilho malandro no olhar azul. Mungo deve ter assentido sem saber. Davey soltou o travão de mão e lá foi a carrinha, que Mungo viu entrar no trânsito do fim do dia.

Uma nova voz cortou-lhe os pensamentos.

— Eh. Que andas tu a aprontar, sócio?

Mungo rodou os calcanhares. Era o Jocky, de martelo na mão, à porta do estabelecimento.

— Vi-te aqui a semana toda, só à coca da loja. És do gangue dos cabrões dos Tongs? Achas mesmo que me és capaz de roubar?

Mungo abanou a cabeça.

— Não. Não sou do Calton. O senhor é o Jocky?

— E se for?

— Ando à procura da Maureen Buchanan. Sou o Mungo. Filho dela.

Mungo não sabia bem o que esperava, mas pressentia que o homem ia ficar incomodado com o súbito aparecimento dele. A Mo-Maw fizera-lhe crer que o Jocky não apreciava as complicações da vida dela, que Mungo e os irmãos eram como os pratos sujos que ela jogava debaixo da cama com os pés e escondia atrás da colcha. Mas o Jocky surpreendeu-o ao baixar o martelo e dizer:

— Pois. Queres chá?

O interior do estabelecimento estava mais atafalhado que as montras. Havia um batalhão de aspiradores verticais numa parede, e atrás do vidro de segurança, os estojos de anéis prometidos no letreiro. Mungo observou-os

de perto, nada sabia das tendências nas joias para senhora, mas todas as mulheres que conhecia tinham mãos ágeis e assoberbadas, ao passo que estes anéis pareciam pesados e nada práticos. O Jocky trancou a porta, conduziu Mungo por trás do balcão a um armazém nas traseiras. Passou duas canecas por água e encheu a chaleira elétrica. Uma calha de vestidos de noiva ganhava pó.

— O senhor vende tudo?

— Sim. Se se ganha dinheiro, de tudo. — O Jocky deitou na chávena colheres cheias de leite em pó. — Mas o importante não é vender, é ter. Açúcar?

Mungo aceitou.

— Nunca tinha estado numa casa de penhores.

— Ah, é o que é. Um grande armazém. É emprestar dinheiro, não é? — O Jocky ofereceu um biscoito a Mungo, que agarrou num e Jocky lhe deu logo outro. Apontou para um banquinho baixo onde Mungo se podia sentar. — Aquele tipo com quem tavas a falar. Passa de vez em quando por cá co trompete. De todas as vezes finge que eu nasci ontem. Mas eu só lhe dou uns trocos por aquilo, e quando chega ao dia de receber o ordenado, vem cá comprá-lo outra vez por pouco mais do que eu lhe ofereci.

Mungo mastigava o biscoito mole.

— Então quanto é que o senhor quer pela minha mãe?

Mungo disse-o como piada, mas o Jocky passou-lhe uma chávena de chá e prosseguiu como se não tivesse ouvido aquilo.

— Isto costumava dar bom dinheiro. De famílias decentes que só precisavam duns trocos para aguentarem até sexta. Agora é só agarrados a sacarem aparelhos de casa das mães pra comprarem cavalo. — Fez sinal a uma pilha de gira-discos. — E quem é que quer comprar coisas usadas? A

malta de hoje quer tudo novo, novo, novo. Partiu? Lixo. Não dá co penteado novo da mulher? Lixo.

Mungo olhou o armazém em volta a uma nova luz. O que de início lhe parecera uma abundância de tesouros à espera de nova casa pareceu-lhe agora um aterro de relíquias que ninguém queria.

O Jocky afundou-se com um gemido no banco. Era atarracado, mas a gordura não lhe tinha abatido a corpulência, preservava até uma certa musculatura: ainda parecia conseguir dar conta de si numa briga.

— O que a bófia nunca pode saber é que eu ganho a vida coas naifas e um revólver aqui e ali. Ainda bem que os Young Teams ainda andam à bulha. Hoje a droga e a violência é que dão dinheiro. O resto, nem pra um geladinho.

Mungo perguntou-se se Hamish alguma vez ali tinha estado.

— Tu sabes que as armas também têm modas, como as roupas? Alguns destes rufias andam como se fossem miúdas às compras em Paris. «Eh pá, não, não quero uma faca das Bowies, os cabrões já andam todos co uma. Quero uma coisa mais elegante, que seja mesmo a minha cara. — O Jocky riu-se e acendeu um cigarro, oferecendo o maço a Mungo, que recusou. Agora que tinham falado do negócio, não parecia haver mais que discutir, a não ser a mulher que os ligava. Nenhum parecia saber como abordar o tema da Maureen. O silêncio, incómodo, prolongou-se. O Jocky deu uma passa. O chá de Mungo arrefecia.

— Não és nada parecido com ela. Coa Maureen, quero eu dizer.

— Eu sei. Ela diz que sou parecido com o meu pai, mas... — Mungo não se preocupou em terminar a frase. — Como é que ela anda?

— Anda bem. Vi-a esta manhã, quando chegou do trabalho. — Lançou uma longa pluma de fumo. — Ela bebe sempre assim tanto?

Mungo ponderou um pouco.

— Bebe menos se a fizer feliz, se a distrair. Anda melhor se estiver à espera de alguma coisa. Não tem de ser nada em grande. Numa sexta, diga-lhe que a leva ao cinema. Que talvez vá com ela às compras à Baixa. Umas pequenas promessas que lhe deem expectativas.

— Já conheces as manhas todas.

— A Jodie conhece-as melhor. Diz que é como tomar conta de um puto pedrado de açúcar.

O Jocky riu-se.

— Tenho aí uma cadeira de bebé.

— Aposto que ela cabia na cadeira.

— Ela nunca me disse que eras engraçado. — O Jocky relanceou o relógio de pulso, uma coisa pesada e prateada que chamava a atenção para o próprio valor que tinha. — Devias subir a estrada e ir vê-la. Já deve de tar acordada. Posso-te dar a morada de casa.

— Não. Não é preciso. — Escondeu o queixo no colarinho do corta-vento. — Posso-lhe pedir um favor? Não lhe diga que eu cá vim. Ela pediu-me que não viesse.

O Jocky inclinou-se em frente no banco, a pança afundou-se-lhe entre as coxas.

— Escuta, parceiro. Eu não sabia que ela tinha filhos. Tou a falar a sério. Mal descobri, dei-lhe uma coça.

— Não. Não faça isso. Não nos queremos intrometer.

— Ah, não foi por isso. Eu só conhecia a tua mãe há umas três semanas. Ela disse-me que gostava do Tom Selleck e de *cocktails* de camarão antes sequer de me contar que tinha filhos. O que é que querias que eu fizesse?

— A sério. Está tudo bem.

— Dei-lhe uma coça pra ela ir tomar conta de vocês. Que mulher é que o não vai pra casa ter cos filhos?

Mungo não sabia que dizer àquilo. A mãe era como um mágico das feiras, sempre a inventar truques, a contrair a barriga ou a fazer caras diferentes a estes homens. Jodie dissera que era como quando McCallum, o padeiro, rodava os bolos de casamento antigos da montra quando a cobertura já tinha ficado amarela do sol. Os pobres dos clientes abriam o bolo de fruta, mas já era tarde para se queixarem de estar elástico, pouco apetitoso e afogado em álcool velho.

O Jocky rodou a chávena e bebeu o resto do chá.

— Acho que ela se preocupa por vocês já não precisarem dela e assim ficar sem nada. Diz que tão a crescer muito depressa. Pra uma mãe, deve ser dureza.

Não era verdade: Mungo achava que ia sempre precisar dela, mas nunca o deixavam admitir em voz alta.

— O meu irmão diz que ela continua com a vida dela, por isso, nós só temos de continuar com a nossa.

Sempre que pensava coisas injustas da Mo-Maw, tentava recordar as histórias que a mãe lhe contara da infância dela. Era a mais nova de quatro raparigas, a mãe morrera e o pai, que carregava carvão no Clyde, agarrara nas filhas e distribuía-as por quem lhes pudesse dar um bom lar.

Numa quarta-feira igual às outras, os adultos chegaram a casa no seu traje domingueiro e levaram as irmãs embora.

Tinham combinado nada lhes dizer. Em vez disso, cada um dos casais planeou um dia passado no jardim zoológico ou a comprar sapatos, e à noite levaram as meninas para as suas novas casas, fim da história. Ninguém tinha podido acolher as quatro irmãs, por isso, Cathy, a mais velha, fora viver para Ballachulish, onde podia ajudar na quintinha da avó Buchanan. Alice e Jean foram enviadas a Inglaterra para primos diferentes da mãe, e tiveram vidas boas e tranquilas. Só Maureen, de três anos e meio, tinha

permanecido no East End de Glasgow. Fora acolhida por um sucateiro e sua esposa, sem filhos, que viviam junto à lixeira das traseiras. Ela ficava suficientemente perto para o pai se manter atento a ela, e assim foi até ele voltar a casar e se mudar para Falkirk, onde foi trabalhar no Canal da União. Ela não o via desde os seis anos.

A Mo-Maw dizia que o sucateiro e a mulher eram gente boa, nada afetiva mas inofensiva. Mungo acreditava nela, porque a Mo-Maw encontrava defeitos em qualquer afeto, logo, teria dito se eles tivessem sido cruéis ou avarentos. Mas a Mo-Maw, com a mesma facilidade com que entrara na vida deles, aos quinze anos saiu. O sucateiro gostava de passar o serão com os grandes auscultadores de cabedal a ouvir rádio, velhas canções dos tempos antes da guerra ou relatos sem fim de futebol. A mulher deixava-se ficar sentada no sofá ao lado do dele a saltar pelos programas da televisão, acompanhada mas só. A Mo-Maw dizia que os encontrara assim, e assim os deixara.

Mungo olhou para os pés, o dedo grande rompia-lhe pela costura das sapatilhas.

— O senhor ama a minha mãe?

O Jocky respondeu depressa de mais:

— Não. Não a amo, não.

Mungo ergueu os olhos para ele.

— Escuta, parceiro, na minha idade o amor é uma maçada. Só te apetece companhia nas noites da semana, uma ajudinha em casa, e com sorte um roça-roça, desde que consigas fazê-lo deitado de lado. — Mungo não se riu da piada. O Jocky deitou a beata na caneca. — Queres é uma vidinha sem chatices. Não é nada fácil amar.

Mungo acabou o chá e deixou a caneca na pia.

— O senhor faz-me um favor?

— Outro?

Mungo assentiu.

— Se ela lhe perguntar se a ama, responda-lhe só que sim. Ela merece.

O homem não disse nem que sim nem que não. Levantou-se do banco num esgar.

— Não me faz nada bem às costas ficar o dia todo de pé ao balcão. Queres um conselho? Quando arranjares emprego, escolhe um que te ponha a mexer. E toma cuidado pra não ficares sentado no lixo dos outros.

Quando voltaram à frente da loja, uma jovem batia com toda a força à porta fechada. Trazia um videogravador nos braços e um olhar de desespero na cara. Trepidou ao ver o Jocky, quase parecia chorar. O Jocky fez um suspiro penoso.

— Elas, se as saias ficarem mais curtas, deixam mesmo é d'as usar.

Tirou umas moedas do bolso das calças e meteu-as na mão de Mungo.

— Escuta, eu gosto da tua mãe, a sério que gosto. Mas ela tem de cortar na bebida. Já tenho crianças com que me entreter. Ela não pode passar o dia deitada a enfrascar-se.

Mungo concordou, o Jocky destrancou a porta. Mungo saiu para a luz do dia quando as dançarinas de trajes prateados rodopiavam rua acima.

A porta do pombal estava aberta por causa do bom tempo. James, de cabeça baixa e concentrado, cantarolava sozinho enquanto consertava a dobradiça de uma gaiola. Autodidata e paciente, sabia reparar ou construir quase tudo: já tinha as telhas instaladas no telhado sem a ajuda de ninguém.

Enquanto James trabalhava, Mungo olhava para ele. Gostava de o observar sem ele se dar conta disso. Ignorava quanto tempo estava

autorizado a fazê-lo, queria gravá-lo na videocassete do cérebro enquanto podia.

Da última vez que o vira, o cabelo da nuca chegava ao ponto de fazer cócegas como a cauda de um patinho. Mungo gostava de lhe tocar com a ponta do nariz enquanto James batia uma soneca. Agora, o cabelo tinha o contorno exato e rosado onde tinha sido aparado. Mungo imaginava o Sr. Jamieson a segurar a cabeça do filho enquanto lhe perguntava por Ashley e lhe ensaboava o pescoço com a escova de barbear. Mungo engoliu a bolinha de ciúme que lhe subia dentro. Foi-se garganta abaixo, a ressaltar pelo peito. Sentia-a às voltas que nem berlinde dentro do brinquedo de um miúdo.

James pousou o alicate e tirou da gaiola uma ave, que entrou em pânico quando as mãos dele a rodearam, mas ele apertou-a um nadinha e a ave lá parou a agitação nervosa. Mungo viu-lhe os dedos segurarem com cuidado o pombo, meio tolo e bravo, sentiu ciúmes da ave e daquele seu piscar de olhos de ignorância. Entrou no pombal e deu um beijo na pele secreta atrás da orelha de James. Bem tentara ficar uma semana longe dele, mas não foi capaz.

James encolheu-se e olhou para trás, para Mungo e o sol.

— Não faças isso. Aqui não. Nem agora.

Aquele olhar dele evidenciava não haver ali os dedos esguios que abraçavam Mungo, serenando-o. Mungo sentiu uma vontade pavorosa de partir alguma coisa, de arrancar as prateleiras e soltar os pombos todos. Tinha os braços pendidos de lado, obrigando-se a ficar bem quieto.

— Está quase. Mais dois dias e ele vai-se outra vez embora. Estamos *tão* perto. — James abanava a cabeça. — Ele vai cedo para ir ter com a tipa de Peterhead. Mais dois dias e podemos ser só nós.

— Pois, até à próxima vez. — Tinha consciência de ser imaturo.

— Não posso evitar. — James beijou o pombo e devolveu-o à gaiola. Ocupou-se para ganhar calma de perguntar: — O que é que tens feito?

— Nada. — Mungo não queria falar. Não lhe sobrava generosidade para ser boa companhia. Deu por si a olhar para a pequena claraboia, perguntando-se se James conseguiria por ali esgueirar-se quando Hamish viesse atrás dele. — Nadica de nada.

— Precisas de um passatempo.

Eis outra pessoa que lhe dizia do que ele precisava, como se devia portar, quem devia ser. Outro a achar que a ele não lhe chegava ser como era.

James viu-o virar-se para sair. Falou-lhe para as costas quando Mungo se inclinou para cruzar a porta baixa:

— O meu pai levou-me ao estádio do Celtic. Eu não ia à bola desde os doze. Passou o jogo inteirinho com o braço à minha volta, como costumava fazer, de orgulho, ou perto disso. Depois do jogo, levou-me a mim e à minha irmã a comer caril no West End. Fomos a um bar e ofereceu-me a minha primeira cerveja. Mentiu ao *barman*, disse-lhe que o filho tinha acabado de fazer dezoito anos.

— A este ritmo, chegas aos sessenta antes de eu fazer dezasseis.

— Ele teve a melhor semana desde que a minha mãe morreu. Eu não quis estragar tudo. — James contorcia-se, no embaraço da felicidade. — Mal falou da giraça com quem anda.

Mungo tentava respirar por entre a mágoa que sentia. Só queria que aqueles finos dedos lhe cingissem o peito e o impedissem de pairar, que lhe dissessem que alguém queria saber dele. Ia passando o polegar rasgado por um prego comprido, sentindo o metal reabrir-lhe a ferida.

— Outra coisa. Ele disse que me arranjava emprego na plataforma.

Mungo enfiou a pele no prego.

— Ai sim?

— Disse que fazia sentido. Vão transferi-lo para um novo campo petrolífero, ou para uma nova plataforma que andam a construir, chamada Alcatraz ou algo do género. Disse que, quando eu fizer dezoito anos, me consegue pôr a trabalhar na cantina ou como servente, talvez estivador. Com o tempo, posso conseguir subir à perfuração. Diz que aí é que pagam bem.

— Boa.

— Se eu trabalhar com ele no mar-alto, podemos passar mais tempo juntos.

— A Ashley não se importa?

— Alguém quer saber dela? — James baixou a cabeça para olhar diretamente nos olhos de Mungo, escondidos atrás da franja. — Eu não vou, sabes bem que não. Mas sabe bem pedirem-me. Porra, deixa-me lá gozar isso um bocado.

— Gostas dela?

— De quem?

— Da Ashley.

— Não. — James pareceu irritado. Ocupava-se tirando as fezes das aves para dentro de uma taça. — Eu assim a modos que a odeio. Tudo o que ela diz ou é estúpido ou é sobre ela. Queixa-se se não lhe dou atenção a cada minuto. Anda sempre com a porra do cabelo molhado, mas é seco e duro que nem pedra e, quando me toca, percebe-se que está a fazer contas de cabeça, como se somasse o que lhe devo. Mas...

Algo estava preso ao espírito de Mungo.

— Já deram uma?

— Não. — James levou as palmas das mãos aos olhos. — Ela bem insiste. Na semana que vem, a mãe e o padrasto estão fora, em Maiorca. Vai ficar com a casa vazia.

— Mas. — O que se seguiu foi dito por uma voz baixinha. — Nós ainda nem fizemos.

— Eu sei. — James parecia cansado. Não passava de um menino a agir como homem, a fingir-se outro género de homem.

Mungo tirou o dedo do prego enferrujado.

— Ainda bem que tens a vida organizada, James. Esforçaste-te bastante para conseguires melhor. Tu mereces.

— Não tenho a vida «organizada», Mungo. Sou só mentiroso.

— Pois. — Mungo bateu a sola da sapatilha para soltar as lascas de vidro. — Eu já sou muitas coisas más. Não quero ainda por cima ser mentiroso.

James pareceu por instantes que o ia corrigir — ele já era mentiroso —, mas mordeu a língua. Foi até Mungo e, à meia-luz, levou o indicador à nuca dele. Um toque mínimo, a mão que facilmente se transformaria no beliscão de um rufia se alguém atravessasse o relvado todo assimétrico. Foi descendo, acariciando ao de leve o fio de penugem que ali crescia. Mungo deixou cair a cabeça em frente e fechou os olhos. Queria que aquilo durasse.

— É o que fazemos quando uma ave fica alterada.

— Não era mais bondoso partir-lhes o pescoço?

James riu-se.

— Não tarda, acaba. Nessa altura, podemos escolher uma direção aonde irmos de bicicleta.

— E a Ashley?

— Fazes perguntas a mais.

— Eu percebo se dormires com ela. — Dizer aquilo era uma jogada de risco, podia perder, mas tinha de o dizer. — Mas eu também morro.

— Não morres nada. És mais duro do que pareces. — James parou de lhe

afagar o pescoço e passou o nó do dedo suavemente pela bochecha trémula. Mungo, ao abrir os olhos, tinha dez dedos esticados em frente, acrescentou as próprias mãos somando quatro dedos e James dobrou um dos seus. — Olha, só faltam treze. O meu pai só tem mais treze saídas até fazeres os dezasseis. — Parecia querer um sorriso de Mungo antes de este se ir embora, mas Mungo não lhe cedia nenhum.

Deu por si de olhar fixo na contagem decrescente. Dias atrás, parecia-lhe tão inocente quanto um calendário do Advento. Agora imaginava Jodie já de malas aviadas, Ashley esparramada na cama dos pais e Hamish, louco com o abastecimento que recebera e de garrafa de gasolina roubada na mão. Treze dedos, treze saídas, uma distância grande de mais para se imaginar. Eles não iam conseguir. Em segurança, não. Nem juntos.

— Posso-me ir embora já. Tu podes? Esta noite. Não me importa se ligam à polícia. Não me importa se a escola manda a porra da segurança social. Podemo-nos esconder. Vamo-nos embora.

James mordeu a bochecha. Era pior do que pensava. Esticou a mão atrás de Mungo e fechou a porta do pombal. No escuro, os dedos fortes rodearam Mungo, premiam-lhe as costelas e mexiam-lhe nas costas, aqueles longos braços coleantes. Mungo sufocava-se no peito de James, naqueles picos da lã de Shetland que tinha por densos e reconfortantes. Sentia o respirar quente de James na cabeça.

— Ouvi a tua cassete. Fico todas as noites no escuro, à janela, a ouvi-la. Julgava que tinhas dito que era tudo *top 40*, mas é só uma canção repetida.

— Tive vergonha. Menti-te.

— Adoro os Smiths.

Mungo roçou a cara na lã.

— Mas como é que o Morrissey não achava que havia pânico nas ruas de Glasgow? O que não falta nesta cidade é pânico.

— Talvez por «Glasgow» rimar com «*fuck all*»^[7]. Sempre que a oiço, penso em ti. Meu diabrete. — Inclinou-se sobre os lábios de Mungo e deu-lhe um beijo fundo na boca. Afastou-o então e sacudiu-o ligeiramente. — Anima-te. Eu amo-te, Mungo Hamilton.

— *Não digas isso.* — Algo nele não aguentava ser amado.

— Não, porquê? Posso-te amar se quiseres.

— É mais difícil para mim. Quando ficar tudo estragado.

James tirou as mãos dele. Mungo sentia-se novamente como o pombo invadido de ansiedade. Sem abrir os olhos, ouviu as dobradiças enferrujadas da pesada porta, sentiu a luz fria e fraca nas pálpebras rosadas.

— Nem tudo o que é bom se estraga.

Mungo queria acreditar naquilo.

James pegou outra vez no alicate.

— Só mais dois dias. E podemos estar juntos. Sábado à noite podes vir? Por essa altura, ele já deve ir a caminho de Aberdeen no último comboio.

— Sim, posso. — Mungo esforçava-se ao máximo por parecer sereno, quando na verdade ia ficar à espera daquele momento todos os minutos até então. Abanou a cabeça, o cabelo caiu-lhe outra vez nos olhos. — Espera lá, não. No sábado à noite não posso.

— Como não? — James pareceu abatido.

Mungo nunca o ia admitir, mas gostava de ver a desilusão de James, aquela ligeira devolução do poder a Mungo. Era a paga torcida pela fome da semana anterior.

— Nada. É uma palermice do Hamish.

— Não lhe podes dizer que não?

Mungo riu-se de uma ideia tão absurda.

— Agora tiveste graça. Já agora, aproveito e digo-lhe que também não gosto dos óculos dele.

— O que é assim tão importante que não pode esperar?

— Não gosto nada disto. Mas combinaram uma rixa para essa noite, na ponte de Royston. Os Bhoystons têm andado a morder-lhes os calcanhares. Ele diz que eu tenho de lá estar para lhes dar uma mãozinha. É por causa da reputação, porque sou um Hamilton. — Saltou a parte em que Hamish ameaçara queimar James vivo. — O Hamish não aceita que lhe digam não.

— Então vais lá dar cabo do coiro duns católicos?

— Se queres que te diga a verdade, ando todo borrado. Mas tenho esperança de aparecer e ficar só na retaguarda. — Mungo encontrou uma garrafa de penicilina na prateleira, agitou-a como se fossem maracas.

— Mas eu sou católico.

— Não és um católico a sério. És diferente, não é a mesma coisa. Tu nem vais à igreja.

— É *exatamente* a mesma merda. — Virou o ombro para Mungo e disse em tom suficientemente alto para ele ouvir: — És um cobardolas.

«Idiota». «Fracote». «Maricas». «Mentiroso». «Cobardolas».

— Tu fazes coisas bem piores para te esconderes.

— Ao menos não ando a pisar os outros.

O Sr. Jamieson ia sair pisado, e Ashley também, mas ela não demorava nada a recompor-se. Mungo não queria dar vida a estas pessoas e trazê-las ali de volta ao pombal, entre eles os dois.

— Estes católicos dos Bhoystons também me querem pisar. Se eu não lhes fizer frente, um dia dou de caras com eles na Trongate ou no Briggait e cortam-me daqui aqui. — Mungo correu a unha da orelha ao canto da boca, com tanta força que fez um vinco sem sangue, apareceu e desapareceu. Parecia o Ha-Ha chapado e escarrado a falar.

James estava agachado sobre a dobradiça quebrada, tal como Mungo o encontrara. Coisa estranha de ver: parecia que Mungo nem ali tinha estado,

que nada tinha mudado no dia de James. A vida de James ia continuar sem ele.

— Se te meteres na rixa com os católicos, não precisas de vir no sábado. Não chegues perto no domingo, na segunda, nunca mais. Se lá fores, a ti é que não te conheço.

Mungo não se atrevia a adormecer. Nesta sua terceira noite no lago, sentia a cabeça oscilar-lhe nos ombros. Gallowgate não tinha pressa. Enrolou um cigarro bem bom de tabaco que conseguiu esgaravatar e fumou-o na tenda desmoronada. Contava as suas histórias com a ponta incandescente do cigarro demasiado perto do tecido inflamável. Mungo já nem queria saber. Era deixar arder.

Ao último fulgor da velinha, o homem avançou sobre ele lenta e territorialmente, de dedos tatuados no chão. Tocava-lhe de maneira quase terna, acariciava-o numa doçura que a Mungo dava vômitos. Mungo pôs-lhe a mão sobre a boca — já não aguentava ouvir Gallowgate dizer palavras bonitas —, mas Gallowgate percebeu mal o gesto. Lambeu a palma da mão do rapaz, mordiscou-lhe da base à ponta dos dedos, a língua ia-lhe deslizando por entre os dedos de Mungo.

A ternura depressa se foi, e o tipo desatou a apalpá-lo, forçando as mãos ásperas dentro da roupa de Mungo. A cobiça possuía-o, os olhos à luz da vela pareciam-lhe insondáveis, arranhava o rapaz apalpando-lhe as carnes. Mungo não queria saber o que viria a seguir. Cuspiu para as próprias mãos em concha e envolveu o inchaço de Gallowgate. À luz bruxuleante, ocupou-se o mais depressa que pôde para dar ao homem o que ele queria e mandá-lo de volta à escuridão.

Gallowgate, satisfeito, recostou-se e estendeu os braços para os lados, como que crucificado. Chegou-se ao rapaz e desgrenhou-lhe o cabelo, num

ar de contentamento. Mungo ouvia a chuva bater na lona. Fervia-lhe dentro uma pergunta, que fez a Gallowgate tanto quanto ao Universo:

— Isto quer dizer que és maricas?

Gallowgate deslizara pelo chão e começara a colear o corpo nu à volta do rapaz. De repente, empurrou-o. A lonjura soube bem a Mungo.

— Chamas-me isso outra vez eavas na tromba.

Mungo deve ter dormitado, pois, quando Gallowgate o acordou, já o dia brilhava. O homem rastejou todo nu de dentro da tenda e foi mijar. Mungo via através das abas a luz clara da manhã, a chuva parecia ter parado um bocado. Pôs o saco-cama pelos ombros e seguiu Gallowgate à margem do lago: sentia-se mais seguro ao ar livre que na armadilha fétida e suada da tenda. A chuva tinha deixado os rochedos pré-históricos novamente lisos, o mosquedo ocupava-se das novas poças. Gallowgate estava de pé à beirinha da água. Até as costas eram um tapete de tatuagens: tinha tatuado nas omoplatas um par de olhos autênticos de mulher, as pestanas curvadas para cima como asas plumosas. Só as nádegas, de um branco espectral, estavam impolutas.

Mungo fitou a tenda individual. Já não parecia um abrigo: completamente rasa, um charco encarnado na margem cinzenta. Não parecia conseguir albergar o corpo de um homem. Mungo apertou o saco-cama à volta de si, afastou-se do homem que mijava e agachou-se à beira do lago. A cara que o fitou da água não era a sua.

Gallowgate parecia insensível ao frio. O que sobrava do álcool que bebera queimava-o por dentro.

— Atão, que queres fazer hoje?

«Fugir, fugir para casa.» Mas Mungo enfiou a cara na água gélida e

deixou-lhe o lago resfriar o tique. Sacudiu-se, acalmou-se e encolheu os ombros.

— Não devíamos arrumar tudo e pensar no regresso?

— Já tás farto de mim? — Gallowgate sacudiu os últimos pingos de mijo e fez um esgar ao rapaz.

Mungo acocorou-se. O Ha-Ha treinara-o bem. Gallowgate e o irmão de Mungo eram bem parecidos. Dois semideuses temperamentais e fura-vidas sempre a exigirem dádivas e que se tornavam vingativos por nada. Mungo via nascer sarilho. Cruzou a distância curta e depôs um beijo conciliador nos lábios de Gallowgate. O primeiro que lhe dava.

Gallowgate, orgulhoso, fez-lhe um sorriso de orelha a orelha. Convencia-se do seu próprio encanto, feliz porque sempre sabia afinal o que era melhor para Mungo. O rapaz só precisava de uma mão que o guiasse, de uma figura paterna que lhe mostrasse o caminho. Gallowgate ergueu o queixo, os dentes afiados enterrados no beijo de baixo.

— Vês, somos amigos. — Rodeou o peito de Mungo com o braço. — Acho que hoje te vou ensinar a caçar coelhos.

— É uma pena matarmos e nem os comermos. Podemos levá-los na camioneta?

— Podemos, pois. — Gallowgate sondava Mungo. — E a tua mãe vai adorar. Vai querer saber das tuas aventuras todinhas. Se apanharmos dois, fica ela cum par de chinelinhos.

Mungo baixou o olhar.

— Não te preocupes com a Mo-Maw. Ela até já se esqueceu que eu vim. Vai andar aflita consigo própria, como anda sempre. E eu já aprendi a fazer uma fogueira, a montar uma tenda, a... — Mungo levou a boca ao ouvido de Gallowgate e sussurrou-lhe o fim da frase.

O homem corou.

— Meu patifezinho. — Mordeu o pescoço do miúdo. — Bem sabia como tu eras da primeira vez que eu te vi.

A camisola de Mungo pendia-lhe dos dedos, subia-lhe um bafo quente pela manga.

— Vamos embora. Apanhamos coelhos noutra altura.

Gallowgate ponderou um pouco aquilo.

— Pronto, tá bem. Prometes?

Mungo assentiu.

O homem largou o rapaz e virou-se para a tenda vermelha.

— Bora lá acordar o velho prà gente irmos embora.

Mungo prendeu no seu o mindinho do homem.

— É mesmo preciso? Podemos só deixá-lo ficar por cá. Há de dar com o caminho de volta.

— Tu não me faças rir.

— Eu não consigo ser teu amigo e amigo dele também. É que não consigo mesmo.

O homem puxou Mungo para debaixo do sovaco e abraçou-lhe a cabeça com força, contorcendo-o como a todos os rufias que alguma vez conhecera.

— Não te preocupes co isso. Tu agora és o meu amigo especial. Mas eu não posso deixar cá ele. Aquela tenda é dum colega meu do trabalho. Se eu não lha devolvo, fico sem sessenta paus. Ele vai-me andar sempre a pedir a massa, andámos a esfregar neles os tomates e o cu a noite toda.

De nada serviam as mentiras todas e o afeto forçado. Mungo sentiu a barriga às voltas quando Gallowgate deu um chuto ao cabo da tenda. A tenda lançou o derradeiro suspiro e caiu, derrotada. O saco-cama fazia um ligeiro montinho, mas parecia impossível a tenda albergar o corpo de St

Christopher, por mais podre e mirrado que o homem fosse. Gallowgate pôs-se em cima do saco-cama para depois palmilhar todo o abrigo caído.

— Onde é que o cabrão anda?

Mungo estava cansado até ao tutano. Era tão honesto e direto que a manha o deixava exausto. Fingir que não sentia mais que ódio por este tipo absorvia-lhe as últimas energias.

— Não sei. Terá ido à pesca?

Gallowgate cambaleou até à margem, o piço mirrado baloiçava-se todo cómico. Mirou acima e abaixo das margens do lago.

— A esta hora? Onde é que o vistes pla última vez?

Mungo não soube que dizer. Estendeu o saco-cama. Abriu-o feito um par de asas acolchoadas e revelou o seu próprio corpo delgado. Ele no centro, qual oferta com os joelhos metidos para dentro.

Gallowgate abanou a cabeça.

— Ná. Bora lá. Não há tempo pra isso. A gente temos do encontrar.

Mungo voltou-se a enrolar no saco-cama. Mentiu o melhor que pôde. Contou em meias-verdades o que se tinha passado na véspera: St Christopher fora um pescador péssimo e, por isso, Mungo levava-o a uma zona onde os peixes pareciam parados e fáceis de apanhar. Depois, disse a Gallowgate que St Christopher tinha perdido as petingas todas e até naquele sítio ficou frustrado. O santo tinha os pés em sangue no regresso ao acampamento e, procurando bebida sem nada encontrar, fechou-se na tenda todo zangado. Tinha sido a última coisa que o rapaz soubera dele, até Gallowgate regressar ao sol-pôr.

— Talvez tenha ido para casa.

— Ná. Devia andar cos tremores. — Gallowgate ia vestindo a roupa encharcada. Foi de um alívio doentio quando cobriu os olhos tatuados nas omoplatas.

— Ele estava mesmo todo a tremer. Parecia bem feio.

— Atão temos de encontrar o cabrão. Não o posso deixar cá e aparecer ao agente da condicional. — Nisto, Gallowgate foi-se a arrastar até às árvores.

Mungo apertou o saco-cama à volta de si, na certeza agora de que o arrepio lhe vinha de dentro. Queria largá-lo e correr no sentido oposto. Podia saltar as rochas e os rochedos até à outra mata. Sabia que corria mais depressa que Gallowgate: tinha visto os estragos que a bebida fizera ao homem. Mas iria correr para onde? A casa era para onde? O homem parou: estalava os dedos e assobiava como se o miúdo fosse um cãozinho. Mungo assentiu e seguiu-o ao matagal.

Debaixo das árvores, tudo pingava. O saco-cama não demorou a ensopar-se. Ia pesando e Mungo sentia-se cansado, e assim o deixou junto a uma árvore caída, a tremer nos *boxers* e no corta-vento. Enervava-o a maneira de Gallowgate se rojar pela vegetação. Como se não quisesse despertar os espíritos que ali dormiam. Esforçou-se por não imaginar St Christopher a acordar no sítio onde ficara, sob a bétula, a apontar-lhe um dos dedos ossudos, o crânio macilento todo encovado do lado direito.

À distância, do outro lado do rio, um corço pastava num pedaço de ervas baixas. Mungo estacou logo. Susteve a respiração quando o corço alçou a cabeça e olhou na direção deles. Os olhos negros e húmidos eram duas ameixas sem pele. Sacudiu as orelhas, sondando qualquer som desconhecido na floresta. Tinha na cabeça um parzinho de chifres ainda curtos, o que fez Mungo perguntar-se onde estaria a mãe do corço. Gallowgate aproximava-se da beira-rio quando o corçozinho se assustou e sumiu com um abanar da cauda. Desapareceu tão rápido como aparecera. Gallowgate sorria, deliciado.

— Vais ter de contar isto à Maureen. Mereço um prémio por isto, ou não

mereço?

O rio estava mais alto que na véspera, parecia mais agreste que a memória de Mungo. Gallowgate esquadrihava a margem em busca de sinais do parceiro, mas o olhar de Mungo fixava-se na água. Encontrava-se perto do ponto onde agredira St Christopher e julgou ver o brilho de uma moeda prateada no leito do rio.

— Aqui — disse Gallowgate, curvado sobre a margem. Tinha na mão a boina de St Christopher. Fora arrastada para um rochedo e ali se tinha prendido a sarja molhada. Era de um cinzento sem graça; no pânico, Mungo nem dera por ela. Gallowgate revirava-a nas mãos, mostrou a Mungo a etiqueta surrada. «Christopher Milligan». O homem não era santo nenhum. Mungo sabia que se lembraria daquele nome para todo o sempre.

— Fodaaaaa-se. — De Gallowgate escapou-se um longo gemido. — A gente temos de continuar a procurar ele. Se o cabrão caiu, hão de achar que o matei. Acaba outra vez na prisão, certinho direitinho. — Pela primeira vez naquele fim de semana, o olhar dele era de medo a sério.

Gallowgate desceu mais o rio. Mungo via a bétula na curva, mas do corpo do homem, nem sinal. Tinha-o escondido bem. Tentou tranquilizar-se, o sítio era sossegado. As únicas pegadas eram as deles, a caveira do carneiro ali ficara anos a fio, quem sabe décadas, sem ninguém lhe tocar. Nunca iriam encontrar St Christopher. Ninguém iria dar por ele. Era a sepultura que o homem merecia.

Gallowgate já não se mexia com cuidado. Revistava a margem, louco, a deslizar pelas pedras cobertas de musgo: receoso do que pudesse encontrar, aflito com o que poderia não encontrar. Descia o rio aos tropeções, aproximando-se mais e mais do lago. Quando Gallowgate dobrou a curva, Mungo inspirou fundo.

Devia ter levado uns segundos, mas pareceram-lhe minutos. Mungo via

só as costas de Gallowgate a esticarem-se quando se endireitou todo. O braço direito esticado apontava para algo ao longe, não na bétula, mas numa baía pouco funda a jusante. O homem nada disse. Mas, ao dobrar a curva, Mungo sabia o que ele ia encontrar.

A força da torrente devia ter desalojado St Christopher da caverna de raízes. Levara-o rio abaixo, encalhando-o numas rochas pontudas. O cadáver estava de cara para cima e olhos bem abertos. A cabeça presa entre umas rochas grandes, o pescoço certamente partido. O corpo esgalgado, sacudido pela corrente, estava prenhe de vida falsa. O coração de Mungo soluçava. Onde via, o santo como que boiava à tona, em paz, na contemplação serena dos céus.

A crescente escuridão engolia as nuvens do céu. Conforme se acendiam as luzes da rua nas ruas escorregadias, os rapazes protestantes começavam a sair dos prédios e a palrarem entre si feitos necrófagos noturnos. Da janela do terceiro piso, Mungo via os Billies mais velhos congregarem-se junto à loja paquistanesa da esquina. Reuniam-se à luz da porta aberta do estabelecimento, alvoroçando-se como traças garridas. Mesmo de cima, Mungo percebia-os agitados, imprevisíveis na sua adrenalina, à espera de uma rixa, a sonharem com a própria glória, com o que quer que lhes elevasse o nome aos píncaros. Agarravam-se uns aos outros de maneira afetuosa, em grandes e viris abraços, corpos que nunca se tocavam mas cheios de amor e raiva, ansiosos por apunhalar e estropiar os católicos de Royston.

Mungo comprimia a cara no vidro frio, revolvendo a testa. Sentia o ar demasiado quente e abafado. O aquecedor no máximo enchia a sala do cheiro bafiento a suor e a cerveja, e emitia uma estática irritante que lhe dava dores de cabeça. A janela embaciada sabia-lhe bem após um longo dia em casa, ali a pairar apreensivo com a Mo-Maw, que abria lata atrás de lata e passava a língua nos dentes, enquanto se queixava de o Jocky lhe ter batido outra vez.

O dia arrancara na candura de um chá das cinco. Primeiro, a Mo-Maw tinha-os sentado aos dois e servira-lhes copos de cerveja pesada. Prendera Mungo e Jodie ao sofá com histórias escabrosas do que o Jocky lhe tinha feito de errado: prometera-lhe uma semana em Burntisland para depois

convidar os filhos dele a juntarem-se aos dois (era preciso lata), tinha a casa cheia de álcool e reclamava por ela aproveitar só um bocadinho da bebida (o cabrão era poupadinho). Mungo vira a expressão imperturbável da irmã enquanto a Mo-Maw falava e falava e falava, cheia de pena de si. Quando a vontade já era muita, Jodie pedira licença e saíra calada, sem lhes dizer aonde ia. Foi o rastilho que rebentou tudo. Jodie fora amuar para o café ou para a biblioteca, e a Mo-Maw queria companhia — a Espantalha exigia sempre público —, alguém, fosse quem fosse, para lhe ouvir a história de estupor à primeira vista.

Mungo fingia desenhar enquanto a Mo-Maw batia a várias portas do prédio: não estava preparada para ficar sozinha, nem para ficar sem o Jocky. A Sra. Campbell mandou-a simpaticamente embora. O gentil e tímido Sr. Robertson nem a atendeu. O Sr. Donnelly abriu a porta, e foi asqueroso ouvir a mãe a convencer o viúvo a fazer-lhe companhia.

— Porra, estamos num sábado à noite — não parava ela de dizer —, venha lá daí, ande, ande! — A Mo-Maw acompanhou-o escada abaixo e entrou com ele em casa, aliciava-o e puxava-lhe a manga como se ele fosse um animal vadio ou a caminho do matadouro. O senhor embrulhara um saco de plástico à pressa com todos os restos de bebida que tinha em casa, que ela lhe tirava das mãos.

No começo, o sôfrego do Donnelly mostrou um polido interesse por Mungo, ia assentindo e ouvindo conforme a Mo-Maw fazia Mungo contar o que tinha aprendido no pombal. Como se tivesse ensaiado, o magricela disse como Mungo era inteligente e a Mo-Maw devia estar orgulhosa dele — as duas coisas eram uma fantasia. A Mo-Maw fez um sorriso tristonho, ficou com um olhar vago e distante. O olhar das cantoras melancólicas na noite de fim de ano, o Hogmanay: os homens de mais idade acumulavam-se nos recantos e desatavam a cantar canções chorosas, davam cabo da boa

disposição, faziam as mulheres mais velhas chorarem. «Gastei os melhores anos da minha vida a criá-los aos três, e foi esta a paga que me deram?»

Mungo fazia de ama-seca enquanto os dois se emborrachavam. Pela boca aberta de Donnelly, via-se que a mãe de Mungo devia ser a coisinha mais amorosa que o viúvo solitário via em largo tempo. Donnelly pusera sapatos, *blazer* e chapéu só para pisar o patamar do próprio prédio onde vivia. Tinha as maneiras de outra época e parecia envergonhado de admitir que queria ficar. Por isso, o senhor estava sentado no seu *blazer* de algodão a cozer naquele calor, mas sem o poder despir. Devido ao desconforto, mexia-se no sofá mole e enfiava os dedos no colarinho da camisa coçada.

A Mo-Maw meteu as pernas debaixo de si, sentando-se em cima das sapatilhas vistosas. Fazia perguntas ao homem como se ela estivesse ao leme daqueles programas de televisão das manhãs, mas bem sabia que o tipo gostava mais quando falavam os dois de si próprios. Mungo esboçava um sorriso tolo. Qualquer pessoa percebia que ela não ouvia as respostas, mas fazia-o falar e bebia mais do que a conta dela.

Com o calor irrespirável da sala, Mungo queria que ela adormecesse: assim ia poder conduzir o senhor de idade pelo cotovelo, agradecer-lhe a visita e devolver-lhe as sobras da bebida que levara. Fazia-se tarde, Mungo tinha de se ir embora dali a pouco, deixando a mãe para assumir o seu lugar ao lado do irmão. Desta não se poderia livrar. Desta vez, não.

Mungo tinha passado a tarde a inventar desculpas. Pensava em deitar as culpas ao regresso da Mo-Maw, explicando que o Sr. Donnelly, do andar de cima, tinha tentado tocar na mãe debaixo da mesa. Hamish odiava o Sr. Donnelly, mas isso não chegava para perdoar Mungo: ele ia queimar James vivo com a mesma facilidade com que incendiara o *Capri* roubado.

Do calor, a Mo-Maw já baixara umas quantas vezes as pálpebras, baloiçando a permanente junto ao queixo, mas o Sr. Donnelly de todas as

vezes acendia um cigarro, dava um toque à Mo-Maw e passava-lho. A nicotina fazia-a voltar ao mundo dos vivos, e aí ia ela a contar uma história estafante sobre rulotes e *snack-bars*. Mungo desenhava uma espiral sem fim. As suas melhores memórias pareciam ser todas sobre rodas temporárias, sem nenhuns alicerces.

Aqueles dois sorriam a alguma coisa distante e balançavam-se no sofá, bêbados, como que à deriva no seu próprio barquito. Mungo achava que já não faltava muito para a ir pôr na cama. Nessa altura ia poder abrir bem as janelas e fazer entrar o ar fresco, limpar as cinzas da alcatifa e rumar à noite. A Mo-Maw parou a meio de um relambório e chupou o cigarro voluptuoso, a cinza um dedo esguio que ameaçava fazer-lhe um buraco nas *leggings* da cor da pele. E fechou os olhos.

O Sr. Donnelly levou a mão dentro do *blazer* grosso e tirou uma carteira fininha. Manuseou umas notas e parou numa notinha azul de cinco libras; avaliando a expressão determinada de Mungo, tirou uma castanha, maior. A Mo-Maw sacudiu e abriu os olhos com o som do dinheiro, como que surpreendida por dar com um cigarro preso nos lábios. Mungo e a Mo-Maw ficaram a fitar aquela nota como se a própria nota tivesse dito alguma coisa.

— Porque é que não vais dar uma voltinha ao cinema, hã?

A Mo-Maw fez uma expressão de contentamento, como se Mungo desembrulhasse um lindo presente de Natal.

— Olha-me lá bem pra isto. O que é que se diz, atão? — De repente, ela pareceu lembrar-se das boas maneiras. Tinha graça estar num estado tão miserável, mas ainda se preocupar com a gentileza dirigida aos outros.

Mungo mirava a nota e pensava no que podia comprar. O que queria mais que tudo era um bilhete de autocarro com James. Um bilhete para bem longe, onde Mungo pudesse ser quem era e James estivesse seguro. Não queria ficar com o dinheiro, mas deu por si a inclinar-se em frente.

— Muito obrigado, Sr. Donnelly.

O homem franziu novamente os olhos. A nota fez um som limpo ao passar-lhes entre as mãos. Mungo ficou sentado um minuto, quando o homem se virou para ele e disse:

— E então? — Deu uma passa. — Vai lá ao cinema. — Os dois adultos ficaram especados de impaciência, a olhar para Mungo. A Mo-Maw, lenta e deliberadamente, assentiu uma vez.

Mungo arrumou os desenhos. Dobrou repetidamente a nota, e nisto instalou-se em si uma nova sensação: um nojo de ser o rapaz que vendia a mãe. Levantou-se e estendeu a mão ao viúvo.

— Pronto, eu acompanho-o à porta.

— O quê? — Os olhinhos negros do senhor levaram uma eternidade a centrar-se.

— Vou ao cinema, por isso acompanho-o à porta. Não pode ficar aqui sozinho com a minha mãe.

A Mo-Maw e o viúvo entreolharam-se. O Sr. Donnelly passou por várias expressões, da confusão à suspeita de ser alvo de alguma piada de mau gosto, fixando-se numa que dizia pensar que o enganavam.

— Maureen?

— Mungo, não podes falar assim co Sr. Donnelly. A casa é minha.

Mungo sentia-se demasiado cansado para se rir. Chegou-se à mesa de centro e agarrou no homem pelo cotovelo. O Sr. Donnelly contorceu-se como as crianças que resistem à hora do banho. A Mo-Maw deu uma palmada na mão de Mungo. Estava sentada, avançou no sofá e ia levantar-se, mas Mungo empurrou-a. Fez sinal por cima do ombro com o polegar.

— O Sr. Donnelly quer mesmo que eu vá chamar o Hamish?

O homem procurava apoio no olhar da Mo-Maw, mas ela estava boquiaberta. Mungo, voltando a agarrar no homem pelo cotovelo, levantou-

o. Com a outra mão, agarrou-lhe nos pertences que conseguiu e acompanhou-o à porta, deixando-o a pestanejar no patamar luminoso. Meteu-lhe uma cerveja numa das mãos, e na outra o chapéu.

Quando voltou à sala, a Mo-Maw tinha os braços cruzados feita criança irritada. Fazia má cara ao céu, que escurecia. Mungo deixou-se cair na poltrona e começou a tratar dos atacadores das sapatilhas.

— Mas quem é que tu julgas que és, porra? — cuspiu ela.

— Nem eu sei.

Ela aprontava bulha, mas aquela resposta desarmou-a. Mungo puxou o corta-vento por cima da cabeça. Ficaram uns momentos sentados e calados, até ele dizer:

— És minha mãe. A única mãe que tenho. Só te quero bem.

Ela, de língua presa nos dentes, ia deitando no próprio copo os restos dos outros copos.

— E não dá nada de jeito na televisão. — A Mo-Maw mexia-se em câmara lenta. A concentração dela denunciava quão bêbada estava. — És mentiroso. És exatamente como os teus dois irmãos. Só me queres feliz prà tua vida ser mais fácil. Só te interessa o que eu quero fazer por ti. E eu tou fartinha disso.

Mungo saiu e juntou-se a um bando de miúdos protestantes que rumavam ao terreno baldio, entrando naquela formação de guerreiros infantis. Baloiçava as pernas magras imitando a maneira destemida de andarem: de ombros nas orelhas e expressão irascível. A bazófia era um uniforme tão omnipresente quanto qualquer camisola da bola. Eles faziam um movimento desengonçado em frente feitos corajosos patifes, de pernas tortas e cabeças baixas, o olhar sempre fixo na presa, prontos a investir o

punho ou a navalha. Mungo esforçava-se ao máximo por usar aquele uniforme, mas sentia-se um impostor. Uma imitação pobre.

A morrinha molhava-lhes a pele. A neblina penetrava-lhes por onde conseguia na roupa e nos sapatos, fazia-lhes as meias brancas húmidas e sebosas. Engolia-os dos pés para cima, subindo pelas calças e ensopando-os até à roupa interior. A chuva molha-parvos só se via quando pisavam os círculos formados pelos postes da rua. A iluminação laranja dava a sensação cálida que faltara ao dia pardo. De vez em quando, os rapazes paravam e amontoavam-se debaixo da luz. Passavam metades de tijolos e navalhas caseiras entre si como se trocassem brinquedos.

Mungo tremia quando alcançaram o Ha-Ha e os mais velhos. O Ha-Ha, pelo ranger do maxilar e na dança que fazia feito um pugilista em preparativos, estava claramente pastilhado. O Ha-Ha bateu nas costas do irmão.

— Tomaste a decisão certa, palerminha. Que pena, até gosto de fogueiras. São lindas de ver.

Os rapazes, agora numa turba desorganizada, dobraram a esquina e entraram na escuridão. Espalhavam-se pelo baldio tábuas e paletes velhas, destroços que os mais novos tinham convertido em fortes e antros precários. Assim dispostos na lama e nas ervas, pareciam um povoado medieval. Alguns destes antros tinham entradas baixas e erguiam-se em cima de bocados de lonas arranjados. Uns tinham uns toques femininos todos giros e pedaços de mobília dantes boa. O Ha-Ha deu um pontapé na parede de uma cabaninha. Dela saíram cinco ou seis putos novos a correr, e o povoado não demorou a ferver como um vilarejo. Um dos mais velhos mostrou de relance ao Ha-Ha a página rasgada de uma revista pornográfica, com uma mulher de costas e perna aberta.

— Quem é essa? — perguntou o Ha-Ha, que a passava entre eles. — É a

tua mãezinha?

Mungo queria ficar naquele bairro de lata. Lembrava-o de tudo de bom do pombal. Os miúdos davam-se bem, colaboravam de maneira construtiva para levantarem a aldeiazita, construindo algo capaz com base em nada, tal como James.

O Ha-Ha tirou a fotografia porca e guardou-a no anoraque.

— Quem é que vem à ponte comigo, caralho? Bora lá a isto! — Fez marchar os rapazes pela noite e através da vegetação que nem gaiteiro orangista. Assobiavam mais ou menos em uníssonos a cantilena de combate. Mungo ficou para trás. Percebia que alguns miúdos ainda só tinham nove ou dez anos, uns quantos andavam de *T-shirts* ou camisolinhas de malha e a maior parte limpava o frio na ponta do nariz com a língua. Um punhado, os tenentes mais próximos do Ha-Ha, eram mais que homens crescidos. Carregavam pesadas espadas cerimoniais da Maçonaria tiradas aos pais, e tubos de chumbo roubados aos edifícios demolidos. O ruivo ainda tinha o braço ao peito, mas, na outra mão, reluzia a serrilha prateada da faca do pão da mãe.

O baldio não tinha iluminação de rua, pelo que Mungo conseguia ver o clarão artificial da ponte em frente. A estreita ponte pedonal abarcava a autoestrada, ligando o bairro social protestante ao seu equivalente católico, do lado contrário. Nenhum jovem combatente protestante alguma vez cruzaria aquela ponte sozinho.

A autoestrada pulsava de quem regressava de uma escapadinha de sábado ao castelo de Edimburgo, com os putos todos contentes por terem esfregado o focinho da estátua do Greyfriars Bobby.

Mungo via as figuras encapuzadas demorarem-se à entrada da ponte. Devia haver mais uns dez ou quinze putos protestantes, todos mais velhos que ele, carrancudos e especados à chuva fria. Abriram caminho para deixar

o Ha-Ha passar. Estava muita gente, o Ha-Ha parecia não caber em si de orgulho.

Um deles agachou-se, agarrou numa pedra com uma das mãos e, com a outra, numa garrafa de refrigerante. Os rapazes mais novos começaram a desenterrar mais mísseis como se cavassem batatas. Mungo baixou os olhos e viu metade de um tijolo, encarnado e pesado, a relíquia de outra batalha. Desenterrou-o, ainda tinha as arestas afiadas e agrestes, e quis logo pousá-lo, virar costas e ir ao encontro de James.

Um dos Billies encapuzados foi até ele, dando uma passa demorada.

— Até que enfim que cá temos o Hamilton mais novo. Já não era sem tempo, monte de merda. — A boca do tipo era uma coleção de dentes partidos, o sorriso um cemitério de lápides arrasadas. — Julgava que não ias honrar o teu apelido. Que ias acabar por dar uma de mariconço.

Mungo esforçou-se por retesar o corpo ao máximo. Sabia não ser importante o que dissesse, mas só como dissesse.

— Olha lá, ó cara de cu. Se eu fosse a ti, e se tens amor a isso que chamas dentes, fechava essa matraca. — O encapuzado aproximara-se demasiado da verdade. Mungo rodava o tijolo na mão, o medo era agora adrenalina. Pressentiu o Ha-Ha fazer com a cabeça um gesto de assentimento acima do mar de guerreiros e, um a um, os rapazes afastaram-se dele.

A massa de desordeiros chegava aos quarenta. Conforme o trânsito corria debaixo deles, amontoaram-se sob o único círculo de luz da rua, de mãos e orelhas bem enterradas nos anoraques enquanto entoavam cânticos do Rangers e o bafo quente lhes escapava pelas chaminés dos colarinhos. Contavam histórias obscenas e gabavam-se de andarem a foder as mães uns dos outros. Decidiram que um loirinho — de queixo ossudo para os seus onze anos — tinha a mãe mais papável. Alguns dos Billies mais velhos

avançaram e reclamaram a paternidade do miúdo. «És parecido comigo», gabava-se um. «Ná, ná, ná, és mais parecido é comigo.» Divertiram-se esticando as mãos e forçando o miúdo a gatinhar pela lama para lhes beijar os anéis dourados, e ele, grato por os mais velhos terem reparado nele, assim fez.

Alguém passava entre eles uma garrafa de *Buckfast*, que os tipos iam bebendo. Um par de miúdos mais novos foram à garrafa, na gana de lhes granjear o respeito, e faziam caretas quando o vinho acre lhes batia na goela. Mungo mexia-se dos nervos, enrolava e desenrolava a nota no bolso sentindo as meias molhadas espapaçarem-se nos pés. Pensou como James lhe virara as costas de nojo. Depois, sem querer, pensou em Ashley a revirar os olhos quando James lhe beijou o pescoço no parque. Ela não tardava ia conhecer James como Mungo nunca conhecera.

Vogou-lhes um ulular alto por cima das cabeças: estava alguém na ponte. Ergueram logo os tijolos e tiraram as navalhas dos bolsos. Dois dos rapazes desembainharam longas espadas ferrugentas das calças dos fatos de treino, e Mungo reparou que um dos miúdos mais novos tinha um alicate de rachar troncos que só conseguia agarrar com as duas mãos. Com a mesma rapidez com que desembainharam as armas, a turba dividiu-se. Os rapazes, em duas filas, formaram um corredor estreito. Pelo meio do corredor passou uma rapariga carrancuda, a empurrar um carrinho bambo com um bebé peganhento. Ela envergava o mesmo fato de treino largueirão dos rapazes, diferenciando-a as grandes argolas nas orelhas e as sapatilhas rosa-claras. Ia atalhando pelo baldio com o carrinho de plástico, as rodas a chiarem e a deslizarem na vegetação iam sacudindo o bebé.

— Cresçam e desapareçam. Deviam ter vergonha. — Portava-se como uma rainha guerreira, de cabelo penteado para trás preso numa bandolete coberta de joias. Faltavam à bandolete umas pedras de plástico, os encaixes

vazios pareciam olhos arrancados. Ao acabar de passar pelos Billies, fez uma expressão de desdém e vociferou:

— Espero bem que os católicos deem a vocês uma bela duma coça.

Os rapazes entreolharam-se, à procura de um cabecilha, de alguém que lhes dissesse o que sentir em relação ao insulto. Voou uma garrafa pelos ares e partiu-se aos pés dela. Os rapazes deixaram escapar um único e unificado pio.

O bebé peganhento desatou num choro. Criada no espírito combativo de todas as mulheres de Glasgow, a rapariga lá mordeu o isco. Largou o carrinho e precipitou-se, de rabo de cavalo molhado a agitar-se atrás de si e unhas roídas de fora, pronta a rasgá-los. Agarrou no cabelo do puto mais linguarudo e meteu-lhe o punho no pescoço e na cabeça. O rapaz tentou fugir, mas ela tinha-o preso pelo capuz e continuava a bater-lhe. Os outros pararam de rir. O que tinha atirado a garrafa encolheu-se no meio da turba. O que recebia a sova despiu a camisola e ali ficou, de tronco nu, tiritante à chuva, a esquivar-se às garras. Era a coisa mais degradante que podia acontecer a um combatente: ser tão publicamente arranhado por uma miúda.

Mungo esgueirou-se para o limite daquela multidão e ousou correr enquanto andavam todos distraídos. Os homens formaram um círculo à volta do rapaz de tronco nu, encurralando-o e empurrando-o na direção da miúda, que escarrava, qual galinha numa luta de cães. As unhas rasgavam-lhe extensos riscos de pele rosa dos braços, os arranhões no couro cabeludo ouviam-se até por cima dos guinchinhos de excitação dos miúdos. De cada vez que ele se libertava, os Billies mexiam-se e impediam-no de fugir, empurrando-o para aquela jovem mãe. Ela deu um pontapé no corpo branco e puro do miúdo, enegrecendo-o com os pés lamacentos.

Veio outra garrafa do nada, que se estilhaçou na têmpora de um dos mais

novos, cintilando como a bola de luzes numa festa. O rapaz, na queda, borrifou o outro de tronco nu de um longo anel de sangue.

Tinham-se todos distraído com a miúda raivosa, sem se darem conta do grupo de fenianos no cimo da ponte pedonal. Os católicos olhavam-nos, de sorriso rasgado à meia-luz, cada um deles de uniforme de riscas verdes e brancas do Celtic.

Os Billies dispersaram-se como enxame sem cabecilha, até a voz do Ha-Ha os chamar à ação:

— Aguentem. — E então: — E fodam-nos.

O gangue reorganizou-se e, num rugido de ódio, o primeiro projétil deles içou-se pelos ares, à luz radiante da autoestrada. Os Bhoystons recuaram e deixaram que o vidro se lhes partisse aos pés. Viram as armas reluzirem, e então, uma a uma, as camisolas verdes iam fulgurando e lançando-se pelo baldio. Os católicos tinham a vantagem do seu lado: ao lançarem-se ponte abaixo, as armas deles iam mais longe e encontravam os alvos mais depressa. As metades de tijolo faziam um baque surdo ao apanharem os putos nas costelas. Outros rapazes saltavam e dançavam feitos espantalhos de tecido quando lhes rebentavam garrafas de mijo aos pés.

O ar adensava-se das salvas de ódio religioso, mas os rapazes gozavam ao máximo. Os Bhoystons depressa receberam os tijolos e as pedras devolvidos, todos sujos e molhados da lama do bairro de Dennistoun. Os calhaus atirados pelos mais novos falharam por completo a ponte e fizeram um estrondo perigoso em baixo, na autoestrada concorrida. As buzinas dos carros fizeram-se ouvir.

Mungo estava pregado ao chão. O tijolo escorregara-lhe dos dedos, as pernas desobedeciam-lhe à ordem de correr. Enquanto os mísseis lhe voavam a toda a volta, foram recuando para o povoado de madeira alguns dos miúdos feridos, de nódoas negras nos braços azuis e mãos cheias de

sangue agarradas aos ouvidos, que de certeza lhes zuniam da dor. Homens meio crescidos caíam ao chão todos agarrados às cabeças partidas, os mais bravos guerreiros berravam pelas mãezinhas.

A noite de repente calou-se, parou o som do vidro a partir-se e da pedra a bater em osso. O número dos Bhoystons na ponte reduzia-se, os que tinham sido atingidos fugiam para Royston. Os Billies de Dennistoun desataram a aplaudir com as mãos frias, compondo um bramido acima da autoestrada. A berraria encorajou os amedrontados e fundiu-se numa versão furiosa e escabrosa de «The Sash My Father Wore». Os Bhoystons tinham deixado de controlar a zona mais alta. Quando só sobravam uns poucos, alguns dos Billies mais velhos, de martelos e espadas em punho, carregaram sobre a ponte. Os Billies abriram bem os braços como se espantassem tetrazes dos arbustos. Mas o Ha-Ha, não. O Ha-Ha corria determinado a apanhar os fenianos. Mungo viu o irmão ir atrás do último católico até Royston, bem depois do ponto onde ainda estaria a salvo. A lâmina do machado reluzia nos faróis dos carros.

Os protestantes feridos soltaram um viva. O Bobby Barr, o ruivo do braço partido, levou a faca de serrilha ao ar.

— Se eu alguma vez volto a ver um catolicozinho de cabelo desbotado, fodo-o todo. — Os outros rapazes garantiam o mesmo: a vingança que iam executar, quem tinha combatido bem, a garrafa que atingira o alvo. A gabarolice e o espetáculo deixavam Mungo enjoado. Parecia cobardia. Ele movia-se no escuro, contente com o fim daquilo tudo.

Fizera o que lhe fora pedido, ainda por cima não tinha ferido ninguém. Mal podia esperar por contar a James: iria lá agora a correr colar-se à campainha do prédio declarando-lhe aquele seu louco e arrebatado amor, como Ashley já tinha feito. E porque não? Aquela esperança inebriava

Mungo, que levou a cabeça atrás, desfrutando da chuva na cara a ferver, e expeliu todo o ar acumulado.

Já dera meia-volta para regressar ao bairro quando foi apanhado na cabeça. O estalo de lado, o som de um taco de hóquei a bater num tambor tenso e cheio de água, foi tão forte que achou que o crânio lhe rebentara, e a visão explodiu-lhe como o céu em noite de foguetes. Ficou tudo branco.

A cabeça doía-lhe e, ainda de mãos nos bolsos, caiu de borco na lama. Quando a luz radiante se esvaneceu e lá conseguiu abrir os olhos, viu os Billies debandarem feitos ovelhas assustadas: uns iam a galope de rabo entre as pernas, outros recuavam, balançando-se por entre os golpes dos atacantes. Deitado no chão, Mungo via as faixas verdes e brancas precipitarem-se sobre o azul real. Só um ou dois dos mais corajosos se mantinham firmes e de armas em riste. Depressa foram trucidados, aquelas caras novinhas abertas com x-atos, os crânios partidos com raquetas de ténis. Viu o Bobby Barr a correr quando uma bota o atingiu nos rins. Contorceu a cara de dor, mas ficou sem fôlego no corpo e nem sequer foi capaz de gritar.

Mungo torcia-se e pestanejava deitado no chão quando uns ternos olhos castanhos o olharam de cima, no relance de um sorriso deslumbrante e perfeito. Que rapaz lindo: a beleza fez Mungo, atordoado como estava, ainda assim perder o fôlego. O rapaz tinha o nariz largo de um pónei orgulhoso e o sobrolho escuro atrás de um cabelo denso e escuro, penteado como o de um pároco. Parecia prestes a dizer alguma coisa, mas Mungo não o ouvia por cima do fragor dentro da cabeça. Levantou a mão pedindo ajuda. O rapaz alçou então o pé bem alto e fê-lo cair como casco na cabeça de Mungo.

Foi novamente inundado de brancura. Sentia-se como quando estava sentado sozinho às escuras e Jodie acendia a luz de cima, uma lâmpada sem

abajur nenhum, e lhe queimava a cabeça. O pé caiu uma e outra vez, tentava-lhe separar a cabeça do corpo. Mungo ouvia a borracha da sapatilha chiar-lhe contra a cara. Sentia no ouvido o sangue e na boca o sal dos olhos, e cobriu a cara com as mãos num reflexo tardio.

O pisar ganhou o ritmo de uma jiga feliz. Mungo não era incapaz de ver através da dor. O pé voltou a descer e deslocou-se-lhe pelo corpo todo. O rapaz bonito andou em cima de Mungo, numa passada de marcha, feito nazi dos desenhos animados. Virou-se por cima da cabeça dele, o calcanhar em marcha de ganso, e percorreu o corpo caído de Mungo no sentido contrário. O outro pé não chegou a cair.

Eis Ha-Ha, de machado acima da cabeça, com o qual abriu o rapaz lindo. O católico caiu como árvore derrubada. O irmão tinha o lado da cara encarnado, uma cortina do próprio sangue descia num fio da orelha à boca, já franzido nas bordas brancas, como a gordura rasgada numa fatiazinha de toucinho fumado. O Ha-Ha tocou com o pé ao de leve em Mungo, virou-se, de machado acima da cabeça, e desatou aos golpes na floresta de fenianos.

Mungo ali ficou deitado no chão molhado. Não era capaz de se levantar donde o tinham pisado. Se não fosse a dor infernal, tinha congelado. Bramindo o combate, ele fechou os olhos.

Os católicos batiam pela ponte em retirada. Mungo ouviu o rugir do Ha-Ha atrás deles, em ternas promessas de sodomia e naifadas. Mungo encontrava-se deitado na lama, com a fria morrinha a cair-lhe na cara. Sondou com os dedos imundos a boca: a bochecha rasgara-se por dentro e pelo menos um dos dentes de trás tinha estalado. A lama queixou-se quando se tentou levantar. Várias vezes as pernas lhe patinaram e caiu. Quando lá

se levantou, percebeu que deixava o contorno perfeito de um anjo de neve naquela imundície.

Os outros miúdos não tinham tido tanta sorte. Uma multidão juntava-se à volta de um miúdo de doze anos que gostava de andar de *skate* e ajudava sempre a avó a lavar as janelas por fora. Mungo vira-o lá em cima, no peitoril, com a avó a agarrar nele pela cintura. Do outro lado, uns Billies tinham apanhado um rapaz católico bem ruivo, e num círculo, dançavam à vez para ele. Tinha sorte se ficasse vivo.

Mungo segurava na cabeça latejante enquanto ia cambaleando por aquele campo de batalha. Era difícil respirar. Ao inspirar em pequenos tragos intermitentes a humidade da noite, temeu ter as costelas partidas. O olho já se tinha fechado do hematoma, com terra presa debaixo do inchaço, que sentia a raspar na órbita. Equilibrar o peso no pé esquerdo causou-lhe uma dor lancinante, mas, por a dor irromper do tornozelo à anca, não percebia o que nele exigia cuidados. Queria chorar, chorar a inutilidade daquilo tudo.

O Ha-Ha ia considerar esta noite uma derrota. Quem ainda era capaz de lutar ia ser obrigado a regressar na semana seguinte para salvar a reputação. Devia ter acabado tudo ali, mas Mungo tinha juízo. Mais que um fim, aquilo era um começo.

Mungo prosseguiu aos tropeções e, como lhe haviam ensinado, engoliu o orgulho. O choro prendia-se à garganta, onde se misturava com sangue. Foi engolindo até se engasgar e tossir uma saliva negra. Ainda bem que conseguia ver aquela vermelhidão sob a luz débil.

Os jovens disparavam em todas as direções. Todos os destemidos guerreiros regressavam mancos a casa, vangloriando-se dos triunfos, bramindo ameaças de retaliação. Mas, pela maneira como levavam o rabinho entre as pernas, Mungo percebia-os abalados. Engoliam em seco, ruminavam a dor até entrarem em casa. Mantinham o peito inchado até se

encontrarem de novo nos braços das mães, e ao lado delas se aninhavam a ver televisão, enquanto elas lhes perguntavam: «Mas o que é que se passou pra queres tanto mimo, hã?», e eles sem responder, desejosos de serem novamente meninos e ficarem seguros no embalo da doçura delas.

Ecoou no bairro a primeira sirene da bófia. Os jovens que ainda conseguiam puseram-se em fuga. Mungo chegou ao povoado de abrigos. O bairro de lata tinha sido arrasado, com as revistas pornográficas rasgadas pela relva, mulheres de bocas abertas, caras torcidas de prazer ou agonia, espalhadas que nem aldeões mortos.

Quando chegou à rua onde morava, sentiu raiva do fulgor feliz que emanava das várias casas. As famílias estariam todas aconchegadas, a jantar peixe frito de olhos postos nos programas de variedades de sábado à noite. Chegou à porta do prédio e subiu as escadas a custo. A casa dos Hamiltons estava silenciosa e às escuras. Jodie estava no quarto, já tinha chegado do café. Mungo tentou abrir suavemente a porta, quase numa súplica, mas estava bem fechada.

A sala encontrava-se vazia. Pairava uma nuvem baixinha de fumo velho, cerveja morta e suor. Sob o ar abafado, a memória do perfume baunilhado da Mo-Maw — para o qual tinham contribuído os três para lho oferecerem no Natal —, e ele ficou triste por não dar com ela no sofá, a dormir de ressaca.

Ligou o aquecedor e despiu com esforço a roupa molhada, o que levou uma eternidade: cada gesto comum causava-lhe uma dor imensa, tinha de parar muitas vezes para ganhar fôlego e coragem. O mais difícil foi o corta-vento — descobriu que não conseguia levantar o braço acima da cabeça e, já de *boxers*, corriam-lhe lágrimas de dor e raiva. Deitou abaixo um restinho de cerveja do copo da Mo-Maw, que lhe fez arder o rasgão da

bochecha. Mas a bebida tinha um sabor triste e insípido, e um cheiro que o fez ansiar pela mãe, querer-se deitar ao lado dela.

Foi ao corredor escutar à porta do quarto da Mo-Maw. Ouvia-lhe lá dentro o ressonar agitado. Sabia já ter idade a mais para sentir estas coisas, e também sabia que Jodie não gostava, mas, ao pôr a mão no puxador, só pensava no quanto queria entrar na cama, ficar com a mãe e sentir-se a salvo nos braços dela. Abriu a porta devagarinho, o quarto, tirando o ténue cintilar laranja que vinha das cortinas corridas, estava às escuras.

— Maw? — sussurrou.

Andou junto à parede até bater na mesa de cabeceira, fazendo tilintar as chávenas de chá e os frascos de perfume. À meia-luz do exterior, viu a cara descorada da mãe por cima da roupa da cama. Dormia com a cabeça de lado. Mungo atentou um instante. Ela borrara a almofada da maquilhagem e tinha um ar tenso, as pálpebras um pouco franzidas, como se estivesse presa no purgatório entre a bebida e os açúcares.

— *Mo-Maw?* — O lábio de baixo começou-lhe a tremer de pena por si próprio. Levantou os lençóis e virou-se para se enfiar ao lado dela, mas, ao ajustar o olho bom à escuridão, percebeu que a constituição pequenina dela fazia um monte demasiado grande na colcha.

Alçou os lençóis devagarinho.

A luz da rua derramou-se sobre os corpos estranhos. O velho viúvo do andar de cima estava recostado ao lado da mãe, aninhado debaixo do sovaco dela, de boca presa ao peito, os braços longos a envolverem a cintura dela. Parecia uma carraça desnutrida a mamar-lhe o peito. Mungo tardou a dar sentido àquele emaranhado de braços e pernas, a mente organizava-lhe o pavor em algo com sentido.

Era como se estivessem a meio de uma dança quando adormeceram, ou tivessem pura e simplesmente desistido.

Talvez do ar frio repentino, talvez da luz ténue, o Sr. Donnelly abriu os olhinhos pretos. Alçou a boca da pele da Mo-Maw, esticando um fio de saliva, e desenrolou o corpo feito roedor no seu ninho. Tinha o cabelo fino e suado na cara. Ao pestanejar e ver o rapaz, os olhos eram duas poças nas trevas.

O Sr. Donnelly não estava à espera de o miúdo sereno se virar contra ele. Quando Mungo agarrou no homem pelos cabelos e o arrastou para fora de casa, o velho oportunista só dizia: «Homessa, sócio, eu não queria arranjar chatices.» As palavras corriam-lhe com alegria pela língua, como se fosse a primeira pessoa, na tradição escocesa, a entrar em casa de alguém depois da meia-noite do Ano Novo, mas tivesse ficado tempo a mais.

Mungo atirou o homem com violência pelos duros degraus da escada. Andava de um lado ao outro pelo patamar, dava murros na própria cara. Foi isso o que mais perturbou o velho. Dada a fúria de Mungo, o Sr. Donnelly encolheu-se de medo na escada e atolou as mãos na cabeça. Mungo estava furibundo com o homem, mas mais consigo mesmo. Ver o homem sem calças, mas de *blazer* e camisa velhos e gravata ainda apertada, era uma visão tormentosa. As pernas nuas e lívidas contrastavam com o betão, a ponta do piço engelhado pendia-lhe abaixo da bainha da camisa, uma coisinha pindérica à luz da escada. O Sr. Donnelly teve oportunidade e aproveitou-a, quis cá ele perder tempo em encantos e galanteios. Que maneira ordinária de viver.

Mungo escarrou no homem, numa enxurrada de cuspo que caiu em todo o lado.

— Obrigadinho, moço. Muito obrigado, sim? — O velho parecia grato por se ter safado.

Com o Sr. Donnelly agachado na escada, Mungo voltou para dentro e trancou a porta. Regressou à Mo-Maw, puxando-lhe os lençóis suados para

cima. De cabeça para trás, boca aberta e sinistra, batom todo borrado, não se mexeu. *Espantalha*. Ele ia fingir que a mãe tinha sido sempre a Espantalha. Sem lhe olhar para a vergonha, levantou ligeiramente aquela carcaça vazia e puxou os lençóis debaixo dela, unindo-lhe as pernas abertas. Depois, como se a preparasse para o enterro, limpou-lhe os restos de batom dos lábios. E ali ficou ela, com a lembrança apagada pelo álcool, feita bebé que não dormia sem cueiros.

A bulha com o velho acordou Jodie, que resmungava sozinha, como se mal pudesse esperar para sair de vez daquela casa de loucos. Ele ouviu-a encher a caneca de água da torneira e fechar-se outra vez no quarto.

Mungo não foi capaz de dormir depois disso. Por dentro e por fora, agonizava. Arrastou-se até à cama e sentiu-se miserável por causa de todos os erros que havia cometido, todas as pieguices que conseguia invocar: Jodie e o bebé, o Ha-Ha e os Bhoystons, a Mo-Maw e o dinheiro sujo, mas sobretudo James.

Tanto medo tivera do Ha-Ha que dera cabo da melhor coisa que lhe tinha acontecido. Agora, ali no escuro, sabia que o Ha-Ha não ia demorar muito, não ia cumprir a promessa — nunca cumpria. Era só uma questão de tempo até James sair magoado, e para quê? Por gostar de Mungo Hamilton, aquele que dá cabo de tudo o que é bom.

O Sol nascia por cima dos prédios quando Mungo foi à casa de banho limpar a lama e o sangue com um pano molhado. Mastigou dois analgésicos de Jodie e esfregou duas bisnagas de pomada nas costelas até largar um cheiro oleoso e pungente. Enfaixou os rins nas tiras rasgadas de um pano velho do pó e tocou nas nódoas negras que se espalhavam pela ilharga. As partes exteriores pareciam-lhe tão mortas quanto as entranhas, o que só ficava bem.

Tinha um rasgão já seco na testa, no ponto onde o taco lhe partira a cabeça. Limpou o inchaço e cobriu-o com um penso para joanetes, o único adesivo que encontrou. Tentou unir os rebordos da pele para os colar e penteou-se, o cabelo, por cima do adesivo da cor da pele, ainda estava em certas zonas todo eriçado do sangue. Ao afastar o cabelo da cara, deu com um hematoma tão grande na fonte que agarrou na base de maquilhagem, de um laranja exagerado, que pertencia a Jodie e espalhou-a da parte exterior do olho à testa.

Sofreu ao vestir roupa lavada, os pensos e a dor impediam-no de se dobrar ao preparar a mochila da escola. Partiu o mealheiro e embrulhou a miséria de trocos na nota indecente do Sr. Donnelly. Descolou da parede uma antiga fotografia da escola de Jodie e guardou-a no bolso do corta-vento. Não demorou a meter na mochila tudo aquilo de que gostava. Quando acabou, ainda conseguiu levar aos ombros a mochila, suficientemente leve, apesar de lhe doerem os costados.

Obrigou-se a esperar e a tentar comer o rabo do pão. Comia devagar

fazendo esgares de dor, o corte lancinava-lhe dentro da boca. Mastigava, e fixava nas traseiras as janelas apagadas de James. Mungo não tinha magoado a nenhum católico, o que só podia querer dizer alguma coisa. Tinham os dois feito o que precisavam para esconder quem verdadeiramente eram. Ele ia mostrar as nódoas negras a James, que compreenderia. James ia afastar-se de Ashley, e partiriam os dois, James e Mungo, juntos num expresso, para onde quer que Mungo indicasse.

Mungo fechou atrás de si a porta. Foi descendo aos tropeções pelo prédio adormecido, com o sol a entornar-se pelos vitrais. Ao chegar ao rés do chão, surpreendeu-se por encontrar o Calhoun Pé de Salsa, que entrava no prédio. De olhos atentos e protuberantes, a *Natalie* puxava a trela. Mungo acenou com a cabeça em jeito de cumprimento e passou pelos dois. Ao segurar na porta pesada, o Pé de Salsa retorquiu:

— O circo desceu à cidade?

— Desculpe? — Mesmo no estado miserável em que se encontrava, não abdicava das boas maneiras.

O homenzinho estava de pé no escuro, ao fundo da escada, com a trela enrolada na mão.

— Pois andas por aqui coa cara toda maquilhada e a mochila cheia. Achei que ias fugir pra te juntares ao circo.

Mungo, mesmo sem vontade, sorriu, e agarrou outra vez na porta.

— Ouve: se eu fosse a ti, esperava um bocadinho até sair. A polícia tem andado tantas vezes por esta rua que a câmara vai precisar de a alcatroar outra vez. — Mungo espreitou pelo vidro fosco. Lá fora, despertava uma manhã bonita de domingo. O sol abrira grandes fendas nas nuvens espessas, prometendo um céu azul quando possível. De facto, passavam dois veículos descaracterizados da polícia criminal: davam bastante cana numa rua onde pouca gente tinha dinheiro para um carro. Iam devagar para ver se

apanhavam algum miúdo da rixa que ainda ali estivesse. O Pé de Salsa fez sinal com a cabeça para a porta de entrada. — Já tomaste alguma coisinha quente, meu menino?

— Não.

— Atão entra lá, deixa-me preparar-te um bocadinho de fígado.

— Não gosto de fígado, Sr. Calhoun.

— Pois, ninguém gosta, mas tu tás com cara de quem precisa de ferro.

O Pé de Salsa entrou e fechou os trincos todos da porta. Tirou o anoraque e vestiu o casaco de malha que usava para cozinhar, abotoando-o até ao pescoço. Sacudiu o fígado roxo na frigideira velha e serviu-o, ainda em sangue e palpitante, à frente do miúdo. O cheiro deu a volta à tripa de Mungo, que ainda assim, por educação, lhe meteu a faca.

— Não consegues comer?

Mungo abanou a cabeça.

— Desculpe. Dói-me a boca.

O Pé de Salsa esquadrinhou o bolso do casaco e pôs os óculos para ler. Agarrou na cabeça de Mungo e pediu-lhe que abrisse bem a boca.

— Isso, assim, não te mexas. — Levou-lhe uma pinça de sobrancelhas à boca. Repuxou e tirou da face gordinha uma lasca de dente, tão comprida que mais parecia de amêndoa. — Vais ter de ver esse dente. — Deu-lhe um copo de água turvo com sal. — Lava a boca co isto, pra esse corte ficar melhor.

Mungo bochechou a água salgada num esgar. Repetiu e cuspiu a água ensanguentada na pia.

— Estás bem, meu menino? Tens a cara mesmo toda a tremer.

Mungo deu um beliscão no tique.

— Desculpe, Sr. Calhoun.

— Oh, tu não tens de me pedir desculpa. — O Pé de Salsa mimava-o. —

Mas não faças muita força na cara que dá cabo dessa base bonita. — Agarrou-lhe na cara pela segunda vez naquela manhã. Mirou-lhe por instantes o maldito tique e, com a ponta de um pano velho, limpou-lhe o rosto. Deu cuidadosamente um jeito à base espessa, esbatendo-a nas margens. — Depois d’o respeitável sindicato dos telhadores me ter metido no olho da rua, fui trabalhar prò King’s Theatre. Só me ocupava da porta das traseiras, mas, sabes?, às vezes deixavam a gente ver as grandes estrelas a maquilharem-se e a porem as perucas. Eu era *louquinho* pela Dorothy Paul, oh se era.

Mungo Hamilton, que não era de choros, começou a chorar. Mordeu o lábio de baixo, mas o choro era incontrollável.

— Pronto, pronto, já passou. Deixa sair. A Dorothy já não é a mesma cantora de antigamente, mas também não merece que chores, meu menino.

Mungo, entre os risos e as lágrimas, soluçava.

— Deixa sair. Só te faz é bem.

— Não sei como é que isso se faz.

O Pé de Salsa dobrou o pano e apontou para as traseiras de casa.

— Uma vez conheci um soldadinho destemido, sabes? Andava a desfilar naquele muro ali atrás. — Imitou um soldado todo ereto em orgulhosa marcha. — Tinha uma armazinha de madeira e uma boina velha da mãe, todo ele era vaidade. Eu estava à janela, divertia-me vê-lo a fingir que atirava sobre outro exército de putos, todos aos berros nos *walkie-talkies*, a lançarem granadas de faz de conta, era o espetáculo completo. De repente, um general dos grandes chegou-se por trás dele e jogou-o do muro cum pontapé. Assim, sem sequer pestanejar. Que maldade tão grande! Acreditas tu que era um general do mesmo exército? Limitou-se a empurrar o seu próprio soldado, assim sem mais nem menos, do muro. — O Pé de Salsa abanou a cabeça. — O rapazito caiu metro e meio, bateu no telhado, deu

uma volta e aterrou dois metros no passeio. Pumba! — Encolheu-se ao bater com a mão na bancada. — O soldadinho nem tugi. Não era esperto, mas era corajoso. Outro rapazito qualquer tinha gritado pla mãe. Este é que não. Este levantou-se e foi à vida dele.

Mungo soltou um soluço cavernoso. Fechou as mãos e tentava enfiá-las nas órbitas e dentro da cabeça. Tinha a cara bem vermelha.

— Isso, deixa sair, meu menino. Não há soldado corajoso nenhum que a dada altura não se canse e chore.

O Pé de Salsa não lhe passava a mão pelas costas nem pelo ombro: ficou só ali, dando espaço para que Mungo lançasse esse seu grito interior. Acendeu um cigarro e, quando o rapaz por fim tirou as mãos dos olhos, perguntou-lhe:

— O rapaz do telhado de ardósia gosta tanto de ti quanto tu gostas dele?

Mungo estremeceu.

— Não te preocupes, que eu não conto o teu segredo a ninguém. — Levou a mão ao peito e fez uma saudação. — Em nome das escuteiras.

Mungo, de olhos todos inchados, fitava o Pé de Salsa. O pobre do Pé de Salsa, escondido atrás das cortinas de rede, e a ver tudo, tinha chegado ao âmago de todas as coisas. Percebia nitidamente o que se andava a passar.

— Gostava, sim, Sr. Calhoun. Gostava muito de mim. Mas eu estraguei tudo.

— Ai, os miúdos! Na tua idade, parece tudo tão trágico. Isso há de passar. — E deu-lhe um pano lavado.

— Acredita nisso?

— Acredito.

Mungo limpou a cara.

— Ele pediu-me para fugir com ele, e eu pedi-lhe que esperasse. Agora, acho que já não nos conseguimos esconder muito mais tempo.

O Pé de Salsa, com a cabeça de lado e a língua a passar pela boca, refletia.

— Quero-te mostrar uma coisa. Não fujas. Não é nenhuma ratoeira pra apanhar miúdos, ao contrário do que os outros miúdos dizem.

Saiu uns instantes, o suficiente para Mungo limpar a cara ao pano e se sentir parvo. No regresso, trazia na mão um livro bordô, um diário com a data «1957» gravada a dourado. Folheou cada uma das suas páginas de cor creme, deformadas com uma caligrafia minúscula e obsessiva. Cada página povoava-se dos sentimentos do Pé de Salsa e, chegada ao fim, virava e continuava na margem.

Entre as folhas, duas fotografias a preto-e-branco. A primeira era um quadrado com uma cercadura branca. Um jovem de cabelo cerrado, no exterior, encostado à janela aberta de um prédio. Numa das mãos um jornal dobrado, numa das edições maiores de domingo, na outra um cigarro curto. De camisola de lã grossa e calças de cintura alta, levantava a cara ao sol raro. Ria-se, descontraído, a quem o fotografava.

O homem da fotografia era bem-parecido e tinha a segurança da juventude. Todo o futuro à frente. Tudo puro.

— O senhor era elegante.

— «Era»? Meu safadinho. Tinha um queixo capaz de riscar vidro.

Na outra fotografia, no jardim das traseiras de um prédio, exatamente daquele prédio, seis rapazes adolescentes sentados de perna cruzada na relva pisada faziam grande sorrisos ao fotógrafo, dois dos quais ligeiramente de lado, em cima de um impermeável velho a servir de toalha de piquenique. Não era nada. Os seis fumavam depois de um jogo de futebol, um nadinha apartados, formando a sua própria ilha.

O Pé de Salsa apontou para o homem sentado ao lado dele, em cima do

impermeável. Um rapaz de cabelo tão loirinho que chegava a ser branco, covinha no queixo e sorriso insondável.

— Esse era o Georgie. Tão simpático, era mesmo simpático e atencioso. Fizemos a instrução juntos no Ayr, pra irmos prà marinha mercante. No primeiro dia, ele não se sentiu bem quando me viu sem meias grossas que dessem pràs botas, e deu-me um par das dele. Ainda na cidade, a minha mãe tinha-me dado dinheiro pra uma sandes e um sumo na gare, eu vi que ele não tinha nada, fiz questão que ele ficasse com metade do meu. Era assim, eram estes pequenos nada. Nos três meses a seguir, eram só uma atençãozinha aqui, outra ali. Mas eu amava-o. O meu primeiro beijo foi com ele. O melhor beijo que me deram.

Mungo ficou atônito.

— Pediu-me que fosse prà Austrália com ele.

— E porque é que não foi?

— Oh, havia tantos motivos naquela época, hoje nenhum faz grande sentido. As porcarias do costume: tinha a mãe doente, o meu pai nunca veio da guerra, deixava a minha irmã sozinha, eu não ficava bem de calções. Tudo um despautério. Só cantigas pra eu esconder o meu medo. Ir prà Austrália! O rabinho tremia-me todo como o nariz dum coelhito. — O Pé de Salsa encheu a chaleira com um suspiro. — Mas, sabes?, acho que fiz o que qualquer filho que se preze faria. A minha mãe, ao menos, passou o resto da vida feliz.

— Foi um gesto digno da sua parte.

O Pé de Salsa abanou a cabeça.

— Não, tu não percebeste o que eu quis dizer. Foi uma cobardia. Eu queria tanto, mas tanto ir co Georgie. Passei estes trinta anos a imaginar isso. Só me faltou a coragem.

— Apareceu mais alguém?

— Quem? Por aqui? — O Pé de Salsa puxou uma linha solta do casaco.
— As pessoas ganharam-me um medo de morte. Acham que o que sou se pega. Que homem é que ia chegar perto de mim?

Mungo voltou a olhar para as fotografias. Os rapazes sorridentes, o adolescente feliz a fumar e a ler o jornal. O Pé de Salsa rodeado de amor. Onde é que as coisas correram mal?

— O Georgie, por onde é que ele hoje anda?

— Ai, o Georgie casou, talvez tenha sido plo melhor. Às vezes escreve-me. Pergunta-me sempre se volto ao Ayr e pede-me que lhe diga se eu for, mas nunca lá voltei. Não ia conseguir enfrentar isso.

— O que é que eu devo fazer, Sr. Calhoun?

O Pé de Salsa baixou ligeiramente a cabeça e olhou Mungo bem fundo nos olhos.

— É fácil, meu menino. Desta vez, pões-te em primeiro lugar.

Mungo levou a mochila ao ombro dorido. Fez sinal para o fígado.

— Desculpe, sim? Não sou capaz de comer isto.

O Pé de Salsa riu-se.

— Ai, não te preocupes. A *Natalie* adora. Vai ficar nas suas sete quintas.

— Sondou a nesga de céu a espreitar atrás das cortinas e, suspirando, apanhou Mungo de olhar fixo nele. — Não te preocupes comigo, meu menino. Vou dar uma voltinha às lojas e arranjar uma coisinha boa prò jantar. Talvez mais logo passe um bom filme.

Ainda era cedo. Mungo esperou por um intervalo da patrulha e lá entrou, passo vacilante, na rua. A perna latejava-lhe na esquina à espera de decidir ir a casa de James ou ao pombal. Se fosse a casa de James, este podia não o

deixar entrar, os vizinhos iam ouvi-lo a implorar pelo intercomunicador. Mungo não ia aguentar a vergonha.

Foi então ao pombal e, para não ser visto, agachou-se do lado oposto à cabana. O Sol nascia sobre Glasgow, Mungo esperava que James, como habitualmente todas as manhãs, desse de comer e exercitasse as aves. Ia nessa espera ensaiando tudo o que queria dizer, mas tudo lhe soava desajeitado, as mínimas coisas excessivamente mínimas, as grandes emoções exageradas e pretensiosas como nos filmes americanos. Não teve de esperar muito. Antes de o ver, ouviu-o tossir.

Quando Mungo apareceu na ponta oposta do pombal, James não olhou para ele. Abriu os pesados cadeados e penetrou no escuro como se Mungo nem ali estivesse. «Gruu-ruu, gruuu-ruuu, gruu-ruu», cantarolavam-lhe as aves.

— Estou pronto. Vou contigo aonde quiseses. — Tanto ensaio e Mungo agora não se controlava. Ashley e o Ha-Ha já se tinham intrometido demasiado entre os dois. James tinha de ficar a saber quão forte era o que Mungo sentia. Ia deitar tudo cá para fora, mesmo que James o fizesse ter vergonha daquilo.

James não se virou. Levava a cada gaiola uma caneca de água fria e deixava os pombos, quais prisioneiros, beberem pelas grades. Reforçava-lhes nas cabecinhas que ele era um carcereiro bondoso. Que só ele gostava deles, só ele cuidaria deles, bastava eles prometerem que voltariam sempre que ele os largasse. James não olhava para Mungo.

— Aonde eu quiser? Isso é que é coragem. — O tom não era o de quem falava a sério. — E a falta de amor-próprio, como é que anda?

— Temos de ir. Já.

— Ai temos? Engraçado. Estás pronto para ir logo quando a minha situação melhora. — Tirou uma fêmea sépia da gaiola e afagou-lhe o

pescoço. Esta não bebia a água da manhã. — Achei que ficavas contente por mim. Não estava à espera dessa ciumeira.

— Não tenho ciúmes.

James aliviou um pouco a rigidez dos ombros e tossiu, o mesmo tossir húmido e arranhado.

— Não me parece que queira ir contigo a lado nenhum. És tão mau como o teu irmão.

— Eu não o fiz. — Mungo andava à volta para se intrometer no ângulo de visão dele, mas James encontrava sempre alguma coisa que lhe desviava o olhar, negava-lhe o aconchego do seu olhar. — Preciso que saibas que, ontem à noite, não magoei ninguém. Fui lá. Fiz o que o Hamish me pediu, mas não entrei na briga. — Alçou o corta-vento de lado para mostrar a nódoa negra, mas nem o rumor do tecido fez James virar-se. — Deixei-os baterem-me e pisarem-me, e nem assim reagi.

— Isso não faz de ti menos intolerante.

«Idiota». «Fracote». «Maricas». «Mentiroso». «Cobardolas». «Chulo». «Intolerante».

Mungo queria dizer que o tinha feito por James. Para o Ha-Ha não fazer mal a James, para deixar em paz a única coisa que Mungo amava. Isso agora servia para quê? Fosse como fosse, parecia ter perdido James. Tentou uma última vez, mas a palavra fugiu-lhe tolhida como um suspiro.

— Por favor.

James não olhava para ele.

Mungo agarrou na mochila e virou-se para sair. Onde ia agora se não ia atrás de James? Soube então que não ia a lado nenhum. Ia pôr-se à frente do Ha-Ha para que ele nunca sentisse vontade de ir atrás daquele católico, de lhe deitar fogo.

— Quem me dera não ser assim, James. Quem me dera não ter

problemas, mas tenho. Tu não tens de ser como o Pé de Salsa. A Ashley é linda, ainda bem que o teu pai gosta de ti. Isso é tudo bom. Menti. Tenho ciúmes, sim.

Uns rafeiros farejavam a relva do pombal. Andavam velhos por ali, de olhos cobertos por boinas, a assobiar ordens rudes. Tudo continuaria na mesma.

— Não. Estás enganado. Ele não gosta de mim. — James virou-se e semicerrou os olhos à luz. — Nem sequer me conhece.

À luz matinal, a base pastosa e pesada de Jodie parecia uma crosta. A pele em torno da têmpora de Mungo já ficava pisada do sangue. Os olhos ganhavam grandes papos de aflição, e de lado a cara parecia inchada por dentro e por fora.

— Porra! — James foi até ele e pôs-lhe as mãos na cabeça. Inclinou-o como se fosse uma pomba pálida. Perscrutou-lhe as feridas com o olhar e puxou-lhe o beijo com os dedos para lhe verificar os dentes.

Mungo retraiu-se.

— Onde é que te dói? — perguntou James.

Não sabia por onde começar.

— Não me dói nada. Estou bem.

James levantou-lhe o corta-vento à altura do peito. Viu debaixo da pomada os contornos dos calcanhares, ainda a desabrocharem e a escurecerem por todo o tronco alvo, e tocou-lhe suavemente.

— Porra, que sofrimento.

— Não magoei ninguém. Não era capaz disso.

James virava o rapaz lívido, varrendo com o olhar cada parte do tronco, percorrendo com os dedos os perfis da dor. Mungo tentou rir para afugentar a dor.

— Pá, são católicos. Toda a gente acha que são os bons da fita.

James enfiou os nós dos dedos nos olhos. Repetia «pronto, pronto» sem parar, como uma cantilena, tinha a cara sem pinga de sangue. Assim ficou bastante tempo, no cântico e nos pensamentos.

— Que se lixe. Pronto, vamos embora.

Mungo não conseguiu evitar e abanou a cabeça.

— Népia, estava a ser egoísta. Tu ficas bem por cá. Podes ir trabalhar para a plataforma. E ter filhos com a Ashley.

James agarrou firmemente na cabeça de Mungo.

— Agora é tarde.

Mungo fez um esgar e um sorriso receoso, fugidio.

— Tens a certeza?

— Sim. — Os polegares de James roçavam o lábio de baixo de Mungo.

— Acho que já poupei mais do que a conta. Podemos ir para norte e alugar uma caravana o verão inteiro. Posso procurar trabalho. Ficamos bem.

Os homens que passeavam os cães à primeira luz do dia olharam na direção deles. Os rapazes separaram-se a uma distância respeitável, riam-se e sorriam um para o outro que nem dementes. James ajoelhou-se, não parava de mexer os olhos a pensar em tudo o que precisavam de organizar.

Mungo sentou-se ao lado dele na relva. Batia os dentes. Apanhado pela dor, o calor que ainda lhe sobrava no corpo sumia-se-lhe pelos hematomas dos costados. James despiu a camisola trigueira de malha da ilha de Fair e ajudou-o a tirar o corta-vento para lha vestir. Vendo-a de perto, a malha era atravessada por mil cores distintas, não apenas de tons creme e dourados pastosos, mas também de um azul floral, de castanhos musgosos e de um rosa ácido meio *punk*. Mungo queria tempo para examinar com atenção toda aquela minúcia em que nunca tinha reparado. Fervia no calor de James, que Mungo sentia a toda a sua volta. Mordeu o punho direito da camisola, a lã rangeu-lhe entre os dentes. E acalmou-o.

— Assim ficas melhor? — James ajudou Mungo a enfiar outra vez o corta-vento e a fechá-lo até cima, cuidando de não lhe trilhar o queixo.

Mungo dobrou-se em cima da mochila macia, sentindo um alívio grande e repentino, e um cansaço maior do que conseguia exprimir. Deixou-se apossar pelo sol fraco.

— Hoje?

James abanou a cabeça.

— Talvez amanhã. Preciso de ir a Cranhill ver o Mac Munroe. Vai ficar louco para me comprar o pombal. Há muito tempo que anda cheio de vontade de fazer voar os meus pombos. Entre aves e gaiolas, deve render tudo uns quatrocentos paus. Vão ser uma grande ajuda.

James foi ao pombal exercitar os pombos enquanto Mungo se afundava na relva, sentindo-se mal com as suas parcas poupanças. James levou sandes e termo, e os dois partilharam um pequeno-almoço com os pombos aos círculos no céu por cima deles. O chá era doce e com bastante leite, o que aliviou o corte da boca de Mungo. Hoje não havia aulas, nem amanhã. Os dois fizeram listas do que tinham de levar na mala — utilidades como pensos, acendalhas, sacos-cama, e muita coisa nada prática: uma aparelhagem, latas de arroz-doce pesadão e o fato preto de James, caso os agricultores estivessem à espera de uma entrevista formal de emprego. Depois, deitaram-se de barriga para baixo ao sol matinal, sem nada que dizer, arrebatados de alívio com o que tinham à frente dele. James deslizou a mão pela relva e levantou a camisola de Mungo por trás, correndo-lhe os dedos pela penugem ao fundo das costas. Mungo fechou os olhos.

— Achas que as pessoas vão gostar de nós?

— Em Ardnamurchan? Não faço ideia, mas não têm de gostar de nós. Só têm de nos deixar em paz. Não há quase gente nenhuma por lá, acho que não vamos ter problemas.

Acabavam-se as mulheres à janela. Os mexericos no lanço de baixo. O Ha-Ha a querer que ele fosse homenzinho. Jodie com vontade que ele crescesse. Mungo nem imaginava.

— Vais contar ao teu pai?

— Sim. Já lhe escrevi uma carta. Escrevi-a o ano passado, depois da coça que me deu por causa do problema com o telefone. — James afagava o fundo das costas de Mungo, pronto a tirar a mão se um dos homens com os cães chegasse demasiado perto. — Vais contar à Mo-Maw?

Mungo ponderou.

— Não. Conto à Jodie. Ela vai saber como dizer ao Hamish e à Maureen. Seja como for, eles não vão querer nada comigo quando souberem quem sou.

— A Jodie talvez queira. — James acreditava nas histórias que se contavam do bom coração dela, o que dizia tanto dele quanto dela. — Quem sabe vamos um dia poder-lhe dizer onde estamos.

— Sim. Quem sabe.

— Mungo, tens consciência de que nunca mais vamos cá voltar? Quando souberem, as coisas vão ser tão más como são para o Pé de Salsa.

Um dia Mungo ia contar-lhe o que sabia. Por ora, disse apenas isto:

— Ele não é mau. Está bem. Vamos ficar bem.

— Como assim? Vais deixar de ir ao paquistânês, de fazer sopa para a Mo-Maw, de viver para o bom tempo quando podes ficar a ver os homens do lixo de tronco nu ao sol do verão?

Mungo sorria de orelha a orelha, a saliva acumulava-se-lhe no canto da boca aberta.

— Para católico, saíste-me cá um filho da mãe atrevido. Ainda não me pediste desculpa por todas as coisas cruéis que me disseste.

— Andava só a pôr os protestantes na linha. Vocês acham que mandam

nesta cidade.

— Que generoso, seu rezingão. — Mungo deu um risinho e torceu-lhe a orelha.

James afastou-lhe a mão com uma palmada. Olhou o céu cheio de aves às voltas e deu com a pomba de outro homem. Amarelo-claro, gema de ovo, nas nuvens cinzentonas, mas o sol de vez em quando batia nela e fazia-a reluzir como se fosse ouro. Um dos pombos de James, um rufiazinho roliço a quem chamava o *Batoque*. O par mergulhou e sumiu-se atrás dos prédios, e James soube que perdia o pombo para sempre. Umas horas antes teria ficado arrasado, agora bufava e sentia uma estranha alegria pelo *Batoque*. Ria-se de si para consigo.

— Olha, no outro dia percebi uma coisa. Lembras-te da linha telefónica de que te falei? Dei-me conta de que comecei a ligar para lá muito antes de a minha mãe morrer.

— E então?

— Ela devia andar a receber as contas há meses. Deve ter sabido o que era o número e limitou-se a pagar. Não deu a entender nada. Nunca abriu a boca.

Mungo demorou um pouco a perceber o que James dizia.

— Ah. Ela sabia de ti. Ainda bem.

James assobiou aos pombos.

— Sim. Ainda bem.

Mungo virou a cara de James. O sol aquecia-lhe a cabeça, queria senti-lo afagar-lhe a outra face.

— Pensa lá. Na semana que vem, por esta altura. Acabou-se o John Donne.

— Acabou-se quem?

Os dedos macios nas costas tinham-no entorpecido.

— Não interessa.

O sol ia persistir. Os miúdos fecharam os olhos.

Enquanto observavam as aves a voarem pelo bairro, Hamish tinha alcançado o pombal vindo do parque. Teve o instinto de um lebre escocês de começar pela zona mais aberta e ir penetrando, perseguindo a presa até casa. Atravessara o parque e tinha-se metido por entre as falhas na vedação de metal.

Antes, nessa mesma manhã, fora à procura de Mungo em casa e dera com a Mo-Maw à mesa da cozinha, de cabeça entre as mãos. A noite anterior, para Hamish, era um borrão de adrenalina, clarões brancos e verdes, saliva e sangue. Mas, no meio daquilo, conseguia imaginar nitidamente o mano mais novo caído ao chão, a sufocar no próprio sangue, e o feniano todo contente a pisá-lo. Quando Hamish viu as peças de roupa ensanguentadas largadas no corredor e encontrou a Mo-Maw sozinha à mesa, a chorar, imaginou o pior. Sacudiu-a. Ela olhou para cima. E gritou.

Hamish por momentos esqueceu-se da sua própria cara desfeita. O berro da Mo-Maw atraiu Jodie, que saiu do quarto. A irmã ficou à porta da cozinha, com o cabelo enrolado num ferro de frisar e a ficha pendurada por a ter arrancado da tomada. Jodie nunca ficava sem palavras. Especada a olhar para Hamish, cujo sangue atravessava a ligadura, o ferro queimou-lhe o cabelo e saiu-lhe da mão uma longa madeixa encaracolada.

A Mo-Maw estava a curar a ressaca e não a chorar por Mungo, que ainda julgava estar na cama. Hamish deu uma gargalhada por ser tão estúpido.

Hamish não se denunciou com a própria sombra. Mungo não soube que instinto o fez levantar o olhar da relva, que mudança no ar o fez olhar por

cima do ombro. Mas, quando se virou de lado, já Hamish estava em cima deles de pescoço em sangue.

Mungo achava ser cedo demais para o irmão estar a pé, cedo demais para o pai de uma bebé andar por aí. Ainda assim, ei-lo — com uma garrafa de refrigerante na mão, cheia de gasolina roubada.

Hamish tinha um semblante colérico, os dentes rangiam-lhe da velocidade a que se movia. Bruto e ensanguentado, uma grande ligadura branca cobria-lhe a face esquerda, mas a pomada e o sangue colado passavam a fina musselina adesiva. De lado parecia meio sorriso, como os desenhos do Carnaval que se viram ao contrário para ficarem tristes ou contentes. Hamish levava um golpe de uma faca ferrugenta de cortar alcatifas que lhe ia da orelha ao canto esquerdo da boca. Devia ter passado boa parte da noite no hospital da Enfermaria Real, onde o coseram. Tinha metido uma pastilha no bucho e ainda não fora a casa dormir. Os pontos não se aguentavam.

— Achei que tinhas quinado, foda-se — disse ele, de olhar excitado.

— Hamish, não é o que estás a pensar. — Mungo só podia temer tudo o que o irmão podia ter visto e ouvido.

Atrás das lentes grossas, Hamish chorava lágrimas a sério. Foi esse pormenor o que mais assustou Mungo. Hamish abanava a cabeça como se não conseguisse acreditar. Os dois miúdos, deitados na relva, lado a lado. A mão do feniano a fazer cócegas nas costas do mano. Hamish deixou fugir um único soluço engasgado.

— Ná, Mungo. Tu não podes ser desses. Não podes, não, porra. Não podes.

James apoiava-se na relva com a mão — com os mesmos dedos brandos que haviam acariciado a pele de Mungo. Hamish avançou e fez cair-lhe a bota sobre a mão. Pisou-o duas vezes concentrando a força toda no

calcanhar, e a sola grossa da bota fez um som seco e horrendo. James virou-se de lado, e perdeu a cor do terror que sentia. Enrolou-se sobre si, defensivo, a proteger os dedos partidos na outra. Mungo foi até ele.

James tinha a boca toda aberta sem emitir um som que fosse. Começou a rastejar atrás, para se afastar de Hamish e chegar ao pombal. Hamish levantou os óculos e limpou os olhos marejados. Olhou o feniano, novamente Mungo. Invadiu-o um olhar pesado de alívio. Tinha a resposta de que precisava, ainda que não fosse a verdade.

— Ah, já percebi. O cabrão tá-te a endrominar, né? Este rabeta gosta de se aproveitar dos meninos. É o costume. A culpa é toda dos cabrões dos padres.

Hamish foi até James. Queria acreditar naquilo. A verdade era bastante mais fácil: Mungo tinha-se deitado com aquele rapaz e gostado, Mungo tinha sonhado com o hálito doce dos cereais de James, a boca dele tinha acolhido a de James, afagara-lhe o nariz na penugem loirinha mesmo entre as nádegas, ou roçara-se em James até fazerem bolhinhas na água fria do banho. Hamish não podia ser irmão de um anormal. Não ia ser irmão de um paneleiro.

— Tu és dos que violam meninos.

James Jamieson fez então uma coisa estranha. Desistiu de fugir.

O rapaz assentiu uma única vez, de maneira tão ligeira como se engolisse um comprimido a seco. Mirou Mungo, recuando o canto esquerdo da boca em sinal de aceitação do que aí vinha. «Não faz mal. Eu percebo.»

Mungo chegou tarde para conseguir entender o que não diziam. Hamish lançou-se antes de lhe cair a ficha.

— Não! Hamish, não!

O primeiro pontapé apanhou James debaixo do queixo. Rasgou-lhe a pele frágil e partiu-lhe os dentes insubmissos. O segundo atingiu-o no meio da

cara e fez o nariz partido jorrar sangue ao céu. O rapaz deixou de se mexer. Caído, escarlate e trigueiro ao sol, de cabeça para trás e braços estendidos, feito santo à espera da ascensão. Mungo ainda estava de joelhos, as mãos dadas em oração. Dois pontapés bastaram para arrasar com James Jamieson.

Hamish não deixou Mungo chegar perto de James. Mungo saltava à volta do irmão, mas, quando se ajoelhou ao lado de James, Hamish agarrou bem pelos cabelos do mano e arrastou-o.

Hamish abriu a garrafa e, numa torrente soluçante, regou James em gasolina. Mungo enfiou o ombro na barriga de Hamish e deteve-o. Fez uso de toda a força que ainda lhe restava para afastar o irmão do corpo de James. Esforçou-se, mas Hamish era mais forte e rápido. Deu-lhe com a anca, fazendo-o cair de joelhos, e enfiou-lhe a bota nas costelas, Mungo ficava indefeso que nem vitelo acabado de nascer. Hamish torceu-lhe bem o cabelo com a mão direita e, com a esquerda, segurou-o bem pelas costas da camisola, arrojando-o de gatas até ao bairro.

— Vá, controla-te lá. Eu salvei-te, Mungo. Um dia, vais-me agradecer. Eu salvei-te.

Mungo começou por se deixar ir, todas as passadas que afastassem James do irmão o deixavam feliz. Mas, chegados ao passeio, Hamish estacou e bramiu ao católico:

— Eu volto, cabrão. Inda não acabei contigo.

Mungo contorcia-se todo, arranhando as costas da mão de Hamish, mas este sabia o que fazia. Bateu-lhe uma e outra vez com o cotovelo na zona dorida da cara até Mungo ser todo ele rendição. Arrastou o irmão de joelhos ao bairro, parando de vez em quando para o abanar e lhe pedir que parasse com a merda do choro.

O dia acabou por ficar bonito. O lago animava-se da luz do Sol enquanto Mungo ajudava Gallowgate a arrastar o morto ao acampamento. Estavam sempre a deixá-lo cair, o corpo ossudo de St Christopher rolava e desaparecia na erva-canuda. Sempre que o voltavam a apanhar, Gallowgate fazia questão de lhe limpar a sujeira da pele descorada. Arrastando o amigo pelo tapete de erva-pérola, Gallowgate tinha estampada no rosto uma dor real. Mungo não conseguia olhar para o cadáver. Só queria que o morto fechasse os olhos.

Depuseram St Christopher dentro da tenda dupla: Gallowgate tinha insistido ser o gesto mais decente. Não conseguiram enfiá-lo todo na tenda porque a roupa ensopada se agarrava ao chão molhado e, se o mexessem mais, a tenda vinha abaixo. Ali ficou ele, de pernas saídas do joelho para baixo, enquanto Gallowgate apanhava bocados de urze com que salpicava o peito do compincha.

Mungo procurava madeira seca para fazer lume, e Gallowgate deitava abaixo três latas de cerveja seguidas, sem dizer palavra. Não havia galhos secos, resultando numa fogueira miserável, difícil de pegar e toda ela fumo; ainda assim, chegou para Mungo pousar nela duas latas de *ravioli*. Sentado à fogueira, via Gallowgate deixar-se ir na bebida, acabando com a cerveja e tragando as sobras das bebidas brancas.

— Ele tomou conta de mim na choldra. — Gallowgate falava para a fogueira. — Partilhava os mantimentos comigo. Dava-me sempre cigarros a meio quando sabia que eu andava nas lonas.

Mungo não considerou grande caridade oferecer as beatas de alguém. Mas o que Gallowgate dizia parecia comover o próprio Gallowgate.

— Ao começo, ninguém me falava na prisão, só o Chrissy. Foi meu camarada desde o primeiro dia.

— A vida lá dentro era má? Era medonha? — quis Mungo saber. Tentava não olhar para os pés do morto.

— Sei lá eu, é a prisão ou não é? Podia ser boa ou má. Tava a abarrotar, dois gajos em celas pra um só, comias na cama. Mantinham a gente todos na mesma ala. Tavam todos lá dentro por crimes sexuais. O diretor tinha metido na cabeça que ia tentar reabilitar a gente. Deixava a malta organizar coisas, deu-nos um bule amarelo prò chá. Acho que andavam a estudar a malta.

— Não vos separavam? — Não parecia bem a Mungo. Como podia alguém ser castigado se se rodeasse de gente que gostava do mesmo? Pensou nos miúdos da primeira classe. Todos os outonos perdiam a cabeça com cadernetas de futebol. Andavam todos juntos e concentrados, a trocar o que queriam, moviam-se como uma grande massa que se contorcia toda.

— Não. Metem a gente todos juntos. Lá dentro havia uns monstros dos grandes. Gajos que cortavam às postas meninas todas janotas. Outros que à noite não me deixavam em paz. — Gallowgate emborcou o último resto de uísque e enterrou o queixo na gola do blusão. Mirava os pés saídos do amigo. — Mas o Chrissy era outra loiça. O pai dele tinha um talho famoso na Paisley. Andaram anos a poupar e compraram outro em Govan. Era o Chrissy quem ia gerir o talho sozinho.

— E porque é que não foi?

— Foi, pois, mas só um tempinho, correu muita bem. Tinha aprendido o ofício co pai, e com dois talhos a carne era melhor e os preços um bocadinho mais baixos. O negócio ia de vento em popa.

— Então como é que ele ficou este rafeiroso?

Gallowgate fez-lhe má cara.

— Cuidadinho ca língua.

Nenhuma desculpa iria passar pela boca de Mungo, que voltou a remexer nas picadas de mosquito.

— E então, o que é que aconteceu com o talho?

Gallowgate encolheu os ombros.

— Foi preso por causa dum namorico. Tinha-se embeijado por um garoto de onze anos que lavava os tabuleiros ao fim da semana. O pai dele trabalhava prò Chrissy e o puto fazia umas horas nas entregas e coiso. O Chrissy achava que o rapaz gostava dele. O Chrissy não se continha.

Mungo conseguia agora olhar para os pés do morto. O medo estava agora bem no fundo da mente, de repente já não se sentia tão mal. Era como baralhar as cartas do ludo: o remorso ficava para trás, e em cima algo parecido ao alívio. St Christopher era um homem bem mau.

— Achas que quando nos afogamos dói? — quis Mungo saber.

— Foda-se, sei lá eu. Ele parece que partiu a cara. Não percebo se foi antes ou depois de entrar na água.

Mungo sentia os nós das costas descontraírem, inspirou profundamente pela primeira vez desde que tinham encontrado o cadáver. Reparava agora como os sapatos de St Christopher não estavam desgastados da mesma forma: as solas de couro estavam gastas na parte interna, o santo andava com os pés para dentro^[8].

— Então não sabes como é que ele morreu?

Gallowgate abanou a cabeça.

— Ná. Só sabemos na autópsia. Abrem-no e veem.

Mungo assentiu, mas sem perceber bem.

— Quando fizerem isso, achas que não há problema? Foi só um homem

velho que se afogou, não é? Podíamos deixá-lo aqui. Porque é que se iam dar ao trabalho de ir à nossa procura?

— Ná. — Gallowgate fitou-o demoradamente e bufou da ingenuidade do miúdo. Tinha-se esquecido de que falava com uma criança. — Não é assim que as coisas funcionam. Mal percebam que quem tá morto no meio do nada é um tipo que abusa de miúdos, eles vão investigar.

— Como? — Não fazia sentido a Mungo: um papão morto só podia ser sorte.

— Porque, quando um de nós aparece morto, eles querem saber com quem é que a gente tivemos da última vez. Ou ao contrário: quem é que teve azar de ter tado *connosco*. — Gallowgate agitava-se. — Eu não quero ir outra vez prà choldra.

Mungo recostou-se a uma das rochas musguntas e fechou os olhos. Sentia-se oco mas ao mesmo tempo mal, num nó de emoções por desatar. Tinha de ir para casa. O que iriam agora dizer dele? Já era mais durão do que Hamish alguma vez seria capaz de imaginar. Não era o miudito envergonhado com espasmos na cara. Nem o maricas que gostava de fenianos e não prestava para dar porrada. Tinham-lhe arrombado o corpo. Matara um homem. Atacara-o e afogara-o. Era estranho perceber que ele próprio era mais homem do que Hamish alguma vez seria, e ao mesmo tempo, menos homem. Tinha de voltar a casa. Nunca mais poderia voltar a casa.

A mãe tinha-lhe dado um par de abusadores com uma mochila de livros de banda desenhada todos usados e um jogo do ludo, diversão para toda a família, dos seis aos catorze anos. Julgava ela que aqueles dois iriam fazer do filho um homem — que lhe iriam mostrar coisas que o pusessem bom, que um pai lhe devia ter ensinado, que ela lhe poderia ter ensinado se tivesse tentado, que ele nem tinha necessidade de saber se vivesse a vida

inteira em Glasgow, o que iria acontecer, pois era o que fazia toda a gente que ele conhecia.

Mungo tinha novamente a cara lavada em lágrimas. Gallowgate aproximou-se, envolveu-lhe os ombros nos braços e beijou-lhe a testa.

— A gente conseguimos tratar disto. Podemos afundar o corpo dele no lago.

As latas de *ravioli* borbulhavam, e Mungo usou isso para se escapar ao abraço de Gallowgate. Agachou-se feito primata amuado. Pousou na terra a lata a esquentar e começou a apanhar os *ravioli* um a um. O molho queimava-lhe os dedos, mas não o impedia.

O sol do meio-dia riscava as montanhas na outra margem do lago. As bolsas de neve iam-se movendo. Mungo viu-as a passar da crista bicuda de um despenhadeiro até perceber tratar-se de um rebanho desordenado de ovelhas em busca da erva verde e boa que crescia entre as rochas. Deu com a máquina descartável na tralha do bolso do corta-vento. Correu o rolo ruidoso e tentou tirar uma fotografia a Gallowgate. O homem silvou levando as mãos à cara. Mas pouco importava: da caixa de plástico corria um fiozinho de água do rio.

Enquanto comiam, Gallowgate parecia bem interessado no que Mungo diria e no que não diria no regresso a Glasgow. Passaram um bom bocado a acertar a história: Gallowgate lançava a linha ao rapaz, que sentia o anzol na boca. Quando Gallowgate lhe dirigia a palavra, era no tom que Mungo não ouvia desde aquela noite na tenda. Como se voltassem a ser grandes compinchas, eles os dois contra o mundo.

— Atão o que é que vais contar à tua família deste fim de semana?

Mungo parou de mastigar.

— Só que passámos um bom bocado. Gostei do lago. Vi umas montanhas.

— Não, da gente, o que é que vais dizer da gente? Do Chrissy e assim?

— O que é que queres que eu diga?

— Dizes talvez que éramos mesmo boa gente. Que te ensinámos a fazer fogo, a pescar. Que gastei o subsídio todo pra trazer a gente cá. Isso, diz isso a eles. — Gallowgate usava a língua para tirar umas cartilagens da beíça. — Quando eles perguntarem, vais dizer que dormistes adonde?

Mungo fez sinal com a cabeça à tenda dupla, ou ao que dela sobrava.

— Ná. É melhor dizeres a eles que a gente te pusemos na tenda pra um. Eles que percebam bem que tinhas todo o espaço só pra ti. Dizes que tavas co medo ou coisa assim, que à noite a chuva e os veados metiam um medo do caralho. — Piou feito coruja tristonha. — Dizes que lá conseguistes arranjar coragem. Isso, diz a eles que tinhas a tenda toda pra ti.

— Pronto.

— Atão, o que é que vais dizer a eles?

O olho de Mungo tremeu. Sentia-se um pouco irritado. Mas Gallowgate não prosseguiu sem ele responder.

— Vou-lhes dizer que dormi completamente sozinho na tenda à beira do lago. Que à noite fazia frio. E que me dava muito medo. — Falava num tom plano como asfalto acabado de pôr.

Gallowgate arrancou restos de comida do molar e atirou-os aos seixos. Não gostava do tom plano de Mungo. Olhou-o de soslaio, como se não pudesse ter a certeza de Mungo estar ou não estar na galhofa.

— Diz mesmo a eles do grande corço que a gente vimos. Isso é que fica na cabeça deles. E dos castelos: as mães *adoram* castelos.

— Pronto.

— E como é que vais explicar as feridas?

Mungo encolheu os ombros.

— Eles não querem saber disso.

— Pois, mas, se quiserem, dizes que caístes duma ladeira. Vem o degelo e estas encostas deslizam muito. Um passito em falso e reventas ca cara toda.

— Está bem.

Ficaram então muito tempo calados. De nada adiantava mastigar a comida desenxabida, Mungo limitava-se a passá-la de um lado ao outro da boca até a transformar numa pasta que desse para engolir. Gallowgate não tirava os olhos dele.

— Olha, não te serve de nada teres pena de ti.

— Então?

— Eu cá não sou parvo nenhum. Pode-te dar a vontade de contares umas coisas quando a gente se for embora. De desatares a espalhar mentiras sobre mim só pràs pessoas ficarem todas com pena de ti.

Mungo engoliu a garfada seguinte com dificuldade.

— A pena só te faz sentir bem um bocadinho. Vai-se depressinha, depois começa a tresandar. Se mentires a eles, podes chorar e receber uns abraços. Nessa noite, até ganhas um belo dum jantar.

— Pronto.

Gallowgate tossiu, o beijo brilhava-lhe do cuspido.

— Mas fica a saber que as pessoas a quem contares nunca vão olhar pra ti da mesma maneira. A tua mãe vai-se sentir toda miserável. Vai andar a beber e contar a outra pessoa qualquer só pra se sentir melhor. É o que as gajas fazem: não se pode confiar e achar que sabem se aguentar. Depois, essa pessoa a quem ela contou vai contar a outra e, quando dás por ti, a malta do bairro sabe toda que deixastes que dois estranhos te fodessem na mata.

— Mas eu não deixei.

Gallowgate olhou para o rapaz como se tivesse pena.

— Pois não. Mas queres que as pessoas pensem isso?

Mungo abanou a cabeça.

— Não.

— Porque é isso que elas vão pensar. — Gallowgate apontou com o polegar para o santo morto. — E se os Hamiltons querem ter problemas cá bófia, a gente vamos ter todos de explicar *aquilo*.

Mungo tinha fome, mas era incapaz de comer mais. Passado um bocado, parou o seu choramingar silencioso. Virou a cara para o lago e secou discretamente os olhos.

— E se a fotografia do St Christopher aparecer nos jornais?

Gallowgate respondeu com uma gargalhada desgostosa.

— Ninguém põe a foto dele nos jornais. Ninguém quer saber dele. — O homem chocalhou a última cerveja, mas estavam todas vazias. Ali se deixou ficar sentado bastante tempo a olhar para Mungo, o semblante cada vez mais carregado, até lhe perguntar: — Há quanto tempo é que andas a mentir à tua mãe?

Mungo atarantou-se.

— Eu não minto.

— Deixa-te lá disso. — Gallowgate parecia subitamente irritado. Esfregou as têmporas, a cabeça de certeza que lhe latejava, a rogar por outro copo. — Tu tens mentido relativamente ao feniano. Tens mentido relativamente a seres paneleirote.

— Eu não sou nenhum...

— Vês? Agora mentistes.

O frio tinha tomado as ancas de Mungo, que se levantou num esgar. Afastou-se do homem e agachou-se mais perto do lume fraco.

— Ainda nem há um minuto querias que eu mentisse.

Gallowgate bufou. A voz xaroposa sumira-se-lhe.

— Pois, és bom nisso, dou-te essa abébia.

Ele não era bom a mentir, mas já não tinha vontade de se debater mais. Cedeu, como sempre cedia, e encolheu os ombros.

Gallowgate jogou-lhe uma pedra musgosa aos pés.

— Vais contar essa história direitinha?

Mungo vacilou, não por se sentir afoito — sabia que não iria aguentar o olhar da Mo-Maw se alguma vez lhe dissesse a verdade —, mas só por cansaço. A mente volátil de Gallowgate andava demasiado depressa para ele. Sentia-se cansado por este tipo lhe puxar a trela como se Mungo fosse um cão que não o acompanhasse. Cansado do frio húmido que provinha do lago, cansado dos sapatos gastos e patéticos que assomavam da tenda. Mungo olhou nos olhos de Gallowgate pela primeira vez naquela tarde, e ali, bem no meio da testa de Gallowgate, percebeu um nozinho, o primeiro tremular de dúvida, talvez de medo. Ficou contente. Fez uma pausa e saboreou-a mais um segundinho.

— Não conto a ninguém. Juro.

— Oh, Mungo. — Gallowgate suspirou. A expressão dele voltava a mudar e fitou o rapaz numa tristeza funda. — Tou-te a falar a sério, eu é que não vou voltar prà porra daquela choldra.

Gallowgate meteu na boca a última garfada de *ravioli* e sujou as costas da mão de molho encarnado. Demorou-se a lambar a palma para alisar a franja curta e direita na testa. O olhar desfocou-se-lhe, parecia perdido nos pensamentos. Aturdido, Mungo deixou-se ficar sentado até Gallowgate se levantar de supetão.

— Pronto. Preciso que faças aí um monte de pedras, das pesadinhas, mas pequenas prà gente lhas metermos nos bolsos e no forro do casaco. — Apontou para a água silente. — A uns cinco ou seis metros daqui, a margem afunda-se logo, o lago até pode ter mil metros de fundo. — Mungo

devia parecer indeciso, pois o homem acrescentou: — Não tenhas medo que o lago não tem cá monstro nenhum.

Mungo não acreditava nele. Ainda bem que lhe virava costas. A Escócia era toda feita de rocha lascada, logo, não demorou a juntar uma boa pilha de pedras pesadas. Gallowgate arrastou o morto da tenda, levou-o para a água e foi-o arrastando da margem como se o fosse batizar. Mungo seguia-o quase reverente, de cabeça pendida e uma braçada de oferendas. Gallowgate já se tinha afastado uns cinco metros da margem quando foi obrigado a levar a cabeça atrás para conseguir respirar.

— Anda lá, despacha-te — cuspiu ele —, enche-lhe já os bolsos a ele.

Mungo agarrou nas pedras e encheu a cintura, o bolso do casaco e as calças de St Christopher. Gallowgate fez-lhe sinal para meter mais pedras, e Mungo regressou à margem para outra braçada. Meteu o último calhau na boca aberta do santo.

A cara e os lábios azul-pálidos de Gallowgate mostravam grande esforço. Com aquelas pedras todas, o morto devia ficar pesado. De repente, Gallowgate mergulhou e Mungo imaginou dar ao cadáver um derradeiro empurrão ao vazio. Umas bolhas, e a tona novamente quieta. Mungo imaginava as cataratas mortíferas dos olhos do homem a desaparecerem na escuridão.

Gallowgate assomou de braços vazios à superfície, todo ofegante do frio. Tiritava os dentes no regresso dos dois à margem. Quando a água lhe chegava entre o peito e a cintura, Mungo sentiu a mão de Gallowgate agarrar-lhe no pulso.

— Pera. Sabes alguma reza?

— Não.

Puxou o rapaz contra si e segurou-o nos braços como se lhe quisesse roubar o calor todo. Mungo apertava as mãos contra o peito de Gallowgate.

Não queria o afeto dele. Mas Gallowgate prendia-o. E tentou-lhe dar um beijo.

— Vá lá, deixa-me ir para casa.

Gallowgate olhava-o bem fundo nos olhos, numa sinceridade perturbadora.

— Mungo, quero que saibas que a Maureen não me disse coisas feias de ti. Naquele dia, o que eu disse a ti não era verdade.

Mungo sentia-se demasiado oco para se importar com aquilo.

— Ela disse que deu a ti o nome dum santo. Que nunca a fizestes disso se arrepender uma vez que fosse. Ela disse que és o menino mais fácil e doce que ela conhece.

Mungo sentiu os pés levantarem-se quando Gallowgate o abraçou. O homem colou-se a ele e desatou-lhe aos beijos ao pescoço. Chorava, murmurava entre dentes «desculpa», de boca no queixo de Mungo, e depois na bochecha, a procurar-lhe os lábios macios. Mungo achou que ele pedia desculpa do mal que tinha acontecido, da dor na tripa, do cadáver. Então o homem forçou-lhe um beijo, passou as mãos à garganta de Mungo e empurrou-o debaixo de água.

O lago debaixo da superfície era extraordinariamente calmo.

Mungo abriu os olhos: na água tão límpida via o esforço na cara de Gallowgate, os músculos estirados no pescoço tatuado enquanto o tentava afogar. Sentiu o ar dentro do corta-vento fazê-lo boiar à tona, só para dar com a força do punho de Gallowgate a esmurrar-lhe a barriga, a esmurrar-lhe o coração. Tinha a sensação de estar novamente sozinho, e o desejo de pairar até penetrar a quietude do lago, com os bolsos cheios de flores silvestres.

Mungo recordou-se da máquina descartável no bolso — que coisa parva de lembrar, mas tinha sido parvo esquecer-se de a tirar. Agora nunca iria

mostrar o castelo bonito a Jodie, nem os ossos esbranquiçados do carneiro a James. «James». Quis tanto ir para casa. Não queria saber nem de Hamish, nem da Mo-Maw, nem de Gallowgate: só queria ver uma última vez o filho do trabalhador petrolífero e dar-lhe um beijo na região rosa e macia atrás das orelhas de abano.

Isso nunca poderia acontecer.

Gallowgate parou de esmurrar o rapaz. Prendeu-lhe outra vez as mãos na garganta para lhe tirar o ar que restava. Mungo mal percebia que agitava as mãos, tentando-se segurar ao céu. Queria agarrar na cara de Gallowgate, mas os braços eram curtos de mais e não lhe chegavam. Viu St Christopher nos seus derradeiros momentos e percebeu como o afogamento queimava: que engraçado. Viu o rapaz católico no seu sorriso beatífico enquanto Gallowgate se ocupava dele.

Com as mãos de Gallowgate na garganta, as últimas bolsas de ar da roupa de Mungo fizeram o rapaz curvar até ficar de pernas para o ar, e pés para o céu. Sentiu deslizarem-lhe do bolso marsupial a máquina fotográfica e uma lata de cerveja de Gallowgate. Tudo nele se virava e revirava do avesso, a fotografia da escola de Jodie, o ursinho do aniversário de James. Passou-lhe então uma coisa pela cabeça, uma coisa de que se tinha esquecido.

Procurou a navalha que Hamish lhe dera. Agarrou nela com firmeza e enfiou-a na barriga de Gallowgate. Não tirou a mão, deixou-a presa ao homem, foi preciso um sacão com força para a arrancar e lha enfiar outra vez nas costelas. A água do lago era gelada, mas ele ia jurar pulsar-lhes nos dedos o calor do sangue do homem. O homem sacudiu-se repetidas vezes, desvairado, até as mãos lhe soltarem a garganta e lá ir a boiar pelo lago.

Quando recuperou o fôlego, Mungo estava totalmente fora de pé. Tão longe se encontrava do corpo de St Christopher que não sentia o fundo. Uma corrente puxou-o várias vezes abaixo da tona. Imaginava o santo que

nada via a vir das funduras e lhe envolver nos longos dedos os tornozelos. Precisou da energia toda para percorrer o lago. Tudo lhe parecia melhor se se afundasse. Se sucumbisse.

Enquanto se debatia, apanhava relances de Gallowgate. O homem ia saindo do lago aos tropeções. De mãos agarradas aos costados, um líquido negro carregado dera-lhe cabo das calças italianas boas. Quando a água já lhe chegava aos joelhos, baixou-se. Caiu de cu feito criança. Revistou os bolsos à procura de cigarros, viu que estavam estragados, atirou-os ao lago. E tombou.

Podia ser outra artimanha.

Mungo deixou-se ficar o mais que pôde na água, e pôs-se então a bater os braços e as pernas feito cão de maneira a chegar à zona baixa. Evitava Gallowgate a tentar atingir a margem. Demorou a aproximar-se. Andava aos círculos, todo a pingar e a tremer, mais e mais perto.

A corrente tinha um tom rosa bonito. A cara de Gallowgate estava meio dentro, meio fora de água. Os olhos verdes abertos, a mão direita agarrada a uma pedra, como se a qualquer instante se fosse alçar. Mungo demorou bastante, mas lá arranjou coragem de se aproximar o suficiente para lhe ler a tatuagem nos nós dos dedos. «Evan». Perguntou-se se era aquele o verdadeiro nome de Gallowgate. Empurrou-o com o pé. Recuou e aguardou.

Gallowgate ainda sangrava na água. O sangue ia-se-lhe abrindo em rubros remoinhos. Parecia consumido por chamas medievais. Mungo remexeu na bochecha e ali ficou um bocado, a vê-lo arder.

Ao procurar cigarros, a carteira de Gallowgate devia-lhe ter caído do bolso. Mungo foi tirá-la ao baixio. Quase sem dinheiro — sem cartões de débito nem de crédito —, mas, na capinha plástica onde fica o documento

de identificação, havia um passe mensal das camionetas. Mungo examinou-lhe a fotografia carrancuda. Leu o nome em voz alta: «Angus Bell».

A carteira só tinha dentro um postal. Uma fotografia de Angus Bell num uniforme da prisão que não lhe assentava, em frente a uma árvore de Natal das artificiais. Em baixo, à direita, decoravam o postal sinos e azevinho, e escrito numa caligrafia vitoriana: «No Natal, penso em ti.» Mungo virou-o. Com um selo dos baratos, sem morada nem boas-festas.

Os finais de tarde de maio eram suficientemente luminosos para acender a luz fluorescente, trémula e inútil. A luz do dia dava à congregação o falso esplendor dos sadios. A mesa dava início à reunião e, enquanto os alcoólicos se sentavam e começavam a fazer as suas declarações, a Mo-Maw sentava-se ao centro e à frente de todos, toda direita, tensa e sincera, como a aluna diletta do professor. Fazia um imenso esforço por demonstrar a Mungo que qualquer pessoa pode mudar.

Mungo encontrava-se no seu lugar habitual junto ao samovar do chá, sem prestar grande atenção enquanto a mesa ia correndo, com particular entusiasmo, os Doze Passos. Os presentes estavam entusiasmados por causa da mudança do tempo, mas também da meia dúzia de caras novas, além do grande número de camaradas repetentes. Mas o bom humor não se pegava. Mungo encheu, de chá preto a ferver, seis copos de esferovite até à borda e dispô-los, periclitantes, à beirinha da mesa dobrável.

Crit, crit, crit, crit, crit, crit.

Passava a unha do polegar na esferovite cerca de um centímetro acima da base de cada copo. Cortava um, ia ao seguinte, corridos os seis voltava à ranhura do primeiro. A antecipação distraía-o, dava-lhe algo por que esperar: ver qual dos copos dava primeiro de si e lhe queimava as pernas com o chá.

A congregação atrás dele acolhia os novos membros. Ouviam pacientemente quem tinha coragem de partilhar o seu percurso, até a Mo-

Maw se levantar, no fim do discurso de um tipo, para contar a sua história. Mungo já tudo tinha ouvido.

Crit, crit, crit, crit, crit, crit.

— Olá, sou a Maureen das segundas e quintas e sou alcoólica.

«Olá, Maureen.»

— Ando a lutar contra a bebida, em várias tentativas, há uns doze anos. Eu sei, eu sei. — Deixou escapar uma risada treinada. «Esperem só», pensou Mungo. — Não pareço assim muito velha, mas é verdade. Aonde é que eu ia mesmo? Ah sim, sou mãe solteira. — Pausazinha piedosa. — O meu homem morreu há quase dezasseis anos e tem sido duro criar os meus filhos sem ajuda. Um já era difícil, mas Deus deu-me três, e nem imaginam como são tão exigentes todos eles. Não me dão sossego nenhum. Viro costas pra ajudar um, tá outro atolado num problema qualquer. Os rapazes são ou não são os mais complicados? — Ligeiro murmurar de acordo. A reação morna parecia deixar a Mo-Maw desiludida. Subiu uma oitava, sem deixar de lhe palpar ao fundo o tom de coitadinha. — Tem sido dureza criar um menino sem um homem por perto. Por mais que a gente se esforce, as coisas às vezes não resultam.

Crit, crit, crit, crit, crit, crit.

Mungo forçou mais a unha. O quarto copo foi o primeiro a ceder disparando uma torrente de chá preto a ferver pelo orifício. O respingo atingiu-o na coxa e correu-lhe pela perna direita. Mungo cerrou os dentes. E a unha encetou o quinto copo.

Alguém lhe agarrou no pulso. A Nora das quartas quando calha tinha ido à casa de banho e viu-o a causar problemas.

— Olha-me só a porcaria que andaste a fazer, seu palerminha. Vá, sai-me lá daqui. — Limpou aquilo com a esfregona e enxotou-o, com maneiras bruscas, da escada.

A Mo-Maw não interrompeu o seu monólogo de afirmação, mas ouviu o alvoroço e, por cima das cabeças do grupo, atirou ao filho uns olhares ofensivos, lanças num campo de batalha.

— Ali está ela! — Apontou para ele com as costas da mão. — Ali está, senhoras e senhores, a razão de eu beber. — Quarenta cabeças viraram-se para verem com os próprios olhos o fardo daquela mulher. Mungo acenou. Agora, pouco tinha a temer.

Os Hamiltons haviam-se reunido, cada um deles em gestos furiosos a tentar falar por cima dos outros como se aquilo fosse um encontro aceso de sindicatos. Hamish, com os dedos ainda a cheirar a gasolina, contou à mãe e à irmã o sucedido, com Mungo de cabeça baixa. Seria o relato dos acontecimentos feito por Hamish: o feniano mais velho que abusara do maninho ingénuo. As outras mantinham-se caladas. Miravam Mungo com ares que iam da pena à vergonha, como se ele fosse um prato de porcelana lascado e andassem ali a decidir se ficavam com ele, tão bonito era para se deitar fora assim sem mais nem menos.

Mungo, frio como o Clyde, viu os três desatarem outra vez aos berros: passavam culpas, faziam o rol das falhas próprias, censuravam o egoísmo dos outros. Quando a Mo-Maw e Hamish se uniram contra Jodie por «não o ter criado bem», Jodie varreu o lintel com a mão e partiu as molduras todas da casa.

A Mo-Maw disse:

— Tou fartinha de achares que és a grande estrela desta casa.

Enquanto apanhavam os cacos de vidro, Mungo viu naquilo uma oportunidade. E escapuliu-se pela porta.

A lama dos joelhos já lhe tinha secado quando correu ao pombal. A

cabeça latejava-lhe atrás, onde Hamish o tinha arrastado pelas ruas. Agora era observado por gente à janela dos prédios: as crianças acotovelavam-se ao lado das mães, todos queriam um lugar na sala, na expectativa ansiosa pelo próximo embarço no espetáculo dos Hamiltons.

Mungo ofegava ao chegar ao relvado maltratado. A porta do pombal batia ao vento, o que o encorajou: James andava por lá, ferido mas vivo.

Havia demasiado sangue para Mungo ignorar. A relva onde James tinha caído encontrava-se rasa, as lascas dos dentes da frente dele reluziam na lama. Mungo apanhou-as e guardou-as cuidadosamente no bolso do corta-vento.

Mas James estava no pombal, ia ficar tudo bem.

Mungo agarrou com firmeza na porta e espreitou. Procurava o círculo de luz morena: o cabelo dourado que refletia a coluna de sol em cada recanto do escuro. Mas James não estava. As gaiolas encontravam-se todas abertas, com algumas portas penduradas por terem sido arrancadas das dobradiças, que ele mantinha com tanto cuidado. A um canto agitava-se um pombo solitário, sem conseguir ganhar impulso para voar. A asa esquerda estendida, e partida.

Mungo voltou lá fora. Havia uns quantos pombos pousados no telhado novo, mas, na relva além do pombal, eis os restantes pombos de James, mortos e arremessados. Uns quantos pareciam de pescoço torcido. Três deles estavam juntos: o loirinho, a pomba cinza e um novo que Mungo nunca tinha visto. Havia tacos de golfe ao lado dos corpos de outros, estes decapitados. Alguém se divertira a segurar neles enquanto outra pessoa lhes dava uma tacada. Ainda o Sol não atingira o pico, já toda aquela beleza tinha sido arrasada.

Mungo reentrou no pombal. O pombo ferido, com o pânico, ainda batia as asas. Ele só queria fazer o mesmo de James: segurar na ave e passar-lhe

os dedos pelo pescoço para a acalmar. Mungo arrulhou e mexeu-se calmamente, como tinha visto James fazer. A ave parou um momento, Mungo apanhou o *Munquinho* e segurou-o nas mãos. O coração batia forte no peito da ave. Estava em grande sofrimento.

«Gru-ru, gruu-ruu, gru-ru.» Mungo piou-lhe à nuca eriçada até ela se acalmar. «Gru-ru, gruu-ruu, gru-ru.» E chorou quando lhe torceu o pobre pescoço.

Foi ao apartamento dos Jamiesons, mas soube que não estava lá ninguém espreitando pela ranhura do correio. De regresso a casa, disseram-lhe que Hamish fora outra vez à procura dele. Jodie escondeu então o caçula no armário da roupa. Aí, Jodie, a prender-lhe a *T-shirt* acima da cabeça, ia-o virando para lhe ver as nódoas negras.

— O que o Hamish contou foi o que realmente aconteceu? O miúdo católico andava-te a fazer porcarias?

— Não.

Jodie parou de lhe esfregar uma pomada antissética e levou a boca ao ouvido dele.

— Vocês andavam a fazer porcarias um ao outro?

— Sim.

Ela continuou-lhe a friccionar a pomada rosa entre as costelas, mas tinha ficado sem pinga de sangue. A caldeira estalou e encheu o armário de um calor sufocante. Ele costumava gostar daquilo.

— Desculpa — disse Mungo.

— Podem-te meter na cadeia pelo que fizeste. — Mexia nele de maneira bem agreste, esfregando-lhe a pomada no hematoma como uma nódoa que

pudesse esfregar. — Costumavam pôr os homens na prisão por causa disso. Aaaah-ah.

— É mais forte que eu.

Jodie aproximou tanto a cara da dele que Mungo lhe podia contar as sardas.

— Tu queres apanhar sida? É isso? É porque vais *mesmo* apanhar. Andam a ser todos infetados. Esse feniano pode ter sida e infetar-te, olha que não é nada difícil. — E estalou os dedos oleosos.

— O James não era capaz.

— Não era? O que é que tu sabes do comportamento dos homens, hã? — Jodie gracejou, e Mungo percebeu-lhe os pontinhos duros da Mo-Maw, evidentes como nós em madeira da boa. Ela magoava-o a esfregar-lhe a pomada, e ele percebia que era exatamente isso o que ela pretendia. — És um parvinho. Um tolo de bom coração. — Virou-o e pespegou-lhe pomada nos costados. — Andamos aqui todos a esfalfar-nos, a tentar que sejas alguém, a fazer de ti um homem. E o que é que tu andas a fazer, hã? Andas aí todo caidinho que nem uma miudita parva. Já é hora de enrijares.

Ele repetiu-se.

— É mais forte que eu.

Jodie virou-o para o olhar de frente e abanou-o com força.

— Porra! Tens de ser mais forte. Não podes ser assim e ficares satisfeito com isso.

Mungo foi ao fundo da sala de reuniões e sentou-se de costas no radiador de ferro. As barras quentes aliviavam-lhe os hematomas. Os vergões ainda não diminuía, mas já tinham deixado de se abrir naqueles botões roxos horrendos, o que Jodie dizia ser bom sinal.

Ia-se difundindo nele o calor do radiador, num som metálico cavo e num silvo constante que o embalava numa modorra. Do chão via o horizonte de cadeiras de plástico, mirando as pernas dos membros, que se remexiam da ansiedade, do tédio ou dos tremores. Alguns dos alcoólicos só queriam que a reunião acabasse, outros inquietavam-se com o que ia acontecer depois do fim. As caras viravam-se umas para as outras dizendo a bênção final. Terminado o encontro, a congregação juntou-se em torno do samovar e foi passando pratos de sandes de presunto.

Nos grupos de quatro ou cinco que se foram formando, iam partilhando as novidades. Mungo não ouvia o que diziam, mas apreciava que tocassem nos braços uns dos outros e, ao falarem, toda a gente escutasse e sentisse profundamente o que era dito. Tinha graça ver gente que mal se conhecia a contar as suas maiores vergonhas, os momentos de maior fragilidade, e a juntar-se agora para falar do tempo ou debater se a Cathy de Cranhill chegava às regionais do torneio feminino de *curling*. Tinham contado as verdades mais penosas e, com vinte minutos de diferença, riam-se da protagonista da comédia *Cuidado com as Aparências*, a Hyacinth Bucket.

A Mo-Maw estava junto à frente de palco. Conversava com a Ellen de Mount Ellen, mais linguaruda que a Mo-Maw, e de vez em quando fitavam Mungo e abanavam a cabeça. As rodas iam girando como numa coreografia mandriona de *cèilidh*, e a este duo feminino juntaram-se dois novos participantes. Depois dos passou-bens, fizeram conversa da treta: os diferentes aspetos da cidade, a comparação daquela reunião com as reuniões de outros bairros, como aquele centro fazia as pessoas sentirem-se tanto como se fossem família. «Família», pensou Mungo, «cujos verdadeiros nomes a Mo-Maw nunca vai saber.»

Viu a Mo-Maw remexer na permanente lisa, percorrendo com o seu olhar

avaliador os dois homens ali pela primeira vez, e servia-lhes doses iguais de charme, até descobrir qual deles gostava mais dela.

Mungo nunca os tinha visto, mas já vira gente daquela. O mais velho parecia apreciar a Mo-Maw. Estava sempre a inclinar-se para ela e a alisar-lhe o cabelo fino na cabeça cerosa. O mais novo parecia desenquadrado. De aspeto, não parecia ter muito mais anos que Hamish, e pela vaidade que aparentava, Mungo percebeu que a bebida ainda não tinha dado cabo dele por completo. Calçava sapatilhas de um branco aflitivo e fixara o cabelo, aparado dos lados e maior em cima, à frente com gel.

Juntou-se à roda a Nora das quartas quando calha. Cumprimentou os novos membros e fez-se, toda menina, ao mais novo. Ele não lhe retribuiu os avanços. Mungo viu-a levar a mão ao braço da Mo-Maw e dizer algo a propósito do chá, com que a Mo-Maw abanou a cabeça. Os alcoólicos rodaram todos ao mesmo tempo para Mungo.

Com a mesma rapidez, viraram-lhe costas formando um muro. Ele sabia que a Mo-Maw deles extraía compaixão, contava a pretensa vergonha do filho às mãos do católico explicando como não corriam bem as coisas com Mungo, e enquanto mulher e mãe solteira, não sabia que fazer. Os homens disseram um oportuno «coitada de si» com um sacudir das cabeças, que foi passando como onda mexicana por aquele muro de pessoas. O mais novo, o do cabelo aparado dos lados, fez o gesto de lançar a linha de uma longa cana de pesca sobre o chão de linóleo. A Mo-Maw coçou outra vez a permanente, e anuiu. «Pronto», dizia ela, «se não for incómodo pra vocês.»

«Homessa, não é cá incómodo nenhum.» Encolheram os ombros e riam-se todos como velhos amigos.

A Mo-Maw, de mão estendida feita grande dama, fez sinal a Mungo para este se aproximar.

— Mungo, este é o Sr. Christopher, e este é o senhor... — Parou. —

Desculpe, como é que é mesmo o seu nome?

Um pânico ardente fê-lo fugir. Andou algum tempo à pressa, sem pensar, a apanhar e a deixar cair coisas, aos tombos e tropeções. Irrompeu pela floresta só para voltar outra vez ao lago, as pernas a tremerem-lhe, e se precipitar no sentido contrário. Exigiu-lhe toda a força de vontade, mas lá acalmou o corpo quando a mente ainda lhe bradava que corresse. Assoberbado, deixou-se ficar a meio do acampamento arrasado, fechou os olhos e pregou a mão na cara rebelde. Mungo tentava serenar as ideias e pensar no que faria Hamish se ali estivesse. Faria o que fosse indigno, o que fosse egoísta. Teria destruído o que pudesse e escondido o resto. E teria mentido, fingindo que nada daquilo alguma vez tivesse acontecido.

Gallowgate era mais pesado do que parecia, mais denso e carnudo que St Christopher. Mungo não o conseguia carregar sozinho até ao baixio, mas arrastou o corpo à maior fundura que pôde e carregou-lhe os bolsos de seixos. Os dentes tiritavam-lhe à espera de que o corpo se afundasse. Pôs-se em cima do cadáver. Saltou-lhe três vezes em cima e deu com o borbulhar na tona do último suspiro de Gallowgate. Ainda lhe percebeu o branco dos olhos quando Gallowgate se deixou descansar no fundo.

Arrumou o acampamento o melhor que conseguiu. Encheu os sacos de plástico de tudo o que estava espalhado, meteu-lhes pequenas pedras e arremessou-os ao lago. Enfiou as tendas nas capas e enterrou-as ao lado das canas de pesca, onde a erva-canuda era mais compacta e a terra mais turfosa. Arrumou na mochila os seus próprios pertences de criança, todos estragados, e pô-la ao ombro. Ainda a tremer dos restos de adrenalina,

agachou-se à margem e lavou a sujidade da cara, esfregando os calções com pedra-pomes para tirar as manchas de sangue maiores.

Concentrou-se no seu reflexo na água. Perguntou-se: o que teriam os homens reconhecido nele? Onde estaria a marca que não era capaz de ver, o sinal que nunca quisera enviar? Seria por nunca cruzar completamente os olhos nos deles, de os baixar em submissão? Por, quando estava de pé, se apoiar numa perna de mãos penduradas dos lados? Queria encontrar a marca, pôr fim à transmissão.

Os homens tinham olhado para ele como se soubessem o que lhe ia na alma, coisas que nem ele ainda admitira a si próprio. Estavam a par dessa vergonha inegável, da solidão que o fazia sentir, e tinham-na usado para o tirarem de casa e o usarem a seu bel-prazer.

As lágrimas caíam-lhe, distorcendo-lhe o reflexo. Pensava em James, nas coisas bonitas que tinham feito na alcatifa azul-marinheiro de casa dele. Três dias de felicidade, três dias de braços torcidos e afagos estouvados. Beijinhos gulosos cheios de dentes entrechocados e desculpas acanhadas. Era errado comparar a beleza daquilo ao que os bêbados o tinham obrigado a fazer. Não eram iguais, lembrou Mungo. Não eram de todo iguais. Não eram mesmo.

Só pensava em James. Ainda ostentaria na pele o beijo açucarado de James, teria sido esse beijo o que os tipos tinham conseguido farejar? Teriam conseguido vê-lo, nítido que nem uma nódoa?

Recostou-se e secou as lágrimas à manga da camisola de James. Lavou a ponta da navalha de Hamish, ergueu-se e balançou o braço para a atirar ao lago. Mas algo lhe aconteceu: a lição que tinha aprendido quanto às inesperadas incursões da violência. Ainda estava tão longe de casa. Virou a navalha na mão e deixou-a cair no bolso do corta-vento.

Juntou o que era seu e pôs-se a caminho, indo por onde achava que

tinham vindo. Passou em bicos de pés pelas urtigas e foi circundando os pinheiros e as bétulas. Na volta, não viu a caveira do carneiro.

Acabou por chegar a uma estrada toda esburacada e, sem outra razão que não caminhar no sentido do lento sol estival, virou à direita e seguiu a luz do dia. A tarde começava, por entre as árvores as nuvens brancas deslocavam-se rapidamente pelos céus. Uns três quilómetros depois, a estrada acabava numa vedação de metal para resguardar gado, e ele virou outra vez, procurando o sul geográfico na posição do Sol. Não havia ninguém na estrada, mas de vez em quando lá passava um carro e ele levantava a mão em qualquer sentido, sem saber onde estava ou para onde ir.

Horas depois, um veículo parou: um jipe *Land Rover Defender* verde, de chapa imunda e boa altura da estrada. Parou um pouco mais à frente, o que obrigou Mungo a uma corridinha. Lá chegado, o homem olhou-o de cima, parecia só ter parado para ficar pasmado a mirar o rapaz de corta-vento rasgado e todo sujo.

— Onde é que vais assim vestido, moço? — O sotaque tinha a toada do campo.

Com vergonha das pernas sujas, Mungo puxou os calções para baixo. Queria dizer-lhe: «Não sei. Para onde é que tenho de ir?» Inclinou antes a cabeça e respondeu que só tentava chegar a Glasgow. O homem olhou-o de cima a baixo. Respondeu que ia só à cidade — com um nome gaélico que Mungo nunca ouvira —, mas que, se o rapaz fosse com ele, de certeza que encontraria lá ligações melhores rumo a sul.

Mungo olhou para os dois sentidos da estrada vazia, sem saber se podia confiar nele. Atentou no estranho, comparou os olhos azul-claros e o rosto afável, com duplo queixo, à maneira de bater a mão impaciente no volante. Vestia uma camisa acabada de lavar, bem vincada na manga, que Mungo

tomou como sinal de que uma mulher tratava dele, ele era importante para alguém. Mungo fez conversa fiada. O homem perguntou-lhe se queria ou não entrar, e no fim foi um pormenor estranho que decidiu por ele: Mungo viu no banco de trás dois cães gordos e fofinhos a baterem a cauda.

O homem vigiou-o de perto enquanto Mungo punha o cinto de segurança. Apesar do sol radiante, o estranho esticou-se e ligou a *chauffage* no máximo. Os dois labradores atrás — um da cor das torradas, o outro do chá — enfiaram à vez as cabeças à frente e cheiraram o miúdo. Em inspirares profundos, fungavam-lhe o entrepernas como se estivessem fascinados com as histórias ali guardadas. Mungo devia parecer desconfortável, pois o homem agarrou-lhes nas coleiras e empurrou-os para trás.

— Desculpa lá. Aquela é a *Crystal*, e aquele o *Alexis*. Nunca deixes que a tua mulher dê nomes aos bichos.

O jipe dava solavancos quando o homem lhe metia as mudanças. Assim foram calados por estradas em mau estado, Mungo de olhar preso na estrada em frente, grato por cada vedação e cada ovelha solitária que o afastavam do lago. O homem tinha o blusão encerado pendurado atrás, no banco de Mungo. O blusão cheirava a sítios húmidos, ao mofo da cera impermeabilizante, e isso fez Mungo pensar no seu próprio cheiro, e que o homem sentiria. Quando achou que o homem não estava com atenção nele, coçou a virilha e levou os dedos lentos ao nariz. Se tresandava, o homem nada dizia. Atrás, os cães já dormitavam.

Dizendo saber de um atalho, o homem saiu da estrada principal e entrou numa estrada secundária estreitinha. O trilho ia curvando-se à volta de uma encosta despovoada e, nos pontos mais apertados, assumia uma única faixa. O homem por vezes tinha de encostar à berma para deixar passar os carros em sentido contrário. Sempre que o fazia, acenava ao condutor do outro

veículo, como se o conhecesse. Tinha as mãos fortes e grandes, e as costas das mãos sarapintadas das manchas da velhice, mas as unhas eram de um rosa asseado, correspondente a uma vida de ócio. Mungo perguntou-se se era reformado.

— Atão, o que andas tu aqui a fazer?

— Nada. Fui acampar.

— Como assim, foste acampar? Sozinho?

— Sim.

O homem esticou-se e virou a ventilação toda para o rapaz.

— Espero que não te sintas incomodado co que vou dizer, mas parece mesmo que andaste na guerra.

Mungo pousou a mão em cima dos arranhões mais agrestes da perna.

— Caí de uma ladeira.

— Ai sim? Quantas vezes?

Mungo não deu pelo sorrisinho nos lábios do homem. Respondeu-lhe de maneira séria:

— Só uma. Escorreguei.

O homem não pareceu querer dizer mais nada sobre aquilo. O cão tisonado lambia as patas da frente e dava mordidinhas furiosas às almofadas das patas. O homem disse então:

— Tenho quatro filhos, sabes? São bons rapazes. Aprendi que nunca se aleijam quando estão sozinhos. É quando se juntam que se esbardalham todos. Todos juntos, tropeçam, caem pela claraboia no barracão das ovelhas, desafiam-se uns aos outros a enfiarem as bicicletas nas valas, atiram-se às fogueiras só pelo gozo. Tem a sua graça. — Abriu o porta-luvas e tirou um rolo de pastilhas de fruta. Ofereceu-as a Mungo, que tirou educadamente uma e desatou a salivar. O homem reclamou e passou-lhe a embalagem toda. Ao sinal de comida, os cães inclinaram-se em frente antes que o

homem os conseguisse afastar com o cotovelo. Mungo ficou contente de o açúcar lhe limpar o sabor da água do lago da boca. Chupou a primeira pastilha, tentando não a devorar toda de uma vez. Sentia o olhar dele demorar-se-lhe de lado, atento às nódoas negras e ao cabelo emaranhado. — Então, quem é que te atirou da ladeira?

— Ninguém.

— A sério? — O homem mantinha o volante firme aos solavancos nas poças. — Desde que te apanhei que estás aí todo enfiado no canto, encostado à porta, feito rafeiro.

Mungo reparou em si próprio: de facto, estava todo à beirinha do assento, o mais longe possível do homem. A mão andava sempre a arrelhar o puxador da porta.

— Desculpe. — Mungo afrouxou o cinto e descontraíu-se a meio do assento.

— Olha, não tens de te preocupar. O meu nome, já agora é Calum. Devia-to ter dito antes.

— David — avançou Mungo.

— Prazer, David. — O homem cumprimentou-o com a mão esquerda. A aliança reluziu ao sol. Parecia-lhe embutida no dedo, qual amarra à volta do rebento de uma árvore que agora estava presa, como se a árvore tivesse crescido à volta. — Então, estás a ir pra casa?

A pergunta era simples, mas Mungo hesitou. Passara o fim de semana todo a sonhar com o East End. Tinha diante de si a imagem da urbanização, mas «casa» já não parecia a melhor palavra.

— Acho que sim.

— Vires pra aqui sozinho é de coragem. Acho que não deixava nenhum dos meus filhos virem.

— É na boa.

Calum encostou para deixar passar uma caravana de *hippies*. Tamborilou os dedos no volante.

— Então, onde é que tens a tenda?

— A quê?

— A tenda. — Apontou para a mochilinha dele. — Se foste acampar, onde é que tens a tenda?

Mungo engoliu a pastilha.

— Ah. Devo-a ter perdido.

O homem baixou à primeira mudança e riu-se outra vez.

— Pois. Os meus miúdos iam gostar de ti. São rapazes do campo, mas julgam-se espertos. Ao pé de ti, iam parecer mestres da espionagem. — Não tinha no riso pontinha de crueldade. Calum era de maneiras simples. Parecia o tipo de pessoa que gosta de falar com os vizinhos. Mas também o tipo de pessoa que não fala assim tantas vezes com os vizinhos e, quando o faz, arranja conversa do nada. Uns bandos de ovelhas acéfalas pastavam pela berma e foram aumentando até bloquearem a estrada. Calum desacelerou outra vez o jipe e buzinou-lhes para as dispersar. — Estamos longe da cidade, David. Mas, se não me queres contar a tua história, não te preocupes, que eu não meto o nariz. — Alçou as mãos, em sinal de derrota.

Depois, foram catorze minutos calados: Mungo chupava as pastilhas de olhos presos no relógio. A *chauffage* fizera-lhe regressar o calor à pele, mas não conseguia propriamente penetrar-lhe nos ossos. Ponderou contar a Calum do lago, da mãe e do acordo dela com os homens. Perguntou-se se contar o deixaria mais leve, se a dor lhe sairia das entranhas como se desentopem os canos. Ali sentado, inquieto com os dois sujeitos mortos, apercebeu-se de que o homem lhe mirava a cara. Calum interrompeu-lhe subitamente os pensamentos:

— Estas estradas são miseráveis. Sentes-te enjoado? Estás coa cara

horrivelmente pálida, David.

Mungo levou a mão ao tique.

— Estou? Não, não, estou bem. Desculpe.

Calum inclinou-se.

— Não contes a ninguém, mas o *Alexis* gosta de lambar o vômito dos miúdos quando enjoam. — Levou a mão atrás e fez cócegas no queixo do cão castanho.

— Isso é pavoroso.

Calum riu-se, concordando, e regressou a uma estrada de duas faixas. Os montes estendiam-se em todos os sentidos, Mungo não via uma árvore que fosse.

— Já te falei do Gregor, o meu mais novo?

Mungo sentia-se tão tolhido pelos próprios pensamentos que não tinha a certeza de o homem lhe ter ou não falado do Gregor.

— Desculpe, acho que não.

— Estou-te a maçar.

— Não, claro que não.

— Ora então, o Gregor é o que enjoa sempre no carro. É péssimo pra viajar, mas, dos meus filhos, é o que está destinado a ver o mundo. Que ironia, né?

Mungo não sabia o que queria dizer «ironia».

— Como é que sabe que vai ver o mundo?

— Os pais percebem. O Gregor é bom menino. Espírito vivo, arejado. Ajuda sempre a mãe em casa sem a gente ter de lhe pedir, mas é um pouco... — Hesitou, como se não encontrasse a palavra certa. — Artístico. Isso. Sabes o que é que eu quero dizer?

Mungo, tímido, assentiu. Não tinha a certeza se o que o homem queria dizer e o que ele tinha entendido eram a mesma coisa.

— Desculpa se não te percebi bem, David. Mas estaria eu errado se também te achasse um bocado artístico? — Calum não esperou pela resposta. — É que eu conheço muitos homens pra quem isso é um problema. Mas, se fores, eu cá não tenho problema nenhum. Só te estou a dizer... Pois, olha, nem sei bem. Às vezes não digo as coisas certas. — O sol ia aparecendo e desaparecendo nas nuvens e no pára-brisas. Mungo agarrou nesta oportunidade para atentar no homem. Rosto afável, bem-parecido debaixo das rugas, outrora forte antes de descair da idade. Os olhos eram de um azul límpido e sem cuidados, o cabelo uma coroa de caracóis arranjados, brancos e apertados como o velo dos cordeiros. — O Gregor nunca se cala, nisso sai à mãe, mas a mim não me importa. Às vezes tenho de me sentar, fico pasmado cos disparates que lhe saem da boca. O miúdo tem cá uma imaginação. Sinceramente, não sei a quem é que ele sai.

Mungo meteu outra pastilha na boca. Tinha julgado ser de morango, mas achava agora que era de groselha-negra.

— Se apanha uma cortina velha e uns candeeiros de mesa, temos uma peça em três atos e matiné extra de graça. Fica só à frente da lareira a fazer de conta. Ele são canções, piadas, dramalhões de fazer chorar as pedrinhas da calçada: só parvoeira, percebes?, mas é mesmo engraçado. — Calum riu-se novamente, mas Mungo percebeu ser um riso forçado. O homem virou-se, para ver se Mungo o acompanhava no riso. Não.

Mungo não sabia porque é que aquele tipo lhe falava do filho. Dos quatro que dizia ter, porquê deste filho em concreto? A pastilha colou-se-lhe ao molar lascado.

— O Gregor tem quase catorze anos. Gostava que ele encontrasse trabalho por aqui, mas a minha senhora diz que um dia ele nos deixa. Que ele tem de ir à procura de quem goste das mesmas coisas que ele gosta. —

Calum fez um gesto para os montes despovoados. — Pois aqui acho que não há vida pra ele.

Mungo virou a cara como se ponderasse os montes despovoados, mas observava o retrovisor do seu lado, contemplando o próprio reflexo e perguntando-se que coisa seria essa que as pessoas identificavam nele.

O homem seguia os pensamentos. Não pedia propriamente conversa a Mungo, dizia em voz alta o que lhe ia na cabeça.

— Achas que ele pode ser feliz? Na cidade?

— Não sei.

— Tens muitos amigos artísticos?

Mungo pensou em James. Abanou a cabeça.

— Nenhum.

Calum remexeu o maxilar.

— Pois. Só quero que ele saiba que me orgulho dele. Aconteça o que acontecer. Percebes?

— Acho que sim.

— O teu pai deve ter orgulho em ti — disse Calum. — Mas espero que não arranjes problemas por teres perdido a tenda.

Mungo virou a cara. O retrovisor do seu lado estava partido, fora colado ao carro com fita isoladora.

— És bom moço, David. Já te massacrei que chegue. — O homem deu-lhe uma palmadinha no joelho. Mão pesada, possessiva, habituada a controlar. Mungo retraiu-se do toque, mas a mão do homem não se deteve. Não queria mais. Mungo viu-a voltar ao volante. — Dorme um bocadinho, se quiseres. Acordo-te quando chegarmos à cidade.

Mungo sentia agora no homem o seu cheiro fresco: o *aftershave* com todas as coisas boas que o rapaz já tinha inspirado, mas moídas e misturadas. Encostou a cabeça e semicerrou os olhos. Pela arcada das

pestanas, ponderou novamente aquelas unhas rosas, amplas e sãs do homem. Onde a camisa lhe batia no pulso insinuava-se uma pele branca imaculada. Não eram mãos que andassem à chuva e ao sol na labuta. Expressavam dias a ler livros ao sol. Se pudéssemos descrever alguém partindo só da mão, Mungo teria de admitir uma certa invejzinha. Este homem valia mais que centos de Mungos. A vida dava a impressão de ser boa e fácil. Mungo imaginava que os filhos amavam o homem. E que o homem, por sua vez, amava os filhos.

Foi no fim de um longo e sufocante crepúsculo que chegou a Glasgow. Levou-lhe oito horas a entrar constantemente em carros e a embarcar em autocarros sem destino que tivesse por certo, mas já tinha perdido o medo.

Em duas ocasiões, o motorista da camioneta não o deixou embarcar: Mungo quase não tinha dinheiro e ainda por cima estava todo porco. Noutras três, sim: o motorista teve pena dele, fingiu emitir um bilhete e, num gesto, fê-lo passar sem pagar.

Saindo na estação da Rua Buchanan e caminhando devagar para casa, Mungo sentia-se aturdido. A cidade estava quente e abafada. Naquela altura do ano, era dia até mais tarde, e ainda andavam labregos de tronco nu na farra, todos torrados do fim de semana prolongado, bêbados com as sobras do subsídio de férias e ainda sem vontade de voltarem para casa. Passou pelo *campus* da nova Universidade de Strathclyde e pela antiga maternidade de Rottenrow, rumo ao East End.

Todas as estradas para casa o faziam passar em frente ao opressivo hospital da Enfermaria Real e à parcela de terra batida com o *snack-bar* enferrujado. A Mo-Maw já se encontrava ao balcão. Na cavaqueira com uns condutores de ambulâncias. Mesmo à distância, ele percebia-lhe no sorriso artificialmente largo que ela já estava bem bebida. Ocorreu-lhe passar por lá sem lhe dar sequer um olá quando reparou em Jodie e Hamish, sentados à mesa de piquenique toda torta. Tinham o olhar vidrado, como se ali estivessem à espera havia muito tempo.

Quando Mungo atravessou a terra batida, olharam-no de cima a baixo.

Era a reação típica de cada um deles. À Mo-Maw deu-lhe para o melodrama: ela só lhe gritava, mas a voz era como se clamasse: «Olha pra mim, olha pra mim.» Hamish cerrou o maxilar: Mungo viu-o semicerrar os olhos atrás das lentes grossas, decidido a deixar que as mulheres mostrassem o jogo antes de jogar a sua cartada. Mirou atrás de Mungo e pareceu desapontado por o irmão não vir acompanhado dos dois alcoólicos.

Só Jodie parecia verdadeiramente contente de o ver. Limpou a cara à manga da camisola e abraçou-o pela cintura. Mungo sentiu-lhe o calor na cabeça por ter passado aquele feriado todo de segunda sentada ao sol, só à espera de rever o irmão. Ele apercebeu-se de não lhe conseguir devolver o abraço.

Mungo só queria partilhar a dor com eles. Fazê-los sentir as lentas e aterradoras horas que ele tinha sentido. Mas Gallowgate tinha razão: Mungo nunca poderia partilhar a mágoa, porque isso lhes mudaria o olhar e uma parte deles iria perguntar-se o que tinha ele feito para merecer aquilo. Mungo sentiu os olhos marejarem-lhe, mas aguentou as lágrimas e segurou o lábio. Não lhes iria dar a satisfação de terem pena. Já não era o bebezinho deles.

— O que é que se passou? — guinchou a Mo-Maw, a afastar Jodie dele.
— Não tive um segundinho de paz desde que nos ligastes.

— Nada. — Ele encolheu os ombros como se ela lhe perguntasse o que tinha almoçado na escola.

Ele deixara a Mo-Maw angustiada ao telefone, ou talvez ela tivesse ficado sóbria e percebido não fazer ideia onde parava o filho mais novo ou com quem estaria, mas agora afligia-se de uma maneira que raramente se afligia em relação às outras pessoas. Não parava de mexer os olhos. Virou as mãos dele nas dela, passou-lhe um dedo pela linha branca onde o cabelo

lhe protegera a pele do sol. Deu-lhe com as marcas dos dedos do santo no pescoço e lambeu-lhe o polegar para as limpar com cuspo. Não saíam.

— Olha-me prà tua cara. Que raio é que te aconteceu?

Mungo fez sinal ao irmão.

— Aconteceu-me ele. Eu estava assim quando me fui embora.

— Ai estavas? Pareces pior agora.

— Isso são coisas da tua cabeça. — Ele remexeu nas crostas do queixo.

— Caí umas quantas vezes. As encostas eram traiçoeiras. Talvez tivesse batido outra vez.

A Mo-Maw atentou na estrada.

— E eles onde é que estão?

— Eles quem?

— Atão, o escanzelado e o outro.

— Foram-se embora. — E acrescentou com indiferença: — Disseram que vão estar contigo na reunião desta quinta.

— Mungo, estás mesmo bem? — Jodie passou-lhe um copo de cola já morta, que ele bebeu em tragos desajeitados.

— Sim, sinto-me novinho em folha. E vocês como é que andam?

A Mo-Maw agarrava-se-lhe demasiado à cara. Parecia chateada por ele se imiscuir assim naquele fim de semana pacato.

— Por que raio é que me ligastes e me deixastes toda apoquentada?

Mungo soltou a cara dos dedos gordurentos dela.

— O que é que isso te interessa?

A Mo-Maw passou o peso para uma das pernas e pôs as duas mãos na anca. As sapatilhas da *Nike* tinham ido à máquina de lavar, a costura soltava-se e o emblema vistoso foi-se: eram falsas.

— Não julgues tu que vais à pesca e vens todo respondão pra cima de mim. — Ali à roda na terra batida, debatia-se consigo própria e dirigia-se a

um qualquer motorista estranho que demonstrasse compaixão pelo calvário dela. — Um fim de semana fora não faz de ti homem. Inda tens altura pra eu te dar uma tarefa nesse rabo.

Mungo atravessou-a com os olhos. Primeiro não era homem que chegasse: agora, era homem a mais.

Virou-se para Jodie e deu-lhe um monte de seixos do lago.

Pousando a testa na dele, sussurrou-lhe ela:

— Depois contas-me como foi, não contas? No armário da roupa?

— Vi um corço e um carneiro morto. Caiu chuva. Foi tudo.

Jodie esticou a mão para lhe tirar o cabelo da cara, mas ele afastou-se. Era capaz de olhar para ela, mas não voltaria a deixar que ela lhe tocasse. Se, de toda a gente, Jodie não fosse capaz de gostar dele, e de gostar dele por inteiro, talvez ninguém fosse.

A Mo-Maw berrava sozinha:

— Tá tudo bem, tá tudo bem. Tão a ver que ele tá bem? *Ele tá bem.* — Esbracejava e rodopiava. Mungo percebia-lhe o alívio. Mas ela estava aliviada por ela própria.

O conflito entre os três tinha começado na manhã de sábado, quando Jodie perguntara à mãe onde andava Mungo e a Mo-Maw lhe dera uma resposta vaga: «Foi à pesca.» Quando se lhes fez luz, era tarde de mais. Ocorreu-lhes que a Mo-Maw não conhecia os homens a quem tinha pedido que levassem o filho. Mas ela pôs-se na defensiva e insistiu que a companhia dos homens era segura: havia lá lugar mais seguro para um miúdo? O que podia acontecer de mal? Apanhavam uns peixes, respiravam ar puro, faziam uma fogueira. Isto era só a Escócia. O mal acontecia ali onde se encontravam, nas ruas donde ela o tinha afastado.

Hamish foi até eles. Agarrou na aba do bolso do corta-vento de Mungo e, puxando-o como se fosse dele, espreitou-lhe dentro.

— Atão não trouxeste nada prà gente? — Mungo julgara ser impossível olhar para Hamish, mas deu-se conta de que afinal podia mesmo. Na verdade, descobriu-se capaz de olhar para ele sem pestanejar. Mungo furou a cana do nariz de Hamish com o olhar até Hamish recuar e largar o irmão.

— Olhe lá, há aqui quem sirva ou não há?

Foi assim, apenas com aquela frase, que Mungo soube que tinha acabado. Ponto final. O taxista, de pança sobressaída acima do cinto do dinheiro, dizia precisar do seu folhado de morcela e aguardar por um chazinho com duas saquetas. A Mo-Maw foi em passinho rápido para o balcão. O fim de semana prolongado chegava ao fim. Mungo estava em casa. Nunca mais iriam falar daquilo. Nem do bebé que nunca foi nem de James, o rapaz que Mungo amara.

Mungo viu os irmãos agarrarem nos pertences. Contemplou-os numa clareza desusada. Para eles, tinha acabado. Para ele, nunca iria acabar. Pura e simplesmente não tinha ninguém a quem contar.

A Mo-Maw já não era dele, Mungo entendia-o agora. Ela era fardo do Jocky, e senão do Jocky, de outro palerma qualquer, de um tipo que se achasse capaz de a aturar. Mungo devia sentir alívio, mas detestava a sensação de abandono.

Jodie iria partir para sempre. No começo seria pouco a pouco, mas iria acabar a faculdade e as ausências seriam cada vez mais prolongadas. Hamish sempre tinha razão. Ela ia acabar com as vogais arredondadas e sotaque afetado. Ia preferir pão escuro e cinema estrangeiro. Ia conhecer, quem sabe?, alguém na universidade que ia amar em segredo, sem essa pessoa alguma vez vir com ela pelo Natal. Se a deixasse, ia ter uma casa cheia de cachorros abandonados. Mungo imaginava-a a adotar antigos cães-polícia, tantos que o pequeno apartamento dela ia ficar com cheiro a pastores-alemães sem controlo da bexiga.

Hamish piscou-lhe o olho. E Mungo soube então que ele próprio, Mungo, não se ia embora.

Ia ser arrastado por Hamish para toda a violência apática que gerassem. Obrigado a encontrar uma miúda e a emprenhá-la depressa, daria o seu melhor para a amar. A trabalhar quando pudesse e a gamar o que conseguisse, a vender pastilhas de dez libras a estudantes universitários às quintas e sábados, à porta das discotecas Sub Club e Arches. A andar à bulha com os Bhoystons até cair de velho, a ir aos dérbis e a entrar em rixas à porta do Botequim Louden e a entoar cânticos supremacistas todos os anos no 12 de julho. A ter de ser o homem que Hamish esperava que ele fosse.

— Queres um banho? — Jodie levava a mochila da escola ao ombro.

Mas Mungo não ouvia.

Do outro lado da estrada, às portas do monstruoso hospital, estava uma figura. No início, Mungo não dera por ele. As camionetas a caminho do East End pastelavam, o que fazia a figura estar sempre a sumir no meio do trânsito do feriado. O jovem aguardava, paciente, como que prestes a atravessar, mas quando teve ocasião disso deixou-se ficar onde estava. Nunca o faria.

Aos pés tinha um monte de sacos avulsos, cheios e desiguais, repletos de roupa macia, repletos da vida dele. Envergava casacos pesados, apesar do calor estival. Apresentava uma costura negra no queixo branco e os dois olhos de um azul-escuro no sítio onde o nariz tinha sido partido. Talas nos dedos arrasados, ligados com gaze rosa já sebosa.

Via, esperava, partia, tudo ao mesmo tempo.

Ali ficaram, fitando-se através das quatro faixas de trânsito. Pareceu uma eternidade. Sempre que uma carrinha branca lhe tapava a visão, Mungo sentia um baque na barriga e continha a respiração até a carrinha passar e

ele garantir que o rapaz ainda ali estava com os sacos, vendo-o e esperando-o. Ei-lo: o bom e honrado James.

James levantou a mão partida numa espécie de aceno. Discreto, indeciso, como se os dois fossem estranhos. O aceno, porém, era só para Mungo. Para mais ninguém.

Mungo esboçou um sorrisinho tímido. James sorriu-lhe de volta, e foram abrindo o sorriso lenta, lentamente, até Mungo saber o que ia fazer e aonde ia. Ia ao único sítio onde queria estar.

Jodie tinha ido visitar James depois do telefonema de Mungo, no lago, à Mo-Maw. Tocara-lhe à campainha do prédio, mas ele não atendeu nem a deixou entrar. Ela martelara o intercomunicador todo. Esperou que um vizinho a deixasse entrar para irromper escada acima. De joelhos junto à ranhura do correio da porta de James, Jodie contara-lhe o sucedido — ou contara-o ao corredor vazio, pois James estava escondidos na sombra.

De cara toda esmurrada, não iria abrir a porta a ninguém da família Hamilton. No corredor, sem se conseguir mexer, mirava a tomada do telefone arrancado. Ciciara no escuro:

«O Mungo não me ligou. Mesmo que quisesse, não conseguia.» Jodie largou assim a aba do correio. Do que tinha conseguido descortinar pela ranhura, percebera que o interrompera a fazer as malas.

Mungo levou a mão ao murete e preparou-se para um salto. Virou-se para dizer adeus a Jodie. Nisto, do trânsito do feriado emergiu um veículo azul-marinho. Entrou pelo baldio, a levantar poeira. Dele saíram dois polícias. À paisana, mas, pela arrogância do andar, Mungo sabia que tresandavam a carne de porco. Procurou o irmão à volta, para o confirmar, mas Hamish já se esgueirava pelo lado com sombra do *snack-bar*.

— Não te preocupes! — guinchava a Mo-Maw, como se tivesse planeado uma bela festa. — É pra mim. É pra mim.

Limpou as mãos à bata e apressou-se a cumprimentá-los. Deu um jeito ao cabelo frisado e voltou a fechar o botão das calças por cima da barriga mole. Jodie estalou a língua com aquela vaidade dela. Os policiais não eram bem-parecidos, mas tinham a mesma idade dela e empregos mais bem pagos que o do Jocky.

— Não se preocupem, sores agentes, que o meu menino voltou.

Depois do telefonema de Mungo, ela dera bem na bebida. Ligara à polícia e dera-o como desaparecido. No carro-patrolha, os agentes que responderam à ocorrência entreolhavam-se, perplexos. Quem é que entrega o filho a gente estranha? Ei-los ali, pela terceira vez naquele fim de semana. Da primeira, estavam curiosos. Da segunda, mostraram asco. Agora, davam-lhes nojo só de olhar para ela.

— Tá tudo bem — repetiu ela. Abria bem os braços, como que para os abraçar, lhes mostrar a saída e os acompanhar para fora do terreno dela.

— Ai sim? Folgo em saber, Sra. Hamilton.

— O meu apelido é Buchanan — retorquiu ela. — Nunca casei co pai deles, não tivemos tempo pra isso. Se não se importam, sou *menina* Buchanan. — A Mo-Maw respondia habitualmente ao apelido Hamilton, pois implicava menos justificações e dava a todos uma sensação de pertença. Mungo só ouvia a mãe fazer semelhante correção nas conversas com homens.

Os agentes não sorriam. Olharam a mulherzinha de cima, nenhum deles seria apanhado. O mais atarracado tinha o cabelo mais comprido atrás, uma foleirice que caía melhor aos DJ das rádios.

Os agentes faziam má cara aos três jovens Hamiltons, um bando de rafeiros ali disperso pelo baldio. Fizeram logo pouco caso de Jodie,

centrando as atenções em Hamish e em Mungo. Fitavam-nos a ambos de maneira impassível, mas Mungo sabia que atentos, catalogando-os ao pormenor. Sentia-lhes os olhares subirem dos joelhos arranhados à cara pisada. Inquietou-o conseguirem ver tudo o que não queria que vissem.

A polícia tinha um modo deliberado de conter tempo a mais o silêncio, bem para lá do momento em que ficava desconfortável. Mungo teve vontade de correr a ocupar o vazio. Hamish ensinara-o a ter paciência: ele que começasse na letra A e fizesse uma lista na cabeça de todos os animais que conhecia e, quando acabasse, recomeçasse com fruta. Hamish dizia que pensar em nomes de legumes, países e animais era a melhor maneira de nos mantermos imperscrutáveis.

Mungo pensava em coalas quando um dos polícias abriu a boca. O que tinha o cabelo comprido atrás abanava a cabeça, em jeito de ameaça.

— É que houve uma chatice. Encontraram o cadáver dum homem hoje num lago. Esfaquearam-no e tentaram-no afundar. Com base no que a Sra. Hamil... desculpe, no que a menina Buchanan nos contou, queríamos perceber se... — O agente olhou para o bloco de notas. — «Mun-go»? — Abanou a cabeça, condoído daquele nome destinado a levar coças no recreio. — ... se o jovem Mungo sabe alguma coisa disto?

— Os corpos não ficam muito tempo no fundo — avançou o outro agente. Estava a perder cabelo, mas fora corajoso e cortara-o rente. Era mais brusco que o primeiro.

— É da decomposição — interveio Jodie friamente. — A gordura apodrece e converte-se em gás. *Toda* a gente sabe disso. — Mungo não. Jodie irritou-o, mesmo naquele momento tinha de se armar.

O agente assentiu de admiração. Fez beicinho, abertamente surpreendido por a Mo-Maw ter uma filha tão esperta.

— Pois, é isso mesmo. Tem aqui uma miúda esperta, menina Buchanan.

— É. Uma bela duma peça. Uma enciclopédia falante. Querem que a empreste a vocês?

O tipo brusco franziu o sobrolho.

— A senhora passa a vida a dar os filhos aos outros. Anda a pensar abrir uma biblioteca?

Jodie mexeu-se do embaraço que sentia. O sarcasmo passou ao lado da Mo-Maw.

O agente explicou como a Polícia de Strathclyde tinha contactado Balmaha, Balquhiddy, o lago Lomond e Inveraray inquirindo por avistamentos do filho desaparecido da Mo-Maw. A polícia de Inveraray respondera que não, mas que tinha encontrado um cadáver afogado, o que em si não era suspeito, mas fora esfaqueado e envergava um fato de ganga italiana da moda, coisa bem incomum. O guarda costeiro andava na patrulha por causa de violações das licenças de pesca e tinha encontrado o cadáver parcialmente submerso e de bolsos cheios de seixos. O corpo não devia ter vindo à tona tão depressa: Gallowgate não era gordo, a água estava fria. Teria passado semanas submerso se lhe tivessem metido o peso apropriado.

Quando a polícia levou o cadáver à povoação e contactou o agente funerário para o recolher, provocou o rebuliço do século. A chefe dos correios tinha logo reconhecido Gallowgate e dito que ele andava acompanhado de um rapaz sossegado. Dissera ainda que os dois tinham um sotaque cerrado, sem instrução, de Glasgow, que o rapaz estava imbuído de uma tristeza e ainda que lhe tinham roubado tablets e lhe deviam libra e meia.

— Ainda bem que o Mungo voltou. Foi uma sorte ter acabado tudo em bem. Mas temos de falar co rapaz. — O agente do cabelo comprido saltava

o olhar de um para o outro irmão. — Atão, qual de vocês é que é o bravo Mungo Hamilton?

Jodie e a Mo-Maw fizeram então uma coisa estranha. Viraram-se não para Mungo, mas para Hamish. Foi por mero instinto que o fizeram, pois Hamish iria saber o que fazer. Era o homem da casa. O olhar delas parecia implorar-lhe: «Trata lá tu disso, Hamish.»

O primeiro agente bateu no chão como se tivesse perdido uma aposta. Não era o irmão que julgava. Hamish era certamente o mais baixo dos dois, mas um nadinha mais velho do que a descrição. No entanto, o agente franziu a boca num trejeito entendido. Mal batera os olhos em Hamish, tinha-o julgado capaz de violência.

Hamish avançou quase de imediato. Não pestanejou e mal cabeceou.

— Sou eu. Sou o Mungo.

«Palerma valentão.» Os agentes não iriam passar por parvos muito tempo.

Mungo percebeu poder ser aquela a última vez que ia ver James. Virou-se porque queria vê-lo o mais que pudesse, guardar na memória o sorriso que fazia ficar bem, a boca sorridente cheia dos dentes separados. Queria ver se as bochechas tinham ganhado aquele axadrezado azul e rosa do ar fresco.

A mão partida de James erguia-se numa saudação suspensa. Com os tantos casacos que tinha vestidos, parecia outra vez a estátua de São Mungo em Kelvingrove, de mão erguia a acolher os discípulos.

James mordia o lábio de cima. O trânsito feroz soprava-lhe para os olhos o cabelo dourado, trigo e cevada, doces cristais que reluziam e engoliam a luz do Sol poente.

Então a mão partida rodou. Ele virou a mão enfaixada a Mungo, os dedos com talas que lhe haviam afagado o ponto macio ao fundo das costas

contraíram-se, ligeiros e discretos. As ligaduras tornavam o gesto tosco e impreciso, mas Mungo percebeu.

James só lhe fez sinal uma vez. Uma vez bastava.

«Anda», dizia a mão. «Vem-te embora.»

Agradecimentos

Estou grato à minha família, essa gente destemida de Glasgow com que fui abençoado, e às amigas e aos amigos incríveis que estão comigo. Sem vocês, não estaria aqui.

Tenho uma dívida de gratidão para com o meu editor, Peter Blackstock, e a equipa da Grove Atlantic: Morgan Entrekin, Judy Hottensen, Deb Seager, John Mark Boling e Emily Burns. O meu obrigado ao patinho feio (a expressão é dele) Ravi Mirchandani, e a Camilla Elworthy, Jeremy Trevathan, Stu Wilson, Gillian McKay e aos profissionais talentosos da Picador. O meu carinho e gratidão a Anna Stein, Claire Nozieres e Lucy Luck por terem cuidado tão bem de Mungo, e a Grace Robinson, Julie Flanagan e Will Watkins por todo o apoio. Obrigado aos amigos mais distantes de Mungo: Cathrine Bakke Bolin, Daniel Sandström, Susanne Van Leeuwen, Lina Muzur e Valentine Gay.

Sobrevivo graças à motivação de quem me leu primeiro: devo muitas e muitas cervejas a Patricia McNulty, Clive Smith, Valentina Castellani, Margaret Ann MacLeod, Tanya Carey e Tina Pohlman por me terem cedido alma e coração.

Agradeço muito, antes de mais, a Michael Cary, que sempre acreditou.

Sobre este livro



Do autor de *Shuggie Bain*, romance vencedor do Booker Prize, chega a bela e perigosa história do primeiro amor entre dois rapazes.

Aos quinze anos, Mungo vive num bairro operário de Glasgow, no seio de uma família protestante. Sem pai, com uma mãe alcoólica e um irmão que representa tudo o que ele odeia, a irmã Jodie é o único amparo. Adolescente com uma sensibilidade diferente da dos rapazes que o rodeiam, encontra em James, rapaz católico, um amigo improvável.

Depois de um conflito familiar, a mãe decide enviar Mungo numa viagem de pescaria com dois desconhecidos: a ideia é que façam dele um homem como deve ser. No caminho para um lago no Oeste da Escócia, com os dois

homens de passado obscuro, Mungo só pensa em regressar para junto do amigo James, o único lugar onde pode ser quem é.

Os dois rapazes vivem uma história de amor ensombrada por um ambiente violento e excessivamente masculinizado. A principal ameaça está dentro de portas: Hamish, irmão de Mungo, é líder de um gangue local, e a descoberta da verdade resultaria num castigo inominável.

Com sensibilidade e lirismo, Douglas Stuart apresenta-nos ao intenso e perigoso primeiro amor de dois adolescentes, numa narrativa tão lúcida quanto comovente sobre os limites da masculinidade, os grilhões da família, a violência social — e o perigo de se amar alguém desmedidamente.

«O amor e a esperança superam as barreiras religiosas, num romance intenso, arrojado e emocionalmente exigente. [...] Se o primeiro livro anunciou Douglas Stuart como um romancista promissor, este confirma o seu prodigioso talento.»

The Guardian

Sobre Douglas Stuart

Douglas Stuart nasceu e cresceu em Glasgow, na Escócia. Formou-se no Royal College of Art, em Londres, e é doutor honoris causa pela Heriot Watt University, em Edimburgo. Em 2000, mudou-se para Nova Iorque, onde começou a trabalhar em design de moda. Tem escrito ficção e ensaio em publicações como a *New Yorker* e o *Literary Hub*.

Shuggie Bain, o seu primeiro romance — publicado em Portugal na Alfaguara —, recebeu, em 2020, o Booker Prize, um dos mais importantes prémios literários de língua inglesa, e foi eleito Livro do Ano nos British Book Awards, além de ter sido finalista de muitos outros prémios de prestígio. Está traduzido em trinta e oito idiomas.

Um lugar para Mungo é o seu segundo romance.

www.douglasdstuart.com

Notas

[1] St Christopher (Sunday-Thursday Christopher) é uma abreviatura das iniciais de *Sunday* (domingo) e *Thursday* (quinta-feira), resultando na alcunha «St Christopher» e jogando com a abreviatura de santo (St). St Christopher também significa, pois, São Cristóvão, o padroeiro dos viajantes. A alcunha da mãe de Mungo, «Mo-Maw» (Monday-Thursday Maureen) resulta igualmente da redução Mo, de *Monday* (segunda-feira) e, por aproximação fonética, do termo carinhoso *mawmaw* (mamã). (N. do T.)

[2] Canção tradicional do século XIX, associada às vitórias protestantes na Irlanda e frequentemente tocada em cortejos orangistas. (N. do T.)

[3] Em tradução livre: «Somos os Billy Boys, olé, olé / Sabem quem somos plos brados que damos, olé, olé. / Estamos atascados em sangue feniano, rendam-se ou morrem. / / É que somos os Billy Boys de Bridgeton.» Trecho de «Billy Boys», canção com origem nos gangues de Glasgow das décadas de 1920 e 1930, que traduz o ódio dos protestantes aos católicos. A canção ficaria mais tarde associada ao Rangers FC, um dos dois históricos clubes de futebol daquela cidade. (N. do T.)

[4] Pronúncia em que se enfatiza a primeira sílaba do nome da rua, Cowgate (em tradução literal, «portão das vacas») como insulto. (N. do T.)

[5] Citamos a edição portuguesa dos *Poemas*, de John Donne (tradução de Maria de Lourdes Guimarães e Fernando Guimarães, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017, p. 53). (N. do T.)

[6] Citamos a edição portuguesa de *Romeu e Julieta*, de William

Shakespeare (tradução de Filomena Vasconcelos, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2013, p. 83). (*N. do T.*)

[7] Vulgarismo, significando «nada», «porra nenhuma». (*N. do T.*)

[8] Diz-se que alguém com esta condição é, na expressão usada no original, «*pigeon-footed*», ou seja, tem pés de pombo. (*N. do T.*)